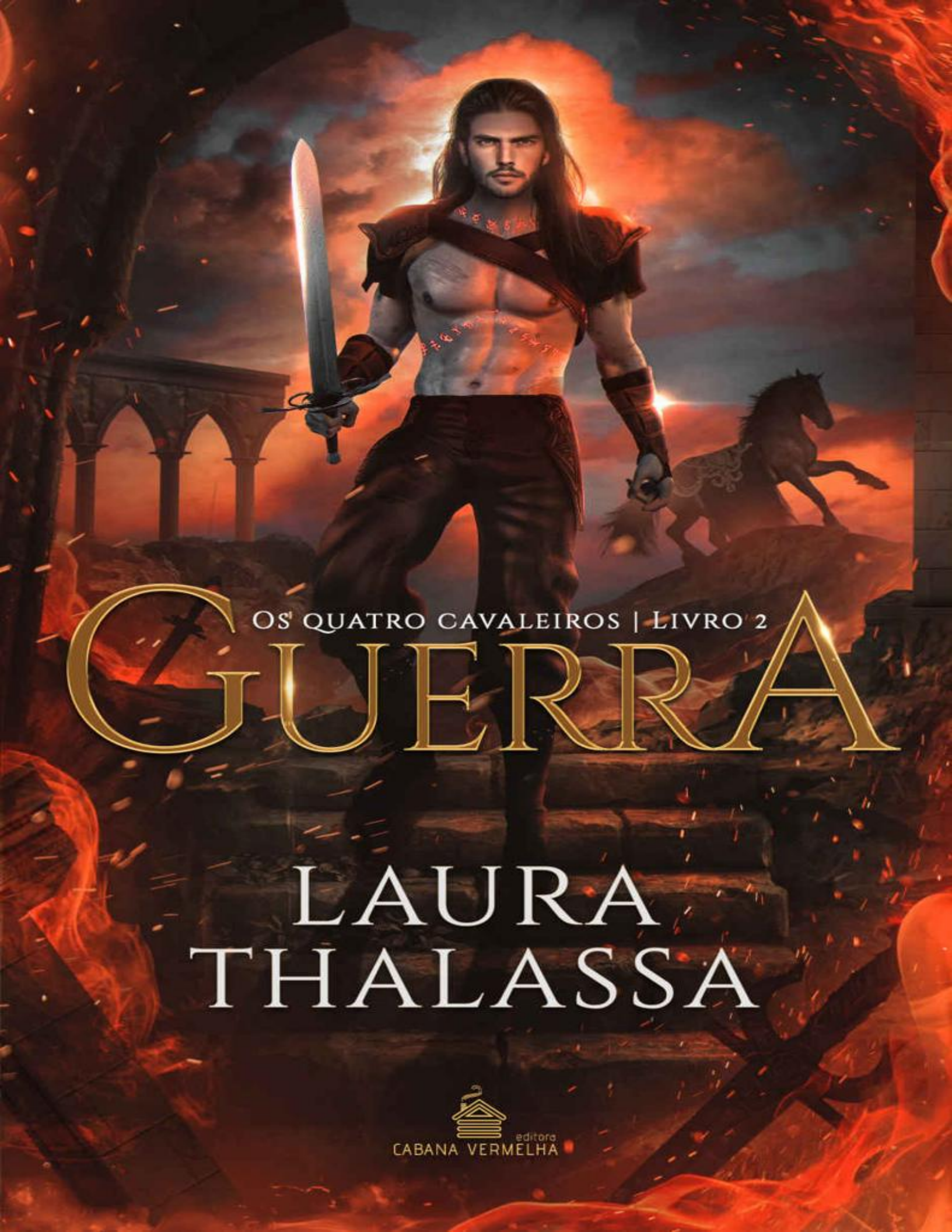
OS QUATRO CAVALEIROS | LIVRO 2
GUERRA
LAURA THALASSA
editora
CABANA VERMELHA

OS QUATRO CAVALEIROS | LIVRO 2

GUERRA

LAURA THALASSA

editora CABANA VERMELHA

COPYRIGHT © 2019 LAURA THALASSA
COPYRIGHT © 2022 EDITORA CABANA VERMELHA
Todos os direitos reservados.

Diretora Editorial
Elaine Cardoso

Editora
Mari Vieira

Tradução:
Erika Robles

Preparação
Sara Lima

Revisão
Rebecca Pessoa

Revisão final
Mari Vieira/ Elaine Cardoso

Capa
Mirella Santana

Diagramação Digital
Editorial Félix

Esta obra foi revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da

internet, sem permissão expressa do autor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Sinopse

Eles vieram para a Terra – Pestilência, Guerra, Fome, Morte. Quatro cavaleiros montando seus corcéis ruidosos, correndo para os quatro cantos do mundo. Quatro cavaleiros com o poder de destruir toda a humanidade. Eles vieram para a Terra acabar com todos nós.

No dia da queda de Jerusalém, Miriam Elmahdy sabe que sua vida acabou. Casas estão queimando, as ruas ficam vermelhas de sangue e um exército traidor está massacrando todos os residentes. Não há como sobreviver a isso, sobretudo quando Miriam chama a atenção de Guerra. Mas quando o enorme e aterrorizante cavaleiro encurrala Miriam, ele a chama de esposa. E em vez de matá-la, a leva de volta ao acampamento dele.

Agora Miriam enfrenta um futuro aterrorizante, onde ela vê seu mundo queimar cidade por cidade, e o único homem responsável por tudo isso é seu aparentemente indestrutível “marido”. Mas há um outro lado dele, um que é gentil, amoroso e muito determinado a conquistá-la, e ela pode não ser forte o bastante para resistir.

No entanto, se há uma coisa que Miriam aprendeu, é que o amor e a guerra não podem coexistir. E assim ela deve fazer a escolha final: render-se ao cavaleiro e ver a queda da humanidade ou sacrificar tudo e pará-lo.

In memoriam *de Robert H*.
Para sempre sua “*irmãzinha*”.

“Quando o Cordeiro abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente dizer: Venha! Então saiu outro cavalo; e este era vermelho. Seu cavaleiro recebeu poder para tirar a paz da terra e fazer que os homens se matassem uns aos outros. E lhe foi dada uma grande espada.”

Apocalipse 6:3-4 NVI

“Grite o caos enquanto desprende os cães da guerra.
Este ato horrível emprestará a terra de cadáveres que
reclamam condigna sepultura”
Shakespeare

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47
CAPÍTULO 48
CAPÍTULO 49
CAPÍTULO 50
CAPÍTULO 51
CAPÍTULO 52
CAPÍTULO 53
CAPÍTULO 54
CAPÍTULO 55
CAPÍTULO 56
CAPÍTULO 57

CAPÍTULO 58
CAPÍTULO 59
CAPÍTULO 60
CAPÍTULO 61
CAPÍTULO 62
CAPÍTULO 63
EPÍLOGO
NOTA DA AUTORA
SOBRE A AUTORA

CAPÍTULO 1

Ano 13 dos Cavaleiros

Jerusalém, Nova Palestina

O dia começa como todos os outros. Com um pesadelo.

A explosão ruge nos meus ouvidos, *a força me derrubando na água.*

Escuridão. *Nada*. *Depois*…

Ofego. *Tem água e fogo e*… *e*… *e Deus*, *a dor – a dor*, *a dor*, *a dor*. *A intensidade quase me faz perder o fôlego.*

— Mãe, *Mãe*, Mãe!

Não consigo vê-la. *Não vejo ninguém*.

— Mãe!

O céu oscila. *Tusso na fumaça*. *Minha mochila está enrolada no tornozelo e me arrasta para baixo*, *mais baixo*.

Não. *Tento chutar para voltar a superfície*, *mas apesar dos meus esforços, ela se afasta cada vez mais*.

Meus pulmões ardem. *A luz do sol acima embota ao mesmo tempo que reluto*.

Abro a boca para pedir ajuda.

A água entra…

Eu me sento na cama com um suspiro.

Posso ouvir o tique-taque do relógio na parede, o pêndulo balançando de um lado para o outro, de um lado para o outro.

Toco a cicatriz na base do meu pescoço conforme controlo a respiração. Os lençóis estão enrolados em meus tornozelos; eu me solto e saio da cama.

Pego uma caixa de fósforos e acendo uma lamparina a óleo. Por um segundo, ela ilumina a foto da minha família, antes que eu a erga o suficiente para ver a hora no relógio.

3h18 da madrugada.

Ugh. Esfrego o rosto.

Coloco a lamparina na mesa de trabalho, empurrando para o lado as penas, as pontas de flecha de vidro, e pedaços de plástico que cobrem a superfície.

Encaro a cama com anseio. Não tem como voltar a dormir, então posso trabalhar na mais recente comissão ou posso sair para procurar tesouros. Olho para as paredes, onde alguns dos meus produtos finalizados estão pendurados – os arcos oleados e as flechas pintadas mal são visíveis na escuridão.

Armamento de resíduo chique vale uma boa grana hoje em dia.

Está escuro demais para discernir as fotos penduradas junto com eles, mas minha garganta se fecha com a lembrança das imagens mesmo assim.

Agora, no encalço do meu sonho, não quero ficar na companhia das memórias que assombram meu apartamento, então, vou caçar tesouros.

* * *

Minhas botas trituram o cascalho conforme atravesso as ruas de Jerusalém, armada com meu arco, minha aljava e a sacola de pano que usarei para guardar meus espólios. Tenho uma adaga no quadril e uma machadinha na sacola.

Passo por uma mesquita escura, que vai estar cheia de pessoas até a hora que eu voltar. A sinagoga na mesma rua está escura e sombria, várias janelas fechadas com tábuas. Parece pacífica e penitente, como se um dia não tivesse ocupado o lugar com orgulho.

Ninguém mais está na rua, tirando os ocasionais guardas palestinos. Eles me olham sombriamente, mas me deixam em paz.

A vida nem sempre foi assim.

Posso me lembrar um pouco da minha infância. Ela foi feliz – ou, pelo menos, não tinha preocupações, o que é quase a mesma coisa. Agora, preocupações se acumulam como pedras sobre os meus ombros.

Mas aquela vida é menos real para mim do que até mesmo o sonho que me acordou.

Toco o berloque da mão de Hamsá no pulso enquanto olho ao redor. No momento em que fico um pouco confortável demais onde estou é o momento em que sou atacada.

Não, a vida nem sempre foi assim, mas esta é a minha realidade desde que os Cavaleiros chegaram.

Posso ver o Dia Um na minha mente como se estivesse acontecendo tudo outra vez.

Como as luzes na minha sala da quarta série explodiram ao queimarem, uma atrás da outra. Meus ouvidos ainda zunem com o

som dos meus colegas de classe gritando.

Tive o infortúnio de estar sentada perto de uma janela, então vi em primeira mão como os carros perderam a força, os corpos de metal batendo em qualquer coisa – ou pessoa – que estava em seu caminho.

Vi uma mulher ser atropelada por um carro, os olhos arregalados por um único segundo antes do impacto. Às vezes, quando me lembro, é o meu pai que vejo e não aquela mulher.

Às vezes me pergunto se foi assim que aconteceu. Nunca vi seu corpo destroçado – apenas ouvi que foi atingindo por um ônibus –, então tudo o que sobrou foi ponderar.

As pessoas por aqui gostam de dizer que a vida pode mudar em um segundo, e é verdade. Nascer, morrer, quatro homens estranhos aparecendo um dia com planos para destruir o mundo – a vida muda a todo instante.

Mas às vezes, a mudança mais insidiosa acontece ao longo do tempo.

O Dia Um acabou e o Dia Dois começou.

Esperávamos apenas continuar existindo mesmo quando os carros não aceleravam e os telefones não ligavam, e computadores não funcionavam, e tantas vidas amadas foram perdidas. Um dia, essa existência terrível precisava se tornar normal. E foi assim que a vida passou pela maior parte dos meus 22 anos.

Eu me movo para o oeste pela cidade, passo um aviário, os pássaros dentro em silêncio a esta hora. Um dia, você recebia notícias de forma quase instantânea. Agora, pombo-correios são o jeito mais rápido de se enviar mensagens… e não tem garantias de

que a mensagem chegue onde precisa na primeira vez, afinal, pássaros têm limite de obediência e inteligência.

A noite está silenciosa. Tem sido assim pelo último mês. Não que um dia tenha sido muito barulhento por aqui durante a noite, mas isto parece diferente; você pode pressentir a preocupação das pessoas no ar parado.

Devem ser os rumores.

Tinham umas… *histórias* estranhas do leste, histórias para lhe assustar quando estivesse em volta de uma fogueira e fazer a noite parecer especialmente aterrorizante.

Histórias sobre cidades inteiras indo para o túmulo. Sobre ruas cheias de ossos espalhados e cemitérios lavrados como campos. E, por tudo isso, Guerra, cavalgando em seu corcel vermelho-sangue, a espada empunhada.

Não sei a veracidade delas – estes dias, tantas coisas são boatos –, mas Jerusalém tem estado mais calma do que o comum. Algumas pessoas até fizeram as malas e foram embora.

Eu poderia ter sido uma dessas pessoas, se tivesse dinheiro suficiente para chegar onde queria ir. Mas não tenho, então continuo em Jerusalém.

Conforme me aproximo das Montanhas da Judeia, que ficam nos arredores da cidade, escuto o eco dos passos de alguém me seguindo; pode ser a Irmandade Muçulmana, pode ser a força policial palestina, pode ser um saqueador como eu ou uma prostituta procurando preencher a cota da noite.

Não deve ser nada. Ainda assim, não me impede de repassar meu código de sobrevivência, também conhecido como: *O Guia de Sobrevivência de Miriam Elmahdy.*

(1) Burle as regras, mas não as quebre.

(2) Atenha-se a verdade.

(3) Evite ser notada.

(4) Escute seus instintos.

(5) Seja corajosa.

Cinco regras simples que, apesar de nem sempre fáceis de serem seguidas, me mantiveram viva pelos últimos sete anos.

Acelero o passo, na esperança de criar distância entre mim e o estranho. Menos de um minuto depois, escuto os passos atrás de mim se apressarem.

Solto um suspiro.

Tirando o arco do ombro, pego uma flecha da aljava e encaixo no lugar. Rodopio e miro na silhueta escura.

— Dê o fora — falo.

A silhueta sombria está a uns dez metros. Ergue as mãos, avançando um pouco.

— Só queria saber o que uma garota como você está fazendo na rua tão tarde — o homem grita.

Então, não é uma prostituta e também não deve ser a polícia. Isso deixa a Irmandade Muçulmana, um membro da gangue local ou um civil normal disposto a pagar pela companhia de uma mulher. Claro, também pode ser um saqueador querendo roubar meus espólios.

— Não sou uma prostituta — respondo.

— Não achei que fosse. — Então, não é um cliente confuso.

— Se está com a Irmandade — digo —, paguei meu tributo do mês. — É o custo de se mover pela cidade impune.

— Não tem problema — o homem diz. — Não estou com a Irmandade.

Um saqueador, então?

Ele dá um passo na minha direção. E mais um.

Puxo a corda do arco, a madeira rangendo.

— Eu não vou te machucar — fala com tanta gentileza que *quero* acreditar nele. Mas aprendi a confiar no que as pessoas fazem e não no que dizem, e ele *não* está se afastando.

Um criminoso, então. Pessoas honestas não tentam levar no papo para se aproximarem a não ser que queiram algo de você.

E seja lá o que ele quer, duvido que eu vá gostar.

— Se chegar mais perto, vou atirar — aviso.

Os passos param, e nós dois ficamos parados em um impasse por vários segundos.

Ele está parado nas sombras entre os postes de luz a gás, então é difícil ver o que está fazendo, mas acho que vai embora. Seria a coisa inteligente a se fazer.

Ele retoma os passos – um, dois, três…

Fecho os olhos por um segundo. *Isso não é jeito de se começar um dia.*

O homem aumenta o passo ao ficar mais confiante de que não vou atirar. Não faz a mínima ideia de que já fiz isso antes.

Perdoe-me.

Solto a flecha.

Não vejo bem onde acerta na escuridão, mas escuto o ofego engasgado do homem, e depois o vejo cair.

Por vários segundos, fico onde estou, então abaixo o arco, relutante, e vou até ele, uma mão pairando perto da adaga no

quadril.

Conforme me aproximo, vejo a flecha trespassada no pescoço do homem, o sangue escurecendo sua pele e o chão sob si. A respiração está sibilante e laboriosa.

Encaro seu rosto por vários segundos enquanto ele segura o projétil. Não o reconheço, não que presumi conhecer. Acho que é um alívio. Meus olhos vão para a mochila que está carregando.

Eu me agacho, abro-a e mexo nas suas coisas. Corda, um pé de cabra e uma faca. O kit básico de assassinos.

Desconforto passa por mim. A maior parte das pessoas que fazem coisas ruins têm seus motivos – ganância, poder, luxúria, autopreservação. É enervante cruzar o caminho de alguém que planeja lhe machucar não com um propósito, mas *por* um propósito.

As respirações engasgadas do homem diminuem, depois param de vez, o peito fica imóvel.

Quando tenho certeza de que morreu, removo a flecha do seu corpo, limpando-a nas suas calças antes de voltá-la para a aljava.

Ninguém vai perder tempo para investigar o que aconteceu. Ninguém será punido, e até o sol estar alto no céu, o corpo terá sido removido e logo a cidade vai esquecer que tinha um corpo na rua para começo de conversa.

Dando um último olhar para o homem, toco a Hamsá na pulseira e vou embora.

* * *

Saio da cidade e vou para as colinas que estão à Oeste, tentando não pensar no homem que matei e no que ele queria. Ou

que mal hesitei antes de matá-lo.

Esfrego a testa e depois a boca. Está ficando mais fácil lidar com a morte. Isso é… preocupante.

Depois que vou até as montanhas, desvio da estrada na direção das árvores. O céu está começando a clarear, transformando-se de marinho para cinza conforme o sol se aproxima do horizonte. Mais para cima na colina, vejo a estrutura de uma casa pela metade, o concreto e armação de ferro torto só parcialmente completos antes que o dono abandonasse o projeto.

Vou na direção dela; a casca de uma cidade é uma visão familiar. Mas não é o prédio que estava procurando tanto quanto as árvores ao redor.

Indo para um pinheiro, tiro a machadinha e começo a cortar um galho grosso. A madeira daqui faz arcos e flechas bons.

Quinze minutos trabalhando, escuto… alguma coisa.

Paro. Meus olhos vão para a estrada. Forço os ouvidos, mas o bosque na colina está silencioso…

Espera...

Ali está, outra vez. O som mal é audível. Não consigo discernir o que é, apenas que é constante.

Deve ser um viajante.

Vou para a casa próxima, entrando em silêncio. Prefiro não me envolver em um embate duas vezes na mesma noite.

Dentro da estrutura abandonada, sujeira, folhas velhas e várias bitucas de cigarro cobrem o chão. Ao que parece, o lugar foi construído depois da Chegada – não tem tomadas nem encanamento para água corrente; perdemos esses luxos logo após

a chegada dos cavaleiros, e por mais que tentássemos, não conseguimos fazê-los retornar.

Vou para a esquadria de uma janela, mantendo-me nas sombras. Me sinto uma covarde, me escondendo atrás de uma parede porque *posso* ter ouvido alguma coisa, mas depois do primeiro encontro de hoje, melhor uma covarde do que uma mulher morta.

Devagar, o som fica mais alto, até conseguir distinguir.

Pocotó. Pocotó. Pocotó.

Um viajante montado.

Olho pela janela, o céu agora está rosado. Tem árvores e arbustos que obscurecem parcialmente minha visão da estrada, então não vejo o indivíduo na hora. Mas quando o faço… inspiro fundo.

O monstro de um homem está sentado no corcel vermelho-sangue, uma espada enorme presa nas costas. Tem aros dourados no cabelo escuro e *kohl*[1] grosso em volta dos olhos. As maçãs do rosto são altas e a carranca que porta sem dúvida o faz parecer *aterrorizante*.

Por um momento, nada do que estou vendo faz sentido, porque o que estou vendo é *errado*. Nenhum cavalo tem o pelo vermelho desse jeito, e nenhum homem tem aquela estatura impressionante, mesmo na sela.

Bom, se os rumores forem verdade, então talvez *uma* pessoa tenha… Sinto que começo a tremer.

Não.

Deus Pai, *não!*

Porque se os rumores sobre sua descrição forem verdade, então significa que o homem que estou vendo pode ser mesmo Guerra.

Meus pulmões contraem só com o pensamento. E se os rumores *são* verdadeiros… Então Jerusalém está ferrada.

Um pequeno ruído escapa dos meus lábios, e Guerra – se for mesmo Guerra – se vira para mim.

Eu me abaixo.

Ah, meu Deus, ah, meu Deus, *ahmeuDeus*.

Um Cavaleiro do Apocalipse pode estar de verdade parado a vinte metros de mim.

O barulho de cascos cessa, depois sai da estrada principal. De repente, escuto o pocotó – pocotó – pocotó subindo a colina na minha direção.

Cubro a boca, abafando o som da respiração, e aperto os olhos bem fechados. Posso ouvir o triturar de folhagem seca e as bufadas barulhentas do cavalo.

Não sei qual a distância que o cavaleiro chega antes de parar. *Parece* que está bem na frente da construção, que se eu me levantar e esticar o braço pela janela, poderia acariciar seu corcel. Os pelos nos meus braços eriçam.

Espero que o cavaleiro desmonte.

Pode ser mesmo Guerra?

Mas por que *não* seria ele? Jerusalém foi o epicentro de várias religiões durante séculos. É um bom lugar para acabar com o mundo – até foi previsto que *é* aqui que o mundo vai acabar no Dia do Julgamento.

Não deveria estar surpresa.

Mas estou.

Depois de um longo minuto, escuto os passos do cavalo de Guerra recuando – merda, acho que estou presumindo que é mesmo Guerra.

Espero até estarem bem distantes antes de arfar, uma lágrima temerosa escapando.

Ah, meu Deus.

Não me movo. Não até ter certeza de que Guerra seguiu em frente.

Mas assim que penso que foi embora, escuto mais cascos de cavalo. *Muitos* cascos de cavalo.

Quem poderia estar seguindo o Cavaleiro?

Os cascos parecem se multiplicar até começar a parecer um trovão.

Espreito pela esquadria da janela e o que vejo rouba meu fôlego.

Deve ter *centenas* de cavaleiros abarrotando a estrada, empunhando facas, arcos, espadas e todo tipo de arma.

Meu coração começa a bater cada vez mais rápido, mas, ainda assim, fico imóvel, tão imóvel, com medo até de respirar alto demais.

Espero passarem, mas eles continuam a vir, primeiro os cavaleiros, seguidos pelo que parecem ser soldados a pé, e estes por carroças puxadas por cavalos.

Quanto mais observo, mais cavaleiros passam por mim, até se tornar claro que não são apenas centenas de homens, mas *milhares*, todos seguindo no encalço de Guerra.

Só tem um motivo para tantos homens armados viajarem juntos.

Guerra não está apenas cavalgando até Jerusalém.

Ele a está invadindo.

CAPÍTULO 2

Espero até o exército inteiro ter passado antes de sair do meu esconderijo. Saio do prédio com as pernas bambas, sem saber o que fazer.

Não sou santa. Não sou heroína.

Olho para a estrada que leva a oeste, na direção *oposta* ao exército, e parece muito tentadora.

Olho na outra direção, para onde o exército foi.

Meu lar.

Vá embora, a voz da minha mãe diz na minha cabeça, *vá embora com as roupas do corpo e nunca mais volte*. *Vá embora e se salve*.

Vou até a estrada, deixando para trás os galhos que cortei. Olho para os dois lados – oeste, para longe da cidade, e leste, de volta para Jerusalém.

Esfrego a testa. *Maldição, o que deveria fazer?*

Repasso meu código de sobrevivência: burle as regras, mas não as quebre; atenha-se a verdade; evite ser notada; escute seus instintos; seja corajosa.

Seja sempre corajosa.

Claro, estas são as regras para ficar viva, e não preciso delas para saber que ir para oeste vai aumentar minhas chances de

sobreviver, enquanto ir para o leste irá diminui-las. Não deveria nem ser uma dúvida – deveria ir para o oeste e ponto.

Mas quando me viro e começo a caminhar na estrada, meus pés não me levam para oeste.

Em vez disso, marcho de volta para Jerusalém. De volta para minha casa, para o exército e o cavaleiro.

Talvez seja estupidez, ou curiosidade mórbida.

Ou talvez o apocalipse ainda não tenha tirado o último resquício de altruísmo de mim, afinal. Ainda não sou santa.

* * *

Quando chego na cidade, as ruas já estão vermelhas de sangue.

Pressiono o dorso da mão na boca, tentando encobrir o cheiro nauseante de carne que satura o ar. Preciso desviar dos corpos ensanguentados que estão esparramados pelo chão. Vários prédios estão queimando, e fumaça e cinzas ondulam a minha volta.

À distância, posso ouvir as pessoas gritando, mas aqui, bem onde estou andando, as pessoas já foram mortas, e o silêncio parece ter vida própria.

Antes de Nova Palestina ser Nova Palestina, o exército de Israel alistava a maior parte dos cidadãos. Desde a Guerra Civil do meu país, não existe alistamento obrigatório, mas a maior parte dos jovens aqui aprendeu a lutar mesmo assim.

Ao olhar para os mortos, percebo que nada disso importa.

Mesmo com todo o conhecimento que possam ter sobre luta e guerra, ainda estão mortos.

De verdade: o que estava pensando ao voltar para cá?

Aperto mais o arco. Pego uma flecha e a encaixo.

Não deveria me importar em salvar estas pessoas. Depois de tudo que os muçulmanos fizeram com os judeus, e os judeus fizeram com os muçulmanos, e o que todos fizeram com os cristãos e os drusos e todas as outras minorias religiosas, pensei que eu ficaria feliz de deixar tudo queimar.

“Todas as religiões querem a mesma coisa: salvação.”, posso ouvir a voz do meu pai como um eco do passado: “Somos todos iguais.”.

Ando cada vez mais rápido pelas ruas, minha arma preparada. O lugar foi devastado. Mais estruturas estão pegando fogo, mais corpos estão espalhados nas ruas.

Cheguei tarde demais. Tarde demais para a cidade e tarde demais para as pessoas.

Mais algumas quadras e começo a ver pessoas vivas. Pessoas que estão fugindo. Uma mulher corre com o filho nos braços. Dez metros atrás dela, um homem montado a caça.

Nem penso antes de erguer o arco e atirar a flecha.

Eu o atinjo no meio no peito, a força o derruba do cavalo.

Olho por cima do ombro a tempo de ver a mulher e o filho se esgueirarem dentro de um prédio.

Pelo menos estão a salvo. Mas tem tantos outros lutando por suas vidas.

Pego uma flecha, posiciono e atiro. Pego, posiciono, atiro. Várias e várias vezes. Algumas das minhas flechas erram o alvo, mas sinto um calor de satisfação quando consigo acertar qualquer um desses invasores.

Preciso desviar ao continuar pelas ruas; as pessoas estão inclinadas para fora das janelas, atirando qualquer item que podem no exército estranho. Conforme me movo, vejo um homem sendo empurrado da varanda. Ele caí em uma cobertura em chamas. A última coisa que escuto dele são os gritos.

Em algum momento, alguns dos soldados invasores reconhecem que sou uma ameaça. Um deles mira a própria flecha em mim, mas está em um cavalo e erra.

Pego, posiciono, atiro.

Eu o atinjo no ombro.

Pego, posiciono, atiro. Desta vez minha flecha o acerta no olho.

Preciso de mais flechas. E mais armas, por sinal.

Vou para meu apartamento, que está a várias quadras de distância, sussurrando uma prece para que não fique sem flechas antes de chegar lá. Tenho uma adaga comigo, mas não sou páreo para um oponente maior, e a maior parte desses soldados são exatamente isso – oponentes grandes.

Demoro uns trinta minutos para chegar em casa.

Moro em um prédio condenado – não que alguém vá demoli-lo tão cedo. Teve alguns danos durante a luta há alguns anos e, como resultado, a maioria das pessoas se mudou. Eu não. Pode me chamar de sentimental, mas é onde cresci.

Quando chego nele agora, a entrada está pegando fogo.

Merda, por que não pensei nisso?

Olho para a estrutura. Em sua maioria, é feita de pedra, e, com exceção da entrada, parece que está inteira. Mordisco o canto do lábio.

Tomando uma decisão, corro para dentro. Nem três segundos depois que o faço, a cobertura desmorona, me prendendo.

Que merda! Vou ter que sair pela janela ou torcer para que a velha saída de incêndio esteja funcionando.

Quando estou dentro, corro pelas escadas até meu apartamento, tossindo com a fumaça.

Diminuo o passo quando chego no corredor; a porta da frente está entreaberta.

Filho da puta! Alguém deve ter tido a mesma ideia que eu. As pessoas por aqui sabem que faço armas.

Entro, e o lugar está uma bagunça. Minha mesa de trabalho foi virada. Nas prateleiras, as facas, as espadas e as adagas, os arcos e as aljavas, as maças e as flechas que guardei com cuidado foram quase todas removidas.

Não paro para vasculhá-los. Corro para a cama e ergo o colchão. Sob ele estão dezenas de flechas e uma adaga extra.

Soltando a sacola de pano no chão, pego as flechas e enfio o máximo que consigo na aljava. Depois pego a adaga embainhada e a prendo em mim.

Depois de me armar, desço. Chuto a porta de um dos apartamentos que sei que estão abandonados e entro. As janelas aqui estão intactas, e preciso pegar uma cadeira e jogá-la contra o vidro para quebrá-la.

Afastando os últimos cacos, eu saio e corro para a briga outra vez.

* * *

Apenas quando estou perto da Cidade Velha, vislumbro Guerra.

É ele mesmo. Não acreditei nos meus olhos quando o vi pela primeira vez, mas agora, banhado no sangue de suas vítimas, os olhos brilhando como ônix, não há como ser outra pessoa.

Está montado no cavalo no meio da rua, o corcel batendo a pata no chão, irrequieto. A criatura é tão assustadora quanto as histórias prometeram que seria.

Guerra observa a carnificina a sua volta, parecendo contente demais com os resultados.

Posicionando outra flecha, miro no cavaleiro.

Mire no peito. Qualquer outra coisa é bem mais fácil de errar.

A cabeça de Guerra se vira na minha direção, quase como se tivesse ouvido minhas intenções sussurradas no vento.

Merda.

Ele observa minha arma, depois meu rosto. Guerra incita o cavalo a se mover.

Solto a flecha, mas ela sai do rumo, passando direto por ele.

Colocando o arco em diagonal no peito, rodopio e corro, as flechas balançando nas costas.

Olho por cima do ombro. Guerra está guiando o cavalo para a frente, o olhar cruel preso em mim.

Corto pelos destroços onde um prédio costumava ficar e entro na Cidade Velha.

Por favor, pé, não vire; por favor, pé, não vire.

Atrás de mim, posso ouvir o som de cascos e quase posso sentir o olhar ameaçador de Guerra fuzilando minhas costas.

Tem uma dúzia de outras pessoas lutando e fugindo ao meu redor, mas o cavaleiro ignora todas elas. Sou a única que parece ver.

Caralho. Caralho. Caralho.

É justo, suponho, que eu encontre o cavaleiro aqui, neste lugar que viu milênios de contendas e guerras.

Jerusalém tem tanto sangue quanto terra.

O barulho de cascos fica mais alto, mais perto.

Não ouso olhar para trás.

Normalmente, sempre tem algumas pessoas que ficam na Cidade Velha, mas no momento, o lugar está abandonado.

Por que pensei em vir para cá? Deus não pode me salvar. Não quando sua cria está ocupada demais me perseguindo.

Viro à esquerda e, de repente, a Parede Ocidental está pairando ao meu lado. Corro ao lado dela, os olhos fixos na Cúpula da Rocha.

Se existiu algum momento para acreditar na salvação, é agora.

Forço os braços e as pernas, serpenteando de um lado para o outro para que o cavaleiro não me corte por trás.

A mesquita está tão próxima que posso ver os detalhes mais minuciosos de sua parede, e – a entrada está fechada.

Não.

Continuo a correr até lá.

Talvez não esteja trancada. Talvez…

Cubro os últimos metros entre nós, segurando na maçaneta.

Trancada.

Quero gritar. Na minha mente, posso ver a Pedra Fundamental e o pequeno buraco que leva ao Poço das Almas abaixo. Se existe

algum lugar em que um cavaleiro precisaria respeitar a santidade, seria este.

Eu me afasto da porta trancada e do arco sustentado por colunas; me afasto para o sol muito forte.

Atrás de mim, os cascos param. Os pelos nos meus braços se eriçam.

Eu me viro.

Guerra desmonta do corcel, e cambaleio para trás com sua visão.

Ele é *enorme*. Mais alto do que um homem normal, cada centímetro de seu corpo mostra que é um guerreiro – ombros largos, braços fortes, cintura fina e pernas poderosas. Até o rosto tem a expressão de algum herói trágico; a beleza feral e masculina só serve para fazê-lo parecer mais letal.

Quase casualmente, Guerra tira a espada da bainha nas costas. Meus olhos vão para a lâmina enorme. Ela brilha sob o sol.

Aquela arma foi responsável por quantas mortes?

Mas depois outra coisa chama minha atenção. Meu olhar sobe da arma de Guerra para sua mão. Em cada dedo, uma runa estranha *brilha* em carmesim.

Guerra começa a avançar na minha direção, a armadura de couro vermelho fazendo barulhos suaves ao roçar uma peça na outra, os adornos de cabelo refletindo os raios do sol. Ele parece menos como um mensageiro celestial e mais como um deus pagão da batalha.

Pegando o arco, posiciono uma flecha.

— Fique onde está — aviso.

O cavaleiro ignora o comando.

Deus me salve. Solto a flecha.

Ela acerta Guerra no ombro, afundando na armadura de couro. Sem desviar o olhar, ele a puxa. A flecha sai ensanguentada, e sinto orgulho de mim mesma por um segundo, sabendo que a arma atravessou sua armadura.

Estico o braço buscando outra flecha, posiciono e solto. Esta ricocheteia nele sem machucar, o ângulo o acertou errado.

Agora estou sem distância.

Só tenho tempo para mais uma flecha antes de precisar trocar de arma. Pego a última, miro, e solto.

Passa longe.

Solto o arco e a aljava; minhas flechas guardadas com cuidado agora se esparramam pelo chão. Minha mão procura uma das adagas.

Não sou páreo para aquela espada enorme.

Dou outra olhada nos músculos enormes de Guerra; não tem chance nenhuma de eu vencer isso.

Engulo em seco.

Vou morrer.

Minha mão aperta o cabo. Preciso pelo menos *tentar* impedi-lo.

Começo a me mover, tentando ficar de costas para o sol. Guerra cobre o resto da distância entre nós sem se importar de usar uma estratégia melhor do que a minha. Não precisa deste tipo de vantagem para me vencer, nós dois sabemos. E se o sol o está irritando, não demonstra.

É neste momento que percebo que isso *não* será uma luta. Isto é um leão dando uma patada em um rato.

Devo tê-lo irritado muito mais cedo.

Guerra ergue a espada, o sol fazendo a lâmina brilhar de modo ofuscante.

Com um golpe do braço, a lâmina aterrorizante de Guerra se conecta com a minha muito menor, arrancando-a da minha mão. Grito com o impacto; a força do golpe adormece meus braços e me deixa de joelhos.

Estico o braço para a outra lâmina, liberando-a. Quando o cavaleiro se aproxima, eu o golpeio, o acertando na panturrilha.

Uma linha de sangue surge na ferida. Por um segundo, olho para ele, atordoada.

Puta merda, eu o acertei!

Guerra olha para o ferimento e depois seus olhos se movem para mim, então ele ri, baixo e grave, o som arrancando arrepios da minha pele.

O filho da puta é *aterrorizante*.

Cambaleio para trás, a adaga ainda presa na mão, tentando me afastar dele o mais rápido possível. O cavaleiro caminha tranquilo na minha direção, parecendo um pouco entretido.

Consigo me equilibrar e me erguer.

Corra, a voz da minha mãe comanda, mas fico petrificada ao pensar em dar as costas para este homem. Gostaria de encarar a morte de frente quando ela me for entregue.

Guerra dá um passo para frente e golpeia com a espada outra vez, ergo minha adaga para encontrar o golpe. Mesmo sabendo o que está por vi, a força entorpecente do golpe ainda é um choque. Grito com o impacto, minha arma arremessada outra vez da mão – bate no chão a um metro de distância.

Cambaleio para trás. O salto da minha bota encontra uma das flechas espalhadas no chão e escorrego, caindo de bunda com força.

O cavaleiro se aproxima, o sol brilhando na sua pele morena e iluminando seus olhos. Ele olha para mim, nosso olhar se encontrando.

Ergo o queixo em desafio, mesmo estando com medo. Meu corpo treme.

O cavaleiro ergue a arma.

Mas não acaba comigo no mesmo instante.

Ele encara meu rosto por muito tempo, longo o suficiente para eu me perguntar por que está hesitando. Os olhos de Guerra vão para a base do meu pescoço e a espada oscila.

O que ele está fazendo?

Minha mão se contrai com a necessidade de tocar o pescoço e sentir a cicatriz medonha que o decora.

Os olhos de Guerra encontram os meus outra vez. Agora tem algo diferente na sua expressão, algo que me amedronta de um jeito completamente novo.

— *Netet wāneterwej*. — *Você é a que Ele mandou para mim*.

Eu me sobressalto com sua voz. Suas palavras não são hebraico, árabe, ídiche ou inglês. Ele não fala *nenhuma* língua que reconheço… e, ainda assim, eu o compreendo como se falasse.

— *Netet tayj ḥemet*. — *Você é minha esposa*.

CAPÍTULO 3

Você é minha esposa.

Meu cérebro não processa aquela afirmação. Nem o fato de que posso compreendê-lo.

O cavaleiro embainha a espada, me dando um olhar estranho e feroz.

Ele não vai me matar.

Isso ele processa. Fico deitada onde estou por mais dois segundos, depois rastejo para trás outra vez.

Eu me forço a ficar de pé conforme Guerra me persegue, e agora eu corro.

Corro de volta por onde vim, indo para a saída da Cidade Velha.

Não escuto o cavaleiro atrás de mim e, como uma tola, acho que talvez ele me deixe ir.

Minhas esperanças são escorraçadas um segundo depois, quando escuto o pocotó ameaçador do seu cavalo no chão de pedra.

Ah, cara... Primeiro algum babaca alega que você é a esposa dele, e segundo, a merda de repente fica *séria*.

Os cascos se aproximam assim como fizeram mais cedo. Só que desta vez não acho que posso despistá-lo. Minha adrenalina

está quase esgotada.

O cavalo de Guerra está quase me alcançando, e juro que posso sentir o bafo quente contra a pele. Quando penso que vai me atropelar, algo colide com minhas costas.

O ar escapa dos meus pulmões conforme me inclino para a frente. Mas não atinjo o chão. No lugar disso, sou erguida e colocada na sela do cavalo.

Por vários segundos fico sentada ali, recuperando os sentidos. Depois, olho para trás, para os olhos do monstro.

Guerra está olhando para mim, aquela expressão estranha ainda em seu rosto. Me sinto estremecer sob seu escrutínio.

Este é um homem feito para ser temido.

E por muitos e longos segundos, tenho medo. Estou completamente aterrorizada por esta criatura sombria.

Mas aí o bom e velho instinto de sobrevivência é ativado. Começo a relutar contra ele.

— Me solte.

A resposta dele é apertar o braço que está em volta da minha cintura, o olhar se movendo para nossos arredores.

— Sério — digo, tentando e falhando em me desvencilhar do seu abraço firme. — Não sou sua *esposa*.

Os olhos de Guerra retornam para os meus e, por meio segundo, parece surpreso.

Talvez não goste do fato de que não concordei com esse negócio de esposa, ou talvez não sabia que podia compreendê-lo.

Independententemente do que seja, ele se recupera rápido o bastante, a surpresa desaparecendo de suas feições. Não me

responde e não me solta, em vez disso, continua guiando o cavalo na direção da cidade.

Eu me contorço um pouco mais contra ele, mas é inútil; seu braço é como uma manilha, me prendendo a ele.

— O que você vai fazer comigo? — exijo saber. Pareço surpreendentemente calma, mas não me sinto calma. Me sinto esgotada e surrada.

De novo, Guerra não responde, apesar do braço apertar só um pouquinho. Só o suficiente para saber exatamente no que está pensando.

Aperto os olhos bem fechados, tentando manter afastadas todas as imagens horríveis do que acontece com mulheres na guerra.

— *Netet tar* — afirma.

Você está segura.

Quase gargalho com isso.

— Da sua lâmina, talvez. Não de outras coisas.

Talvez o cavaleiro tenha oitenta esposas, cada uma um prêmio de guerra que tirou de cada cidade conquistada.

Ah, Deus, isso soa plausível.

Uma onda de náusea passa por mim.

Guerra puxa a espada ao cavalgar por Jerusalém. Os prédios estão pegando fogo, e as ruas estão cheias de gente – lutando, fugindo, morrendo.

Já vi um bocado de brigas, mas minha casa nunca se pareceu com *isso*, como uma pilha fumegante de selvageria humana.

Olho para tudo isso atordoada. Acho que posso estar entrando em choque.

Posso sentir dúzias de olhos conforme observam a mim e Guerra. O medo deles é claro – ninguém espera ficar cara a cara com um desses cavaleiros míticos e mortais –, mas também pressinto um terror mais profundo. Ninguém havia percebido que Guerra poderia fazer prisioneiros, não até este momento, quando veem a prova sentada na sela. A minha visão deve criar um novo grupo de medos.

Por aqui sabemos que, às vezes, uma morte rápida é um jeito melhor de partir.

O cavaleiro começa a guiar o corcel em frente em um ritmo intenso. A espada ainda está empunhada conforme leva a montaria na direção de humanos em fuga. Sempre que se aproxima de um, dá um grande golpe com aquela espada poderosa.

Preciso fechar os olhos diante das imagens, mesmo assim, de vez em quando sinto o espirrar de sangue em minha pele.

Por muito tempo, apenas foco em não vomitar. É tudo o que consigo fazer. Escapar é impossível com o braço de Guerra me segurando firme, e lutar – bom, já descartei esta opção.

Nos movemos na direção oeste pela cidade, de volta para as colinas que visitei tão recentemente. O cavaleiro usa a mesma rota que utilizamos para entrar.

A cidade abre caminho para a floresta, e uma hora os sons da batalha desaparecem. Daqui, ninguém imaginaria que uma cidade inteira está sendo massacrada.

Nós dois cavalgamos pela casca de casa onde me escondi, indo cada vez mais para dentro das montanhas.

Quando estamos bem longe da civilização, o braço de Guerra na minha cintura fica mais solto.

— Para onde você está me levando? — pergunto.

Sem resposta.

— Por que abandonou a luta? — Tento outra vez.

Sinto os terríveis olhos de Guerra em mim, e olho para trás para encontrá-los.

Ele segura meu olhar por vários segundos, depois desvia a atenção para a estrada.

Ceeerto.

Talvez não me compreenda como eu o compreendo?

O resto da viagem passamos em silêncio.

Em algum ponto aleatório, Guerra sai da estrada. As plantas aqui foram pulverizadas pelo exército do cavaleiro. Ele segue os rastros que sua horda deixou, nos levando pelas montanhas.

Por fim, fazemos uma curva e respiro fundo.

Aconchegada em uma parte quase plana de terra está um acampamento tão grande quanto uma pequena cidade. Milhares de barracas estão entre as árvores e arbustos, cobrindo uma grande porção da encosta.

Quem sabe há quanto tempo estão acampados aqui, fora de vista da estrada principal?

Guerra cavalga por vários currais de cavalos improvisados e fileiras e mais fileiras de barracas. Enquanto estamos atravessando o lugar, percebo que mesmo agora tem pessoas aqui – a maior parte, mulheres e crianças, mas tem alguns soldados musculosos também.

O cavaleiro para o corcel. Desmonta da criatura, se vira e me ergue do cavalo.

Não tenho ideia de que porra está acontecendo, mas desejo que ainda tivesse minhas armas.

O cavaleiro me coloca no chão. Ele olha para mim por vários segundos, depois coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

O que diabos está acontecendo?

— *Odi acheve devechingigive denu vasvovore memsuse. Svusi sveanukenorde vaoge misvodo sveanudovore vani vemdi. Odedu gocheteare sveveri, mamsomeo* — Guerra diz. — *Vai ficar a salvo aqui até eu voltar. Tudo o que precisa fazer é jurar lealdade com os outros. Depois conversaremos outra vez, esposa.*

— Não sou sua *esposa*.

De novo, vejo um eco da sua surpresa inicial.

Acho que não deveria compreendê-lo.

Um dos soldados se aproxima, uma faixa vermelha no bíceps. Guerra se aproxima dele e diz algo tão baixo que não posso ouvir. Quando termina, o cavaleiro me dá um olhar demorado, depois remonta no cavalo.

Com um puxão das rédeas, Guerra faz meia volta e cavalga para longe do acampamento, e sou deixada para compreender a situação sozinha.

* * *

Até o sol se pôr, meus pulsos estão amarrados nas costas e sou forçada a esperar em uma fila junto com indivíduos nas mesmas condições.

Não sei se foi isso o que Guerra imaginou para sua *esposa* quando me deixou aqui, mas faz sentido.

O resto dos capturados chegaram aos poucos durante o dia. Talvez tenha uma centena de nós; devemos ser uma fração da população total da cidade. E o resto da cidade…

Quando fecho os olhos, eu os vejo. Todas aquelas pessoas que respiravam há apenas um dia, agora estão mortas nas ruas, comida para carniceiros.

Por muito tempo, a fila fica parada ali. Um grande homem alguns metros à minha frente está tremendo descontrolado, deve estar em choque. Posso ver sangue espirrado nas suas costas.

Quem ele perdeu?

Pergunta boba. A resposta deve ser *todo mundo*. A única diferença estes dias é quem *todo mundo* inclui. Uma esposa? Pais? Filhos? Irmãos? Amigos?

Um dos meus clientes uma vez me disse que tinha mais de cinquenta membros na sua família. Todos morreram hoje?

O pensamento faz a bile subir pela minha garganta.

Minha atenção percorre nossos arredores. A maior parte dos outros prisioneiros na fila são homens. Homens e notavelmente atléticos. Procuro outra mulher entre nós. Tem algumas. Bem poucas, para o meu gosto. E todas são jovens e bonitas, ao meu ver. Algumas das mulheres seguram crianças, e é outro choque para mim. Não sei o que me enjoa mais – que estas pequenas famílias estejam à mercê desses selvagens, ou que devem ter incontáveis mais deixadas para trás, em Jerusalém… Fecho os olhos.

Sempre soube que este dia chegaria. O dia em que os Quatro Cavaleiros terminariam o que começaram.

Mas saber não podia me preparar para a realidade. Os corpos, o sangue, a violência. Isso é um pesadelo doentio.

— Vou curtir *você* mais tarde.

Abro os olhos bem a tempo de ver um homem apontar a espada para mim, a mão livre indo para a virilha.

Preciso de um esforço monumental para não reagir.

Minha mente vai para todas as mulheres bonitas na fila.

O que este acampamento planeja fazer com elas?

Com *a gente*?

Um coro de gritos interrompe meu pensamento. A atenção do homem rude é desviada para longe, na direção do começo da fila, de onde vem os gritos.

O homem me dá um sorriso maldoso, se afastando.

— Vou tê-la em breve — promete.

Olho para ele por muito tempo, memorizando suas feições. Rosto longo, o início de uma barba, e cabelo escuro afinando.

Meu olhar passa pelos outos homens nos vigiando. Todos tem um olhar cruel, como se fossem capazes de roubar e estuprar se a oportunidade surgisse.

— Mova-se! Mova-se! — um dos soldados grita.

A fila se move para a frente.

Um pouco mais adiante, outro prisioneiro se inclina e vomita. Alguns soldados dão risada. E os gritos, aqueles gritos altos e terríveis, continuam intermitentes, seguidos da provocação barulhenta do acampamento.

Não posso ver o que está acontecendo à frente; tem pessoas demais e barracas no caminho, mas embrulha meu estômago mesmo assim. Tem uma agonia peculiar de se esperar quando sabe que algo ruim está para acontecer com você ao final.

Mas é somente quando a fila faz uma curva que vislumbro o *que é* o algo ruim.

Na minha frente, tem uma grande clareira sem barracas ou arbustos. Parado no meio dela está um homem com uma espada ensanguentada. Um prisioneiro ajoelha-se à sua frente. Estão conversando, mas não consigo entender o que dizem. Em volta deles, homens e mulheres circundam o espaço, observando com olhos ávidos e famintos.

Sentado em uma plataforma a uma curta distância e observando tudo está Guerra.

Meu coração acelera com sua visão. Esta é a primeira vez que o vejo desde que me capturou.

O homem com a espada segura o cabelo do prisioneiro, chamando minha atenção de volta para os dois. Agora posso ouvir os gritos do prisioneiro.

Parecem não ser ouvidos. O homem com a espada puxa a lâmina, e, com um golpe preciso da arma, decapita o prisioneiro.

Viro o rosto para o ombro, respirando contra o tecido da camisa para manter a náusea afastada.

Agora compreendo os gritos e a náusea. Os prisioneiros estão sendo selecionados.

* * *

Demora trinta minutos agonizantes para eu me aproximar do começo da fila. Naqueles trinta minutos, vi vários prisioneiros morrerem, apesar de muitos terem se safado.

O homem enorme que vi mais cedo, o que tremia descontroladamente, agora está no começo da fila.

Alguém o segura com força, o levando para o meio da clareira antes de colocá-lo de joelhos. Não está mais tremendo, mas quase dá para sentir o cheiro do seu medo no ar.

Pela primeira vez, compreendo as palavras do carrasco sobre o barulho e a distância.

— Morte ou lealdade? — pergunta para o homem ajoelhado.

De repente compreendo. Estão nos dando a opção de nos juntarmos ao exército… ou morrer.

Meus olhos vão para as pessoas paradas em volta. Todos devem ter optado pela lealdade, mesmo que tenham observado o cavaleiro matar seus entes queridos e queimar suas cidades.

É incompreensível.

Não vou me tornar aquilo que combati hoje.

Na minha frente, não escuto a resposta do homem, mas então o carrasco segura o cabelo dele.

É resposta o bastante.

O prisioneiro dá uma olhada para a espada.

— Não, não, não…

Com um golpe, o carrasco silencia suas súplicas.

Saliva enche minha boca, mas forço a náusea para baixo.

É o que vai acontecer comigo se não concordar com os termos do acampamento. É quase o suficiente para me fazer mudar de ideia.

Fecho os olhos.

Seja corajosa. *Seja corajosa*. Provavelmente não deveria usar a Regra Cinco do *Guia de Sobrevivência de Miriam Elmahdy* para me convencer de que a morte é uma opção melhor. O objetivo das minhas regras era *ficar viva*.

O punhado de prisioneiros que segue escolhe lealdade. São tirados da arena e engolidos pela multidão.

Alguém me empurra para a frente, e agora é minha vez de encarar o julgamento.

* * *

Um soldado me arrasta com força para o meio da clareira, onde o carrasco espera. Poças de sangue maculam a área, e o líquido espirra sob minhas botas conforme vou até o homem com a lâmina. Aqui, o ar cheira a carne e excremento.

A morte é algo sujo. Você esquece isso até dilacerar um homem.

Os olhos do acampamento estão todos em mim. Parecem doentiamente fascinados por isso, como se fosse um espetáculo macabro.

Mas todos os rostos desaparecem quando olho para Guerra.

Assim que o cavaleiro me vê, ele se inclina no assento. O rosto está plácido, mas os olhos escuros, intensos.

Tudo o que precisa fazer é jurar lealdade com os outros. Depois conversaremos outra vez, esposa.

Uma das suas mãos aperta o braço da cadeira; a outra está sob o queixo, aquelas runas estranhas brilhando nos dedos.

Agora que não está no campo de batalha, Guerra removeu a armadura e a camisa, ficando com o peito nu e não vejo nenhum ferimento maculando aquela pele, mesmo sabendo que pelo menos uma das minhas flechas afundou em seu ombro. Têm, no entanto, mais daquelas runas estranhas e brilhantes no peito, as duas linhas carmesim formando um arco dos ombros até o peitoral antes de curvar de volta para as costelas. As marcas parecem tão perigosas quanto o resto dele.

Não empunha mais sua espada enorme. Na verdade, a única arma que *está* portando é uma adaga fina como agulha que está presa no bíceps.

O carrasco se move na minha frente, forçando-me a desviar o olhar de Guerra. A lâmina do homem está tão perto que poderia esticar a mão e tocá-la, o ferro embebido em sangue.

Atrás de mim, um soldado me coloca de joelhos. Sangue espirra conforme atinjo a terra encharcada. Faço uma careta com a sensação quente do líquido.

Fecho os olhos e engulo.

— Morte ou lealdade? — o carrasco exige.

Deveria ser uma resposta fácil, mas não posso me forçar a dizer as palavras.

Apesar de tudo, não quero morrer. Não quero nem um pouco morrer, e não quero sentir o fio daquela lâmina.

Neste momento, qualquer coisa, mesmo o pensamento de me virar contra meus irmãos, é mais tentador.

Abro os olhos e encaro o carrasco. O homem tem olhos mortos. Matança demais e vida de menos. É o que vai acontecer comigo se escolher viver.

De modo descuidado, meu olhar se move para o cavaleiro sentado no trono.

O cavaleiro, que me capturou e me poupou. Que me chamou de esposa. Ele me observa com olhos cativos. Sei qual resposta quer de mim, e parece quase certo que irei dá-la.

Quanto mais tempo olho para ele, mais desconfortável fico.

Um arrepio percorre minha pele. Tem um mundo inteiro inexplorado em seus olhos, um que me promete coisas sombrias e proibidas.

Afasto o olhar e os pensamentos dele, a atenção voltando para a espada ensanguentada na minha frente. Morte ou lealdade?

Seja corajosa, *seja corajosa*, *seja corajosa*.

Olho para o carrasco e forço a palavra que não consegui há alguns momentos.

— Morte.

CAPÍTULO 4

O carrasco força minha cabeça para baixo, de forma que a nuca fique exposta para ele. Não o vejo erguer a espada, mas sinto o sangue quente pingar.

Mordo o lábio com a sensação.

Não foi assim que imaginei o fim da minha vida…

— *Não*. — A voz de Guerra enche o acampamento. O som é como a respiração de um amante contra a pele. É sinistra, grave – muito, muito grave – e o peso dela parece ecoar pela clareira.

Ou talvez seja apenas o silêncio que paira no encalço.

Cada soldado desordeiro e de olhos cruéis fica quieto.

Olho para cima. A multidão parece se encolher, e o medo é algo físico.

Meus olhos vão para Guerra, reclinado em seu trono. O olhar dele encontra o meu e, de repente, é como se estivéssemos de volta na terra sagrada e ele está declarando que sou sua esposa.

Os olhos de Guerra não são nada como os do carrasco. São muito, *muito* vivos. Tem um fogo brilhante neles. Ainda assim, mesmo com toda a vida que contém, não posso decifrar o que o homem está pensando. Se fosse humano e o tivesse desafiado, esperaria raiva, mas não tenho certeza se isso é mesmo o que sente.

Guerra ergue uma mão e convoca que me aproxime.

Um soldado me pega pelo braço e me leva na direção do cavaleiro, me parando a alguns metros do palanque.

Com um aceno para Guerra, o soldado se afasta.

O olhar do cavaleiro percorre meu corpo e, não pela primeira vez, noto sua beleza preternatural. É o tipo de beleza cruel, uma que apenas homens perigosos possuem.

O lábio superior se curva um pouco, e me faz pensar que está enojado com minha aparência.

O sentimento é mútuo.

De repente, ele se levanta. Engulo em seco e inclino o pescoço para olhar para ele.

Ele não é humano.

Não tem como se enganar agora. Os ombros são largos, os músculos grandes, os membros longos demais e o torso enorme. Suas feições muito… complicadas.

Ele pega a adaga fina como agulha do coldre no bíceps. Com a aparição dela, um raio de adrenalina me percorre, o que é ridículo considerando que pedi pela morte há poucos momentos.

— *San suni ötümdön satnap tulgun*, *virot ezır unı itdep*? *Sanin ıravım tılgun san mugu uyuk muzutnaga tunnip*, *mun uç tuçun vulgilüü* — fala, me rodeando. — *Poupei sua vida*, *e ainda assim agora você procura a morte? Como me insulta*, *esposa*, *eu, que nunca fui conhecido pela minha misericórdia.*

Cada palavra é grave, ressonante.

Sob seu escrutínio, minha garganta se move.

— Não vou continuar viva só para você me fazer matar os outros — falo, a voz rouca pelo medo.

Atrás de mim, pressinto que o cavaleiro para.

Está surpreso mais uma vez que possa compreendê-lo?

Antes que possa me virar, ele pega uma das minhas mãos. É só agora, quando está me tocando, as mãos calejadas engolindo as minhas, que noto que estou tremendo.

Respiro fundo algumas vezes para acalmar a ansiedade crescente.

Guerra se aproxima, a boca roçando na minha orelha.

— *San suni sunen teken dup esne dup uynıkut*? *Uger dugı vir sakdun üçüt*? — *É isso que pensa que eu quero de você*? *Transformá-la em mais um soldado*?

Ele ri no meu cabelo, o som fazendo minha pele arrepiar. Enrubesço, enervada com suas palavras.

Sinto o metal frio da lâmina de Guerra conforme a insere entre minhas mãos atadas nas costas. Tem uma pressão leve quando a adaga pressiona a corda. Um segundo depois, escuto algo rasgar, e, com um golpe certeiro, Guerra corta a juta e solta meus pulsos.

Meus braços formigam conforme o sangue volta a fluir.

— Sei o que quer de mim — falo baixo, começando a esfregar os pulsos.

— *Uger uzır vurvı*? *San vakdum tunduy uçıt-uytın.* — *Sabe mesmo*? *Como me tornei transparente.*

Guerra volta para minha frente. Ainda está olhando feio para mim, como se tivesse ofendido sua sensibilidade.

— *A hafa neu a nuhue inu io upuho eu ha ia a fu nuhueu a fu lhe* — fala. Seu tom parece mudar e suavizar. — *Tem várias coisas que posso lhe dar que a Morte não pode.*

— Não quero suas coisas — respondo.

O canto da boca de Guerra se ergue. Não posso dizer se o sorriso é provocador ou divertido.

— *Ua i fu ua nuou peu e fuhio*. — *E ainda assim*, *irá tê-las*.

Seu olhar percorre meu corpo.

— *Huununu ia lupu*, *upu*. *I fu ua fu ipe huy*. — *Vá se limpar*, *esposa*. *Você não vai morrer hoje*.

Ele joga a adaga aos meus pés, a lâmina fina afundando na terra, e depois se afasta.

* * *

Depois que Guerra vai embora, ninguém parece saber o que fazer.

Reajo primeiro. Eu me ajoelho, pego o punho de sua arma descartada e a tiro da terra. No braço do cavaleiro, parecia mais como um grampo de cabelo do que uma adaga, mas na minha mão, é grande e pesada. Bem grande.

Rodopiando, aponto a lâmina para todos e qualquer um. Alguém ri.

Hora de dar o fora daqui.

Segurando a lâmina, saio da clareira, dando cotoveladas na multidão. Espero que alguém me ataque, mas isso não acontece.

Só consigo andar uma curta distância antes que uma mulher pegue meu braço.

— Por aqui — diz, começando a me guiar pelo labirinto do acampamento.

Olho para ela.

— O que você está fazendo?

— Levando-a para sua nova morada — fala, sem hesitar. — Sou Tamar.

Tamar é pequenina, com cabelo acinzentado, pele morena e olhos verde-oliva.

— Não planejo ficar.

Ela suspira.

— Sabe, a maior parte das pessoas que recebo aqui falam isso para mim. Estou cansada de dizer para todos vocês a verdade cruel.

— E qual é? — pergunto, enquanto nos guia pelas fileiras de barracas.

— Todo mundo que vai embora, morre.

* * *

Tamar me leva até uma barraca manchada de terra que parece idêntica as outras dezenas ao redor.

— Aqui — fala, olhando para a barraca. — Sua nova ca… espera. — Ela grita para outra mulher a quatro barracas de distância. — É esta que vamos dar, né? — A outra assente.

Tamar se volta para mim.

— É aqui que você vai ficar daqui para frente.

— Já te disse, não vou ficar.

— Ah, shh — responde, ignorando minhas palavras. — Você teve um dia difícil. Amanhã vai ser melhor.

Seguro uma resposta. Não preciso convencê-la das minhas intenções.

Ela abre a barraca e acena para que olhe para dentro. Relutante, o faço.

É um lugar pequeno, mal é grande o suficiente para o palete amarrotado que se estende pelo comprimento. Em um canto está um livro com os cantos dobrados e um jogo de café turco. Em outro, uma escova e algumas bijuterias.

Está claro que é a casa de outra pessoa.

— O que aconteceu com a última pessoa que ficou aqui? — pergunto.

Tamar dá de ombros.

— Saiu a cavalo esta manhã… mas não voltou.

— Ela não voltou — repito como boba.

Meus olhos percorrem as coisas na tenda outra vez. Quem quer que fosse essa mulher, nunca vai ler aquele livro outra vez. Nunca mais vai dormir nesta cama, usar a bijuteria, ou beber daqueles copos.

— Não era tudo dela — Tamar diz, olhando para os itens comigo. — Alguns pertenciam a outras que partiram antes dela.

Se a explicação era para me trazer conforto, não funcionou.

Então herdei as posses dos mortos. E, quando morrer, alguém vai herdar meus parcos itens que restarem.

Isto é, claro, presumindo que eu fique. O que não vou fazer.

Todo mundo que vai embora, *morre*.

Engulo em seco com essa premissa. Acontece que *não* quero morrer. E ainda estou determinada a descobrir como deixar este lugar, mas já posso ver que não vai acontecer tão rápido.

Meus olhos percorrem as coisas na tenda. *Acho que esta é minha casa agora.*

Tamar se volta para mim.

— O que você pode fazer? — pergunta. Minha testa franze antes dela acrescentar: — Pode lutar, cozinhar, costurar…?

— Faço arcos e flechas… ou ao menos fazia.

— Ótimo — fala, como se tivesse dado a resposta que ela queria. — Sempre precisamos de mais artesãos. Certo, vou avisar a equipe administrativa para pensar nisso quando decidirem suas tarefas.

— Minhas tarefas? — pergunto, erguendo as sobrancelhas.

Nossa conversa é interrompida por várias mulheres que se aproximam carregando uma bacia cheia de água.

— Ah — Tamar fala, bem na hora. — Podem entrar e colocar na barraca — instrui as mulheres, que seguem com a bacia para dentro da minha nova casa. Para mim, ela diz: — Aproveite o banho. Voltaremos em quinze minutos com roupas e comida.

Antes que eu possa falar qualquer coisa, Tamar e o resto das mulheres vão embora para organizar os recém-chegados.

Eu me viro para a barraca. Depois de um segundo, respiro fundo e entro.

Mordisco o lábio enquanto olho para a água de banho. É marrom avermelhada e turva. Ao lado da bacia, uma das mulheres deixou um sabonete molhado e uma toalha.

Ouso entrar?

Quase não entro. Não é que seja estranho; temos que usar uma bomba manual para a maior parte da nossa água hoje em dia, então estou acostumada a banhos de gato e compartilhar água de banho. Só não costuma ser tão suja.

Ainda assim, posso sentir o sangue secando no meu jeans, colando o material nas pernas, e, no final, isso é o suficiente para me levar até a bacia, mesmo com a água turva.

Eu me limpo rápido e uso a toalha para me secar. Quando termino, começo a lavar as roupas, usando a água do banho para tirar o sangue delas.

As manchas de sangue nunca saem por completo…

Quando estou no meio disso, uma das abas da barraca se abre e Tamar e as outras mulheres se abarrotam dentro, trazendo vários itens – o mais notável é um prato de comida.

Meu estômago contrai ao vê-lo. Passei a maior parte do dia sem comer. Até agora, estava ansiosa demais para sentir fome, mas agora que pude descansar, minha fome tomou conta.

Tamar dá uma olhada em mim, enrolada na toalha que deixaram. Ergue os itens que tem sobre o braço.

— Suas roupas… e sapatos — fala, me entregando a roupa leve e as sandálias.

A roupa é um conjunto de duas peças, e tudo o que posso dizer da blusa e da saia é que são frágeis, o material preto e dourado é leve e transparente na maior parte dos locais.

Eu me movo um pouco na toalha. Quero muito roupas limpas, mas não estou muito animada em atravessar o acampamento com essa roupa transparente.

— Humm… — Como não parecer uma babaca? — Tem algo mais grosso?

Tamar faz uma careta para mim, claramente sentindo-se desvalorizada por ajudar.

— O cavaleiro gosta que suas mulheres se vistam bem — fala.

O Cavaleiro? Suas mulheres?

Que porra?

— *Não* sou a mulher dele — falo, defensiva.

Você é minha esposa.

Esta foi a primeira vez que Tamar mencionou o cavaleiro. Ignoro o fato de que ela acabou de confirmar que Guerra é mesmo Guerra, e foco no fato de que Tamar estava me preparando para ele.

— Melhor ser a mulher dele do que de outro — uma das outras garotas fala. Algumas das outras murmuram em concordância.

Vou curtir você mais tarde, aquele soldado me disse há algumas horas.

Suprimo um tremor.

É assim que funciona este lugar?

Relutante, pego as sedas de Tamar, o material parece escorrer pelos meus dedos.

Eu as coloco?

Minha única outra opção é colocar minhas roupas molhadas e sapatos.

Olho para os itens outra vez.

Não sou mulher de Guerra tanto quanto de outrem, e usar estes itens não muda isso. Mas o interesse do cavaleiro em mim é outro problema.

Tem coisas que ele quer de mim, coisas que não têm nada a ver com minhas habilidades de luta e tudo a ver com o fato de que me chama de *esposa*.

Minhas mãos se apertam na seda.

Tem coisas que *eu* também quero. Respostas, informação, uma solução para este apocalipse monstruoso.

Quem sabe, talvez esta noite consiga algumas.

Só preciso colocar a *porra* da roupa.

CAPÍTULO 5

Os tambores de batalha enchem o ar. Do lado de fora da barraca, as tochas estão acesas, a fumaça serpenteando no céu escuro.

Rodo a pulseira com a hamsá no pulso enquanto sigo as mulheres de volta para a clareira, a saia escura roçando nas pernas.

No tempo desde minha quase morte, o lugar foi transformado. Posso sentir o cheiro da carne assando, e canecas de algum tipo de álcool foram servidas. Ver tantos aceitando a bebida é um pouco chocante, visto que a maior parte das pessoas na Nova Palestina não bebe.

Ao meu redor, as pessoas estão conversando, rindo e aproveitando a companhia um do outro. É estranho pensar que mais cedo estavam saqueando e massacrando uma cidade inteira. Não tem nem sinal de toda aquela devassidão.

Meus olhos vão de pessoa em pessoa, tentando ler os pecados em seus olhos – até encontrar Guerra.

Ele está sentado no palanque, assim como antes, e me observa, a fumaça e a luz do fogo deixando suas feições brutais hipnotizantes. Não sei há quanto tempo me encara, só sei que deveria ter percebido antes – aqueles olhos pesam como o toque da mão de alguém em minha pele; é difícil ignorar a sensação.

Alguma parte minha reage à sua aparência. Meu estômago embrulha conforme o medo retorce em meu âmago. Sob isso, tem outra sensação… uma que não posso identificar, só sei que me deixa um pouco envergonhada.

Uma das mulheres ao meu lado pega minha mão. Fatimah é seu nome.

— Ele não pode morrer — fala para mim em segredo, se aproximando.

Olho para ela.

— O quê?

— Vi com meus próprios olhos, duas cidades atrás — continua, os olhos vivos ao contar a história. — Um homem ficou bravo com alguma coisa, só Deus sabe o quê. Empunhou a espada e se aproximou do cavaleiro. Guerra deixou o homem enfiar a espada no seu torso, bem no meio das tatuagens. E depois riu.

Um calafrio indesejado percorre meu corpo.

— O Cavaleiro tirou a arma de si, e depois quebrou o pescoço do homem como se fosse um pedaço de madeira. Foi horrível. — Fatimah não parece muito perturbada pela história.

Parece animada.

Olho para Guerra outra vez, que ainda olha para mim.

— Ele não morre? — *Que tipo de criatura é imortal?*

Fatimah se aproxima e aperta minha mão.

— Apenas faça o que ele pedir e será bem tratada. — *Isso não vai acontecer.*

— E as outras? — pergunto. Alguém se aproxima do cavaleiro com um prato de comida, desviando sua atenção de mim.

A testa de Fatimah franze.

— Que outras?

— As outras esposas? — *Devem ter outras.*

— *Esposas*? — A testa de Fatimah enruga. — Guerra não casa com as mulheres que fica. — Agora ela me dá um olhar estranho. — *Como* ele a encontrou? — pergunta. — Ouvi dizer que ele saiu direto da batalha com você no cavalo.

Estou escolhendo as palavras quando a atenção de Guerra se volta para mim. Pela segunda vez hoje, acena para mim, as marcas carmesim nos dedos brilhando ameaçadoramente na escuridão.

Acho que alguém cansou de esperar.

Por um segundo, fico presa no lugar. Meu lado teimoso vem à tona, e estou tendo fantasias sombrias sobre o que o cavaleiro faria se apenas ignorasse sua ordem.

Mas aí Fatimah percebe e me cutuca para a frente, e começo a andar, sentindo o peso dos olhares crescentes da multidão.

Eu me movo pelas pessoas, parando apenas quando estou a uma curta distância do cavaleiro.

Ele se levanta e uma onda passa pela multidão. Os tambores ainda soam, mas é como se tivéssemos toda a atenção do acampamento.

Guerra dá um, dois, três passos para a frente, deixando o trono improvisado e cobrindo a distância entre nós até estar bem diante de mim.

Ele estuda minhas feições por vários segundos e seu olhar é tão intenso que quero desviar o rosto.

A luz das tochas queima em seus olhos. A luz das tochas… e interesse.

Ele fica quieto por tanto tempo que acabo interrompendo o silêncio entre nós.

— O que você quer?

— *Meokange vago odi degusove*. — *Pensei que já soubesse*.

Ele responde com minhas palavras.

E, sim, ainda acho que sei.

Os olhos de Guerra sorvem meu rosto. Está com a mesma expressão estranha de Jerusalém.

Depois de vários segundos, estica o braço e roça um dedo na minha bochecha, como se não pudesse se conter.

Bato em sua mão.

— Você não tem o direito de me tocar — falo baixo.

Seus olhos semicerram.

— *Sonu moamsi*, *mamsomeo*, *monuinme zio vavabege odi*? — *Então me diga*, *esposa*, como *posso tocá-la*?

— Não pode.

Ele sorri para mim, como se eu fosse encantadora e fofa, e muito ridícula do jeito mais cativante.

— *Gocheune dekasuru desvu*. — *Veremos.*

Eu me afasto do cavaleiro neste momento. Ele me observa avidamente, mas não tenta me chamar de volta para o seu lado.

Em algum momento, rodopio, a saia transparente balançando entre os tornozelos, e desapareço na multidão.

Estou quase decepcionada. Depois de toda a fanfarra que as mulheres fizeram para me apresentar para o cavaleiro, teria pensado que o grande Guerra teria feito algo mais do que murmurar algumas palavras e olhar para mim.

Mas ainda posso sentir seu olhar nas minhas costas como uma marca.

Olho por cima do ombro e encontro aqueles olhos curiosos e violentos; o canto da sua boca se curva em um sorriso desafiador.

É tudo o que precisa para me fazer o que mais odeio: fugir.

* * *

Eu me sento como uma tola perto da sombra da minha barraca por várias horas. Mesmo daqui, posso ouvir o furor da festa e posso sentir o cheiro da comida cozinhando.

Buscaria alguma coisa para comer, só que aí precisaria dar as caras. Já é ruim o fato de ter fugido, mas aparecer de novo como se nada tivesse acontecido…

Posso ver o olhar desafiador e provocador de Guerra. Ele gostaria disso. Pensaria que é outra oportunidade. É o que me impede.

O mundo pode estar perto do seu fim sangrento, mas sou capaz de ficar sem comer para não ser humilhada.

Então ignoro o cheiro da carne e, depois de acender a pequena lamparina a óleo que Tamar me deu, leio o romance com as páginas dobradas que foi deixado na barraca e pondero se a ideia de incendiar o acampamento seria muito terrível.

No meio de toda a conversa distante, escuto passos se aproximarem. Instintivamente, sinto os músculos ficarem tensos.

Depois de tudo o que Guerra disse para mim, espero ser carregada para sua barraca, então não estou surpresa quando a

aba da minha tenda se move e Tamar entra na minha residência emprestada.

— Eu não vou — afirmo.

— Vai para onde? — ela pergunta.

Franzo a testa.

— Não vai me levar para barraca dele?

— De Guerra? — pergunta, erguendo as sobrancelhas. — Tem várias mulheres dispostas para o cavaleiro escolher se quiser se deleitar em um corpo quente esta noite. Ele não precisa que seja *você*.

Outras mulheres? Imagino aquelas mãos pesadas e firmes pousando em outra pele e faço uma careta.

— Não é por isso que estou aqui — Tamar diz, mudando de assunto.

Ela se senta ao meu lado.

— Ouvi vocês conversando mais cedo — afirma, as palavras baixas. Ela se aproxima. — Como sabe o idioma do cavaleiro? — pergunta num sussurro.

Balanço a cabeça.

Estou prestes a negar quando ela acrescenta:

— Todos vimos você se comunicar com ele — insiste.

Não percebi que os outros estavam observando a interação de forma tão atenta.

Observo Tamar.

— Não sei o que ouvi — admito —, ou por que ele sequer falou comigo. Sinto muito, mas é tudo o que sei. Não entendo nada disso.

Tamar perscruta meu rosto. No fim, ela concorda e estende o braço para apertar minha mão.

— Guerra troca de mulher toda hora — afirma como se fosse algum tipo de confissão, e me sinto um pouco enjoada. Não quero saber dos relacionamentos pessoais dele. — Se quiser acabar logo com isso — acrescenta —, é só ceder por uma noite ou duas.

Qual é a das mulheres aqui me dando conselho sexual não solicitado?

— Vai dar um pouco de proteção para você — acrescenta.

Até onde eu sei, uma faca me protege muito bem.

— E se não ceder? — inquiro.

Tem uma longa pausa, depois Tamar pega meu queixo.

— É um lugar perigoso para ser uma mulher… ainda mais uma bonita. — Os olhos dela vão para onde a lâmina de Guerra está ao lado da minha lamparina a óleo. — Mantenha a faca por perto. Vai precisar.

CAPÍTULO 6

Sigo o conselho final de Tamar – durmo com a adaga de Guerra sob a cabeça.

É uma boa decisão.

— *Acorde*, *Miriam.* — Uma voz profunda me arranca do sono.

Meus olhos abrem de supetão.

Sentado ao lado do meu palete, os braços jogados nos joelhos, está Guerra.

Minha mão vai para a lâmina, e me sento, golpeando com a arma.

Os olhos de Guerra brilham conforme me observa, com a arma e tudo.

— Gostando da minha adaga? — pergunta.

Eu me sobressalto com suas palavras. Está falando hebraico fluente.

— Pode falar — afirmo. *E sabe meu nome*, noto.

Ele grunhe.

— Quero dizer, *compreendo* você. — Estou acostumada a ouvi-lo falar outro idioma, o significado mais importante do que as palavras. É desconcertante ouvi-lo falar o mesmo idioma que eu.

O que significa que todo esse tempo, ele conseguia *me* entender.

Mantenho a lâmina apontada para ele.

— Por que você fala em outro idioma? — pergunto.

Pergunta errada, *Miriam*. *A certa é: que porra você está fazendo na minha barraca?*

O cavaleiro se levanta e se aproxima. Em resposta, ergo a arma.

Ele ignora por completo a ameaça. Guerra se senta na beirada do meu palete, mesmo quando a ponta da adaga pressiona a pele do seu pescoço.

Os olhos pretos de Guerra vão para a lâmina, e o canto da sua boca se ergue. Parece sombriamente divertido.

É óbvio que não faz sentido ameaçá-lo. Se muito, estou com a impressão de que ele acha tudo isso muito fofo.

— Como *eu* posso entender *você* quando fala em outro idioma? — pergunto.

— Você é minha esposa — responde suave. — Você entende minha natureza e meus dons.

— Só tem um problema com isso. Não sou sua esposa.

Guerra sorri, a expressão zombando de mim outra vez.

— Gostaria que provasse o que digo? Ficaria *muito* feliz de fazer isso. — As palavras são cheias de conotação sexual.

Reajusto a empunhadura da adaga.

— Saia da minha barraca.

Guerra me estuda, os olhos brilhando na escuridão.

— Mas esta barraca é sua? — pergunta.

Não. Mas não muda o fato de que quero que saia.

— Saia *desta* barraca — corrijo.

— Ou o quê? — Ele ergue uma sobrancelha.

Não é óbvio o suficiente?

Pressiono a ponta da adaga com um pouco mais de força na sua pele. Um fio escuro de sangue escorre pelo pescoço.

Guerra se inclina para a frente.

— Guerreirinha corajosa, me ameaçando no meu próprio acampamento. — Seus olhos procuram meu rosto.

— Como me encontrou? — exijo. Tem milhares de residências neste lugar.

— Pensei que queria que saísse de sua barraca — responde. Percebo sua diversão.

— No entanto ainda está aqui. Então?

— Não posso responder sua pergunta se cortar minha garganta. — Ele dirige um olhar afiado para a adaga.

Hesito. Acordar com qualquer homem na minha barraca é o que eu consideraria uma ameaça. Entretanto, preciso admitir que se Guerra quisesse me machucar de qualquer maneira, é provável que já tivesse feito a esta altura, e nenhuma lâmina poderia pará-lo.

Por fim, abaixo a adaga.

Ele toca o sangue no pescoço, e juro que vejo um pequeno sorriso no seu rosto.

— Este é meu acampamento. Nada pode ser mantido em segredo de mim.

Eu o observo mais, minha mão apertando a adaga.

— Ouvi dizer que não pode morrer — afirmo.

— É por isso que ainda não tentou me matar? — Aquele tom jocoso está de volta na sua voz.

Sim.

Meu silêncio é resposta o suficiente.

— Pode? — insisto.

— Morrer? — Guerra esclarece. — Claro que posso. — *Maldição. Bem quando abaixei a adaga.* — Só tenho a tendencia de não *ficar* morto.

Eu o perscruto.

— O que isso quer dizer?

Ele pega uma lamparina a óleo que não vi, depois se levanta.

— Vai compreender, um dia, junto com todo o resto, *aššatu*. — *Esposa*. — Tudo o que precisa fazer é se render.

Dando-me um último olhar enigmático, Guerra apaga a lamparina, e depois desaparece como um fantasma na noite.

* * *

Apesar da minha cidade ter desaparecido e eu ter sido capturada, esperam que eu apenas continue com minha vida.

Fica bem claro na manhã seguinte, quando acordo com o som de conversa na frente da barraca.

Acho que não deveria ficar muito surpresa. A mesma coisa foi esperada de mim no dia seguinte a Chegada dos Cavaleiros. A essa altura, estou acostumada.

Eu me visto com as roupas manchadas. Ainda estão úmidas, mas, Deus, é muito mais prático do que a roupa que me deram. Colocando as botas, eu saio.

As pessoas estão em volta das barracas, conversando, rindo, bebendo chá ou café. Esta parte do acampamento é composta, em sua maioria, por mulheres e crianças, e estou chocada de ver que várias estão com as cabeças cobertas. Teria presumido que Guerra

iria querer que abandonássemos nossa religião pela dele, mas parece que não.

O ar ainda está cheio do cheiro de carne e, por um momento, tudo o que posso pensar é nos corpos espalhados pelo chão quando entrei em Jerusalém ontem. Também cheirava a carne.

Sigo o cheiro de volta para a clareira. Este lugar aterrorizante parece ser onde o café da manhã é servido. Meus olhos se movem para onde a ovelha está sendo rodada em um espeto e as bandejas de frutas, nozes e pão que estão dispostas à minha frente.

Vou para a fila do café e tento não pensar de onde toda esta comida veio. Exércitos precisam ser alimentados, e um grande como este… bom, saquear cidades seria a menor das atrocidades que cometeram.

Quando chego no começo da fila, vejo um rosto familiar. O homem de ontem, o que pegou a virilha e apontou a espada para mim, está parado do outro lado da clareira, usando um keffiyeh e fumando um cigarro de palha. Ele passa os dedos pela barba curta enquanto conversa com os homens ao seu redor, mas seus olhos estão em mim e, não importa o quanto eu o encare de volta, ele não desvia o olhar.

O peso da adaga do meu lado é um pequeno conforto.

Desvio o olhar primeiro, pegando a comida e deixando a clareira.

Vou para o limite do acampamento, encontrando um lugar relativamente tranquilo para me sentar e comer. Ao fazê-lo, meus olhos pairam sobre as montanhas que nos cercam.

Seria tão fácil escapar despercebida.

Paro, no meio de uma mordida, olhando para os limites do acampamento, procurando por algum guarda patrulhando.

Não vejo nenhum.

Colocando o prato de lado, eu me levanto. Preciso lutar contra a vontade de olhar ao redor e conferir que ninguém percebeu minhas atitudes; é o jeito mais rápido de alertar as pessoas de que está fazendo algo que não deve.

Casualmente, começo a andar para longe do acampamento, segurando o fôlego ao fazê-lo. Os segundos passam, e a movimentação normal do acampamento continua, ficando cada vez mais longe atrás de mim.

Estou mesmo fazendo isso.

No entanto, é só depois de passar por meia dúzia de árvores que exalo aliviada.

Eu consegui.

Isso foi mais fácil do que pensei que seria…

— A risco de morte, pare!

Maldição.

Paro de supetão, certa de que tem uma flecha apontada para minhas costas.

Com certeza, quando me viro, um homem está vindo na minha direção, uma flecha apontada para meu peito.

— Todos os desertores são executados — ele me informa.

Estive em uma situação complicada mais vezes do que gostaria de admitir. Com a Irmandade Muçulmana, com a guarda palestina, com outros saqueadores que me pegaram desprevenida. A solução para sair dessas situações relativamente incólume é ter

uma história convincente e seguir a Regra Dois – atenha-se a verdade.

— Eu faço armas — respondo, rápido. Tamar mencionou que o acampamento precisava de outro artesão.

O soldado semicerra os olhos para mim.

— O que diabos isso tem a ver com qualquer coisa?

— Uso a madeira das árvores nesta área para fazer arcos e flechas — falo devagar, como se toda essa situação devesse ser óbvia.

— Espera que acredite que está aqui procurando madeira para fazer *armas*?

Para ser honesta, ele está certo. Não tenho uma sacola para coletar os galhos e minha adaga não é muito útil para cortar madeira. Pareço uma fugitiva, não uma trabalhadora.

— Liberei com Guerra. — A mentira escapole.

Arrependimento imediato.

Lá se foi "atenha-se a verdade" – acabei de jogar a regra no lixo.

O soldado me olha de cima embaixo, provavelmente ponderando os prós e contras de acreditar em mim ou não.

Por fim, toma algum tipo de decisão.

— Não dou a mínima para quem liberou suas atividades, se quer viver, é bom voltar para o acampamento. Agora.

Dando um último olhar de despedida as árvores ao redor, deixo o bosque, voltando para o acampamento, uma flecha apontada para as minhas costas o caminho inteiro.

Lá se foi minha fuga.

* * *

Tem uma ordem neste labirinto de acampamento. Demoro o resto do dia para descobrir, mas, no fim, consigo.

A planta é dividida em quatro quadrantes. Vivo entre as mulheres e crianças em um deles. Outro está separado para as mulheres e homens que decidem viver juntos. E o maior de todos é destinado aos homens.

Depois, claro, tem a área de Guerra.

Todos estes quadrantes circundam a clareira, que parece ser o coração do lugar. E é um coração peludo.

Durante o dia, os tambores soam intermitentes, e aprendo que esses barulhos precedem execuções. Algumas por pequenos furtos, outras para desertores capturados, um homem foi sentenciado a morte por mijar na bebida do camarada. Parece que a piada não foi muito bem-sucedida. E depois tem algumas execuções que não tem causa esclarecida. Acho que não importa, no final; Guerra quer todos nós mortos, só vai manter o suficiente vivos para ajudá-lo a cumprir este objetivo.

Pensaria que a grande quantidade de execuções deixaria o clima sombrio – e talvez afetasse as pessoas em um nível mais pessoal –, mas, para onde olho, homens e mulheres estão se movendo, conversando e carregando roupas, ou trançando paletes de dormir e cestas e assim por diante.

Todo mundo parece ter tarefas para completar. Não posso descobrir se receberam essas tarefas ou se apenas se voluntariaram para ajudar, mas tem pessoas para cozinhar, limpar, proteger, cuidar dos cavalos, criar latrinas, e uma centena de outras

tarefas que são necessárias para manter este acampamento em perfeito funcionamento – não que tudo ainda funcione perfeitamente, seja mecânico ou não. Mas enfim.

Minha afirmação se mantém.

Observo tudo.

Parece tão normal. Não sei como Guerra faz. Como consegue fazer as pessoas trabalharem juntas depois de perderem tudo nas mãos do seu exército.

Mas nem tudo é normal. Afinal, não tem indício nenhum de que exista uma religião aqui. Reconheço, só estou no acampamento há um dia, então talvez precise ter paciência. No entanto, até agora, ninguém chamou para oração e não teve nenhum sermão público. Não vi nada que indique em qual deus – se *algum* – estas pessoas acreditam. Os únicos indicativos de religião que *vi* são os poucos itens religiosos que as pessoas usam no corpo. Além disso, é como se Deus não existisse.

O que é muito irônico, considerando as circunstâncias.

No fim, volto para minha barraca. Ninguém me visita ou me dá alguma tarefa para cumprir no acampamento, e só saio quando a fome ou o organismo mandam.

O som trovejante de cascos de cavalo acaba por me levar para fora. A essa altura, o sol está se pondo, o calor do dia gradualmente esfriando. À minha volta, outras mulheres saem das barracas, olhando na direção do som.

— Estão vindo — escuto uma murmurar.

Em volta, a maior parte das pessoas vai na direção da clareira. Curiosidade me leva junto com elas. Mal cheguei quando dúzias de homens montados atravessam o acampamento, levantando poeira e

triturando folhagens no caminho. Cavalgando na frente está o próprio Guerra. Ele e o resto dos cavaleiros estão encharcados de sangue.

Voltaram de outra invasão.

Não percebi que tinham mais pessoas *para* matar; o exército parecia ter feito um bom trabalho ontem. Mas faz sentido. Jerusalém é grande, e tem as comunidades satélites. Acho que até uma força sobrenatural como o cavaleiro precisa de mais de um dia para acabar com todos nós.

Os tambores de guerra começam outra vez, o ritmo incitando o sangue em minhas veias.

Guerra entra na clareira enquanto pessoas se atrapalham para sair do seu caminho, e engulo em seco com a vista da besta vermelho-sangue que cavalga.

O cavalo mal desacelerou quando Guerra desmonta.

Atrás dele, outros cavaleiros entram na clareira, cada um usando uma bandana vermelha no braço.

— Quem são aqueles homens? — pergunto para uma mulher ao meu lado.

— Cavaleiros Fobos[2] — fala, desviando um pouco o olhar deles. — São os melhores soldados de Guerra.

O que significa que são os melhores assassinos. Olho para eles com novos olhos enquanto circundam o Cavaleiro antes de se abrirem atrás dele. Quando o último encontra seu lugar, os tambores silenciam.

Não faço ideia do que está acontecendo até a poeira abaixar um pouco. Deitado no chão, na frente deles, está um homem ensanguentado.

Parece morto, pelo jeito que está deitado ali, mas depois de mais ou menos um minuto, ele se levanta.

Guerra não fala, apenas observa. Depois que o homem está de pé com as pernas bambas, o cavaleiro vai em sua direção.

A multidão fica quieta enquanto um cavaleiro fobos desmonta e avança.

— Este homem, Elijah — diz, acenando para o homem quase morto — era um dos *fobos*, membro da elite do Senhor da Guerra. Nosso senhor o alimentou, deu abrigo, *confiou* nele. E o que ele fez para recompensar tal bondade? — Ele para, o olhar percorrendo a multidão. — Ele se virou contra nossos cavaleiros e traiu os companheiros guerreiros.

Como se fossem programados, as pessoas ao redor gritam com a afronta. Olho para eles, chocada de ver que muitos parecem legitimamente bravos. Se estão fingindo, estão fazendo um ótimo trabalho.

— Assim que a batalha começou, Elijah começou a assassinar os companheiros de luta — o orador acrescenta, enquanto Guerra encara Elijah, os olhos afiados como navalhas. — Perdemos muitos homens bons hoje.

Ainda olhando para Elijah, Guerra estica o braço para trás e pega o punho da espada enorme. O metal zune ao ser tirado da bainha.

Faço uma careta com a aparição, lembrando do nosso encontro de perto. Mas ao invés de golpear o homem, Guerra joga a espada na frente dele.

— *Sunu uk*. *San suni*, *adas Susturu tıtuu üçüt huniştüü nunıtnuu utenin dukikdep nurun* — ele diz. — *Pegue*. *Prove que é*

digno o suficiente para me desafiar, *humano.*

Elijah está tremendo, de medo ou de exaustão, mas não parece se arrepender de suas ações.

Guerra se afasta devagar.

— *San Tuduygu uturun teknirip*, *nik niygiziş üçüt hutişnüü nunıtnuu utenin dukikdep nurun*. — *Prove que é digno o suficiente para desafiar o Próprio Deus*.

Com isso, o cavaleiro se vira, dando as costas para Elijah.

O cavaleiro fobos ensanguentado espera um segundo ou dois, depois avança para a espada de Guerra. Encontra o primeiro empecilho quando a pega. É óbvio que a arma é pesada demais para ele empunhar; mesmo com as duas mãos no punhal, a espada oscila.

Meu coração desanima com a visão. Aqui está um homem que decidiu matar os assassinos. Eu *quero* que ele pare o cavaleiro de uma vez por todas. A parte realista de mim sabe que não tem chance nenhuma disso. Vi a força de Guerra. Não tem como vencê-lo.

O cavaleiro se vira, as mãos livres. A armadura de couro vermelho está marcada com sangue, e os olhos marcados por kohl são ferozes. Está com outra lâmina em si, mas mesmo quando o oponente começa a se aproximar, não a pega.

Elijah se aproxima, o rosto cheio de raiva justificada.

— Esperava que ficasse vendo enquanto nos massacra?

— *Tuz utırtı juni şuur üçüt önüt dup atna üçüt ıtuuzı vokgon.* — *Ficou contente de fazer isso nas últimas dezessete cidades pelas quais passamos*.

Dezessete? *Dezessete*?

Não sei se ainda deveria estar torcendo por este homem…

Ele cambaleia para a frente, as mãos instáveis, o corpo claramente exausto pelo dia. Deve saber que lutar é uma causa perdida, mas isso não o impede de correr para Guerra com ódio nos olhos.

O homem está quase no cavaleiro, que fica parado. Elijah luta para erguer a espada o suficiente para golpear. Guerra ainda não se move.

— *San sunin nupşı rsunı suksugın tönörö ukvuyn.* — *Você não pode carregar o peso da minha tarefa*.

Como se em desafio as palavras de Guerra, o fobos move a lâmina. O cavaleiro desvia com facilidade do golpe, os adornos de ouro em seu cabelo brilhando conforme balançam na luz.

Elijah tropeça para a frente, erguendo poeira ao tentar recuperar o controle da arma pesada. Demora vários agonizantes segundos para o cavaleiro fobos se virar e encarar Guerra mais uma vez.

O cavaleiro está despreocupado e, ainda assim, pressinto tanto poder contido naquela postura relaxada.

— *San Tuduydın urtin nüşütüü süstün eses* — ele provoca. — *Você não pode compreender a vontade de Deus*.

Com um grito, Elijah avança mais uma vez, movendo enlouquecido a espada de Guerra. E, outra vez, o cavaleiro desvia do ataque. O oponente está arfando, os braços tremendo com o esforço que precisa fazer para segurar a espada do cavaleiro.

É quase doloroso de se observar, e o que deixa tudo pior é que estou torcendo por Elijah.

Posso ser a única.

Guerra se aproxima e segura os pulsos do oponente. O movimento faz Elijah soltar uma das mãos da espada enorme, e sem ela, a arma pende em seu braço.

O cavaleiro se aproxima, as próximas palavras mal são audíveis.

— *Sani övütün urtin nüşütügö süstün eses*, *vurok San senin öç nüşünön*. — *Você não pode compreender Sua vontade*, *mas vai compreender a minha vingança*.

Acontece quase rápido demais para acompanhar. Escuto algo estalar, depois um grito. O homem solta a espada de Guerra, segurando o braço contra o peito.

O Senhor da Guerra pega a arma enorme conforme cai. Tira da bainha a espada menor. Por meio segundo, os dois homens se encaram. Depois Guerra tesoura as lâminas no corpo do oponente.

Sangue jorra, e parte do corpo do homem vai para um lado, e o resto, para o outro. Preciso de todo meu controle para não vomitar diante da cena.

Ao meu redor, gritos de celebração sobem da multidão.

O mundo enlouqueceu.

Guardando as espadas, o cavaleiro se afasta, deixando o resto do acampamento se aproximar e profanar o corpo.

* * *

Nem mesmo uma hora mais tarde, sou chamada para a barraca do cavaleiro.

Ando junto com vários cavaleiros fobos com rostos solenes, os homens me cercando. Pela primeira vez desde que cheguei, entro

na parte do acampamento de Guerra.

Agora que a invasão do dia se encerrou, os cavaleiros fobos rodeiam as barracas aqui, fumando cigarros de palha e jogando baralho. Alguns me observam com interesse, mas a maior parte deles apenas ignora a mulher sendo levada para a barraca de Guerra.

A barraca do cavaleiro é inconfundível. A casa de Guerra é afastada das outras, e apesar das acomodações dos cavaleiros fobos serem maiores do que a minha, a tenda de Guerra as faz parecer minúsculas. Ele fez um palácio de tecido para si, o lugar é iluminado do lado de fora por tochas fumegantes.

Perto de um metro da abertura da tenda, os cavaleiros fobos se afastam de mim para manter guarda, me deixando sozinha para atravessar a soleira da tenda de Guerra.

Meu coração está acelerado. Encarei uma boa quantidade de coisas assustadoras desde a Chegada. Pensaria que teria criado uma tolerância a esta altura. Mas não criei. Ainda tenho medo. Medo deste lugar e do que faz com as pessoas. Medo do futuro que nos espera. Mas, acima de tudo, tenho medo do cavaleiro e do que quer comigo, ainda mais depois de observá-lo matar um homem sem piedade.

— Entre — um dos cavaleiros fobos fala.

Soltando um suspiro, dou um passo à frente e entro.

A primeira coisa que vejo é a silhueta enorme de Guerra sentada em um banco. Ainda está usando a armadura de couro vermelho, ainda coberto de poeira e sangue. Os olhos me veem assim que começa a remover um protetor de braço.

— Miriam — fala em cumprimento.

Engulo em seco.

Na tenda de Guerra tem uma mesa e cadeiras, uma cama, e vários baús que devem conter todos os espólios de guerra. Tapetes coloridos e almofadas estão espalhados pelo lugar, e então tem as armas. Espadas e adagas, machados de corte duplo e arcos e flechas estão em várias superfícies. *É óbvio que gosta de objetos afiados.*

É tudo muito letal e luxuoso, mas é difícil assimilar quando mal posso suportar desviar o olhar do próprio Guerra.

— Por que estou aqui? — pergunto, pairando perto da porta.

Guerra para o que está fazendo. Colocando de lado a peça de armadura, ele se levanta, o olhar escurecido pelo kohl indo de encontro ao meu.

Meus joelhos ficam bambos com a força total do foco de Guerra em mim.

Deus, ele é bonito – bonito do jeito que as coisas mortais são. Não tem nada de macio, da mandíbula definida até os lábios carnudos e pecaminosos. E depois tem os olhos, muito violentos.

— Como você está, esposa? — diz, sem se importar em falar em outro idioma. — Se divertindo? — *Não, na verdade não.*

Preciso lutar comigo mesma para não recuar, ainda mais quando ele avança. Ainda tem metros e metros entre nós.

— Ouvi dizer que você foi aventureira esta manhã — afirma.

Está controlando meus movimentos? Engulo em seco.

— E?

Ele remove o talabarte, a espada e a bainha se soltando. Olho para a lâmina que assassinou um homem há tão pouco tempo.

— Disseram-me que você faz armas — fala relaxado.

Fecho os olhos por um segundo.

O soldado deve ter contado tudo para Guerra, incluindo o fato de que o cavaleiro supostamente autorizou minha presença naquele bosque.

Não quero começar a tremer, mas tremo. Acabei de ver este homem transformar uma pessoa em um kebab humano por traí-lo, e agora ele sabe que também tentei desafiá-lo.

— Parece que aprovei esses seus planos.

É por *isso* que tenho uma regra contra mentiras. É muito fácil ser pega.

Abro os olhos e ergo o queixo em desafio.

Ele anda na minha direção, cada passada sinistra. Guerra se aproxima demais.

— Nunca me use em uma mentira outra vez — fala, a voz baixa.

Escuto a ameaça velada em suas palavras.

Ou vou puni-la.

E agora vi a justiça de Guerra. É tão aterrorizante quanto podia imaginar.

Os olhos do Cavaleiro perscrutam meu rosto.

— Você vai causar problemas, não vai, esposa? — Ele me estuda um pouco mais. — Sim, com certeza — fala para si.

Guerra elimina o resto de espaço entre nós, a armadura roçando contra meu peito. Está tão perto que consigo ver os flocos dourados em seus olhos. Aqueles olhos são *aterrorizantes*. Lindos e aterrorizantes.

— Está errada se pensa que isso me deixa bravo. — O sorriso é ameaçador. — Tudo o que você é foi feito para *mim*.

O babaca arrogante. Aposto que pensa que todos os humanos foram criados para sua diversão. Para lutar, foder e matar.

O cavaleiro estica o braço e passa um dedo na minha clavícula, o olhar nunca se desviando do meu.

— Eu a vi e, pela primeira vez, eu *desejei*. — Suas palavras eriçam minha pele. — E por isso, tomei.

CAPÍTULO 7

O toque de Guerra na minha pele para.

— E pensar que você quase escapou. — Ele se afasta, estendendo a mão para o avambraço, os dedos soltando o laço da proteção. — É uma boa coisa que isso não aconteceu.

Ele é total e completamente inumano. Nada nesta terra poderia me assustar do mesmo jeito que ele.

Agora tentei escapar do cavaleiro duas vezes no mesmo tanto de dias – uma vez através da morte e outra por deserção. Se ele for tão impiedoso quando parece ser, então minhas ações terão consequências.

— Pode mesmo fazer armas? — pergunta.

Paro, incerta do objetivo.

— Não sou muito boa — falo depois de um tempo. Ele olha para cima.

— Isso é um sim?

Relutante, assinto.

O olhar de Guerra desvia para meus lábios.

— Ótimo. Então vai fazer as armas que pedir para o meu exército.

Outro maldito motivo de nunca, nunca quebrar a Regra Dois e mentir. Porque agora tenho o emprego que inventei há poucas

horas.

— Não posso fazer nada sem minhas ferramentas — falo. — E estão no meu apartamento.

Guerra olha para mim por vários minutos, talvez tentando descobrir se ainda estou mentindo.

— Onde você morava? — *Morava*. Passado.

Olho para o cavaleiro enquanto meu cérebro registra isso. Até onde o diz respeito, minha casa é uma coisa do passado; esta cidade de barracas é meu lar agora.

Depois de um segundo de hesitação, falo o endereço. Normalmente não faria isso, mas… se Guerra está falando sério sobre pegar meu equipamento para mim, então vou aceitar. Afinal, estou sendo observada com muita atenção para escapar tão cedo deste lugar.

— Posso ir agora?

O olhar perscrutador de Guerra volta para mim. Ele me observa por vários segundos, depois redireciona a atenção para remover a armadura.

— Não acredita em Deus, acredita? — pergunta.

Acho que ainda não posso ir.

A contragosto, ergo as sobrancelhas.

— Por que a pergunta?

O canto da boca dele se ergue, como se a resposta fosse alguma piada interna que eu não compreenderia.

— É curioso.

— Por que é curioso?

O olhar de Guerra volta para o meu.

— Chegue mais perto e eu conto.

Ele segura a resposta como uma isca.

Dou um único passo na direção dele.

Outra vez, aquele sorriso, só que dessa vez parece menos divertido, um pouco mais perigoso.

— Covardia não lhe condiz, esposa.

— *Não* sou covarde — digo da minha distância segura dele.

Seu olhar é pesado no meu.

— Então prove.

Seja corajosa.

Hesitante, diminuo a distância entre nós, até poder sentir o cheiro de suor e poeira grudados nele.

— Não é covarde, afinal. — O cavaleiro me escrutina. — Quanto a sua pergunta, é curioso que você não acredita em Deus quando *eu* existo.

— Por que deveria ser estranho? *Você* não é Deus.

Acredito que Guerra é uma criatura sobrenatural. É todo o resto que acho difícil de acreditar.

O cavaleiro não foi nada afetado por minhas palavras e o desafio nelas.

— Não sou — concorda.

O cavaleiro interrompe o contato visual para remover uma greva, e exalo por ter perdido o peso do seu olhar em mim. Não sei por que parece uma perda; toda vez que seus olhos pousam em mim, tremo como uma folha.

— Acredito em Deus — falo. — Só não acredito no *seu* Deus.

Minha mãe era judia; meu pai, muçulmano. Cresci acreditando em tudo e nada ao mesmo tempo.

— É uma pena — Guerra diz, me observando —, porque Ele parece ter se interessado por você.

* * *

Tem mais dias de invasões, dias onde o latejar dos cascos dos cavalo marcam o começo do dia, e o desfile sangrento do retorno marca o final.

É só no quarto dia que os sons começam a mudar.

Abro os olhos e encaro os postes de madeira gastos acima de mim. Do lado de fora, posso ouvir mulheres conversando.

Esfrego os olhos, segurando um bocejo enquanto me sento. Meu joelho bate numa pilha de galhos que ocupam a maior parte do espaço na minha barraca.

Guerra cumpriu sua promessa – me foi *permitido* recolher madeira para fazer as armas. Com um acompanhante, claro.

Dou um chute mais deliberado na pilha.

Rolando no palete, pego as botas e começo a colocá-las. Depois que termino, passo as mãos pelo cabelo castanho-escuro. Atualmente, durmo de roupa – não sou corajosa o suficiente para arriscar outra coisa em uma cidade sem portas de verdade –, então só aliso a camisa antes de sair.

Ao meu redor, barracas estão sendo desmontadas e embaladas. Olho em volta, confusa. Uma mulher passa apressada.

— Licença — falo para ela —, o que está acontecendo?

Ela me dá um olhar como se fosse óbvio.

— Estamos nos mudando.

* * *

Mudando.

Mesmo agora, quando minha barraca não é nada além de um monte de gravetos e tecido aos meus pés, a ideia revira meu estômago.

Não previ me mudar. Mas, naturalmente, é o que uma horda aterrorizante faz. Ela se move e invade; se move e invade.

— Miriam.

Quase pulo com a voz atrás de mim. Quando me viro, dois homens usando faixas vermelhas nos braços estão parados.

Os cavaleiros fobos de Guerra.

— O Senhor da Guerra quer vê-la.

Meu estômago revira outra vez. Faz meia semana desde que falei com o cavaleiro pela última vez, e não posso decidir se agora estou horrorizada ou eufórica com o pensamento de encontrá-lo outra vez. Eu me convenci de que qualquer tipo de interesse que ele teve por mim no início passou. Que talvez tenha encontrado outra mulher para irritar e chamar de *esposa* por nenhuma razão aparente.

A tenda palaciana de Guerra ainda está montada. É uma das últimas estruturas montadas. E quando entro, o próprio homem está lá dentro, usando calças e uma camisa pretas, uma faca presa na cintura. Ele se ajoelha na frente de um baú aberto, de costas para mim e minha escolta.

— Meu Senhor — anuncia um dos cavaleiros fobos ao meu lado —, a trouxemos.

Guerra não reage na hora, no lugar, escolhe colocar qualquer item que estava procurando dentro do baú. Ele fecha o móvel, passando as mãos na tampa.

— Podem ir — fala, sem perder tempo de trocar de idioma. Acho que salva as baboseiras para os anúncios gerais que faz para o acampamento.

De cada lado de mim, os cavaleiros fobos recuam. Começo a sair com eles.

— Você não, Miriam.

Paro no meio do passo, os pelos nos meus braços se eriçando. Quero dizer que é porque estou assustada, mas tem algo na sua voz… algo que me faz pensar em lençóis macios e pele quente.

Engulo em seco, rodopiando.

Guerra se levanta e me encara neste momento, parecendo gigante e magnífico e assustador, tudo ao mesmo tempo. A ameaça que exala dele em ondas não tem nada a ver com a armadura ou as armas. Tem algo intrínseco nele que incita o medo.

Ele me observa por vários segundos. Tempo o suficiente para me fazer pensar que com certeza não me trocou por outra esposa. Meu coração acelera com o pensamento.

— Tenho algo para você — fala.

Ergo as sobrancelhas. Acho que não quero nada que o cavaleiro tem para oferecer.

Quando apenas continua a me encarar, minhas sobrancelhas sobem um pouco mais.

— Vai buscar este presente? — pergunto.

— Quero olhar para você primeiro, esposa. Vai me negar até mesmo isso? — Seus olhos estão pesados, e não sei como interpretar isso. Toda vez que acho que ele vai fazer uma coisa, faz o oposto. Durante quatro dias, o cavaleiro manteve distância. Agora ele está fazendo parecer que estava louco para me ver.

Não consigo entender.

Mas *posso* negá-lo.

Infelizmente, antes que tenha chance de fazer isso, Guerra se move para o canto da tenda, pegando uma sacola que está ali. Ele se aproxima, a camisa preta delineando o corpo ao se mover. Solta a sacola aos meus pés.

Só preciso de um momento para reconhecer minha antiga sacola de tecido.

Mas eu a deixei…

Meus olhos vão para Guerra.

— Você foi no meu apartamento?

Tento imaginar Guerra preenchendo minha casa, os olhos aguçados se movendo pelo meu lar. Ele teria visto todas as lembranças que guardei da minha família. Teria visto minha mesa de trabalho bagunçada – ainda mais bagunçada devido a quem saqueou o lugar – teria visto as fotos penduradas nas paredes e o relógio, a cozinha abarrotada, minhas roupas sujas e minha cama desarrumada, e uma dúzia de outros detalhes pessoais.

O que deve ter pensado, olhando para minhas coisas?

Quando ele não responde, volto a atenção para a sacola. Ajoelhando-me, eu a abro.

Meus olhos pousam primeiro no meu rolo de couro. Abro o estojo e desenrolo. Minhas várias ferramentas de trabalhar com

madeira estão colocadas nos bolsos macios. Deixo de lado e volto para a bolsa.

Vejo a lixa e alguns prendedores; parece que pegou até uma das minhas serras menores e meu machado.

Guerra cumpriu o que prometeu. Trouxe minhas ferramentas de casa. Eu não esperava que ele o fizesse.

Ainda não posso acreditar que viu minha casa. Isso me faz sentir estranhamente exposta, como se tivesse olhado dentro da minha cabeça e visto o conteúdo.

As abas da tenda se movem, e um cavaleiro fobos entra.

— Meu Senhor, precisamos começar a embalar suas coisas.

Guerra assente, e o cavaleiro se move para pegar um dos baús menores antes de sair da tenda.

Depois que o soldado vai embora, o cavaleiro se aproxima de mim, o corpo eclipsando os arredores.

— Você vai cavalgar ao meu lado.

— Você manda em todas as suas “esposas”? — pergunto.

A sobrancelha de Guerra arqueia.

— Acha que tem outras? — Guerra me dá aquele sorriso, o que é *aterrorizante*.

Mais dos homens do cavaleiro entram na tenda, começando a empacotar as coisas na mesma hora.

— Alguém vai cuidar do seu cavalo — Guerra diz, se afastando de mim. — Estou ansioso por nossa cavalgada.

* * *

Não entendo por que precisamos montar em cavalos se bicicletas existem. Bicicletas não ficam com fome ou cansadas, não cagam, e com certeza não tentam te chutar por serem babacas temperamentais.

No entanto, para ser honesta, um exército de soldados em bicicletas não instiga o medo no coração dos homens.

Olho para Thunder, o cavalo no qual estou montada. Mal consegui evitar ser ejetada por esta besta, e agora tenho que cavalgá-lo.

Quase certeza de que o cavalo pressente minha insuficiência como ser humano.

Demora uma eternidade para o acampamento se preparar, até tudo estar embalado. A horda agora está reunida em uma enorme procissão composta de soldados montados, carroças engatadas, e muitos, muitos indivíduos carregando mochilas.

O Cavaleiro é o último a sair cavalgando, parecendo portentoso em seu corcel. Está mais uma vez usando a armadura de couro completa, a espada gigante presa nas costas e os adereços dourados no cabelo brilhando no sol. Não se parece com nada que pertence a este século.

Guerra cavalga até o meu lado.

— Pronta?

Não é como se tivesse muita escolha. Assinto mesmo assim.

— Me siga.

Ele parte, o cavalo correndo para a frente da fila que se formou. As pessoas comemoram quando ele passa, como se fosse o salvador e não uma ameaça supernatural. Eu o observo por vários segundos antes de persuadir Thunder a seguir o Cavaleiro.

As pessoas não comemoram quando eu passo, mas sinto os olhares curiosos e questionadores.

Quem é ela?

Por que está seguindo Guerra?

Vou para a frente da procissão, e depois a passo completamente.

Ali, Guerra espera. Seus olhos parecem dançar conforme me aproximo. Quando chego ao seu lado, começa a cavalgar em silêncio, ditando o ritmo para nós.

Nada de *oi*, nada de *tudo bem*? Só uma confiança silenciosa de que vou entrar na linha.

Olho para a horda, que está começando a se mover. Está claro pelo ritmo deles que não irão nos alcançar. Nunca quis tanto que uma multidão de pessoas sem fé me salvasse tanto quanto agora.

Eles seguem atrás de nós por meio quilômetro antes de eu e o cavaleiro passarmos por uma curva na estrada, e aí estamos sozinhos.

O silêncio toma conta. Espero que Guerra o interrompa – com certeza vai interromper –, mas ele apenas continua a cavalgar, aqueles olhos perigosos fixos na estrada à frente.

Pigarreio.

— Por que quis que eu cavalgasse ao seu lado? — pergunto, enfim acabando com o silêncio.

— Você é minha esposa.

Não sou sua esposa, quero insistir. *Não de alguma maneira que importe*.

As palavras estão bem na ponta da minha língua, mas aí estudo o perfil de Guerra, e tem algo tão… *certo* sobre o jeito como

lida comigo. Eu o observo um pouco mais, do seu cabelo escuro que toca os ombros até os lábios curvados e a mandíbula definida.

— Porque acha que sou sua esposa? — digo.

Os olhos de Guerra vão para um ponto logo abaixo do meu queixo.

— Eu não “acho” — responde. — Eu *sei*.

Arrepios. Ali está, a certeza. Pensaria que, se devesse fazer de Guerra meu marido, eu também *saberia*.

— Se sou sua esposa, por que não durmo na mesma tenda que você? — digo. — E por que não… — Eu me impeço antes de falar mais.

O cavaleiro olha para mim. Agora chamei sua atenção.

— Continue — incita. — Conte-me, Miriam, sobre todo o resto. — Não continuo.

— Por que não a fodo até cansar e me deleito na sua boceta e a mantenho acorrentada à minha cama como um marido digno? — termina por mim.

Acorrentada na cama como um marido digno?

Olho para ele.

— Quem *diabos* o educou a respeito de casamentos?

Sério, que *porra* é essa?

Esqueça Deus. Esse cara tem que ser um demônio.

Guerra dá uma olhada para o meu rosto e ri.

— Não é o que maridos dignos fazem?

Não faço ideia se está mesmo brincando.

Puta merda.

— Quem disse que já não sou casada? — Eu não sei porquê digo isso. Com certeza não é verdade.

Por um instante, Guerra não reage. Depois, com a maior calma, olha para mim.

— É? — pergunta baixo. — Você tem um marido, Miriam?

A voz, aqueles olhos assustadores… faz minha coluna arrepiar, e me lembro outra vez que não é um homem; Guerra é algum tipo de criatura preternatural que mata sem remorso.

— Não. — Não poderia mentir sob aquele olhar mesmo se quisesse. Guerra assente.

— Isso é fortuito para você… e para ele. — Outro arrepio.

De repente, não tenho dúvidas de que, se fosse casada, este cavaleiro não pensaria duas vezes em acabar com isso. O pensamento me faz oscilar instável na sela.

Guerra *definitivamente* é um demônio.

Passamos alguns momentos em silêncio, depois, enquanto observa nossos arredores, Guerra pergunta:

— Você tem família?

— *Tinha*. — Preciso forçar para a palavra sair. — Mas você já sabia disso, não é? — O cavaleiro esteve dentro do meu apartamento – ou ao menos presumo que tenha sido ele quem foi buscar minhas ferramentas. Teria visto as fotos dos meus pais e as fotos de infância minha e da minha irmã.

— O que aconteceu? — pergunta.

Você aconteceu, *seu babaca maluco*.

Olho para a pulseira de hamsá que uso. Não é nada além de um único berloque de metal em um cordão de couro – o fio vermelho que o circundava há muito se partiu. Mas aquele simples berloque de metal foi o último presente que meu pai me deu.

Para me proteger.

— Meu pai morreu no dia em que você e os outros cavaleiros chegaram. Ele estava atravessando a rua, a caminho da Universidade depois de almoçar com outro professor. O ônibus atingiu ele e o colega, nenhum dos dois sobreviveu. Minha mãe e irmã…

O barulho dos tiros era ensurdecedor. *Nós três fomos afugentadas da cidade com nada mais do que uma mochila cada uma*. *Éramos as sortudas*. *Mas depois, o barco, aquele barco sinistro*…

— A guerra na Nova Palestina existe desde bem antes de você aparecer. — Pelo tempo que as pessoas viveram neste canto do mundo, teve guerra. — Estávamos escapando…

Posso sentir os olhos do cavaleiro em mim, esperando para que termine, mas não posso falar sobre o resto. A perda delas é mais recente.

Balanço a cabeça.

— Também se foram.

* * *

Cavalgamos para oeste, para longe de Jerusalém, em uma estrada solitária. É surpreendentemente silencioso, como se a própria terra não tivesse palavras para o que aconteceu com esta terra.

Olho por cima do ombro, procurando algum sinal da horda viajando atrás de nós, mas pelos últimos vinte minutos, não vi sinal deles.

— Estão lá atrás — Guerra afirma.

Não sei se está me tranquilizando ou me avisando – talvez os dois.

— Como você consegue que o sigam? — pergunto. — Não só agora, mas na batalha?

Um pequeno voto de lealdade não pode ser o bastante para ganhar a devoção de um exército, ainda mais depois das atrocidades que todos testemunhamos.

— Eu não *consigo* que façam nada — o cavaleiro responde. — Minha tarefa não é ganhar a lealdade deles, é julgar seus corações.

Aquela resposta soa tão… bíblica. Bíblica e preocupante.

— E o meu coração? — pergunto. — Você o julgou?

Guerra olha para mim por um segundo antes de falar baixo:

— Seu coração, em grande parte, é um enigma para mim. Mas logo descobriremos a verdade.

CAPÍTULO 8

Não encontramos nenhuma alma viva enquanto cavalgamos pela estrada da montanha, e depois de um tempo, a ausência de pessoas se torna preocupante.

Minha pele formiga.

Estão todos mortos? E se sim, *como*?

Como Guerra e alguns milhares de soldados, no máximo, eliminaram uma *região* inteira? Não apenas cidades, mas tudo entre elas também? Algo nisso não faz sentido.

Olho para o cavaleiro, e sua calma só me desconcerta mais. Nada disso o incomoda. *Deveria incomodar.*

Não é humano, eu me lembro.

E seja lá qual a besta que Guerra é de verdade, tenho o prazer de ser seu brinquedinho, por enquanto.

Você vai superar isso, *Miriam*, *assim como superou todo o resto.*

O problema é que, pela primeira vez em muito tempo, não acho que apenas superar será o suficiente.

Não sei *o que é* suficiente.

Ainda não.

Passamos pelos destroços queimados de uma grande estrutura que poderia ter sido uma mesquita ou um templo judaico.

Ouvi falar dos horrores que aconteceram em algumas outras regiões da Nova Palestina durante a Guerra Civil, mas esta é a primeira vez que vejo evidências disso fora da cidade de Jerusalém. Ninguém, e nenhuma religião, foi poupado.

Aquela foi minha primeira lição sobre guerra: todos perdem, até mesmo os vitoriosos.

Uma montanha leva para outra, que leva para outra.

É lindo e tal, mas…

— Para onde estamos indo? — pergunto para Guerra.

— Para o oceano.

O oceano. Meu coração acelera.

Tem água e fogo e… e… e Deus a dor – a dor, *a dor*, *a dor*. *A força dela quase me tira o fôlego*. Não vejo o oceano há sete anos.

Guerra olha para mim.

— Está tudo bem?

Assinto um pouco rápido demais.

— Estou bem.

Ele olha para mim por mais um segundo, depois se vira para frente outra vez.

— Ao longo da existência humana, sua espécie criou centenas de milhares de palavras para tudo imaginável, ainda assim, de alguma maneira, nenhum de vocês descobriu como falar o que pensa.

— Estou *bem*. — De jeito nenhum vou compartilhar meus pensamentos verdadeiros a respeito do oceano.

No céu, a força total do sol do meio-dia está fritando minha pele. Meu rosto parece tenso, e posso ver a cor avermelhada dos meus antebraços.

Também estou suando como um porco.

Olho para o cavaleiro, observando a armadura vinho que usa sobre a roupa.

— Não está com calor? — pergunto, mudando de assunto.

Se fosse ele, estaria *miserável* para caramba.

Todo aquele couro retém o calor. Se fosse ele, estaria banhada em suor. Entretanto, é irritante como ele parece impassível.

— Minha esposa está preocupada com meu bem-estar?

Foco o olhar em um curral de cavalos à frente.

— Esqueci… você está acostumado com temperaturas maiores — falo. — Ouvi dizer que o inferno é *particularmente* quente nesta época do ano.

Posso sentir o peso do olhar do cavaleiro.

— Acha que sou um demônio? — pergunta cético.

— Não eliminei a possibilidade… — Minhas palavras desaparecem enquanto aperto um pouco os olhos para outra estrutura à nossa frente.

Nos últimos tempos, é comum encontrar novos estábulos, pousadas e entrepostos espalhados pelas rodovias. São os tipos de lugares em que se pode parar para descansar e reabastecer. Parece que estamos nos aproximando de um lugar desses.

Mas conforme nos aproximamos, algo parece… *errado*.

Pássaros circulam acima e devem ter mais no chão, porque posso ouvi-los chamar um pelo outro.

Encaro os pássaros. Apesar do calor, um arrepio percorre minha pele.

Não é até passarmos o entreposto e o curral abandonados que vejo *o que* chamou a atenção dos pássaros.

Perto de uma dúzia de pássaros – águias, urubus, corvos – todos se aglomeram e lutam sobre *algo* imóvel no chão.

Alguns momentos depois, meu cérebro registra que o negócio no chão é um ser humano.

Olho. Olho e continuo olhando, e aí paro o cavalo e desmonto.

Os pássaros alçam voo conforme me aproximo do corpo. Uso o canto da camisa para cobrir a boca ao olhar para o cadáver. Não posso compreender o que vejo, e nem tento. O individuo está morto. É o que importa. Qualquer outra coisa é alimento de pesadelos. A uma curta distância, tem uma pilha de ossos descoloridos, a boca sorridente do crânio manchada de sangue.

Franzo a sobrancelha. Isso parece menos com assassinato em massa e mais como um ritual de sacrifício.

— Miriam.

Eu me viro e olho para Guerra. Ele não desmontou. Na mão, segura as rédeas de Thunder.

— Você matou até aqui? — pergunto. Parece excessivo. Estamos no meio do nada. Isso não é um bastião da humanidade; não pode ter mais do que um punhado de pessoas que moram nesta determinada região de colinas.

— Mato todos — Guerra responde calmo.

Todos menos eu.

Olho para o corpo mais uma vez, o corpo que uma vez foi uma pessoa com esperanças e sonhos e amigos e família.

— Monte no cavalo, Miriam — Guerra diz, impassível com nossos arredores. — Temos um longo caminho para percorrer.

Não é pessoal. Posso ver que não. Nada do sofrimento que Guerra está infligindo é pessoal.

Meu olhar volta para o cadáver.

Só que *é* pessoal.

Encaro tudo isso de forma muito, *muito* pessoal.

Não quero voltar para aquele cavalo e não quero cavalgar ao lado do cavaleiro. Não quero passar por mais currais com corpos frescos.

O cavaleiro semicerra os olhos, como se pudesse ouvir meus pensamentos.

Seja corajosa, *Miriam*.

Eu me forço a dar o primeiro passo para a frente. O segundo vem mais fácil. Dou mais um passo, e mais um e outro, até pegar as rédeas das mãos de Guerra e encarar seus olhos cruéis ao subir no cavalo.

Ele não tenta dar nenhuma explicação, e não compartilho meus pensamentos. Eu monto, e voltamos a cavalgar. Isso é tudo.

* * *

Até o sol se pôr, passamos por mais cadáveres e pássaros os circulando do que ouso admitir. Está claro que aquelas invasões realizadas por Guerra foram mais do que bem-sucedidas.

Não sobrou ninguém.

Franzo o cenho com o pensamento, o movimento repuxando minha pele seca. Depois de um dia cavalgando, meu rosto está mais do que um pouco queimado. Começo a me sentir febril e a pele exposta está sensível ao toque. Não tem muito que possa fazer a respeito no momento. Não tenho um chapéu ou lenço para proteger a pele.

O Cavaleiro olha para mim e faz uma careta.

— Não parece bem, esposa.

— Não me sinto muito bem — admito.

Ele xinga baixo.

— Vamos parar pela noite.

Olho atrás de mim para a estrada vazia.

— E o resto do seu exército?

— Vão ficar bem. Não vamos acampar com eles — fala.

— Não… vamos? — Isso demora um minuto para cair a ficha.

Meu olhar volta para o sol poente.

Ah, meu Deus.

Uma coisa é cavalgar sozinha com Guerra, outra é passar a noite ao lado dele e *só* dele. E agora que fui lembrada do que pode fazer, estou mais nervosa ainda.

Uns cem metros adiante tem uma bomba de água, bacia e uma pilha de feno. Paramos tempo o suficiente para Thunder saciar a sede na bacia e comer um pouco do feno antes de Guerra nos levar para baixo em uma das encostas da colina.

Guerra desmonta do corcel com fluidez, pegando as rédeas do cavalo.

Com cuidado, deslizo de Thunder, fazendo uma careta conforme meus músculos da coxa ardem em protesto. *Pelas bolas de Deus, isso dói*.

Dou um passo instável, depois outro, fazendo caras e bocas com todas as dores e doloridos. Não são apenas minhas pernas. Minha pele parece quente demais, meu estômago está embrulhado, e estou um pouco tonta.

— Não me sinto muito bem — repito. Talvez tenha sido a carne de sol que alguém embalou para mim; talvez a água que bebi mais cedo estivesse contaminada.

Ou talvez isso seja insolação.

Cambaleio um pouco, depois me sento com tudo.

Não escuto Guerra se aproximar – o filho da puta é silencioso –, mas ele se agacha na minha frente, a testa um pouco franzida. Acho que é o máximo de preocupação que o estoico Guerra demonstra. Ele estica o braço.

— Se me tocar, vou te cortar com sua própria lâmina — falo.

Guerra segura meu rosto mesmo assim. É um tremendo *filho da puta.*

Vou pegar a adaga, mas minha mão mal segura o punhal quando a mão livre de Guerra se fecha sobre a minha. Ele tira a arma da minha mão e joga para o lado.

— Miriam, deixe a luta para o campo de batalha.

— Ah, quanta ironia.

Os olhos dele encontram os meus e perco o fôlego. Deus, ele é irritantemente atraente. E quanto mais tempo o encaro, mais noto cada detalhe inconveniente que assim o fazem – como o volume dos seus lábios e suas írises de olho de tigre, e as maçãs do rosto definidas e altas que o fazem parecer exótico.

— Deveria ter dito algo sobre a insolação — fala.

— Não achei que se importaria.

Ele me estuda.

— Eu me importo.

— Por quê? — digo.

— Falamos disso — responde.

Porque sou esposa dele, é o que quer dizer.

Nos encaramos mais um pouco.

Depois de um minuto, respiro fundo e desvio o olhar.

— Eu me sinto melhor.

De verdade. Agora que me sentei, não me sinto mais tão febril, e juro que minha pele não lateja tanto quanto há alguns minutos.

Agora que tive tempo o suficiente para me orientar, quero que o cavaleiro pare de me tocar. Algumas palavras gentis, um toque carinhoso e vou começar a acreditar que não é uma cria hedionda do demônio.

Guerra abaixa a mão e se levanta, indo para o cavalo, que balança a cabeça conforme o mestre se aproxima.

— Calma, Deimos — fala para o corcel, colocando uma mão no pelo vermelho-escuro da besta.

Deimos? Ele deu um nome para o cavalo?

Procura nos alforjes, tirando água e comida. O cavaleiro volta até mim e me entrega os itens.

Eu os pego e dou um pequeno sorriso para Guerra. Seus olhos se demoram na minha boca por um segundo, depois se afasta para cuidar dos cavalos – ou talvez para descarregar.

Eu o observo. Ele tem sido estranhamente gentil comigo hoje, e preciso me lembrar que o vi matar várias, várias pessoas – e que quase fui uma delas. Não posso deixar que sua preocupação e alguns toques carinhosos me façam esquecer isso.

— Você sente alguma coisa? — grito para ele. — Quando mata? — Está na hora do meu lembrete de que Guerra é um cara mau.

Ele para, as costas viradas para mim.

— Sim.

Espero que diga mais. O silêncio se alonga.

— Sinto sede de sangue e excitação, e uma profunda satisfação de um trabalho bem-feito — o cavaleiro diz como se estivesse falando sobre algo mundano, tipo o clima, e não o massacre generalizado de inocentes.

Ele se vira para me encarar.

— Sou seu e você é minha, Miriam… — Estremeço com estas palavras. — Mas não sou como você, e *nunca* deveria se esquecer disso.

CAPÍTULO 9

As estrelas brilham sobre nós enquanto Guerra organiza nossos paletes. Um é apenas um tapete e um cobertor fino, mas o que está montando agora esbanja cobertores.

Qual é o dele, e qual é o meu? Eu meio que odeio o fato de que os fez tão claramente desiguais. Se escolher o palete mais confortável, vou saber que além de depravado, o cavaleiro é um babaca. Mas se me der aquele…

Eu me contorço, um pouco desconfortável com a possibilidade. Não gosto de bondade excessiva; me faz sentir como se devesse alguma coisa em troca. E não quero que Guerra pense que devo a ele.

Pelo menos fez duas camas, para começar. Acho que deveria estar grata de não precisar compartilhar uma com ele.

Depois que o cavaleiro termina, ele se aproxima de onde me sento perto da fogueira que acendemos há um tempo. Ele solta a armadura peça por peça, colocando-as de lado. Tem algo muito confiante e sem pressa nos movimentos, como se o mundo e tudo nele o esperassem.

Não sou como você.

Eu o observo um pouco, tentando não focar no fato de que, sob toda aquela armadura, tem um corpo muito, muito imoral.

— Sua cama é a com os cobertores — fala, tirando o peitoral de couro.

Maldição. Agora com certeza vou sentir como se devesse algo a ele.

— Suas acomodações parecem um pouco duras — afirmo, acenando para o palete.

Guerra tira o resto da armadura.

— Não seria um marido digno se não pudesse deixar minha esposa confortável. — Ele e o negócio do *marido digno*.

Olho em volta.

— Onde estão as correntes com as quais deveria me prender?

Quase certeza de que estavam na lista de coisas que um marido digno deveria ter.

— Embaladas com o resto da minha tenda, infelizmente. — Guerra responde com tanta calma que acho que pode não estar brincando… até um sorriso maroto tomar seu rosto.

— Fica para a próxima, então — afirmo.

— Vou cobrar, esposa.

Nós dois nos damos bem quando quero. Que perturbador…

Guerra remove a camisa, as marcas brilhando na noite soltam uma luminosidade vermelha estranha.

Com certeza um demônio.

— Mais cedo — ele começa —, você queria saber por que não falo a língua dos homens quando posso fazê-lo.

Eu o perguntei sobre isso quando invadiu minha barraca há várias noites; ainda estou curiosa a respeito, ainda mais, já que pode falar perfeito hebraico comigo.

— Falo todos os idiomas que existiram. Até mesmo os que não foram registrados e há muito desapareceram da memória mortal, mas não da minha. Nunca da minha. — Guerra fica em silêncio por mais um segundo. — O que as pessoas não entendem as assusta.

Quantas vezes vi prova desse medo?... Ao menos algumas dúzias. E agora Guerra transformou esse terror em arma.

— Então falo idiomas mortos e deixo os humanos compreenderem o que querem — Guerra conclui.

— Mas você nem sempre fala nesses outros idiomas — afirmo. Várias vezes, ele falou em hebraico ou arábico comigo e com os cavaleiros.

— Não. Tem horas que me serve bem ser compreendido.

— E quando fala em idiomas mortos — pergunto —, por que ainda posso compreendê-lo?

Guerra me dá um olhar paciente.

— Eu falei, você é minha esposa. Vai conhecer a mim e ao meu coração, quer queira ou não.

Desconforto toma conta do meu âmago.

De novo, ele fala com tanta certeza que me pergunto…

Mas não. Eu me recuso a acreditar que deveria ficar com este monstro.

— O que você quer de mim? — questiono, cutucando um pedregulho com o pé.

Sinto, mas não vejo, os olhos de Guerra percorrerem meu rosto.

— Não é óbvio?

Meu olhar encontra o dele.

— Não. — *Não é.*

Pelas histórias que ouvi, este homem pegou o equivalente a uma cidade de mulheres – uma *grande* cidade – e, ainda assim, não fez mais do que tocar minha bochecha e me reivindicar como sua esposa.

— Você gostaria que contasse, então? — pergunta, a voz traiçoeiramente calma.

Meu coração acelera.

— Sim.

— Quero que se renda.

Um minuto de silêncio se passa.

Não faço ideia do que isso *significa*, mas noto que me acorrentar em uma cama e se deleitar na minha boceta não foram mencionados. Vergonha. Sob as circunstâncias certas (ou seja, muita e muita bebida), eu poderia concordar com isso.

— Me render? — ecoo. — Já o fiz.

— Não fez — insiste.

Está me *zoando!*? Ele me forçou a deixar minha vida para trás porque o aprazia. Se isso não é se render, então não sei o que é.

Quando mais marino os pensamentos, mais indignada fico.

— Conversamos sobre como você é diferente e o quão difícil é ser compreendido, mas não falamos sobre mim — enfim falo. — Não quero você como marido, e não o aceito, e o que seja que seu Deus pensa que quer comigo e com o resto do mundo, vou lutar contra isso com todas as minhas forças. Ah, e não vou ceder *nada* para você, filho da puta.

Guerra solta uma risada maldosa, e a contragosto, eriça os pelos na minha nuca.

— Lute o quanto quiser, esposa. Guerra é o que faço de melhor – e garanto, você não vai vencer.

* * *

O segundo dia de cavalgada é ao mesmo tempo mais e menos miserável do que o primeiro. Mais porque ainda tenho que cavalgar ao lado de Guerra, e menos, porque Thunder só tentou me dar coice uma vez até agora, e isso é uma melhoria em relação as três tentativas de ontem.

Minha insolação terrível também parece muito melhor hoje – a pele só um pouco seca e sensível – e minhas coxas doloridas da sela não doem tanto quanto esperava que fossem doer. Não sei qual bruxaria é responsável por isso, mas não vou reclamar.

Hoje, deixamos as montanhas áridas para trás, nos movendo na direção do terreno mais plano perto da costa. No momento em que as colinas desaparecem, eu me sinto exposta. Morei nas montanhas minha vida inteira. O grande e plano terreno que se abre na minha frente agora é desconhecido e me deixa com muita saudade de casa.

Não vou mesmo voltar. Meu coração contrai um pouco com o pensamento, ao mesmo tempo em que um tipo de animação estranha surge. Durante anos tento economizar dinheiro o suficiente para deixar Jerusalém. E agora, deixei.

Não que esta parte da Palestina seja muito atrativa. Não é nada além de campos e campos de grama amarelada, interrompidos aqui e ali por um trecho de terra lavrada com dificuldade. De vez em quando, passamos por um prédio em ruínas

ou o que parece uma cidade vazia, e talvez ainda tenha pessoas morando aqui. Não parece que Guerra devastou estes lugares, mas é tudo tão quieto.

— As pessoas aqui já estão mortas? — pergunto.

Parece que estão. Tudo está tão parado. Nem o vento sopra, é como se já tivesse abandonado este lugar.

— Ainda não — fala sinistro.

Como é possível para Guerra alongar o alcance tão longe? As cidades que invade, aquelas eu compreendo, mas as casas que salpicam estes lugares esquecidos – como chega nelas?

Não fala mais nada, e fico com uma horrível e crescente preocupação de que ele e os outros cavaleiros sejam mesmos implacáveis.

Mas eles *podem* ser impedidos, certo? Afinal, outro Cavaleiro veio antes de Guerra, e depois de um tempo, desapareceu.

— O que aconteceu com Pestilência? — pergunto.

Medo silencioso tomou conta de Jerusalém depois que a notícia de que um Cavaleiro do Apocalipse estava espalhando a praga na América do Norte. Mas depois de um tempo, rumores surgiram de que Pestilência havia desaparecido. Não sei se alguém acreditou nisso – que ele desapareceu, quero dizer. Já tivéramos sido enganados por esta explicação antes, logo que os Cavaleiros chegaram.

Mas Pestilência não voltara afinal; Guerra chegou no lugar.

— O conquistador foi derrotado — Guerra diz.

— Conquistador? — repito. — Quer dizer Pestilência? — Guerra inclina um pouco a cabeça. — Pensei que vocês fossem todos imortais.

— Não disse que meu irmão estava *morto*.

Semicerro os olhos, estudando o perfil de Guerra. Como um Cavaleiro poderia estar vivo *e* derrotado?

Ele olha para mim.

— Você tem problema nos olhos, esposa. O que estiver pensando, *pare*.

— Me conte sobre ele — peço. — Pestilência.

Guerra fica quieto por um longo tempo. Os olhos cercados por kohl muito vigilantes.

— Você quer saber como Pestilência foi parado?

Claro que sim. Não fazia ideia de que um Cavaleiro *poderia* ser parado. Um segundo depois, as palavras de Guerra registram de verdade.

— Então, ele *foi* parado? — Tento imaginar Pestilência acorrentado e imobilizado, desviado da sua tarefa mortal.

Guerra se afunda mais na sela.

— Temo que seja uma história para outro dia. — As palavras são firmes. — Mas, esposa — acrescenta —, tem algo que deveria saber agora.

Ergo as sobrancelhas. *Ah?*

Guerra me dá um olhar feroz.

— Meu irmão falhou. Eu não vou.

Acho que deveria estar com medo das palavras de Guerra, mas tudo o que posso pensar é que Pestilência *falhou*. Ele falhou no que deveria fazer.

Merda. Os Cavaleiros podem mesmo ser impedidos.

Guerra continua, ignorante dos meus pensamentos.

— Pestilência pode ter sido um conquistador, mas não procuro conquistar, mulher selvagem, procuro *destruir*.

* * *

Está tarde quando, por fim, paramos. Não estamos no oceano, mas pelas poucas palavras que Guerra disse sobre o assunto, esta extensão de terra é onde o exército vai montar acampamento quando chegarem amanhã.

O que significa que só preciso suportar mais uma noite a sós com ele. O pensamento não é tão assustador quanto foi ontem. Além de segurar meu rosto, sequer tentou me tocar.

No entanto, esta noite, Guerra coloca os paletes notavelmente mais próximos um do outro. Perto o suficiente para que estiquemos os braços e seguremos as mãos das nossas respectivas camas – se quiséssemos.

Como ontem, Guerra ainda me dá todos os cobertores, e ainda me sinto culpada. Não deveria me sentir culpada. Passar frio por uma noite é o mínimo que o *filho da puta* merece.

Mas depois que me deito sob os cobertores, a culpa ainda se esgueira. Talvez ainda mais neste momento, porque o ar noturno já está frio.

Não ofereça um cobertor, *Miriam*. *Não faça isso*. *Você oferece esse gesto de paz e abre a porta para algo mais do que companheiros de viagem distantes*.

Mordo a língua até não sentir mais a vontade de compartilhar os cobertores.

Guerra, por outro lado, parece confortável no palete surrado. Está deitado de costas, com as mãos sob a cabeça e as pernas cruzadas nos tornozelos enquanto observa as estrelas. Outra vez, invejo sua tranquilidade. Parece muito confortável aqui, neste pedaço de terra aleatório – mais confortável do que me sinto, e vivi nesta terra um tempo bem maior do que ele.

— Então — falo.

Ele vira a cabeça na minha direção.

— Sim?

Deus, aquela voz grossa. Meu interior se contrai com o som.

— O que estava fazendo antes de invadir cidades? — pergunto.

Guerra olha para as estrelas.

— Dormia.

Humm…

— Onde?

— Aqui, na terra.

A resposta não faz muito sentido para mim, mas até aí, não tem muito sobre ele que faz sentido – bom, até agora, o que aprendi é que ele não pode ser morto, não precisa de comida ou água, e não tem necessidades fisiologicas como o resto de nós.

Repito: o Cavaleiro não caga e não mija.

Estou dizendo, não faz sentido.

A voz de Guerra corta o ar noturno.

— Enquanto dormia, eu sonhei. Podia ouvir tantas vozes. Tantas coisas — murmura.

Estudo seu perfil. Até agora, Guerra foi arrogante, possessivo, eloquente e aterrorizante. Mas esta é a primeira vez que o vejo

assim, cheio de sua estranheza. Uma sensação peculiar toma conta de mim, como se ele estivesse prestes a contar os segredos do universo.

Ele parece voltar a si.

— Mas isso não importa. — Eu o encaro mais um pouco. — Amanhã meu exército vai chegar aqui.

— E as coisas voltarão a ser como antes — afirmo.

Imagino minha pequena barraca. Deveria me sentir aliviada que vou poder colocar um pouco mais de distância entre nós outra vez. Entretanto, meu estômago embrulha. Não percebi como me sentia solitária. Você não foca em coisas como solidão quando está tentando sobreviver, como eu estava fazendo em Jerusalém. Mas eu *havia* me sentido solitária. Eu me senti assim todas as noites enquanto pegava no sono sem minha família e acordava no silêncio.

E depois Guerra invadiu a cidade e parei de tentar sobreviver. Abri os braços para a morte, e foi o cavaleiro que me manteve longe daquele destino.

— As coisas não precisam voltar a se como eram, esposa. — *Esposa*.

O cavaleiro sabe muito bem como me provocar. Eu não *quero* estar com ele, mas agora me lembrei como é estar com alguém. Ter conversas honestas e abertas. Minha garganta se move.

— Devem voltar.

CAPÍTULO 10

Acordo nos braços de Guerra.

Sei disso antes de abrir os olhos – antes de terminar de acordar. Estou quente demais, e posso sentir seus membros pesados sobre mim enquanto me deito de lado. Ainda assim, quando abro os olhos, não estou preparada para a realidade.

Meu rosto está quase afundado em seu peito nu. Afasto um pouco a cabeça. Perto assim dele, tudo o que posso ver é o brilho carmesim das marcas e excesso de pele morena.

Como isso aconteceu?

Olho para baixo entre nós e – *maldição!*, estamos no palete dele, não no meu, o que significa que *eu* me arrastei até *ele* em algum momento da noite, sacrificando meus cobertores pelo seu tapete fino e músculos bombados.

Meu olhar desliza para cima, pelo pescoço, para o que posso ver do seu rosto.

Ao dormir, Guerra parece angelical – ou, mais apropriado, angelicamente demoníaco. Todas as feições definidas ficam um pouco embotadas. Parece quase… em paz. A mandíbula não está tensa, os lábios parecem um pouco mais convidativos, e agora que não posso ver seus olhos afiados como adaga, não é tão intimidador.

Eu o observo por algum tempo antes de cair em mim.

Pare de secar um Cavaleiro do Apocalipse, *Miriam*.

Também preciso sair de baixo dele, agora. A última coisa que quero é que ele também acorde desse jeito.

A perna de Guerra está em cima da minha, e o braço sobre minha cintura, me abraçando contra ele. Com um pouco de esforço, consigo tirar uma perna, depois a outra. Quando chego no braço, tento empurrá-lo para longe – *tento* sendo a palavra-chave.

Meu Deus, o braço dele pesa cinco bilhões de quilos, e não está me soltando.

Eu me contorço um pouco com o esforço. *Este ogro*.

— Esposa.

Respiro fundo, encarando seu peito. Isso é bem o que eu não queria.

Devagar, meus olhos encontram os de Guerra. Está tão perto que posso ver os flocos de ouro neles. Tem a alusão de um sorriso nos seus lábios e uma expressão de profunda satisfação.

— Isso é tudo culpa sua — falo.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Ah é?

O cavaleiro não perde tempo falando que estamos na sua cama fina. Também não se importa em tirar o braço de onde está, sobre mim. No lugar, sua mão desliza das minhas costas para minhas costelas, se acomodando no vale da minha cintura. Dá para ver que está mapeando o contorno do meu corpo. Deve gostar do que está descobrindo, porque parece irritantemente contente.

Seus olhos são como mel quando diz:

— Fique comigo, Miriam. — A mão flexiona no meu lado. — Durma na minha tenda. Faça suas armas. Discuta comigo.

Procuro seu rosto. Se soubesse como suas palavras soam tentadoras para uma garota solitária como eu... E ele pede assim, quando estou me sentindo culpada por deleitar-me em seus braços. Toque é um luxo que passei muito tempo sem possuir.

Mas é o que é – um luxo. Um que não posso me permitir, ainda mais com esta criatura.

— Não — falo. Agora que Guerra está acordado, voltou a parecer feroz. Vai ser mais fácil negá-lo. — Vou aceitar e deixar que me chame de esposa, mas *nunca* vou escolhê-lo por vontade própria.

A mão de Guerra aperta minha cintura. Ele me traz para perto.

— Quer saber uma verdade, Miriam? Humanos fazem declarações como esta o tempo todo. Mas suas promessas são frágeis e ruem com o tempo. Não temo a sua, mas deveria temer a minha, pois digo isto: você é minha esposa, vai se render a mim e vai ser minha em todos os sentidos da palavra antes que eu destrua este mundo.

* * *

As coisas voltaram ao jeito que eram.

Guerra está na barraca dele, eu na minha, e agora cinco mil pessoas nos separam.

Não nos falamos desde que o exército do cavaleiro chegou ontem. Ele foi tomado por conversas com os cavaleiros fobos, sem

dúvida formando estratégias quanto a melhor maneira de destruir a próxima cidade que está na sua mira.

Quanto ao resto de nós, estamos nos acomodando neste lugar como se fosse um novo par de sapatos. No meu caso, um par que não serve nada bem. Mas acho que é um problema individual a esta altura.

Minha barraca e minhas coisas foram devolvidas ontem, junto com o romance surrado e o jogo de café que herdei da última pobre alma que morou aqui.

Até minha madeira foi devolvida. Minha *madeira*. Pensei, com certeza, que fosse desaparecer.

Passo as mãos por um galho. Estive evitando fazer armas, mas o comichão de criar voltou aos meus dedos.

Pego a sacola de pano que Guerra me deu há vários dias. Sem cerimônia, eu a viro e esvazio.

Vasculho pelas minhas ferramentas, procurando uma para tirar a casca. Conforme faço isso, minha mão roça contra algo que não pertence aquele local. Parando a busca, afasto as ferramentas e descubro uma moldura de metal familiar.

Nela está uma foto da minha mãe, meu pai, minha irmã e eu.

Um pequeno som escapa da minha boca.

Pegando a foto, eu a ergo em reverência. *Ali está minha família*. Minha garganta se move conforme passo o polegar sobre o rosto de covinhas da minha irmã. Ela e minha mãe são mais jovens aqui do que me lembro – assim como eu. Mas esta é a última foto de família de todos nós *quatro*. Nela, minha mãe está viva, meu pai está vivo, minha irmã está viva, e estou sentada entre todos eles.

Recuperar isso é como receber um pedaço meu de volta. Sem ela, poderia esquecer o rosto deles.

Não percebo que estou chorando até uma gota de água bater no vidro.

Por que Guerra embalaria isso? Foi um acidente? Ele não parece ser o tipo sentimental. Ou era para ter sido cruel? Se era isso, errou feio.

Do lado de fora da minha barraca, escuto o barulho rítmico de um tambor – uma, duas, três vezes. Comecei a compreender os barulhos bem o suficiente para distinguir batidos de execução de batidos de celebração ou batalha. Este antecipa algum tipo de anúncio.

Respiro fundo, depois, com cuidado, coloco minha foto de família de lado e deixo a barraca. Seguindo a multidão crescente de pessoas, vou para o centro do acampamento.

A disposição aqui é igual ao último, então sei exatamente para onde ir; o local pode mudar, mas os espaços, não.

Guerra já está pronto na clareira com os cavaleiros, parado em um palanque improvisado para que possa ser visto. Perco o fôlego ao vê-lo. Não sei o que sinto, só sei que sinto *algo* quando olho para ele.

Ele recuperou a foto da minha família. Isso não pode ter sido nada além de intencional. Quero agradecê-lo, mas a distância entre nós e o olhar temível em seu rosto o fazem parecer mais distante de mim do que nunca.

Quando a maior parte do acampamento chegou, Guerra dá um passo a frente e a multidão silencia. Ele nos dá um olhar demorado, depois abre a boca e fala naquele seu idioma gutural.

— *Etso*, *peo aduno vle vegki*. — Os pelos nos meus braços eriçam. — *Amanhã*, *vamos para a batalha*.

CAPÍTULO 11

Eu me sento dentro da minha barraca, virando a adaga de Guerra nas mãos sem parar.

Sobreviver não é o bastante.

Um dia foi, logo minhas regras para sobreviver ao apocalipse. Mas agora o jogo não é mais sobre sobrevivência. Não pode ser. É sobre permanecer decente durante o verdadeiro final do mundo.

Guerra quer que lutemos – bom, para ser justa, ele não dá a mínima se *eu* luto; deixou isso claro no dia em que me sequestrou. Mas a maior parte dos ocupantes do acampamento supostamente *devem* ir para a batalha e matar, assim como sua família e seus amigos foram mortos. Não sei como tantas pessoas aqui podem aguentar isso, mas eu não posso. Não posso ficar parada enquanto inocentes são massacrados.

Olho para onde coloquei a foto da minha família.

Minhas mãos ficam imóveis.

E se passasse todo o meu tempo em batalha matando este exército ímpio?

Matar é algo horrível e bagunçado. E matar o exército de Guerra é como uma sentença de morte – se eu for pega fazendo isso. Minha ideia não é muito boa ou inteligente.

Mas também sei que não posso apenas ficar sentada vendo o mundo ruir.

As abas da minha barraca se abrem, e um cavaleiro fobos entra.

— O Senhor da Guerra quer vê-la. — Minha barriga se contrai.

Guardando a adaga, sigo o cavaleiro para fora da seção das mulheres, nós dois caminhando em direção a tenda do cavaleiro.

Conforme nos movemos pelo acampamento, noto que as armas foram expostas, e as pessoas as estão escolhendo, descobrindo as que servem melhor. Vejo até mesmo uma criança escolhendo uma adaga. Estremeço com a visão.

Entre o punhado de pessoas, vejo o homem da primeira noite que segurou a virilha e apontou para mim. Ele conversa com alguns outros homens, mas seus olhos me seguem conforme passo. O pegador de virilha passa a língua no lábio inferior enquanto me observa.

Não me esqueceu, o que não é bom.

Esta é uma das razões para a Regra Três – evitar ser notada – ter entrado na lista de regras para continuar viva. Quando as pessoas nos notam, com frequência é pelos motivos errados. Bonita demais, rica demais, vulnerável demais, machucada demais, doente demais, estúpida demais. Você pode se tornar presa fácil para a pessoa errada.

Franzo o cenho para o homem e sigo em frente.

Quando a tenda de Guerra aparece, meu coração começa a acelerar.

Esta é a primeira vez que nós dois vamos conversar desde que viajamos juntos, e minhas emoções estão em conflito. O Guerra

com quem cavalguei era uma pessoa meio normal. O Guerra que cuida deste acampamento é um ser temível e sem consciência.

E a verdade é que nem mesmo *sei* o alcance completo do seu poder e crueldade, só que é capaz de devastar cidades inteiras.

Quanto da Nova Palestina se foi? A propósito, quanto das terras a leste da Nova Palestina se foi?

Náusea embrulha meu estômago. É com este homem que estou lidando.

Um cavaleiro que já matou incontáveis pessoas. Um cavaleiro que *gosta* da carnificina.

Assim que chegamos perto da abertura da tenda, o cavaleiro fobos dá um passo para o lado, me deixando entrar sozinha.

Dentro, Guerra está sentado em uma cadeira, os dedos unidos e pressionados contra a boca.

Quando me vê, no entanto, seus olhos ganham vida. Meu coração galopa um pouco com a visão.

De medo, não de lisonja. Pelo menos, é o que digo para mim.

O cavaleiro se levanta e vem até mim, e é tão intimidante quanto nunca. Ele estende o braço para me tocar, mas me afasto antes que possa.

As coisas são diferentes agora.

Guerra faz uma careta.

— Dormiu em meus braços há apenas dois dias, e agora não pode suportar meu toque?

Se não o conhecesse, diria que o Cavaleiro soara um pouco magoado.

— Eu não *quis* dormir ao seu lado — falo.

— Não mesmo? — retruca. — Eu deixei sua cama o mais confortável que pude, e ainda assim você se aproximou.

— Pare de reescrever o que aconteceu — ralho.

Dá um passo para mais perto.

— Ah, estou?

— Não dormiria com você conscientemente — afirmo. — Não enquanto está massacrando minha espécie.

— Estou fazendo o que preciso, assim como você — fala. — Pode me culpar por isso?

— *Sim.* — Com certeza posso.

— Se você soubesse o que está do outro lado da morte — declara —, saberia que não é nada a se temer.

— E a dor? — acrescento.

— O que tem?

— Se não se importa com o fato de nos matar, e a dor que está nos causando?

— Sua espécie só irá senti-la por pouco tempo.

Eu o encaro. Ele não entende. Dor é dor, e morte é o fim – talvez sigamos existindo de alguma outra maneira, mas *é um* fim. Nossos corpos morrem, e todas as esperanças e todos os sonhos terrenos morrem também. Está deixando de lado o fato que tem valor na vida.

Dou um passo para trás.

— Por que me chamou para sua tenda?

— A luta amanhã não é para você — ordena. — Você deve ficar aqui, na minha tenda. Vai ter tudo o que possa precisar.

Ah, então ele está feliz de matar as pessoas, mas quando diz respeito a mim, não quer que eu seja tocada por sua violência.

Sobreviver já não é mais o bastante.

— E se eu quiser ir junto?

Os olhos de Guerra semicerram. Ele olha para mim por um longo segundo, e tenho que lutar contra o desejo de me mover.

— Que tipo de travessura está tramando? — pergunta.

— Por que está tão preocupado? — retruco na defensiva. — O que eu poderia fazer?

— Poderia morrer.

— Se está tão confiante de que Deus me enviou para você, então com certeza sabe que Ele vai me poupar… ou você está incerto?

A boca do cavaleiro se curva.

— Desafiar-me não vai levá-la a nada, esposa.

— Me deixe ir. — *Para que eu possa matar todos os seus assassinos leais.*

Quando não responde, meu olhar vai para seus lábios.

Tem outras maneiras de convencer o cavaleiro...

Adrenalina atinge minha corrente sanguínea com o mero pensamento. Sei que o cavaleiro quer me beijar. Ele quer isso e, sem dúvidas, mais.

— Por favor — insisto, tentando outra vez convencê-lo com minhas palavras. — É apropriado que — Hesito com as próximas palavras —, sua *esposa* esteja lá, lutando ao seu lado.

Ele me observa, mas juro que parece um pouco convencido. Os olhos desviam para meus lábios, olhando para minha boca do mesmo jeito que eu estava olhando para a dele há alguns segundos.

A vitória está ao meu alcance; tudo o que preciso fazer é...

Antes que possa pensar duas vezes nisso, envolvo a nuca de Guerra com a mão, meus dedos roçando no cabelo escuro e ondulado. Estava certa de que pareceria áspero, como o resto dele, mas é macio. Tão macio...

Os olhos de Guerra, de maneira quase imperceptível, se arregalam com meu toque.

Ficando na ponta dos pés, pressiono os lábios contra os dele. O beijo acaba antes de mal começar – não sei nem se algo tão breve possa ser *chamado* de beijo. Ainda assim, o Cavaleiro parece estupefato com o acontecimento. Estupefato e faminto.

Minha mão desliza do seu pescoço e meus calcanhares tocam no chão.

— Você vai ganhar outro se concordar em me deixar lutar.

Os olhos de Guerra estão cheios de desejo enquanto me estuda.

— Sabia que você seria um problema. — Ele desvia o olhar e passa uma mão no queixo. — Isso me deixa *duas* vezes mais relutante em deixá-la ir amanhã. Ainda assim…

Ele se vira para mim, uma expressão feroz nas suas feições.

— *Paruv Eziel ratowejiwa we*, *pei auwep ror*. — *As mãos de Deus a protegem*, *mas as minhas não podem*.

Meu corpo todo estremece conforme sorvo as palavras, meus joelhos enfraquecem com o som delas. O efeito permanece por vários segundos antes de se dissipar.

— O que foi isso? — falo, esfregando o braço.

— Angélico… meu idioma nativo. — Ele me dá um olhar intenso. — Amanhã não vou poder protegê-la na batalha. Vai precisar se manter segura.

Puta merda, ele vai aceitar mesmo? Apenas minutos atrás ele parecia convencido de que deveria ficar de fora da briga. Quem diria que um pouco de bajulação e um beijinho de nada poderiam mudar toda aquela decisão friamente calculada?

— Isso é um sim?

Ao invés de me responder, Guerra me puxa, erguendo meu rosto. Antes que tenha plena consciência do que está fazendo, sua boca está de volta na minha.

O beijo não é nada como o que eu dei. Sei disso no momento em que nossos lábios se encontram. Este beijo é puro desejo e me expõe por completo. Não fui beijada de verdade em mais de um ano, e mesmo aquela experiência não chega aos pés desta.

Os lábios de Guerra queimam nos meus enquanto me abraça forte.

Meus joelhos já estavam fracos com as palavras em angélico, mas agora cedem por completo, e é apenas seu abraço que me mantém de pé.

O cavaleiro sorri na minha boca, mais do que ciente do seu efeito sobre mim.

Seu desejo está incitando o meu.

Retribuo o beijo – acho que não poderia fazer nada *além* de beijá-lo neste momento.

Vou pagar por isso mais tarde… mas agora não dou a mínima. Me esqueci por completo do que é ter autocontrole.

Guerra abre meus lábios com os dele e, de repente, sua língua está pressionada na minha. Seu corpo se parece com pecado, mas seu sabor é divino.

Minhas mãos voltam para aquele cabelo macio, e meu núcleo está em chamas. Se isso é o que seu beijo faz comigo, não posso imaginar a sensação de todo o resto.

Não sei quem termina o beijo, mas enfim nossos lábios se afastam.

Cambaleio para longe dos braços de Guerra. Agora sou eu que estou atordoada. Encaro sua boca.

Meu Deus, *nunca* quis tanto alguém de quem não gosto. Mas por outro lado, tem outra faceta de Guerra que estou começando a ver – o Senhor da Guerra implacável e apaixonado.

Guerra está ofegante, aquele corpo impressionante arfando com a ação. Pensei que pudesse me dar um dos seus sorrisos zombeteiros; ele sabe bem o que fez comigo. Entretanto, ele dá um passo na minha direção, a expressão determinada, sem dúvida pronto para retomar o beijo.

Dou um passo hesitante para trás.

— Não posso.

A resposta correta deveria ter sido *não*, mas a verdade é que quero beijar o Cavaleiro. É vergonhoso o *quanto quero* isso.

Seu olhar está fixo nos meus lábios.

— Por quê — fala. Não chega a ser uma pergunta.

Respiro fundo, abatendo meu desejo. Um dia minha vagina pode fazer um motim e usurpar meu cérebro –, mas este dia não será hoje.

Meu olhar encontra o de Guerra.

— Porque amanhã você ainda vai cavalgar com o exército, e vai partir meu coração.

CAPÍTULO 12

Nos reunimos antes do amanhecer.

É um processo silencioso e sombrio. Gostaria de pensar que os soldados ao meu redor estão tão atormentados com o pensamento de matar inocentes quanto eu, mas não sei.

Sou uma de algumas centenas que recebeu um cavalo. O resto do exército está saindo a pé – bom, exceto os poucos homens e mulheres que estão nas carroças gigantes que vão levar para a cidade, carroças que uma hora vão retornar para o acampamento cheias de coisas roubadas.

Os soldados me fazem esperar afastada da procissão do exército, assim como da última vez que deixei o acampamento, e, como da última vez, escuto o latejar de cascos do cavalo de Guerra cortar o ar do início da manhã. Guerra cavalga para longe da escuridão, a luz das tochas o fazendo parecer bem ameaçador.

Encaro seu cavalo vermelho-sangue. Deimos, foi como chamou a criatura.

Guerra para quando me alcança.

— Mantenha-se em segurança — fala, a voz mais séria do que jamais ouvi.

— Tente não matar muitas pessoas — respondo.

Um sorriso curva seus lábios.

— Não existe isso de muitas.

Ugh.

— Até logo, esposa. Vamos nos encontrar outra vez no campo de batalha.

Com isso, Guerra cavalga para o início da procissão. Os soldados que podem vê-lo erguem as armas e tochas e celebram.

Idiotas.

Devagar, o exército inteiro começa a se mover. Entro na fila com os outros, minha ansiedade aumentando. Nós vamos para Asdode, uma cidade na costa da Nova Palestina. Lar de muitas, *muitas* pessoas.

A cavalgada é de um silêncio sobrenatural. Ninguém fala com ninguém, então o único som é o passo de cascos e de pés. Dúzias de soldados carregam tochas, e a luz do fogo ilumina os rostos sóbrios.

De um lado da minha cintura está a adaga embainhada de Guerra, do outro uma espada que peguei mais cedo. É um pouco pesada demais e o fio está um pouco cego, mas vou precisar usá-la mesmo assim, se vou me jogar no meio da luta.

Sinto minha determinação aumentar.

Regra um sempre foi: burle as regras, mas não as quebre. Mas se as regras estão erradas, então precisam ser quebradas.

Precisam ser destruídas em pedacinhos. E hoje, vou fazer exatamente isso.

* * *

O exército toma os aviários primeiro.

Assim que entro na cidade, posso ouvir os gritos agudos dos pássaros. Fogo já consome vários prédios, e, dentro de um deles, tem pássaros presos. Ao meu redor, pessoas estão lutando e gritando e fugindo e morrendo, mas é o som daqueles pássaros que me causa calafrios.

O ataque aos aviários é para cortar todo e qualquer aviso que poderia ser dado ao resto do mundo.

Presumi que Guerra tivesse se reunido com seus homens para falar de estratégia de batalha, mas não havia pensado em qual poderia ser essa estratégia.

Um único pássaro voa no ar, sua forma parcialmente coberta pelos feixes de fumaça que sobem da cidade em chamas. Ouso ter esperança de que escapou do fogo, que está carregando um aviso que alguém conseguiu rabiscar antes de ser tarde demais. Espero que esteja a caminho de algum lugar que não tenha sigo atingido por Guerra.

E espero que o pássaro consiga chegar lá.

Vai, torço por ele em silêncio.

Tem uma chance, uma chance real.

Mas depois vejo alguns arqueiros em um telhado próximo. Vejo os soldados posicionarem os arcos e mirarem. Então os vejo soltarem as flechas. Deve ter uma dúzia delas atravessando o céu.

A maior parte erra o pássaro, mas uma o atinge no meio do peito. Ele cai do céu, e sinto minha esperança despencar junto com ele.

Não vai ter nenhum aviso para espalhar, assim como não fomos avisados. Todos apenas lutamos e morremos, e Guerra vai

seguir em frente para destruir mais cidades até o mundo inteiro ser derrotado.

Estamos enfrentando destruição em massa, e não sobreviveremos.

CAPÍTULO 13

É horrível o que vejo.

Os corpos, o sangue, a violência desnecessária. Mas o pior de tudo, são os rostos dos civis conforme perdem tudo de uma vez.

Alguns nem fogem. Eles veem as vidas que construíram para si serem destruídas, ficam parados nas ruas e apenas choram. Todas estas pessoas sobreviveram a uma Guerra Civil. Viram a destruição e violência assolarem a cidade uma vez. E, por uma segunda vez, precisam enfrentá-la. Alguns apenas desistem. Se é difícil assim viver neste mundo, então *não vale a pena* viver.

Cavalgo pela cidade com o coração na boca.

Prédios estão envoltos em chamas. Pior ainda, Asdode é uma cidade para onde as pessoas foram *depois* da Chegada, e a periferia por onde passo parece ser mais inflamável do que os prédios mais velhos. Não é nada além de uma parede de chama vermelho-alaranjado; até mesmo o chão parece queimar nestes novos e mais desesperados bairros, e posso ouvir os gritos moribundos dos que estão presos nos prédios.

Paro o cavalo, os olhos observando o terreno. Estava tão determinada a lutar contra o exército de Guerra que me esqueci de que ainda posso ajudar as pessoas a *viverem*. Não é esse o objetivo final? Sobreviver ao apocalipse?

Vejo uma mãe e seus dois filhos pressionados perto do corpo, e não posso evitar reagir. Poderia ter sido eu e minha família. Um dia *foi* eu e minha família.

Guio o cavalo na direção deles e desmonto, mantendo as rédeas do corcel no punho.

Os olhos da mulher estão bem apertados, como se pudesse acabar com o pesadelo, e está fazendo barulhos de silêncio para as crianças que choram.

— Precisa sair da cidade — falo para ela. Quando não reage, seguro seus bíceps. Ela grita e recua. — Me escute — ralho, balançando-a um pouco.

Os olhos dela se abrem com meu tom de voz.

— Pegue seus filhos, suba neste cavalo, e cavalgue o mais rápido possível para longe desta cidade. Acho que o exército está descendo pela costa, então vá em qualquer outra direção.

Ela me dá um aceno trêmulo.

— Deve ter um pouco de comida e água nos alforjes. Não muito, mas o suficiente para que você siga por um tempo. Não pare, não até estar bem, bem longe.

Quando ela não se move na hora, movo a cabeça na direção do cavalo, que está ficando cada vez mais agitado com a violência ao nosso redor.

— Rápido, antes que matem todos nós.

A mulher parece acordar de qualquer encanto que a tomou, movendo a si e as crianças na direção do cavalo. Apressada, ajudo a mãe e as crianças a montarem, e depois a entrego as rédeas.

— Tome cuidado — falo, ecoando as palavras de Guerra.

Com isso, ela dá tapinhas dos lados do cavalo e Thunder – ou quem quer que seja aquele cavalo – parte. Olho para eles por vários segundos, observando-os cavalgar para longe. Tenho uma sensação terrível no meu âmago de que não estão melhores do que aquele pássaro que escapou dos aviários. Que dentro de um quilômetro ou dois, eles também serão alvejados.

Espero que não. Não posso aguentar o pensamento daquela família ser destruída como a minha.

Os sons da guerra surgem – os gritos, os urros, os choros e, no meio de tudo isso, o barulho molhado de corpos sendo cortados.

Pego a espada.

Seja corajosa.

Eu me viro assim que um homem mira uma arma de cano longo para mim. Ao vê-la, congelo.

Meu coração está na boca.

Não vejo uma dessas há meses. Mas me lembro das armas, e sei a aparência que a pele toma quando uma bala a atravessa.

Vejo a camisa branca do homem e as calças de pijama. O provável é que estivesse dormindo quando chegamos cavalgando – e agora está lutando pela própria vida. Tem espirros de sangue na camisa, e merda, não quero mesmo lutar contra ele, quero ajudá-lo.

— Por favor — falo, erguendo uma mão para aplacá-lo. — Não vou…

Não vejo o dedo do homem se mover, mas escuto a explosão da arma. Metal grita conforme parte da arma explode, estourando o rosto do dono.

Com essa imagem, cubro minha boca com o dorso da mão, forçando a náusea para longe.

Foi por isso que as pessoas pararam de usar armas. Nos dias de hoje, armas de fogo tem um hábito ruim de travar. Era mais fácil se matar do que acabar com um inimigo.

Tenho apenas alguns segundos para processar que o homem está morto e eu estou viva antes de ser levada junto com a maré da guerra.

Ao longo das próximas horas, tem outros que ajudo no meio do combate. Não sei bem se faz muita diferença. Quero continuar salvando pessoas inocentes – e vou –, mas é difícil ver a diferença quando são tão oprimidos por soldados. É o exército de Guerra que precisa mesmo ser parado.

As carroças do exército passam pela cidade, e soldados saqueadores as enchem de produtos. Sacos de grãos, jarros de água e qualquer bebida que podem encontrar. Frutas secas, nozes, animais de fazenda – que vão abater logo porque galinhas e cabras não são bons para viajar.

O que não está sendo saqueado está sendo incinerado. A cidade inteira parece estar pegando fogo.

À minha frente, meus olhos encontram um soldado morto, um arco e uma aljava quase cheia ainda presos nas suas costas.

Encaro os itens por vários segundos. O arco é grande – feito para um homem alto – e a pegada vai ser estranha, mas está ali. Sou muito melhor com um arco e flecha do que com uma espada. E uma arma como aquela me daria a habilidade de machucar inimigos de forma sorrateira.

Sem hesitar mais um segundo, corro até ele, abaixando e desviando para evitar as lutas na rua.

Deslizo de joelhos para o lado do homem caído. O sangue está correndo como um rio de um ferimento na cabeça. Tento não olhar para ele com mais atenção conforme tiro o arco e a aljava do seu corpo.

Estou com o arco sobre o ombro quando uma mulher a cavalo avança pela rua, e preciso rolar para longe do caminho para que o corcel não me atropele. Um momento depois, estou de volta ao lado do homem, arrastando a aljava para longe do corpo, as flechas balançando dentro dela.

Consegui!

A aljava é feita para um torso muito maior e o arco é pesado e estranho na minha mão, mas consegui os dois!

Agora eu corro, os olhos percorrendo as ruas a procura de um prédio bom para me acomodar. Não tem muito para se escolher, considerando que a maior parte da cidade está queimando, mas vejo alguns prédios que estão resistindo às chamas.

Corro para um deles, uma estrutura de três andares que um dia deve ter sido lugar de escritórios ou apartamentos. Encontrando a escadaria, subo dois degraus de cada vez. Suor escorre pela minha pele, e tusso ao inalar o ar cheio de fumaça.

No terceiro andar, entro em um dos cômodos, que afinal não são escritórios, mas apartamentos. A família dentro grita, e uma mulher mais velha tenta esmagar minha cabeça com uma panela.

— Uau! Estou indo embora.

Puta merda.

Saio e fecho a porta atrás de mim.

— Tranque a porta da próxima vez! — grito pelas paredes.

A porta não deve ter trinca, *sua idiota*.

Correndo para a próxima porta, entro no apartamento, dessa vez um pouco mais desconfiada. Mas o lugar está vazio. Vou até a janela, pego uma jarra próxima, e quebro o vidro.

Soltando os cacos restantes, pego uma flecha e coloco no arco. E então eu caço.

Nas ruas abaixo, os soldados de Guerra estão causando o caos. Miro a flecha em uma mulher apunhalando a barriga de outra.

Por favor, *não erre*.

Respiro fundo e depois solto a flecha.

Erro por um metro.

Colocando outra flecha no arco, miro outra vez, dessa vez corrigindo a distância. Puxando a corda, solto a flecha.

Não escuto o barulho nauseante dela atingindo a barriga da mulher, mas vejo a flecha atravessá-la. É um ferimento que pode deixá-la sobreviver, mas não me importo em conferir porque dez metros ao longe na rua, um homem está tentando puxar as calças de uma mulher.

Posso atingi-la…

O pensamento não me impede de mirar e atirar. O corpo do homem se contorce conforme a flecha o atinge bem abaixo do coração. Ele cambaleia para a frente, na mulher que grita. Ela afasta o corpo e corre, sem olhar para trás para ver de onde veio sua salvação.

Continuo atirando do meu lugar até ficar sem flechas.

Deixo minha posição privilegiada, saindo outra vez do prédio. Acabei de sair da entrada quando Guerra cavalga pela rua, a espada ensanguentada. Pessoas estão gritando e fugindo.

Outra arma explode. Não tenho tempo para ver o atirador ou me maravilhar com o fato de que a arma funciona. Estou ocupada demais observando Guerra conforme o tiro atinge o cavaleiro. Seu corpo solavanca para trás, a força do tiro desmontando aquele homem enorme do seu corcel. O cavalo continua a trotar para a frente, o deixando para trás.

O cavaleiro fica deitado imóvel no chão, aquelas peças douradas no cabelo foscas na luz fraca.

Está morto? Ele disse que *podia* morrer.

Minha pele formiga de forma estranha com o pensamento. Seja lá o que sinto, a emoção é mais conflitante do que deveria ser.

Guerra começa a se mover e meus pensamentos são banidos. Ele se ergue do chão, ficando de pé mais uma vez. Um sorriso malicioso se espalha por seu rosto.

Agora eu me viro para ver a mulher segurando a arma. A mão está firme, mas os olhos estão arregalados. Ela é um pouco mais velha do que eu, e o hijab que usa oscila na brisa enquanto mira a arma em Guerra. E depois volta a puxar o gatilho.

As balas enchem o corpo dele, o movendo para a esquerda e para a direita conforme avança. Ele abre os braços e ri, como um *filho da puta* maluco, enquanto os tiros perfuram sua armadura e afundam na sua pele. O sangue escorre como um rio dos ferimentos, deslizando pelo corpo dele.

Eu o encaro horrorizada.

Meu Deus, ele não pode mesmo morrer.

A mulher atira até a arma clicar. Guerra solta uma risada baixa, e seus olhos estão tão, tão violentos.

Sem pensar, atravesso a rua, correndo na frente da mulher, a bloqueando do Cavaleiro.

Os olhos de Guerra pousam em mim. Tem um segundo de surpresa; esta é a primeira vez desde que a batalha começou que nos encontramos. Mas sua surpresa logo desaparece e ele semicerra os olhos.

— Não fique entre nós, esposa — fala, sem perder tempo com outro idioma. A voz gutural corta por mim como um vento frio.

— Não vou deixar que a mate. — Não sei o que a mulher estava pensando, mas é bom que dê no pé *rápido*.

— Miriam. — A voz de Guerra está mais séria do que já ouvi. — Mova-se.

Seja corajosa.

— Não.

O Cavaleiro me analisa; de seus ferimentos ainda escorre sangue.

— Tem milhares de inocentes nesta cidade. Ela não é um deles. Não desperdice sua misericórdia.

Endireito os ombros.

— Não vou me mover.

Guerra se aproxima de mim, e sou lembrada do porquê ele é tão assustador. Ele tem mais de dois metros de altura e cada centímetro dele está coberto por sangue.

— Você está jogando um jogo perigoso, esposa — fala, a voz baixa.

Acho que deveria ser uma ameaça, mas sinto aquela voz baixo na minha barriga, e sou lembrada outra vez do beijo do cavaleiro.

— Não considero vida ou morte um jogo. Poupe-a.

— E deixar que ela tente me matar mais uma vez? — ele diz. — Isso é loucura, mulher.

Conforme diz isso, escuto um clique baixo. Olho para baixo a tempo de ver uma bala usada e ensanguentada rolar pela rua.

Isso… saiu dele.

Puta merda.

— Que mal faria? Poupe-a — incito de novo.

— Você gosta dela apenas porque tentou me matar — afirma, me dando um olhar.

Talvez.

— Ela é corajosa.

Ele olha para a mulher por cima do meu ombro, uma careta no rosto.

— Ela vai causar problemas.

Mas ele está considerando.

Pressiono minha vantagem.

— Dê a ela uma tarefa útil… a faça cozinhar ou organizar coisas.

A batalha ainda está acontecendo ao nosso redor, e cada segundo que passa, as chances desta mulher sobreviver se tornam menores.

Guerra olha para ela por um tempo longo demais. Seu lábio superior se curva.

— Isso é uma perda do meu tempo — fala. — Para o bem do seu coração mole, vou deixá-la viver… *por enquanto*.

Ele assobia para um soldado que está por perto e acena para que se aproxime. O homem corre para o lado de Guerra.

Aproximando-se, o Cavaleiro sussurra algo para ele. O soldado assente em resposta, depois se afasta.

Eu olho para trás. A mulher ainda está parada no meio da rua, mas em algum momento conseguiu uma faca.

Por que não fugiu quando teve a chance? Quero perguntar.

Ela move o peso do corpo de um pé para o outro, os olhos indo para mim, depois para Guerra e o soldado. Ela tem um olhar desesperado e bravo.

O homem se afasta de Guerra, indo na direção da mulher.

— O que ele está fazendo? — pergunto para Guerra, alarmada.

O lábio superior do cavaleiro se curva.

— Poupando-a — fala, um tom de nojo na voz.

A mulher ergue a arma conforme o soldado se aproxima, mas o homem afasta a lâmina com facilidade, a pegando pelo ombro. Assim que o soldado a toca, ela enlouquece, arranhando, chutando e gritando.

Cerrando os dentes, o soldado começa a se explicar para ela, acenando primeiro para o Cavaleiro e para mim, e depois para um cavalo que está perto. Seja lá o que o soldado está dizendo, está fazendo com que ela lenta e relutantemente coopere.

Um minuto depois, ele leva a mulher para um cavalo e a ajuda a montar, murmurando baixo para ela.

— Tem certeza de que ele não vai cortar a garganta dela no momento que sairmos de vista? — pergunto para Guerra enquanto olho para os dois. Nem sei por que estou tão interessada nisso. Talvez *seja* apenas porque a mulher machucou Guerra.

— Não — responde conforme o soldado e a mulher saem cavalgando —, não tenho. O coração dos homens é leviano e cruel.

Olho revoltada para ele assim que outra bala se contorce para fora da sua armadura, caindo no chão.

O cavaleiro se aproxima e, sem avisar, segura minha nuca e me puxa para um beijo selvagem. O mundo está virando de cabeça para baixo, mas no momento que os lábios de Guerra tocam nos meus, o furação parece parar.

Não tem mais batalha, não tem mais morte e violência, nada mais de céu contra terra. Somos só nós dois.

Ele tem gosto de fumaça e ferro, e meus lábios respondem aos dele, assim como fizeram ontem à noite. Parece que não consigo *não* beijá-lo, mesmo quando representa tudo contra o qual estou lutando.

Sua boca assola a minha, várias vezes e…

Guerra se afasta e o mundo retorna.

Olho para o Cavaleiro, atordoada, enquanto recua, os olhos marcados com kohl fixos nos meus.

— Deimos! — grita, sem desviar o olhar.

O corcel de Guerra vem galopando até ele como se só estivesse esperando a ordem.

O Cavaleiro monta na besta enquanto fico ali parada, me perguntando que *porra* estava pensando agora há pouco quando o beijei de volta.

Guerra não fala nada mais. Com um último olhar para mim, cavalga para a batalha.

* * *

Quando a batalha termina, não sobrou ninguém.

As ruas estão cheias de mortos e moribundos. Os prédios são cinzas e destroços. O céu, que era azul, agora está um vermelho-amarronzado turvo e as cinzas pairam como a neve.

Os prisioneiros foram levados, e o resto de nós está saindo por onde chegamos.

Minhas mãos tremem de dor e exaustão e fome e um profundo senso de *errado* me preenchem. O que aconteceu hoje não foi certo.

Eu me deparo com o cavaleiro outra vez ao sair da cidade.

Guerra está parado em uma encruzilhada, as costas para mim, e um campo de corpos espalhados a sua volta. Está coberto de sangue, observando a destruição com calma.

Ele não pode ser algo divino. *Não pode*. Nada puro pode ser responsável por esse tipo de dor.

Mas então ele se vira, e seus olhos encontram os meus. Sob a sede de sangue, tem um peso e uma determinação no seu olhar. E se encarar por bastante tempo, posso até dizer que parece um pouco sobrecarregado.

Desvio o olhar antes que isso possa acontecer.

Continuo a andar, desviando dos corpos e passando direto por ele como se fosse invisível.

Nem dois minutos mais tarde, escuto um trote atrás de mim. Eu me viro bem a tempo de ver o Cavaleiro montado em Deimos, os dois vindo direto na minha direção.

Guerra está inclinado na sela, o braço estendido. Começo a sair do caminho, mas ele apenas ajusta a trajetória para continuar

se aproximando de mim. A distância entre nós diminui – dez metros, cinco, *dois*.

O braço dele colide com minha cintura, me tirando do chão. Perco o fôlego de uma vez ao ser arrastada para seu cavalo. Arquejo enquanto Guerra prende minhas costas contra seu peito.

— Na próxima vez, vai esperar por mim — fala na minha orelha.

Improvável.

Faço uma careta para ele sobre o ombro enquanto me carrega para fora da cidade, odiando que esteja pressionada tão perto dele.

Depois de respirar fundo algumas vezes, digo:

— Você me fez matar hoje. — Eram os soldados dele, mas mesmo assim.

Não foi certo, nada disso foi certo.

Guerra não responde.

Claro que não.

O corcel diminui a velocidade quando encontramos o resto do exército, que se reuniu nos arredores de Asdode. Não sei por que os soldados de Guerra pararam aqui, e não no acampamento, ou por que Guerra está parando com eles.

Deimos para de supetão, e assim que o faz, desmonto. Guerra me deixa ir, e só isso deveria ter me avisado que algo estranho está acontecendo.

Sinto o olhar do cavaleiro queimando nas minhas costas conforme vou para a multidão de soldados reunidos. As pessoas ao meu redor olham para o Senhor da Guerra como se estivessem esperando uma proclamação.

Os cavaleiros fobos se espalham em volta dele, o grupo ainda montado. Olho para aqueles homens estoicos e montados, cada um deles usando uma bandana vermelha no bíceps. Como Guerra, muitos passaram a usar kohl para escurecer os olhos.

Um silêncio cobre a multidão e minha pele formiga. Todos os olhos estão em Guerra.

O que está acontecendo?

Sem palavras, o Cavaleiro estica o braço para as ruínas de Asdode, a palma virada para cima. O braço começa a tremer, os músculos tensos sob a armadura. Devagar, ergue o braço, cada vez mais alto, como se tivesse erguendo um grande fardo.

Olho ao redor outra vez, para todos os rostos arrebatados.

Certo, sério, que porra está acontecendo?

Por um longo minuto, tudo está quieto, tudo está imóvel.

Depois, sinto nos meus pés.

A terra começa a tremer. É sutil, no começo – quase penso que é minha imaginação –, mas continua a se intensificar até minhas pernas estarem vibrando junto. Pedregulhos tremem no chão e na terra. Durante tudo isso, Guerra se senta em seu corcel, o braço erguido, as feições plácidas.

Um tremor corre pela minha coluna. *Algo está acontecendo, algo…*

À nossa volta, a terra começa a se abrir. As pessoas ou pulam para os lados ou cambaleiam conforme o chão em volta delas se parte.

E então...

O chão está se *movendo*. Não apenas abrindo, mas se *movendo*. Parece vivo, e não posso encontrar sentido no que estou

vendo – isto é, até uma mão ressecada se erguer do chão.

— Meu Deus — suspiro.

Da terra, os mortos se erguem.

CAPÍTULO 14

As histórias eram verdadeiras. As do leste. As que eram *sobre* o leste.

Meus olhos passam pelo terreno plano. Em todos os lugares que meu olhar pousa, os mortos estão se erguendo. Tem dúzias e dúzias deles. O chão sob meus pés estava, sem eu saber, cheio de túmulos não marcados, e deles, os mortos estão voltando a vida.

Alguns não são nada além de esqueletos; outros tem pedaços de carne ressecada nos corpos.

Assim que se levantam, os mortos se viram para Asdode.

Leva menos de um minuto para ouvirmos os gritos distantes começarem.

Meu Deus. Ainda tinham pessoas vivas na cidade. Só agora, ouvindo aqueles gritos…

A verdade horrível e assombrosa me toma, e é *paralisante*.

Os mortos estão matando o resto dos vivos. É por isso que não ouvi nada além de rumores sobre as cidades que foram para o túmulo. Guerra não deixava sobreviventes, e sem sobreviventes, não tem como avisar o resto do mundo que o cavaleiro se aproximava.

Vou para a frente do grupo, a pouca distância dos cavaleiros fobos. Na minha frente, posso ver a estrada até Asdode. Minhas

pernas quase cedem enquanto olho para a cidade em chamas agora cheia de zumbis.

Meu olhar volta para Guerra, com seu braço estendido.

Ele está fazendo isso. Sozinho.

Sem pensar, meus pés estão me levando para a frente, na direção dele.

Um cavaleiro fobos montado impede meu caminho.

— Ninguém interrompe o Senhor da Guerra.

Guerra se vira nesse momento, os olhos cheios de intento sombrio. Ele abaixa o braço, mas os gritos não param.

— *Jehareh se hib'wa* — fala. — *Deixe-a passar*.

Empurro o cavaleiro, sentindo o olhar de Guerra em mim.

— Pare com isso — falo quando me aproximo.

Ele me encara por muito tempo, a expressão indecifrável. Depois, bastante deliberado, ele dá as costas para mim, se virando de volta para a cidade.

Ali está minha resposta. Escrita em todas as linhas do seu corpo.

Não.

— Pare — falo mais alto. — Por favor. Isto não é *guerra*.

Isto é erradicação.

A voz do cavaleiro ressoa.

— Essa é a vontade de Deus.

* * *

Sou forçada a esperar até terminar. É depressivamente rápido. Pelos sons, não tem como vencer os mortos. Se o seu oponente

não pode morrer, então não pode ser impedido.

Em algum momento, os gritos começam a diminuir. Não é mais o coro constante, mas um sussurro. E depois isso também desaparece.

Logo depois dos gritos acabarem, algo ao meu redor… *muda*. Não posso dizer bem o que, só que o ar parece mais leve de se respirar. Talvez seja a tensão coletiva de todo mundo. A multidão parece estar se animando agora que o entretenimento acabou.

Guerra abaixa a mão e vira seu corcel para longe da cidade, o guiando na minha direção.

Ele para ao meu lado, estendendo uma mão. É a mesma mão que usou para acordar os mortos.

— *Aššatu* — fala. — *Esposa*.

Fica claro que ele quer me colocar de volta no seu cavalo e me levar de volta para o acampamento.

Eu me afasto da sua mão, meus olhos se erguendo para encontrar os do cavaleiro.

— Eu te odeio — falo baixo, meu sangue latejando nas veias. — Acho que odeio mais do que jamais odiei qualquer coisa.

A postura confiante de Guerra desvanece um pouco com minhas palavras. Juro que por um momento ele parece quase… *incerto*.

Eu me afasto então, e ele entende a mensagem alta e clara, retraindo a mão. Ele se demora mais alguns segundos, e outra vez, pressinto sua profunda dúvida. Do tanto que ele devia conhecer os humanos, não parece saber lidar com nosso humor.

No fim, Guerra me dá um último olhar pesado, depois guia o cavalo na direção da frente da multidão. Acho que imaginou que o

seguiria a pé junto com o resto dos soldados, que agora estão no seu encalço.

Eu não sigo.

Fico parada, observando todos voltarem pelo mesmo caminho que vieram.

Eu me viro e encaro os destroços em chamas de Asdode. Meu coração dói com a visão. Jerusalém ficou assim? Se pudesse parar no Monte das Oliveiras neste exato momento e olhar para minha cidade, pareceria tão silenciosa e imóvel quanto Asdode?

Dou alguns passos na direção da cidade, o pensamento me causando calafrios.

Esta pode ser minha chance de escapar. Com certeza tem bicicletas, barcos, comidas e todo tipo de recursos deixados na cidade. Poderia me armar e equipar e poderia *partir*.

Dando uma olhada rápida por cima do ombro, checo, para garantir que nenhum soldado está avançando de volta até mim. Mas nenhum dos homens e mulheres dão ao menos um olhar para trás.

Por que ninguém está me impedindo? O pensamento preocupante passa pela minha cabeça só por um segundo ou dois antes de olhar para Asdode outra vez.

Dou mais alguns passos à frente. *Não importa,* decido, *sou eu que preciso parar de enrolar se quero mesmo fazer isso.*

Porque Guerra vai voltar por mim, e só posso imaginar sua fúria.

Com o pensamento amedrontador, começo a correr em direção à cidade.

CAPÍTULO 15

Cinzas rodopiam pelas ruas de Asdode e o ar cheira a fumaça e carne queimada.

É como as histórias diziam que seria. Ossos nas ruas, cemitérios arados como campos. Só agora entendo por completo.

Eu me agacho e pego um fêmur, deixando o resto do esqueleto onde está deitado na rua.

Os mortos vieram e devastaram o resto dos vivos da cidade, e depois, ao que parece, voltaram a *estar* mortos. Um arrepio passa pelo meu corpo quando vejo os corpos, alguns que claramente morreram hoje, e outros que, como o esqueleto à minha frente, há muito partiram.

Agora preciso encontrar uma bicicleta.

Começo a vasculhar as ruas em busca de bicicletas abandonadas, tentando não ser assustada pelo silêncio sobrenatural.

Estou tão distraída na minha própria tarefa que quase não escuto os passos suaves atrás de mim.

É quase tarde demais quando me viro.

Um homem enorme está a apenas alguns metros de mim, e esta correndo a toda velocidade com uma espada na mão. Tenho apenas segundos para desembainhar minha própria arma.

Ele balança a espada sobre a cabeça, abaixando-a na minha direção, e grunho enquanto bloqueio seu ataque apressada, sua espada encontrando a minha mais curta. Tenho que segurar a espada emprestada com as duas mãos para mantê-lo afastado.

Encaro os olhos do homem.

Puta merda.

Estão vidrados como os de uma boneca e um pouco anuviados. Mas pior de tudo, não tem nada neles. Nenhuma inteligência, curiosidade, personalidade.

Temos mesmo almas. Devemos ter porque a faísca de vida *desapareceu* do olhar deste homem.

Trazendo o pé entre nós, eu o chuto, ganhando alguns preciosos segundos.

Agora que dou uma boa olhada para ele, seus olhos não são a única coisa errada. O torso está encharcado de sangue de um ferimento na barriga que recebeu, e a pele é de uma cor pálida.

Pode estar se movendo e lutando, mas não tem dúvidas na minha mente de que este homem está, com toda certeza, morto.

Dou conta de derrubar o arco antes que ataque de novo. Minhas flechas balançam na aljava conforme bloqueio outro golpe, e depois mais um.

Eu me sinto como uma idiota. Vim aqui presumindo que qualquer magia que Guerra usou nos mortos, tivesse terminado. Mereço a morte que é provável que tenha por este tipo de erro.

O homem morto não para de me atacar, e tudo o que posso fazer é me defender dos seus golpes.

Espero mesmo que minha espada seja afiada o suficiente para o abate que preciso fazer. E *vai* precisar ser um abate. Um golpe

letal não vai parar este corpo.

Pego o pulso do homem, depois quase solto em choque. A pele é um pouco fria demais, e tem algum outro elemento nela, como se talvez a pele fosse firme demais, ou macia quando não deveria ser – não sei, *algo* – que é distintivamente anormal nela.

Um segundo depois, golpeio com a espada para baixo e começo a serrar seu pulso. Meu atacante puxa o braço, me fazendo cambalear para cima dele.

Em um ataque de pânico, pego a adaga e o apunhalo nos olhos, fazendo uma careta.

Se não puder me ver, posso sobreviver.

Tento me lembrar que o homem está morto, que esta coisa é apenas uma marionete e não pode sentir dor. E tenho quase certeza de que a criatura não pode mesmo sentir nada porque em vez de me afastar, ele solta a espada e estica o braço para meu pescoço.

E agora meu atacante cego não precisa me ver para matar a burra. Ele pode apertar até me tirar a vida muito bem sem os olhos.

Então tento desesperada serrar seu pulso outra vez, e quando isso não faz muita diferença, coloco um pé contra seu peito, depois o outro.

Pontos pretos enchem minha visão.

Engasgando.

A água entra…

Não, *não*, *não*. Isso não vai acontecer de novo.

Com um impulso enorme, empurro os pés contra o peito do homem morto, me afastando contra suas mãos.

Meu pescoço se solta, e caio no chão duro, arfando por ar. Quando mergulha atrás de mim, consigo rolar para longe bem na

hora, minhas armas por um milagre ainda nas mãos.

Arfando, me arrasto do chão.

O homem morto está se atrapalhando para levantar-se.

Não posso deixar isso acontecer.

Aperto os olhos contra o que estou prestes a fazer, e depois abaixo a espada no pescoço dele.

Minha espada corta sua carne, e não é mesmo tão afiada quanto precisa ser. Precisa de alguns golpes demais para separar a cabeça do corpo, e estou com vergonha de dizer que durante o tempo todo estou mordendo o lábio para não gritar – caso tenha mais mortos em volta.

Foda-se este dia e todas as suas atrocidades.

Mesmo depois que consigo remover a cabeça dos ombros, o corpo do homem ainda se move. Os braços ainda balançam, as pernas ainda chutam; ele não perdeu nada da sua motivação.

Cambaleio para longe dele, depois tropeço, caindo de bunda com força. Pressiono o dorso da mão na boca, contendo um soluço que quer escapar. O corpo se levanta, balançando um pouco agora que perdeu a cabeça.

Levante-se, Miriam. Levante-se antes que outra criatura a encontre.

Eu me forço a ficar de pé e me afasto, guardando a espada e a adaga. Meus olhos se voltam para a abominação, mesmo enquanto me afasto dela. E depois corro.

* * *

Eu não sei como o próximo zumbi me encontra, só que não estou fora da cidade antes que outro esteja avançando na minha direção com uma espada em punho.

Caralho.

Sempre pensei que mortos-vivos se arrastavam e mancavam por aí. Nunca pensei que fossem ágeis desse jeito.

Por outro lado, julgando pelo homem enorme vindo na minha direção, acho que Guerra escolheu apenas os mortos mais frescos, mais equipados para permanecerem enquanto o resto apodrece.

Estes últimos zumbis devem patrulhar a área por qualquer pessoa viva remanescente que ousa se mover pela cidade.

Movo os braços e forço as pernas a irem mais rápido, apesar do peso das minhas armas estar me atrasando. Não ouso soltar nada. Temo que vá precisar delas logo.

O pensamento de escapar parece um sonho. Abandonei toda a esperança de fugir de Guerra e seu exército. Tudo o que quero agora é voltar para o acampamento com vida.

Mal corro uma quadra antes do cadáver quase me alcançar. Rodopio, desembainhando a espada.

O homem avança como um trem descarrilhado, balançando a arma com expertise sobrenatural. O lado esquerdo do seu corpo está coberto de sangue. Além disso, parece quase intocado.

Eu o afasto o melhor que posso, mas é implacável, incansável. Ele golpeia a espada várias vezes e, com cada golpe que bloqueio, me sinto enfraquecer. Apesar da minha adrenalina anterior, o cansaço está me vencendo. Estou lutando há tempo demais, e quase gastei toda minha energia.

O som de cascos troveja atrás de mim.

— *Pare*! — A voz profunda de Guerra soa.

De uma vez, meu atacante cai no chão, mais uma vez inanimado.

O barulho de cascos atrás de mim não desacelera.

— *Miriam*! — Guerra urra.

Eu me viro para encará-lo, meu corpo inteiro se erguendo e abaixando com minha respiração ofegante.

O Senhor da Guerra inflexível não é mais estóico. Seu rosto é uma máscara de fúria.

O cavaleiro desmonta em um movimento contínuo. E então está correndo na minha direção.

— *Por Deus*, *o que você está fazendo*? — ele berra. Quando chega onde estou, segura meus bíceps. É óbvio que não liga para o fato que ainda estou segurando uma espada.

Ofego, tentando respirar. Olho para o homem morto aos meus pés, e um calafrio indesejado percorre meu corpo.

Meu Deus, nunca vi nada tão assustador e não natural em toda minha vida. E não podia ser parado.

— Esta manhã pedi para que ficasse a salvo, e *isso* é o que você faz? — Guerra exige. — Veio aqui procurando a morte?

Ainda estou tentando recuperar o fôlego. Tudo o que consigo fazer é balançar a cabeça. Eu nem sequer *sabia* que ainda tinham zumbis patrulhando estas ruas por sobreviventes. Claro que não teria vindo se soubesse.

— Poderia ter sido morta! — fala, os olhos enlouquecidos.

Eu quase *fui* morta.

Guerra me solta para xingar, passando a mão pela boca e pelo queixo.

Respiro trêmula e me afasto dele, tentando recuperar a compostura e, mais importante, não me mijar.

— Aonde pensa que está indo? — A voz do Cavaleiro está mais calma agora, mais controlada.

Ainda assim, não respondo.

Na minha frente, um dos corpos mortos começa a se mover. Depois, como uma marionete, ele se levanta. É um dos mortos grotescos, metade do rosto esmagado. Ele se aproxima de mim, e agora paro, minha mão apertando por instinto na espada.

Mas a criatura não ataca. Não que ele precise. Tudo o que precisa fazer é andar na minha direção, e agora estou recuando, recuando até trombar com pele firme e quente.

As mãos de Guerra se fecham nos meus bíceps, me segurando no lugar outra vez.

Na minha frente, o homem morto desmorona no chão.

— Você vai me responder — o cavaleiro afirma. — E não vai embora.

Minha raiva surge, enchendo como veneno nas minhas veias. Rodopio nos braços de Guerra para que possa encará-lo.

Quero dizer a ele o quanto eu o odeio, o quanto me enoja, mas um olhar nos olhos do Cavaleiro, e ele sabe. Não sei se ele dá a mínima, mas pelo menos sabe.

— Por quê? — pergunto sem responder. — Por que precisou matar *todo mundo*? — Agora é sua vez de não responder. — Por quê? — repito, insistente.

O lábio superior de Guerra está curvado, o rosto taciturno. Ele não responde.

Ainda segura meus braços, mas não me impede de empurrá-lo.

— Por quê? — repito. Outro empurrão. — Por quê? — Mais um. E outro. — Por que, por que, por quê?

Estou perguntando como um mantra e o empurrando. O cavaleiro nem ao menos balança. Posso estar empurrando uma pedra.

Agora as lágrimas estão escorrendo e estou brava e triste e me sinto tão, tão impotente.

Guerra me puxa contra ele, me abraçando. E eu deixo. Meu corpo relaxa contra o dele, estupidamente tranquilizado pelo abraço. Choro no seu ombro e ele deixa e, de alguma forma, isso torna tudo pior ainda.

A mão dele fica passando no meu cabelo.

Em algum ponto, ele embainha minha espada para mim, e depois me ergue. Não perco tempo tentando relutar; seria tão útil quanto meus empurrões.

Em silêncio, Guerra me coloca em Deimos, montando um minuto depois.

Ele me segura perto conforme cavalgamos para longe daquela cidade.

— Sinto que está deslizando pelos meus dedos como grãos de areia, Miriam — Guerra fala no meu ouvido. — Diga-me o que fiz de errado.

— Tudo — respondo cansada.

Ele me força a encontrar seu olhar.

— Corações humanos podem ser consertados — fala, como se fosse o *meu* ponto de vista que precisasse ser alterado.

— O seu pode? — pergunto.

Ele observa meu rosto.

— Vai fazê-la me odiar menos?

Eu não sei.

— Não vou perdê-la — Guerra diz, uma promessa na voz. — Eu a poupei aquele dia em Jerusalém porque você era minha. E pretendo manter as coisas assim, não importa o custo.

* * *

Quando voltamos para o acampamento, a noite caiu. A fumaça do resto das chamas de Asdode cobre as estrelas. É melhor assim. Odiaria que os céus vissem as coisas horríveis que fizemos um com o outro.

Assim que Guerra para o cavalo, desmonto de Deimos.

Quando meu pé atinge o chão, paro.

Estou pronta para ir embora e me esquecer por completo de Guerra, mas *tem* uma coisa que ele deveria saber.

Eu me viro para ele e digo:

— Encontrei a foto da minha família. A que estava dentro da minha sacola de ferramentas.

O cavaleiro olha para mim, impassível.

— Estava absurdamente grata a você, sabia? — continuo. — Por um momento, quando segurei a foto, quis voltar para aquelas duas noites que passamos juntos. Quis vivê-las de forma diferente. *Melhor*.

Deixo-o após isso.

Posso sentir o olhar intenso de Guerra em mim enquanto me afasto, mas aqui não tem nenhum morto para ele usar para me parar. Ou talvez ele tenha parado de me prender. De um jeito ou de outro, ele me deixa ir, e sou deixada a sós para lidar com meu luto e horror.

CAPÍTULO 16

Estou distraída pela minha caminhada em direção à barraca, quando passo por um aglomerado de mulheres, Tamar e Fatimah entre elas. No meio do grupo está a mulher que salvei mais cedo, a que atirou várias vezes em Guerra.

Ela está parada na frente de uma das barracas, cercada pelos mesmos rostos que me receberam. As calças estão manchadas de sangue, o hijab está um pouco torto, revelando o menor feixe de cabelo preto. Ela está se abraçando, parecendo completamente miserável.

Atravesso o grupo, atraída pela curiosidade e um profundo senso de propósito compartilhado.

Os olhos da mulher encontram os meus conforme me junto ao grupo; reconhecimento faísca neles.

— Foi você quem me poupou — fala. Não posso definir se está grata ou se quer me estripar por isso.

— Como você está? — pergunto com cuidado.

Ela engole, desviando o olhar.

Certo.

Dou um pequeno sorriso.

— Sou Miriam.

— Zara — responde.

Meus olhos se movem para as mulheres aglomeradas ao seu redor.

— Posso ajudá-la daqui pra frente — falo para elas.

As mulheres ficam felizes em ir embora. Têm outros recrutas novos que precisam da atenção delas.

Quando ficamos a sós, meu olhar volta para Zara.

— Então você jurou lealdade.

Ela não é como eu, noto.

Mais cedo, tudo o que vi foram nossas similaridades, mas depois da batalha em Jerusalém, eu perdi o ânimo. Se não tivesse sido poupada por Guerra, meu corpo seria comida para animais no momento.

Mas não Zara.

Ela lutou contra o Cavaleiro, e talvez ali tivesse morrido, mas quando os soldados a enfileiraram e pediram por lealdade, ela a deu. Ela queria viver.

Zara suspira.

— *Sim*. — Ela chuta a terra com a ponta da bota.

Quando olha para mim outra vez, vejo todas as mortes que testemunhou. Ela precisou observar, assim como eu, enquanto os vizinhos e amigos era mortos. E depois precisou ficar na fila e os observar morrer mais uma vez.

— Esta é sua barraca? — pergunto, acenando para o lar atrás dela.

— Não é *minha*.

Certo. É a barraca de alguma mulher morta. Ergo as sobrancelhas.

— O que você herdou?

— O que você quer dizer? — ela pergunta.

Desvio dela, abro a barraca e olho para dentro.

— Pulseiras, uma escova de dentes, um diário e um pouco de maquiagem para o olho. — Listo os itens que vejo. Pelo menos o cobertor dobrado sobre o palete parece novo.

— Não quero nada disso — Zara diz veemente.

Não a culpo.

— Você não tem que ficar com nada disso.

Ela olha para mim desamparada.

— O que acontece agora?

Soltando a barraca, encontro seu olhar relutante.

— Quer que eu diga o que gostaria de ouvir, ou quer que eu diga a verdade?

Ela move o queixo.

— A verdade.

Dou um olhar triste a ela.

— Vai ser forçada a comemorar o massacre da sua cidade com o resto do acampamento. — Já posso ouvir a horda se reunindo na clareira central. Os tambores ainda não começaram, mas logo irão.

Exalo.

— Depois da comemoração, vai para a cama. Vai acordar naquela barraca amanhã e perceber que não era apenas um pesadelo, afinal. Esta é sua vida. Cabe a você decidir o que fazer com ela. Mas a dor não vai parar. Guerra e seus melhores guerreiros vão atingir todas as comunidades vizinhas nos próximos dias, e vão matar todo mundo, e você vai ser impotente para impedir.

— Malditos — xinga.

— E depois vai receber uma tarefa: ou como um soldado, ou cozinheira ou outra coisa, e vai ser isso que vai fazer aqui.

— E se não fizer? — desafia.

Nós duas sabemos a resposta para esta pergunta.

— Então provavelmente morrerá.

Zara olha para mim.

— *Você* ainda não morreu.

Posso ver que está se lembrando do que aconteceu mais cedo, quando impedi que Guerra a matasse, mas tudo o que me lembro é da sensação das mãos daquele zumbi no meu pescoço, me esganando. Dou um olhar demorado para Zara.

— *Ainda*.

* * *

Até o sol se pôr, os tambores de guerra começaram a tocar. Posso sentir o cheiro dos animais assando sobre uma fogueira, e as pessoas estão indo para o centro do acampamento em um fluxo constante, conversando como se não tivéssemos acabado de massacrar uma cidade. As tochas já foram acesas e as pessoas se trocaram, agora usam roupas de festa.

Vou na direção da clareira, guiada pela fome. Agora que a adrenalina passou, meu estômago está com cãibra.

Entro na fila da comida, e enquanto espero, observo a multidão. Esta noite, vejo algo novo. Muitos rostos tem um toque de desespero neles. Sorriem e agem normal, mas tem um olhar vazio e assombrado nos seus olhos que não perdi tempo de notar antes.

Foi algo idiota da minha parte supor que estas pessoas não estão tão assustadas e desanimadas quanto eu. Estão petrificados.

Todos estamos petrificados – eu, Zara, todo mundo.

E temos um bom motivo para isso.

Pela névoa da multidão, vejo Guerra sentado em seu trono, inclinado para um lado enquanto um cavaleiro Fobos conversa com ele.

Todas minhas emoções anteriores ressurgem. Ele saqueou uma cidade, depois levantou os mortos para se esbaldarem nos restos.

E depois me salvou das suas abominações demoníacas.

Guerra esfrega o lábio inferior enquanto escuta o cavaleiro, os olhos marcados com kohl parecem escuros como piche.

Rodopiando para longe dele, pego dois pratos de comida e duas bebidas e volto para a seção feminina. As tochas estão baixas aqui.

— Toc toc — falo quando chego na barraca de Zara.

Não perco tempo esperando que responda antes de entrar. Eu me lembro de como tinha pouca energia para educação ou qualquer outra coisa no dia em que cheguei.

Zara está usando o que sobrou da maquiagem de olho da dona anterior para desenhar no chão de terra, mas na luz baixa, é difícil descobrir o que são os desenhos.

Entrego um prato de comida para ela.

Ela para de desenhar para pegá-lo.

— Obrigada — fala. — É gentil de sua parte.

— Também peguei um pouco de vinho, mas… — Dou um olhar enfático para o lenço. — Não sei se você quer.

Ela pega mesmo assim e coloca junto com o prato. Seu olhar vai da comida para meu rosto. Ela me estuda um pouco.

— *Por que* você está sendo gentil comigo?

Verdade, por quê?

Dou um gole no meu próprio cálice de vinho e me sento ao seu lado. Não perco tempo perguntando se deveria ir embora. Deveria, talvez, mas também sei que nós duas ficaríamos mais tristes por isso.

— Porque você vale o esforço. E mais, você conseguiu atirar em Guerra, e tenho um pouco de inveja disso.

Zara me dá um pequeno sorriso, mas logo desaparece quando celebrações surgem das festividades.

— Por que estão felizes? — pergunta, ouvindo o barulho.

— Não tenho ideia. — Bebo outro gole.

Posso senti-la me olhar, ponderando minhas palavras.

— O quê? — digo depois de um tempo.

— Se os odeia tanto, por que estava lutando com eles?

Olho para ela, abaixando a bebida.

— Por que escolheu lealdade no lugar de morte? — pergunto.

Ela não fala nada. Não tem nada *para* dizer. É tudo muito complicado.

Balanço o líquido no copo.

— Eu *estava* lutando — admito —, mas estava mirando no exército do Cavaleiro, não nos civis.

Zara me dá um olhar intenso.

— Pode fazer isso? — Parece intrigada.

— Não com impunidade, não. — Uma hora alguém vai me pegar e vou ter que encarar as consequências de matar o exército

de Guerra. Não gostam de traidores por aqui.

— Mas você não foi punida por isso? — Zara insiste.

Hesito.

— *Ainda* não. — Ali estava outra vez, aquela palavra, *ainda*. Porque é inevitável que algo ruim vai acontecer com todos nós.

Nós duas ficamos em silêncio por um tempo, mas enfim, preciso perguntar:

— Onde, por Deus, você conseguiu encontrar a coragem de atirar com uma *arma*?

Não posso discernir se Zara está sorrindo ou fazendo careta com o lembrete.

— Eu não tinha muito mais a perder, e estava *tão* brava. Tão, tão brava. Ainda estou brava. Só peguei a arma da minha família e cacei aquele babaca.

Família.

Ah, Deus. Sinto o horror se espalhar por mim. Claro que ela tinha família. E agora fico me perguntando o que ela viu antes de pegar aquela arma de fogo e decidir: *que se foda, vou arriscar*.

— *Como* você impediu que o Cavaleiro me matasse? — Zara pergunta.

É uma pergunta muito razoável, mas tem tanto nela que não quero responder.

— Pedi para ele poupá-la — falo, feliz pela escuridão que sombreia meu rosto.

Tem uma pausa. Depois Zara diz:

— Não é bem o que estou perguntando.

Eu sei. O que ela quer saber é por que Guerra sequer me daria ouvidos.

Trago a bebida aos lábios e engulo a maior parte dela, fazendo uma careta com o sabor.

Só conte a ela.

— Ele acha que sou esposa dele.

Mais silêncio.

— O que isso deveria significar? — Zara enfim diz.

— Acho que pode vir a significar — Minha boca seca —, *sexo*, mas por enquanto, é apenas um título.

Penso nas vezes que o Cavaleiro e eu nos beijamos e entro em conflito. Tanto conflito.

Zara fica em silêncio, sem dúvida porque não estou fazendo sentido. Uma pessoa deveria ser casada ou não, fazer sexo ou não. Qualquer outra coisa merece uma explicação maior.

Uma que não estou pronta para dar, parcialmente porque eu mesma não compreendo muito a situação.

— Então você tem alguma influência sobre ele — Zara enfim diz.

Influência?

Penso sobre isso.

— Talvez para incidentes isolados, tipo poupar sua vida, mas não, ele é bem inflexível quando se trata de matar todos nós.

— Você tentou convencê-lo a parar?

Dou a Zara um olhar que tenho certeza de que não pode ver no escuro.

— Claro que tentei.

Não o bastante, aquela vozinha irritante diz na minha cabeça. *Tente outra vez. E outra. E tente com mais afinco.* Zara exala.

— Por que ele está fazendo isso?

— Porque o Deus dele disse para fazê-lo, ou alguma merda dessas.

— Você não acredita no Deus dele? — pergunta, parecendo surpresa.

Meus olhos vão para o lenço de Zara.

— Você acredita? — pergunto.

Ficamos em silêncio.

Como eu disse, é tudo *muito* complicado.

CAPÍTULO 17

Naquela noite, demoro mais do que o de costume para pegar no sono. Entre a batalha de hoje, a revelação de que Guerra pode acordar os mortos e a possibilidade animadora de que posso ter feito uma amizade com Zara, meu cérebro não para.

Não ajuda que, seguindo as festividades do acampamento nesta noite, as pessoas são barulhentas e desagradáveis e *não vão dormir*. Posso ouvir vários grupos de mulheres conversando sobre isso ou aquilo.

Vão para a porra da cama e acabem com nossa infelicidade.

Enfim, as vozes ficam mais baixas e pego no sono.

Parece que dormi por um instante quando acordo com uma sensação de formigamento na nuca, como se algo estivesse errado.

Regra Quatro do meu instinto de sobrevivência: *escute seus instintos*. Passei por situações perigosas vezes o suficiente para saber que raramente estão errados.

Procurando sob o palete, pego a adaga de Guerra. Meus olhos vasculham a escuridão, procurando o Cavaleiro, certa de que ele é o responsável por me acordar. Mas minha casinha está livre de sua presença.

Estou quase decepcionada com o pensamento.

Do lado de fora da minha barraca, escuto várias vozes masculinas sussurrando.

Tarde deste jeito, homens não deveriam estar nesta seção do acampamento, ainda mais depois de um dia de luta e bebidas noturnas.

Por meio segundo, penso que talvez alguma mulher os trouxe aqui, ou fizeram planos para encontrar com alguém aqui.

Escuto as vozes outra vez – tem pelo menos três delas – e eles não parecem confusos, parecem maliciosos.

Escute seus instintos.

Eu me movo para o fundo da barraca. A parede de tecido está tensa demais para escapulir por baixo, então ergo a adaga de Guerra, pressionando a ponta no material firme.

Se estiver errada sobre isso, e abri um buraco na minha barraca sem motivo, vou me sentir uma tola.

Melhor tola do que outra coisa…

Com isso, perfuro o tecido. O mais silencioso possível, começo a cortar o tecido grosseiro, criando uma abertura.

Aperto os dentes com o *riiiiiiiip* do material conforme corto a lona.

Do lado de fora, os sussurros silenciam.

Mordo a bochecha com tanta força que sinto o gosto de sangue.

Mais rápido! *Mais rápido*!

É o tipo mais agonizante de situação, tentando cortar aquela barraca o mais rápido e mais silenciosamente possível. O barulho que estou fazendo parece ensurdecedor para mim.

Por fim, o buraco é grande o bastante. Segurando a adaga em punho, pulo de cabeça pela abertura…

Atrás de mim, escuto o barulho das abas da barraca se abrindo.

Meu Deus, meu Deus, meu Deus.

Eu me arrasto para frente, forçando o torso para fora da barraca.

Uma mão segura minha perna.

— Ela está tentando escapar! — um dos homens sussurra o mais alto que ousa.

Solto um grito, sem me importar de ficar quieta. Com sorte, isso vai acordar o acampamento inteiro.

Aquela mão me arrasta de volta para dentro da barraca e sinto, mais do que vejo, o grupo de homens que se espremeu para dentro.

Agora estou presa aqui com eles.

Continuo gritando como uma banshee. Nem *fodendo* que vou deixar isso acontecer em silêncio.

— Cale a boca, sua vadia estúpida — outra voz masculina diz.

Chuto, e escuto algo quebrar. Um dos meus atacantes grita, soltando meu tornozelo.

Procuro outra vez a abertura que fiz, gritando o tempo todo.

Mais mãos pegam meus tornozelos e me arrastam de volta.

Um deles me vira de costas, e outro conjunto de mãos rasga minha camisa. Desta vez, quando o material rasga, soa como um tiro.

Ah, Deus, ah, Deus, ah, Deus. Isso não está acontecendo.

Onde está todo mundo?

Por que ninguém está ajudando?

Grito e golpeio com a adaga, a lâmina atinge o peito de alguém. Sinto o sangue quente me atingir, e a sensação só me faz gritar mais alto.

Meu atacante grita de dor.

Outro sibila:

— Ela tem uma arma!

Estou chutando e relutando contra suas mãos, que estão ocupadas tentando me segurar e me imobilizar.

Sinto joelhos nas minhas coxas, mãos na pele nua da minha barriga.

Ah, Deus, por favor, Deus, não.

Grito mais alto.

Onde *diabos* está todo mundo? Moramos em uma cidade sem paredes de verdade, e estamos acampados em um país que tem um histórico militar forte. Tem que ter ao menos uma pessoa sóbria e corajosa o bastante para impedir isso.

Um dos meus atacantes avança na adaga, se aproximando para segurar meu pulso. Com um último ímpeto de energia, afundo a lâmina na garganta do homem.

Sinto seu sangue jorrar do ferimento, e mesmo no escuro e mesmo na confusão, tenho quase certeza de que a lesão é letal.

Agora são os homens que estão gritando, em pânico.

— A vaca acertou Sayid!

— Sua puta nojenta!

Alguém chuta minhas costelas com tanta força que interrompe meu grito. Outro pé usando uma bota me chuta de novo, este logo acima da orelha.

Eu me encolho, cobrindo a cabeça conforme os homens mudam de me imobilizar para me bater. Sinto os golpes em todos os lugares – meus braços, minhas pernas, meu torso, minha cabeça. A dor…

A dor, a dor, a dor – não posso respirar com ela. Está explodindo de uma centena de lugares diferentes. Estou perdendo todos os outros sentidos para ela.

É uma agonia insurpotável, gritante, asfixiante.

De repente, escuto uma voz como um trovão, falando palavras que não reconheço, mas ainda assim compreendo.

— *Jinsoi mohirsitmon dumu mo mohirsitum!* — *Você trai a Deus quando me trai!*

Reconheceria aquela voz até mesmo no inferno.

Guerra.

O espancamento para na hora. Depois mais gritos – barulhos agudos, horríveis, que os animais fazem quando são abatidos –, mas não saem de mim.

Tento abrir os olhos para ver o que está acontecendo, mas minhas pálpebras não obedecem meus comandos.

Um minuto depois, mãos voltam a me tocar, deslizando sob meu corpo. Tento gritar, lutar contra aquelas mãos, mas minha boca está cheia de sangue e quando tento mover um dos braços – *uma dor insurpotável*.

— Miriam… *Miriam*. — A voz de Guerra… nunca a ouvi soar deste jeito. Tranquilizante e agonizada ao mesmo tempo. — Sou só eu.

Grito quando ele me ergue.

— *Não*. — A palavra sai embaralhada conforme tento afastar as mãos.

— Sssh. Você está segura. — A voz de Guerra é profunda e rouca, e terrível e… *abalada*. Ou talvez minha orelhas zunindo é que estão pregando peças em mim.

Ainda não posso ver e mal posso me mover. Estou assustada com minha própria vulnerabilidade, mas me sinto… me sinto *protegida, segura*. Neste momento. Nos seus braços. É tudo tão *fodido*.

Guerra late ordens para alguém, e hesito com a fúria em sua voz.

— Minha esposa, minha esposa — fala, a voz tranquilizante e abalada outra vez —, está segura, está segura.

Tudo dói. Deus, tudo dói. Conforme começamos a nos mover, a dor vai de insuportável à inimaginável.

Estou impotente.

Onde minha mente está indo…?

Quer dizer, aonde estou indo… o que estava pensando? As coisas estão se movendo e desaparecendo tão rápido… tão rápido…

E depois aquela voz cortando a escuridão como uma lâmina.

— *Juro a você, eles vão pagar.*

CAPÍTULO 18

Acordo com a sensação de mãos em mim, e o toque é terrível e indesejado.

Arfo, começando a relutar.

Onde está minha adaga?

Por que não consigo abrir os olhos?

A dor retorna como um admirador indesejado, e soluço com a intensidade lancinante dela.

— Calma, esposa — a voz de Guerra ressoa.

São suas mãos que estão em mim, percebo. *O que ele está fazendo?*

— Pare, pare, pare — gemo, tentando afastar suas mãos. — *Dói*. — Em todos os lugares. *Tudo* dói.

— Sinto muito, Miriam — ele diz, mas um segundo depois, seu toque retorna.

— *Não, não, não.* — Começo a lutar com ele.

Por que diabos não posso ver?

Essas mãos não são como as outras. Elas me seguram firme, e nada do que faço pode deslocá-las.

— Não vou machucá-la, Miriam. Por favor, preciso que fique parada.

Não fico parada. Tudo o que posso me lembrar é do som da minha camisa se rasgando e a sensação daquelas mãos indesejadas contra minha pele, e depois a dor. Toda a dor.

Estou relutando, arfando. E então perco os sentidos… Desta vez, quando acordo, a silhueta borrada de Guerra preenche minha visão. Ele se inclina, a testa franzida e os olhos escuros pesados. Sinto a pressão quente das suas mãos contra minha pele.

— O que está acontecendo? — murmuro.

Ele faz uma careta, o corpo perto. Assustadoramente perto. Estendo o braço para afastá-lo. Em vez disso minha mão desliza inútil contra sua bochecha.

— Durma, Miriam.

— Não — falo, quase petulante, enquanto o corpo de Guerra entra e sai de foco.

Quando suas feições aguçam, eu o vejo dar um pequeno sorriso.

— Você tem um espírito guerreiro, esposa, e estou muito contente por ele, mas não precisa lutar comigo. Está segura agora.

Estou segura com o Cavaleiro pairando sobre mim?

Minha cabeça dói muito para decidir, de um jeito ou de outro.

Tento focar nele, mas minhas pálpebras estão pesadas e ficam se fechando.

Não quero dormir. Não quero mesmo. Mas a dor me vence.

Minhas pálpebras permanecem fechadas e todas as preocupações desaparecem.

* * *

A primeira coisa que percebo é o toque quente na minha testa. A essa altura, reconheço *este* toque. As mãos do Cavaleiro são mais ágeis e gentis do que aquelas que me atacaram ontem a noite.

Guerra empurra meu cabelo para trás, murmurando coisas baixo demais para que eu compreenda.

Suspiro com a sensação das mãos na minha pele. Não tem mais dor com a sensação; se tanto, é estranhamente *calmante* no momento.

Em resposta ao meu suspiro, a mão para, os dedos pressionando na minha pele.

Ainda não abro os olhos. Não estou pronta para lidar com a repercussão da noite passada. Os incômodos e as dores estão ressurgindo. Não sei se quero encarar minha situação atual.

Mas não vou pegar no sono outra vez, e só posso fingir por um tempo.

Abro os olhos.

Guerra está sentado perto de onde estou deitada, a coxa quase pressionada no meu corpo. Ele olha para mim, os olhos parecendo claros a esta distância.

— Você acordou. — Seu olhar perscruta o meu. — Como você se sente?

— Uma merda — falo rouca.

Meus lábios estão cortados e inchados, uma enxaqueca está começando a latejar atrás de um dos olhos, meu torso parece uma única lesão latejante, e minha garganta está doendo – apesar de que o último talvez seja culpa minha, quando fui esganada por um zumbi, e não por causa dos meus possíveis estupradores.

Essa vadia não tem descanso.

A mão de Guerra flexiona na minha pele, mas não a afasta de onde está na minha testa.

— Quanto tempo dormi? — pergunto.

— Só uma noite. — Devagar, ele começa a pentear meu cabelo com os dedos, me observando como se tivesse certeza de que vou afastar sua mão no segundo que tiver uma chance.

Acho que estava fazendo muito disso a noite passada.

Agora, para as perguntas difíceis.

— Meus machucados… qual a gravidade? — Maldição, dói muito falar. Meus dentes parecem moles e minha mandíbula dói.

O Cavaleiro adquire uma expressão sombria.

— Eram… significativos. — *Eram*?

— Pode ser mais específico? — peço baixinho. Estou com medo de me mexer e sentir a dor percorrer meu corpo.

Um músculo na sua mandíbula contrai.

— Esposa, estou acostumado a quebrar as coisas, não consertá-las. Não posso dizer com exatidão quais ferimentos sofreu, só que eram muitos. Seu corpo estava inchado, machucado e quebrado quando a tirei da sua barraca.

Estremeço com o lembrete.

Agora a pergunta mais difícil de todas.

— Meus atacantes… — Deveria dizer mais; tem uma pergunta que preciso fazer, mas não consigo pronunciá-la.

Uma expressão toma o rosto de Guerra, como se ele fosse um antigo deus vingativo.

— Capturados, torturados e deixados para sofrer até a hora do julgamento. — Sua voz reverbera, o som fazendo minha pele arrepiar.

Se esta situação fosse menos pessoal, quase me sentiria mal por aqueles homens. Mas não é, *então deixe-os sofrer*.

Eu me ergo, gemendo enquanto o faço. Tudo – e quero dizer *tu-do* – dói para *caralho*.

É só quando os lençóis deslizam pelo meu torso que percebo que ainda estou usando a camisa da noite passada – minha camisa *arruinada*. Ela está aberta e nada além da glória divina previne que meus mamilos apareçam para dizer oi.

Guerra e eu agora estamos sentados lado a lado, eu em um palete almofadado, ele no chão, e nossos braços e nossas pernas se tocam. Devo estar melhor do que a noite passada, porque apesar de estar dolorida, ainda estou ciente de todos os pontos de contato entre nós.

Eu me forço a notar meus arredores.

Hoje, estou de volta à tenda de Guerra. Ele deve ter me carregado até aqui ontem à noite, depois de me resgatar.

O que significa que o palete onde estou sentada… é de *Guerra*. Sinto um frio na barriga. Estava tentando evitar acabar neste exato lugar.

Tento focar nisso, me agarrar a situação muito ruim em que me encontrei com o Cavaleiro, mas tudo o que posso pensar é que ele impediu aqueles homens e passou a noite cuidando de mim, e estou *grata* a ele.

Grata para caralho.

Não estava quando poupou minha vida em Jerusalém, nem quando interrompeu o ataque zumbi, mas agora estou.

Neste momento, um soldado fala do lado de fora da tenda:

— Meu Senhor, tem um problema com um novo cavaleiro que precisa…

— Pode esperar — Guerra responde.

Meu olhar vai para ele, se demorando na curva sensual de sua boca.

Por que estou pensando na sua boca?

— Pode ir — falo. — Vou ficar bem.

Guerra olha para mim e vejo sua hesitação.

— Sério. Não vou morrer… graças a você — acrescento.

Os olhos do Cavaleiro se aprofundam com isso. Os lábios se abrem e acho que pode responder, entretanto, seu olhar se move pelo meu rosto, parando aqui e ali, os olhos ficando cada vez mais violentos.

Devo parecer muito ruim para seu humor piorar ao me ver.

— Vão ficar bem sem mim — afirma.

— Vivi sozinha por sete anos — insisto, puxando o tecido da camisa apertado sobre o peito. — Vou ficar bem enquanto estiver fora. — Gostaria de um pouco de privacidade.

Ele olha para mim por vários segundos demorados. Depois, relutante, se levanta, indo para um baú onde uma adaga embainhada está. Meus olhos observam o jeito como seu corpo enorme se movimenta a cada passo.

Pare, Miriam.

Guerra pega a adaga e volta para mim. Ele se ajoelha e coloca a arma no meu colo.

— Se qualquer um que não seja eu entrar nesta tenda — fala, acenando para a abertura —, você os estripa.

Dito como um homem que conhece um bom assassinato.

Minhas mãos seguram a arma. Neste momento, não me sinto muito piedosa.

— Dez minutos — promete, ficando de pé.

Ele vai para a abertura da tenda, mas para antes de sair, olhando para mim por cima do ombro.

— Tem comida em cima da mesa. — Com um olhar intenso, repete: — Dez minutos.

Com isso, o Cavaleiro sai e, pela primeira vez desde ontem à noite, estou sozinha outra vez.

* * *

Quase fui estuprada e espancada até a morte.

Agora que Guerra saiu, estou começando a aceitar isso.

Não deve ajudar que estou em uma tenda outra vez e tudo dói, e estou sozinha, e não sei se poderia me defender bem se alguém me atacasse de novo.

Não que estivesse prestes a dizer isso para o Cavaleiro quando ele estava pensando em ficar. Uma coisa é me sentir vulnerável, outra é mostrar isso para o mundo.

Cutuco um pouco o rosto, tentando descobrir meu estado com a sensação. Junto com um lábio cortado, meu nariz está sensível e a pele em volta dos meus olhos está inchada. Nunca fui tão grata por não ter um espelho por perto. Não quero ver o resto do meu rosto esmagado.

Fico ali sentada por vários minutos, ao mesmo tempo entediada e inquieta. Minha pele lateja como se tivesse uma

pulsação, e pensaria que a dor afastaria qualquer outra vontade humana, mas não o faz.

Meu estômago embrulha. Deus, estou faminta.

Olho triste para a comida que Guerra mencionou. A mesa parece estar a milhares de quilômetros de distância no estado em que estou.

Pego a adaga que Guerra me deu e me forço a levantar mesmo assim…

Puta merda, vou vomitar. Vou vomitar na cama de Guerra, e isso não tem nada da atração que teria há um dia.

Forço o enjoo para baixo e cambaleio até a mesa, afastando meu cabelo castanho-escuro dos olhos. Com um esforço, eu me sento em uma cadeira, colocando a arma na mesa.

Acho que não deveria ter me levantado. As coisas parecem… quebradas. Ou melhor, recém-consertadas, como se meus ossos fossem ramos frágeis deixados para quebrar no vento.

Espalhado à minha frente está uma bandeja cheia de damascos turcos secos, figos e tâmaras, azeitonas e carne curada – provavelmente cabra ou ovelha, porque *tudo* esses dias é cabra ou ovelha, queijo cortado e várias fatias de pão pita. Junto disso tudo, está um bule de café e uma xícara gawa cheia de café turco forte.

O café esfriou há muito, o pão está um pouco duro e o queijo ressecou um pouco, mas tudo tem um sabor divino. Nem mesmo os hematomas e o lábio cortado podem impedir isso.

Conforme como, olho ao redor outra vez. É estranho estar aqui, na tenda de Guerra, não apenas como um tipo de visitante, mas como uma *convidada* – uma ferida, ainda por cima.

Você não é uma convidada, é minha esposa. Quase posso ouvir a resposta de Guerra.

Termino de encher a pança, e depois, fico sentada, evitando a caminhada de volta para cama.

Hora de inspecionar o resto dos ferimentos.

Olho para mim mesma. Minha camisa rasgada revela pele manchada e descolorida. Com cuidado, afasto o tecido rasgado para ter uma visão melhor. Ugh. Agora, a pele parece mais com aquela dos zumbis que lutei ontem do que pele humana saudável. Tudo está inchado e descolorido.

Estou prestes a voltar a atenção para a parte inferior do meu corpo quando escuto o barulho de passos se aproximando. Fecho a camisa o melhor que posso.

As abas da tenda se abrem, e Guerra entra, a expressão tempestuosa. Quando me vê na mesa, os passos hesitam, e o rosto se torna feroz de outra forma.

— *Miriam*. — A voz está rouca e grave.

Descubro que gosto do som do meu nome em seus lábios. Ele me faz soar… *formidável*. Teria uso para uma dose de formidável hoje.

Guerra vai para a mesa e afasta uma cadeira. Ele se senta ao meu lado, analisando a comida e depois meu rosto. No momento, o Cavaleiro é todo determinação e energia de comando, e me sinto como uma fruta amassada.

Guerra estica a mão para o bíceps, o cabelo ondulado se movendo com a ação.

Fico tensa quando o vejo pegar a adaga embainhada ali.

O Senhor da Guerra estende a arma para mim.

— Isso é seu.

Olho para a arma – a arma *dele*. A que peguei quando cheguei. Estava usando-a no coldre do braço assim como agora.

— Pertence a você — falo.

Ele parece um pouco exasperado quando diz:

— *Pegue-a*.

Certo – quer dizer, não vou brigar com esse demônio por uma lâmina.

Pego a adaga dele e a coloco junto com a outra que me deu.

— Como você se sente? — pergunta pela segunda vez hoje.

— Uma merda — respondo pela segunda vez hoje.

Ele dá um sorriso.

Olho ao redor, garantindo que meus olhos parem em qualquer lugar menos nele.

— Para onde eu vou?

— Você não vai — afirma. — Vai ficar aqui.

Começo a protestar, mas aí o cavaleiro pega meu braço, erguendo a manga da minha camisa para ver o hematoma.

— Parece melhor. — Seus olhos se erguem para os meus. — Mas você parece cansada.

Eu *estou* cansada. E não quero brigar com ele, não quando está cuidando de mim. Faz um tempo desde que alguém cuidou de mim, e me esqueci como é bom.

Você não precisa de ninguém para *cuidar de você, Miriam, muito menos um Cavaleiro.*

Com este pensamento em mente, começo a me levantar, mas dói para *caralho*. Caio de volta na cadeira.

Guerra se levanta, os olhos doloridos ao me observar. Não poderia dizer bem o que está pensando, mas se tiver que adivinhar, diria que está percebendo que subestimou meus ferimentos.

Ele se aproxima e, em silêncio, me pega no colo e me carrega para a cama.

O cavaleiro me deita, e minha camisa, que estava se comportando, agora está aberta – e ali estão meus seios.

Isso poderia ficar pior?

Mas o Cavaleiro não olha para baixo, e quero chorar outra vez que ele, de todos os outros, é o que tem um pouco de decência.

Arrumo a camisa rápido.

Guerra se ajoelha ao meu lado.

— Preciso tocá-la outra vez.

Dou um olhar incrédulo.

— *Por quê?*

— Ainda está machucada.

Ah. Certo. Está cuidando dos meus ferimentos.

Assinto, mastigando a bochecha. Toque ainda é algo estranho para mim.

Sua mão segura meu pulso, e empurra a manga da camisa para cima, revelando a pele inchada e descolorida. Meus olhos estão no Cavaleiro, observando sua carranca profunda ao encarar meus ferimentos. Mas depois sou distraída pela sensação de suas mãos em mim.

Guerra passa a palma da mão sobre a pele sensível do meu antebraço, as tatuagens brilhantes sobre os dedos. Sob seu toque, minha pele esquenta. E então, algo estranho acontece.

Na frente dos meus olhos, meus hematomas se transformam de roxo para um amarelo-amarronzado, e um pouco da palidez doentia da minha pele retrai, como veneno sendo retirado de uma lesão.

Olho para Guerra, meus olhos arregalados conforme compreendo.

— Você está me curando.

CAPÍTULO 19

O Cavaleiro não só pode ressuscitar os mortos, ele parece poder curar os feridos.

É por isso que ficou com as mãos em mim quase o tempo todo desde a noite passada. Eu só pensei que estava ciente demais do seu toque, mas não, parece que é assim que ele cura.

Guerra encontra meu olhar por um segundo, parecendo distintamente *desconfortável* com minhas palavras. Alguém não gosta da ideia de estar ajudando um humano – esposa ou não.

O Cavaleiro move as mãos para outra parte da minha pele e começa a cuidar dela, ignorando o que eu disse. Não perco tempo pressionando-o. Não quero que, de repente, decida que é um babaca durão demais para brincar de enfermeiro.

Por um tempo, trabalha em silêncio, e aproveito a visão da sua cabeça curvada sobre mim. Seu cabelo foi preso – com adornos dourados e tudo – em um coque. Olho para baixo, para os ângulos definidos do seu rosto. Observo sua bochecha ficar tensa e relaxar.

Durante tudo isso, minha pele esquenta sob suas mãos conforme os ferimentos desaparecem devagar. Aquele toque do qual recuei, aquele toque que ainda incita emoções estranhas em mim, aquele toque está me *curando*. Não posso nem compreender isso.

— Não quis que isso acontecesse, esposa. Nunca quis — Guerra murmura. Depois de vários segundos, ele acrescenta: — Quando você gritou, ninguém veio. A não ser eu. — Sua voz está rouca ao admitir isso.

Engulo em seco ao me lembrar. Estava tão certa de que *alguém* viria, de que alguém impediria os homens. Ninguém impediu. Vivemos em uma cidade sem paredes reais. Meus gritos foram ouvidos, só não foram atendidos.

Se ele não tivesse interferido, é provável que estivesse morta. Morta e profanada.

— Como você sabia que precisava ir?

— Ouvi seus gritos.

— Como você soube que eram meus? — pergunto. Tem centenas de mulheres em seu acampamento; de certo minha voz não é tão distinta.

Os olhos dele encontram os meus.

— Do mesmo jeito que você sabe minhas palavras quando as falo. Esposa, estamos conectados de jeitos que desafiam a natureza humana.

É uma resposta ridícula, e não sei se acredito. Sei que não quero acreditar.

— Ainda te odeio — falo sem ímpeto. Mais porque preciso me lembrar.

Envolvo aquelas palavras ao meu redor como uma capa.

O canto da sua boca se curva para cima.

— Estou ciente — afirma.

Guerra trabalha em silêncio por mais algum tempo, e eu observo a ele e as suas mãos cuidadosas, a maravilha de tudo isso

não embota.

— Como você faz isso? — por fim pergunto. — Me curar, quero dizer.

— Eu desejo que aconteça. É simples assim. — Ele para, e acho que é o fim da sua explicação, mas depois Guerra acrescenta: — Meus irmãos e eu... todos podemos fazer o oposto dos nossos poderes… Pestilência pode espalhar doenças *e* curá-las. Fome pode destruir lavouras *e* nutri-las. Morte pode dar e tirar a vida quando quiser. — Guerra para. — Posso ferir… e curar.

Eu nem sei o que dizer para isso. Acho que minha mente está surpresa. Todos receberam a tarefa de acabar com a humanidade… mas também receberam as ferramentas para salvá-la.

Guerra me encara por um bom tempo, depois seus olhos vão para meus lábios. Desta vez, posso pressentir o beijo prestes a acontecer. Guerra está se aproximando inconscientemente, e estou movendo o rosto para encontrar melhor sua boca.

Guerra é violento e inflexível, mas não é maldade pura. Está provando neste momento, enquanto seu toque ainda aquece minha pele.

Estou me aproximando, e ele também…

No último segundo, viro a cabeça.

Não posso.

Perdão é uma coisa. Esta é outra. Não posso passar desse limite.

Não posso.

* * *

Fico esperando pelo momento terrível quando Guerra vai querer a cama de volta, mas não chega. Não naquela tarde, quando entro e saio do sono, e não naquela noite, depois que o sol se pôs e o acampamento está silencioso.

Guerra vem até mim várias vezes, ou para colocar comida perto da minha cama em silêncio, ou para colocar as mãos na minha pele e continuar a curar meus ferimentos, suas tatuagens vermelho-rubi brilhando na escuridão.

— Como você ainda está acordado? — murmuro quando sinto suas mãos em mim pela quinta vez esta noite.

— Não preciso dormir — fala.

Abro os olhos com isso.

Depois de uma pausa, acrescenta:

— Meu corpo não precisa disso. É uma característica humana que adquiri ao longo dos meses.

Primeiro, não compreendo, meu cérebro muito atordoado de sono. Mas depois entendo.

— Você não precisa *mesmo*? — Eu me sento um pouco com isso.

— Posso curar os feridos e acordar os mortos, mas está chocada com isso? — pergunta, um sorriso torto no rosto.

Justo.

Eu me deito de volta.

— O que mais você pode fazer? — pergunto.

— Já sabe de todos os meus outros segredos. Não preciso comer ou beber… apesar de gostar. Meu corpo pode se curar. Posso falar qualquer idioma conhecido ou uma vez conhecido pelo

homem, apesar de preferir falar as línguas mortas quando estou dando ordens. E posso levantar os mortos.

O silêncio paira e fecho os olhos outra vez, o deixando trabalhar. Mas não posso pegar no sono. Não quando suas mãos estão em mim e quase o beijei mais cedo, e ainda estou um pouco confusa que, por um segundo, eu quis seus lábios nos meus tão rápido depois de ser atacada.

Abro os olhos de novo.

— Por que eles fizeram isso? — pergunto baixo. — Por que aqueles homens me atacaram?

Olho para o Cavaleiro, e talvez a escuridão esteja brincando comigo, mas na luz baixa da tenda, seus olhos parecem tristes, muito, muito tristes. Nunca percebi isso antes. Estava muito distraída pelo quanto era assustador. Mas agora sua expressão não parece tão sedenta por sangue, e isso muda todo o seu rosto.

— Os corações dos homens são cheios de maldade, esposa — admite.

Não posso discordar. Odeio o Cavaleiro – *odeio* –, mas agora acho que posso odiar mais minha própria espécie. Sempre fomos assim? Cruéis? Ou os quatro demônios que cavalgam na terra nos fizeram assim?

As mãos de Guerra deixam minha pele.

— Durma, Miriam. E não se preocupe com aqueles homens ou seus motivos. Você terá sua justiça.

Este é um presságio estranho.

Com isso, Guerra recua, e sou deixada para adormecer um sono inquieto.

* * *

No dia seguinte, acordo com um café da manhã frio e uma pilha das minhas coisas dispostas ao lado do palete de Guerra.

Ah, e nem sinal do Cavaleiro.

Sem dúvida, está guerreando…

Pelo menos está mais confortável em me deixar sozinha hoje do que ontem.

Pego o prato de comida e belisco o desjejum, pensando que estou em uma posição muito boa: ser servida por um dos Cavaleiros do apocalipse, e ele não pediu nada em troca.

Ainda.

Posso ouvir meu aviso a Zara ecoando nos meus ouvidos. Só posso me safar por um tempo. É assim que é o mundo.

Claro, isso não é tão perturbador quanto o fato de que agora estou começando a me perguntar como seria ficar com uma pessoa como Guerra. Alguém que é mais força da natureza do que homem. E não estou muito desestimulada pela ideia…

Depois do café, mexo nas minhas coisas. Ali está minha madeira para as hastes de flechas, meus sapatos, minhas ferramentas de trabalho, meu jogo de café herdado e, o mais excitante de tudo, o romance surrado que me foi legado.

Também tem uma pilha de roupas novas entre meus itens, junto com um bilhete.

Tem um banho a esperando. Pode estar frio a esta altura. Aproveite mesmo assim.

Desvio o olhar do pedaço de papel e, na hora, meus olhos pousam na bacia de metal no fundo do recinto.

Tenho a vontade mais estranha de chorar. A maior parte da água é bombeada de poços hoje em dia, então um banho é uma grande produção. Ainda mais um quente.

Olho de volta para o bilhete, passando o polegar sobre a escrita confiante e graciosa de Guerra. Assim como todo o resto a seu respeito, tem uma certeza autoritária na sua caligrafia; pensaria que estava escrevendo bilhetes há décadas.

Deixando o papel de lado, pego as roupas e vou para a bacia.

* * *

Uma das coisas que aprendi sobre mim mesma depois de me juntar ao exército de Guerra: banhos são uma experiência indutora de ansiedade. O som de todos os transeuntes me deixa pronta para pular da banheira, o que é uma pena, porque a água – apesar de não estar quente – ainda parece incrível.

Deus, sinto falta de encanamento. Tanta, mas tanta falta...

Pelo menos tenho a oportunidade de inspecionar meus ferimentos. Os machucados pela minha pele estão mais fracos e menores do que ontem. O corte no meu lábio desapareceu por completo, e meu peito não dói mais tanto quando respiro.

Dito tudo isso, me sinto cansada e fraca, como se tivesse sido refeita nos dois últimos dias – o que não está muito longe da verdade. Então apesar das conversas que passam e de ficar tensa na banheira, eu me permito permanecer um tempo na água.

Também, sinto falta de bons banhos. Banhos de esponja não são o mesmo.

Estou prestes a sair quando escuto alguém vindo na direção da tenda. Seguro o fôlego, esperando que passem.

Entretanto, as abas da tenda se abrem e Guerra entra.

Congelo com sua aparição, nua como no dia em que nasci.

O rosto do Cavaleiro e sua armadura estão espirrados de sangue e uma fina camada de poeira. Um pouco disso está preso no cabelo. Sinto um frio na barriga com a visão.

Os olhos de Guerra encontram os meus, e eles *esquentam*.

Isso é desconfortável.

Tão desconfortável...

Afundo um pouco mais na banheira.

— Oi.

Oi? *Que porra, Miriam?*

E mais, nada a ver, mas ele pode ver meus mamilos? Esta é uma grande preocupação minha.

— *Esposa*. — Sua voz esta mais rouca do que de costume, e meu núcleo se contrai com o som. — Encontrou meu bilhete.

Encontrei. Um pouco tarde, julgando pelo fato de que *você já voltou*. Por quanto tempo eu dormi?

Melhor ainda: quanto tempo Guerra *demorou*?

— Não deveria estar… — Não posso dizer: *matando pessoas?* — …*invadindo*?

Meu olhar desvia para sua armadura. A última vez que o vi usando o equipamento, estava cheio de buracos de bala da arma da Zara. Agora, apesar da sujeira e sangue espirrado, a armadura de couro está lisa e inteira outra vez.

Como é possível?

Guerra caminha dentro da tenda, me distraindo. Ele começa a tirar os adereços, começando com a espada enorme.

— Fiquei… ansioso por deixá-la sozinha — fala.

Ele, ansioso? *Eu* que sou ansiosa.

Ele remove os avambraços, depois as guardas de ombro. Em seguida, solta os laços da armadura do peito, deixando que tudo caia no chão. Por último, remove a camisa.

Respiro fundo com sua aparência sem camisa. Sob toda aquela armadura, apenas músculos cobertos de suor. As tatuagens no peito queimam carmesim contra sua pele.

E aquela pele! É tão anômala quanto a armadura. Vi balas entrarem na sua pele e espadas a cortarem, ainda assim, sua pele não tem resquício daqueles ferimentos. Ele me disse que podia se curar, mas só agora estou vendo evidências disso.

Guerra senta-se com tudo em uma das cadeiras, a madeira rangendo sob o peso. Inclinando-se para trás, cruza os braços sobre o peito enorme.

— Alguém a incomodou enquanto estive fora? — pergunta.

Quando encontro seu olhar, ainda estão quentes.

— Não.

Para ser honesta, estou certa que Guerra colocou vários dos seus homens em volta da tenda. Tinham passos perto demais para acreditar no contrário. E se tem uma coisa em que este cara é bom, é no exagero.

— E como você está se sentindo?

Exposta. Vulnerável. Como se meus peitos estivessem a mostra.

— *Melhor*.

Guerra solta as grevas e assente.

— Ótimo. — Seus olhos estudam minha pele, e sei que está conferido para ver como meus ferimentos estão se curando, mas tudo o que posso pensar é que está tendo uma bela visão dos meus peitos. E agora isso tomou conta de muito espaço no meu cérebro para me cobrir como uma pessoa sã.

— Feche os olhos — falo de supetão.

— Por quê? — pergunta, erguendo uma sobrancelha. Ainda está soltando as tornozeleiras.

— Porque estou nua e quero sair e não quero que fique olhando para mim.

O calor naqueles olhos parece aumentar.

— Um dia vou ver essa pele linda, *esposa*.

Outra vez, meu núcleo se contrai ao som da sua voz.

Estou prestes a protestar quando seus olhos se fecham. Exalando, saio da banheira e envolvo o corpo com uma toalha. O mais rápido que posso, coloco as novas roupas que Guerra deixou para mim, surpresa que servem ligeiramente bem. Para ser justa, é difícil errar com uma camiseta e uma calça cargo.

Ainda assim.

— Obrigada pelas roupas — digo. *Porque a civilização pode estar morta, mas a educação não.*

— Posso abrir os olhos? — responde.

— Hum, sim — falo, puxando a camisa para evitar que cole na minha pele ainda úmida.

Guerra termina de remover a armadura, depois se levanta. Não sei o que estou esperando que faça em seguida, mas com

certeza *não* estou esperando que tire as calças. E é justamente o que ele faz.

— *PUTA MERDA!* — Cubro os olhos. Pelo menos, cubro um *pouco,* quer dizer, *seja corajosa* é meu mantra e talz…

Na realidade, devia ter esperado isso. Afinal, ele estava se despindo. Só esperava que aguardasse até eu não estar olhando para se trocar.

E mais duas palavras: sem cueca. E agora sei, com certeza, que se Guerra algum dia quisesse sexo, ele me partiria ao meio.

Caramba – ou talvez *caralho* seja mais apropriado.

Sem dúvida, nudez é um problema *meu*, porque Guerra parece não se importar. Não está nem olhando para mim conforme atravessa o recinto na direção da banheira. Tem zero consciência de que está nu e eu estou ~~perversamente intrigada~~ bastante desconfortável.

Meu olhar desliza de volta para a banheira de água na qual estava. A que ele está entrando. Tem algo sujo e indecente no fato que está reutilizando minha água. E está me fazendo sentir estranha e autoconsciente.

— Você quer que eu vá embora? — inquiro. Nem sei por que pergunto. *Deveria* apenas sair. Apesar dos meus joelhos estarem tremendo com fadiga, é o que deveria fazer.

Os olhos marcados por kohl encontram os meus enquanto afunda na banheira.

— E perder sua reação, esposa? Nunca.

— Então você *sabe* que não é apropriado se mostrar para as pessoas? — falo, criando um pouco de indignação.

O Cavaleiro relaxa na água.

— É apenas nudez. Não deveria ser ofensiva.

De alguma forma, Guerra, o babaca que está matando todo mundo, acabou de parecer inocente.

— Não é *ofensivo* — falo. — Só não é… normal.

— Ah, é? — ele diz. — Então maridos não veem suas esposas nuas e esposas não veem os maridos nus? De algum jeito eles se divertem vestidos?

Quero passar as mãos pelo cabelo.

— *Não somos casados*.

Guerra me dá um olhar que apenas afirma, *somos*.

— Não deveria mais ficar na sua tenda — falo, me afastando. Sem dúvida não pensei na logística de dormir aqui, onde Guerra vive, se banha e dorme.

— Você *sempre* deveria ficar na minha tenda comigo. Deixei que tivesse seu próprio lugar porque a agradava, e gosto de agradá-la e seus ridículos desejos humanos.

Meus ridí…?

— Você quer me agradar? — falo, agora irritada de verdade. — Que tal parar de matar pessoas?

Guerra me dá um olhar afiado.

— Tem outro que também quero agradar, Miriam. E infelizmente, para você, a vontade Dele é diferente.

* * *

Sobrevivi ao entrave do banho.

Por pouco.

Agora Guerra está vestido e diligentemente curando meus ferimentos. Desta vez, quando me toca, estou bem ciente da sua proximidade. Tem um tipo peculiar de intimidade em ver o Senhor da Guerra sem o *kohl* nos olhos.

Quero esticar o braço e tocá-lo, e se olhar com atenção em seus olhos, estou certa de que ele também quer.

Então mantenho o olhar para baixo.

Quando ele termina com seu cuidado, ele… fica por perto. Isso é novo.

Quer dizer, estou acostumada com ele estar na tenda – *é* dele, afinal –, mas até agora, estava desacordada na maior parte do tempo. Olho para ele conforme amola a lâmina e folheia algum livro que parece muito menos divertido do que o meu romance.

Isso parece… doméstico. Como se Guerra estivesse vivendo aquele casamento sobre o qual fica tagarelando.

Preciso dar o fora daqui, *agora*.

Mas sério, o que vou fazer sobre esta situação? Não posso ficar aqui para sempre. E quanto mais tempo passo aqui, mais nós dois vamos nos acostumar com estas acomodações.

Isso não pode acontecer. Guerra já é atraente demais, e agora sei que é capaz de ser gentil. Não tenho resistência para nada disso.

Mesmo assim, não importa. Não vou embora esta noite, quando meus ossos parecem palafitas instáveis e minha pele ainda está muito dolorida ao toque. Vou ficar aqui, aguentar isso um pouco mais, e depois, quando meu corpo estiver bem para ir embora, eu vou. Até lá…

Pego meu kit de ferramentas de madeira e começo a alisar um galho, cortando a casca como uma maçã.

Preciso fazer o tempo passar *de algum jeito*.

Trabalho em silêncio e, enfim, minhas preocupações desaparecem e sou só eu, a madeira, e o barulho constante das minhas ferramentas. De vez em quando, aliso o trabalho com uma lixa, esfregando a haste da flecha até a superfície ficar relativamente lisa.

— Onde aprendeu a fazer isso?

Olho para cima, só para notar que o olhar firme de Guerra está em mim – aquele olhar deve estar em mim há um tempo. Estava tão focada no meu trabalho que não percebi.

— É uma longa história — falo.

— Temos tempo.

Maldito seja ele e sua voz grave. Não posso evitar pensar sobre sua boca toda vez que fala.

É melhor contar logo a história. Qualquer coisa para evitar que minha mente vague pelo caminho que quer.

Deixo o pedaço de madeira de lado. Ao meu redor, lascas de madeira estão espalhadas como confete.

— Minha mãe era professora de história na Universidade Hebraica — falo. — Uma das aulas que lecionava era de armas antigas. Ela tinha muitos livros sobre armas antigas e a fabricação delas.

Antes que minha mãe, irmã e eu tentássemos escapar da Israel devastada pela guerra, já estava folheando aqueles livros, meu coração ingênuo focado em sobrevivência. Como uma tola,

pensava que, se pudesse aprender a fazer armas, então poderia usá-las para caçar, como uma Amazona moderna.

Era um desejo infantil que incitou um interesse honesto.

— Demorou um bom tempo para sequer fazer sentido nos livros, e um tempo ainda maior para acertar apenas uma coisa.

Mas no fim acertei. Depois uma coisa virou duas, e assim por diante. Depois que perdi minha mãe e irmã e voltei sozinha para Jerusalém sem qualquer tipo de salário para viver, me joguei no trabalho.

— Fiz adagas de madeira primeiro. — Até isso foi um processo de tentativa e erro. Madeira pode apodrecer, pode ser macia demais, friável demais. Mas depois que compreendi um pouco mais da natureza dela, e dos jeitos de manipulá-la e endurecer com fogo, foi quando consegui manipular o material com maestria. — Depois segui para outras armas.

Fiz arcos e flechas, testando a madeira mais maleável e dura. Aprendi quando aplicar calor, quanto e por quanto tempo. E descobri que poderia reutilizar vidro quebrado em pontas de flecha e plástico fino como penugem. As casas e ferros velhos eram cheios dessas coisas, assim como fio e cola e a ferramenta ocasional.

Os livros da minha mãe tinham a maior parte das respostas, só precisava ser criativa em como aplicá-las.

— Então você aprendeu sozinha — Guerra diz. Ele parece impressionado, e fico desconfortável em como aquilo me faz sentir bem.

Concordo com a cabeça.

— E suas habilidades de luta? Também aprendeu sozinha?

Balanço a cabeça.

— Alguns soldados mais velhos me ensinaram habilidades bem básicas. — Soldados como minha mãe. Era costume que a maior parte dos israelenses se alistasse para o exército por pelo menos dois anos. Mas quando alcancei a idade, tinha um novo regime político, um que não acreditava em treinar as mulheres para a guerra. Então precisei trabalhar com o que minha mãe me ensinara, e o que alguns outros velhos israelenses estavam dispostos a ensinar.

— Eles a ensinaram a usar um arco e flecha? — Guerra pergunta, incrédulo.

— Bom, não. *Isso* aprendi sozinha. — Antes da Chegada, armas de fogo eram a arma de escolha. Foi só quando pararam de funcionar direito que arcos e flechas, espadas e adagas, maças e machados voltaram a ser populares. — Por que você quer saber isso? — questiono, constrangida.

— Você é uma criatura curiosa, só isso. — Ele me dá um sorriso malicioso. — Uma criatura curiosa e perigosa.

CAPÍTULO 20

No terceiro dia, estou de pé e me movendo outra vez. Depois de outra noite com as mãos quentes de Guerra na minha pele, quase me sinto normal. Ainda tem pontos sensíveis e dores – tipo se virar o torso de determinado jeito, os ferimentos das minhas costelas ressurgem –, mas se tomar cuidado, posso fingir que estou curada.

O que é bem o que faço depois que acordo e vejo que Guerra não está – sem dúvida esquartejando mais pessoas condenadas. Eu me levanto e me movo pela tenda do cavaleiro e, não vou mentir, bisbilhoto o lugar *inteirinho*.

Ergo almofadas e folheio a pilha de livros sobre uma mesa de canto. Olho as lamparinas a óleo e abro alguns dos seus baús, desapontada quando acabo encarando armas e mais armas.

Para ser sincera, a vida privada de Guerra não é *tão* intrigante. Esperava descobrir que ele secretamente gosta de usar roupas femininas ou coleciona bonecas matrioskas russas ou alguma coisa estranha do tipo.

No lugar, encontro mapas antigos com cidades cruzadas. Engulo em seco quando as vejo.

Abro o último dos baús, e exalo quando vejo o que tem dentro.

Sua armadura vermelho-sangue está no fundo.

A espada, noto, está ausente.

Pego um avambraço, virando-o na mão. O couro está outra vez em perfeita condição, apesar do fato de que, juro, tinham manchas de sangue nele ontem. Acho que, no final do dia, Deus lava todos os pecados.

Por que Guerra não está usando seus apetrechos?

A resposta vem depois de um segundo demorado demais.

— É leve, não é?

Sobressalto-me com a voz de Guerra. Quando olho por cima do ombro, está no portal da tenda, me encarando, a expressão indecifrável.

Deus, como pareço culpada, agachada na frente do baú, segurando uma parte da armadura.

— Não se espera isso de uma armadura — fala, vindo na minha direção. — Todos meus irmãos usam armadura de metal, mas no campo de batalh,a o metal é pesado e incoveniente.

Coloco a proteção de braço de volta no baú e o fecho. Depois me viro para encarar Guerra. Ele está usando uma camisa preta, o punho da espada aparecendo sobre o ombro.

— E aquilo? — pergunto, acenando com o queixo para a arma. — Não é… incoveniente?

— Muito. Mas gosto dela.

Atrás dele, as abas da tenda se abrem com um barulho e um soldado entra, carregando uma bandeja de comida e café. Ele coloca os itens na mesa, depois vai embora.

Quando estamos sozinhos outra vez, Guerra vai até a mesa e puxa uma cadeira para mim.

— Quem o ensinou a oferecer um assento a uma mulher? — pergunto, o seguindo. Eu me sento, os olhos na disposição da

mesa.

Ele não soltou o encosto da minha cadeira, e se inclina para sussurrar no meu ouvido:

— As mesmas pessoas que a ensinaram a bisbilhotar nas coisas dos outros.

Guerra se endireita e, ao fazê-lo, vejo um punhal familiar preto na bainha no seu braço.

— *Minha adaga* — falo quando a reconheço. Era uma das armas que usei para lutar em Jerusalém. — Você a guardou. — Estava certa de que estava perdida. Vê-la incita uma emoção antiga.

Sem pensar, estico o braço para ela, só para que Guerra segure meu pulso.

Dou a ele um olhar incrédulo.

— É *minha*.

— Considere uma troca… você fica com minha adaga, e eu fico com a sua.

— Isso não é uma troca — reclamo, me levantando. — Você guardou minha arma sem me avisar e apenas me deu a sua. Quero a minha de volta.

Minha adaga é mais cega do que a de Guerra e o equilíbrio está errado. Ainda assim, a quero de volta.

— Não. — Só pelo tom da sua voz posso ver que não é negociável. *Ugh*.

Olho feio para ele.

— Por que você *quer* minha adaga? — pergunto.

Tem dúzias de armas só neste quarto. Tem mais centenas espalhadas pelo acampamento, e com as cidade que saquearemos,

tem mais incontáveis para Guerra adquirir. Minha lâmina humilde não é páreo para aquelas.

— Eu… gosto dela.

Assim como gosta da espada.

Gesticula para a cadeira outra vez.

— Sente-se.

Eu o faço, observando a escolha de comida e o café denso e fumegante ao lado.

Ao invés de sentar-se, Guerra se ajoelha, pressionando as mãos nos meus machucados. A esta altura, estou acostumada com esta rotina. Ainda é surpreendentemente íntimo, tê-lo perto assim e sentir sua pele pressionada na minha, mas passei a esperar isso – *até mesmo ansiar por isso.*

Não estou com a cabeça no lugar.

— Está me curando só por que quer me foder?

Santa mãe de Deus. Aquelas palavras saíram mesmo da minha boca?

Qual é o seu problema, Miriam?

A cabeça do cavaleiro estala para cima. Ele me encara por vários segundos, o olhar desviando para minha boca.

— Eu a curei por meus próprios motivos. Fodê-la é uma questão bem diferente.

Guerra termina seu trabalho e se senta na cadeira ao meu lado.

E agora tenho que lidar com as doze toneladas de tensão sexual que introduzi no recinto.

Para me distrair, forço as palavras que queria dizer a ele.

— Vou voltar.

Os olhos de Guerra se movem de forma casual para mim, mas pressinto uma tensão profunda com minhas palavras.

— Voltar para...? — Sua boca se ergue um pouco, como se *voltar* em qualquer sentido fosse ridículo e impossível.

— Para minha barraca.

Agora Guerra se empertiga no assento. Está com uma expressão terrível e assustadora, uma que faz homens tremerem antes que coloque a mão neles.

— Por quê? — É mais uma exigência do que uma pergunta.

— Não somos amantes.

O olhar intenso que o Senhor da Guerra me dá faz meu núcleo esquentar.

Isso vai mudar, seus olhos dizem.

— Sem contar que você está destruindo o mundo todo — falo. — Foi gentil da sua parte me curar…

— *Gentil* — repete como se nunca tivesse ouvido nada tão nojento na vida.

— … mas estou melhor agora, e quero minha barraca de volta.

Algum dia pensei mesmo que os olhos do Senhor da Guerra eram tristes? Só tem violência neles. Violência devoradora de almas e terrível.

Ele se inclina para a frente, e aquela única ação me faz querer recuar.

— E se eu disser que não — fala, a voz baixa. — E se eu disser que não pode ir embora?

Ergo as sobrancelhas.

— Vai tentar me impedir quando se esforçou tanto para me dar espaço?

— Não se engane, Miriam — diz, a voz enganosamente suave. — Posso fazer o que quiser. Eu a tirei da sua primeira casa. Também posso tirá-la da segunda.

— Não arruíne isso — falo baixo.

Sua expressão oscila, e por um segundo acho que está se lembrando de como disse que o odiava.

— E se eu der sua própria barraca outra vez, quem vai garantir que não será atacada no momento em que estiver sozinha?

— Você me deixou cavalgar na batalha — afirmo. — Tem uma parte de você que, sem dúvida, confia no seu Deus para me proteger.

— Ele também é o seu Deus.

Hum, concordamos em discordar.

— Se me forçar a ficar aqui — continuo —, não é melhor do que os homens que me atacaram.

Tudo bem, isso é um pouco de exagero.

Mas parece ter lógica para Guerra.

Sua mandíbula contrai e ele desvia o olhar, as narinas dilatando.

— Tudo bem — diz entredentes depois de um minuto, os olhos ainda cheios de violência. — Pode ter sua barraca de volta… por um tempo. — Guerra se levanta e se inclina. — Mas *eu vou* decidir quando o tempo acaba, e nenhum dos seus argumentos humanos bonitinhos vai mudar isso.

* * *

Guerra é um homem de palavra. Ele de fato me dá minha barraca de volta mais tarde naquele mesmo dia… ele só a move para ficar bem ao lado da sua.

— Que merda é essa? — inquiro, olhando para nossas barracas lado a lado. A minha parece divertidamente minúscula ao lado da sua.

O cavaleiro está parado ao meu lado, analisando a vista. Quase tive que arrastá-lo da sua tenda para me ouvir, e tenho quase certeza de que estava se esbaldando na minha reação como se fosse baklava. Agora ele se aproxima.

— De nada.

De nada? Que porra é essa?

— Isso *não* foi o que concordamos — falo irritada.

— É exatamente o que concordamos. Apenas fique contente que não a movi para dentro da minha tenda. Fiquei tentado, esposa. — Guerra me olha de cima a baixo. — Como você se sente?

Um caos completo.

Ergo um ombro.

— Melhor — falo a contragosto. Muito, muito a contragosto.

Seu olhar me percorre. Ele dá um pequeno aceno.

— Então vamos levantar acampamento e cavalgar amanhã… depois que seus atacantes enfrentem o julgamento, claro.

Com aquela última fala sinistra, ele vai embora.

CAPÍTULO 21

Na manhã seguinte, Guerra me acorda na nova barraca.

Sei que é ele na hora que seu toque quente e firme encontra minha pele. Ainda assim, me sobressalto com a sensação. Vai demorar um tempo para apagar por completo o incidente da minha memória.

— Levante-se, Miriam — fala, já recuando. — O dia chegou.

Franzo o cenho, esfregando os olhos.

— Que dia? — Mas aí as palavras de ontem retornam com tudo.

Vou precisar encarar meus atacantes. Aquele pensamento provoca calor e frio ao mesmo tempo.

Eu me sento, passando as mãos pelo cabelo. Respiro fundo, desejando uma xícara de café turco. Eu beberia, com borra e tudo, se pudesse me preparar para este dia.

Colocando as botas, saio, apertando os olhos com o brilho brutal do sol. Guerra está vários metros na minha frente, andando como se soubesse que vou segui-lo. *Babaca*. Odeio ser previsível.

O cavaleiro me guia até a clareira no meio do acampamento, onde a maior parte da horda já se reuniu. A multidão se abre como mar para deixar Guerra e eu passarmos, fechando-se com fluidez atrás de nós.

É só depois que passamos por eles que tenho vista livre dos três homens que estão parados, amarrados e surrados, vários cavaleiros fobos armados espalhados atrás deles.

Quase perco o fôlego.

Meus atacantes.

Ainda posso sentir suas mãos em mim e ouvir o barulho do tecido conforme rasgavam minha camisa. Estava tão indefesa na hora.

Mas agora, o jogo virou.

Meu olhar vai de um homem amarrado para o outro. Reconheço um dos meus atacantes como o homem do primeiro dia, o que disse que me viu primeiro. Os outros são estranhos.

Olhar para o rosto deles à luz do dia os faz parecer menos assustadores. Talvez seja o fato de que eles parecem aterrorizados, ou talvez porque vejo que não podem ser muito mais velhos do que eu. Em um mundo diferente, eles poderiam ter sido os homens com quem frequentei a escola.

Mas isso não é *deste* mundo.

Um cavaleiro fobos se afasta dos companheiros, avançando para me entregar uma arma. Pego a espada que me dá, depois olho para ela como boba.

— O que é isso? — pergunto para Guerra.

O lábio superior dele se curva em desgosto ao olhar para os homens.

— *Wedāw*. — *Justiça.*

Demora vários segundos para que eu compreenda.

— Você quer que *eu mate* estes homens? — pergunto para o cavaleiro.

Como resposta, Guerra cruza os braços e não diz nada. Qualquer gentileza que mostrou a mim ao longo dos últimos dias desapareceu. Este é o Guerra inflexível, cuja vontade reinará absoluta.

Olho de volta para os homens.

Vão tentar outra vez. Se não for comigo, será com outra mulher. Já devem ter feito isso antes. São uma ameaça real, e vão continuar a ser enquanto permanecerem vivos.

Mas não é isso que Guerra acredita de todos nós? Que somos todos maus e imutáveis? Só que não é verdade. Apesar de todos sermos capazes de maldade, não significa que estamos fadados a ela. Também somos capazes de bondade.

Olho para a arma na minha mão, e respiro fundo.

— Não vou matá-los — falo.

Não agora, e não assim.

Depois de uma longa e carregada pausa, o cavaleiro diz:

— *Ovun obē tūpāremi ātremeṇevi teri, obevi pūṣeṇevi teri epevitri tirīmeṭi utsāhe teḷa eteri, obeṭi vuttive iṭuvennē næppe? — Invadiram sua barraca, tentaram estuprá-la e profaná-la, e ainda assim não vai cobrar sua justiça?*

— Isso é *vingança* — afirmo.

Ele semicerra os olhos.

— *Kē kahatē, peḷivænīki sehi vuttive eke sā sekānevi. — Agora, vingança e justiça são o mesmo.*

— Não vou matá-los — repito.

Sei que devo parecer hipócrita. Matei antes, e estes homens não são inocentes. Se estivéssemos no campo de batalha, com facilidade lutaria com eles até a morte. Se tivessem me encurralado

em uma noite escura em Jerusalém, também os teria matado. Mas ver estes homens enfileirados, os pulsos amarrados – isso seria uma execução.

Não sou um carrasco.

Guerra olha para mim por um bom tempo. Enfim faz um som baixo na garganta e balança a cabeça, como se fosse a coisa mais estranha de todas.

— *Abi abē vuttive eṭu naterennē nek, keki evi abi saukuven genneki, aššatu*. — *Se não vai tomar sua justiça, então farei isso por você, esposa.*

O cavaleiro avança na direção dos homens. Vê-lo se mover, me lembra que Guerra é assim. E, diferente dos humanos, não tenho tanta certeza de que o cavaleiro pode mudar. Ele, com certeza, não quer.

Meus atacantes se encolhem para longe dele, mas não têm para onde ir. Estão encurralados pela multidão e pelos cavaleiros fobos.

Conforme Guerra se aproxima dos três homens, ele tira uma espada da bainha no quadril. Não é a enorme que carrega nas costas. Esta parece mais leve e estreita.

— *Avā kegē epirisipu selevi menni.* — *Vocês merecem minha lâmina suja.*

Guerra diz, sua voz ecoando.

— *Gīvisevē pī abi egeurevevesṭi pæt qū eteri, etækin abejē kereṇi pe egeurevenīsvi senu æti.* — *Em vida, vocês não foram honrados, e por isso suas mortes não serão honrosas.*

Os sons guturais das suas palavras o fazem parecer ainda mais aterrorizante.

— Por favor — um dos homens começa a implorar. — Não foi por mal.

O da esquerda está tremendo visivelmente.

Mas é o homem que reconheço que ergue o queixo em desafio, os olhos fixos em mim. Ele não parece arrependido, parece bravo.

— O que seja que aquela vaca falou, é uma mentira. Ela queria.

Guerra se aproxima do homem e segura seu queixo.

— Ela *queria*? — Desta vez, quando fala, não perde tempo de falar em outro idioma. Todos ouvimos as palavras perfeitamente enunciadas.

O homem fuzila o cavaleiro, mas não responde.

Depois de um segundo, Guerra solta o homem e começa a se virar.

Em um lampejo de velocidade, ele se volta para o homem e, com um golpe cruel, afunda a lâmina na barriga dele, o empalando.

Pulo com a violência repentina.

Meu atacante solta um grito engasgado, e seus dois coconspiradores gritam, surpresos.

Guerra solta a espada, deixando o punhal sobressair da barriga do homem.

O homem oscila um pouco, depois cai no chão, uma poça de sangue crescente surgindo do ferimento.

— Isso é gostoso? — Guerra pergunta, outra vez se fazendo entender. Ele paira sobre o homem, a lâmina ainda saindo da vítima. — *Espero* que sim. Aposto que queria minha espada enfiada em você tanto quando Miriam queria a sua enfiada nela.

Meu Deus.

Havia esquecido a selvageria do cavaleiro.

A boca do homem se move, mas tudo o que sai é um gemido engasgado.

A atenção do cavaleiro se volta para os dois homens restantes. Assim que seu olhar feroz se fixa neles, ambos se encolhem.

Guerra pega o punhal da espada do abdômen do moribundo e puxa a lâmina, a ação fazendo um barulho molhado.

O cavaleiro se aproxima do mais assustado dos dois remanescentes e, sem cerimônia, o apunhala na barriga. Quase mecanicamente, puxa a espada e vai para o próximo, repetindo a ação até meus três atacantes estarem morrendo numa poça do próprio sangue.

Olho para eles em horror enquanto se contorcem e gemem no chão. O cavaleiro desferiu um golpe mortal, mas não os matou na hora, deixando-os para sofrer.

Guerra passa o olhar violento pela multidão.

— Qualquer um que colocar um dedo desonesto em outra mulher vai ter o mesmo destino.

Ele se vira para mim e dá um aceno.

Vingança e justiça são o mesmo, ele disse.

Talvez seja por este motivo que o mundo está em chamas. Afinal, se este é o Guerra sendo justo, então a justiça do seu Deus também faz sentido.

* * *

Não volto para minha barraca na hora. Em vez disso, percorro o caminho familiar de volta para meu alojamento original. Chame de morbidez ou desfecho, mas quero ver o lugar onde fui atacada. Quero ver se a terra está machada de vermelho com o sangue que foi derramado, ou se o chão já voltou ao normal.

Não sei por quê, mas a vontade é intensa.

A uns dez metros da minha barraca, percebo que tem algo errado. As barracas nesta área oscilam, abandonadas, na brisa. Ninguém mais está por perto, e está silencioso. Tão silencioso.

Um calafrio me percorre, apesar do calor do dia.

Continuo na direção da localização original da minha barraca, muito ciente de que o barulho costumeiro desta área desapareceu.

Minhas antigas vizinhas podem estar se demorando no centro do acampamento. Ainda tinham algumas pessoas lá…

Quando chego onde minha barraca deveria estar, tudo o que restou é um pedaço de terra vazio e umas manchas de sangue fracas. Assim que vejo as manchas, sou lembrada de todo o terror da noite. As mãos dos homens em mim, me segurando, me *batendo*.

Respiro fundo, tentando desfazer estas memórias. Não quero me sentir frágil e temerosa.

Dou um passo para trás e aquele silêncio desconcertante retorna. Olho em volta para todas as barracas vazias, as abas oscilando ao vento. Tem algumas cestas viradas espalhadas, mas não tem vida, nenhum sussurro dela.

Quando você gritou, ninguém veio. A não ser eu.

A justiça de Guerra tocou mais do que três homens, compreendo com um tremor. As pessoas que um dia viveram ao

meu redor, agora se foram.

* * *

Estou descansando perto da minha barraca desmontada, talhando outra haste de flecha, quando escuto uma comoção por perto.

Olho para cima bem a tempo de ver os cavaleiros fobos cercando alguém.

— Me deixem passar!

Franzo as sobrancelhas com a voz vagamente familiar.

— Ninguém passa sem a aprovação de Guerra.

— A esposa dele *aprovaria*!

Deixo meu trabalho de lado e vou até onde os cavaleiros estão; um deles agora está com a mão na arma. Atrás dos dois homens está Zara.

Assim que a reconheço, grito:

— Deixe-a passar! — Um dos homens franze o cenho para mim e cospe.

Parece que gosta muito de mim. O outro, entretanto, o que me trouxe a espada na execução esta manhã, acena para Zara. O camarada na hora começa a discutir, mas ele ignora o outro homem.

Minha nova amiga passa com dois pratos cheios de comida nas mãos.

— Estou tentando te ver há *dias* — reclama quando se encontra comigo. — E durante dias aqueles babacas ficaram me mandando embora.

— Sinto muito — digo. — Eu não sabia.

Eu a levo de volta para os restos desmontados da minha barraca, ciente dos muitos olhos nos observando. Parece que os cavaleiros fobos não gostam muito de qualquer um entrando na seção deles do acampamento mesmo quando ela está toda embalada para a viagem.

— Não tem problema — ela diz. — Sabia que uma hora passaria.

Quando chegamos às minhas coisas, ela me entrega um dos pratos.

— Queria retribuir sua gentileza.

Isso… isso me afeta mais do que deveria.

— Obrigada — falo, aceitando o prato, um nó na garganta.

— Como você tem passado? — pergunta, os olhos me perscrutando. A maior parte dos meus machucados visíveis se curaram; não sei se pode ver o que sobrou deles.

— Estou bem — afirmo.

Hoje, senti que nossos papéis foram invertidos. Zara parece estar animada, e eu sou a retraída.

— Aquela noite — Zara começa —, ouvi muitos gritos. Pensar que um deles era seu… — Balança a cabeça em negação. — Pensei que pertenciam a outras pessoas, as que mataram… — Balança outra vez.

Ela ouviu aqueles gritos e pensou que era algum tipo de justiça perversa.

Zara belisca a comida.

— Não descobri que era você até espalharem pelo acampamento que uma mulher tinha sido machucada, uma que o

cavaleiro gostava. Somei dois mais dois… — Os olhos dela encontram os meus. — Desculpa por não ter ido.

— Era sua primeira noite. Eu não teria ido. — Sem contar que ela não estava nem perto da minha barraca.

Ficamos quietas por alguns minutos e belisco a comida que Zara trouxe.

— O que é isso? — pergunta do nada, acenando para a faca de entalhe e o pedaço de madeira no qual estava trabalhando.

Eu o pego e inspeciono.

— O início de uma flecha.

— *Você fazendo uma?* — Não sei se é julgamento ou admiração em sua voz. Ela pega o pedaço de madeira da minha mão e o observa. — Nunca aprendi a usar um arco — admite. — Me dou bem com lâminas curtas, mas essa habilidade não vai me ajudar muito, já que não *tenho* uma lâmina.

— Você não tem uma arma? — pergunto, chocada. *Mas é claro que não*. Tiraram as armas de Zara quando ela chegou, e não vai ser oferecida outra até a próxima batalha.

Se os mesmos homens que me atacaram tivessem escolhido a barraca de Zara no lugar, ela estaria indefesa.

O pensamento me enjoa.

— Espere aqui. — Eu me levanto e vou para a tenda de Guerra, que ainda está de pé. O cavaleiro não está dentro no momento, o que talvez seja uma coisa boa.

Mais fácil pedir perdão do que permissão.

Pego uma das adagas embainhadas que Guerra deixa espalhadas, depois deixo a tenda, voltando para Zara. Vários cavaleiros fobos por perto seguem os meus movimentos.

— O que é isso? — minha amiga pergunta quando entrego a arma para ela.

— Coloque-a.

— Não vai servir — fala, soltando o cinto de couro que está enrolado na bainha; está claro que foi feito para servir uma cintura muito maior. Ela passa o cinto na cintura, fazendo o melhor para servir.

Zara olha para a adaga.

— Guerra vai me matar por isso? — pergunta, olhando desconfiada para os cavaleiros que nos observam. Com certeza vão informar que afanei uma adaga da coleção do cavaleiro.

— Vou falar com ele. Vai ficar tudo bem.

Ela ergue as sobrancelhas.

— *Você* vai *falar* com ele? — pergunta cética. — E vai funcionar?

— Funcionou até agora.

Ela bufa uma risada.

— Em que posição vocês estão conversando? A horizontal?

Faço uma careta ao mesmo tempo em que dou uma risadinha.

— *Não*. A normal.

Ela balança a cabeça.

— Ou você é a mulher mais convincente do mundo, Miriam, ou um dia estes favores vão custar caro.

Você é minha esposa, vai se render a mim e vai ser minha em todos os sentidos da palavra antes que eu destrua este mundo.

Zara está certa. Nada estes dias vem sem um preço, ainda mais favores. E Guerra me fez *muitos* favores.

Em algum momento, vai me fazer pagar.

CAPÍTULO 22

Quebrei a regra três.

Evite ser notada.

Para ser justa, Guerra parece sempre ter me notado. Agora é o resto do acampamento que está muito, muito ciente de quem sou.

Sinto seus olhares enquanto monto na Lady Godiva, um cavalo novo que é muito menos interessado em me dar coices do que Thunder. O olhar coletivo do acampamento faz minha pele formigar. É impossível me misturar, e odeio isso.

Assim como o cavaleiro prometeu, hoje o exército inteiro levantou acampamento. Asdode foi erradicada, assim como todas as comunidades satélites que a cercavam. Não tem mais nada para Guerra matar, então está na hora de partirmos.

Assim como antes, Guerra e eu cavalgamos na frente da horda, colocando distância o suficiente entre nós para que possa esquecer, por um tempo, que tem um exército assassino seguindo no nosso encalço.

O cavaleiro nos leva para o sul pela Highway 4. A terra é plana demais para ver o oceano daqui, mas juro que posso sentir o cheiro. Está a meros quilômetros da estrada. E pelas conversas que ouvi no acampamento, vamos ficar perto da costa durante os próximos dias.

Tento manter os pensamentos ocupados com a viagem, mas não consigo evitar que se voltem para meu companheiro, assim como fizeram desde que deixamos o acampamento.

Por nenhum motivo lógico, hoje não sou capaz de ignorá-lo. Ou talvez tenha um motivo; talvez a justiça bárbara de Guerra hoje mais cedo tenha quebrado algo em mim.

Qualquer que seja o motivo, agora não posso evitar notar a definição de sua mandíbula, o cabelo escuro quase preto e aqueles lábios curvados. Observo sua armadura de couro vermelho e as coxas poderosas.

Estou tendo fantasias com coxas. Do meu inimigo.

Sou uma idiota.

Naturalmente, é claro, isso não me impede de continuar a olhar para Guerra, e quanto mais olho, mais certa estou de que quero passar os dedos sobre suas marcas estranhas brilhantes e borrar o kohl que marca seus olhos. Quero sentir o gosto daqueles lábios mais uma vez.

Quero tudo isso, e não deveria, o que me faz querer mais.

— Por que você não esteve com nenhuma outra mulher desde que nos conhecemos? — A pergunta apenas escapa, mas assim que a faço, quero morrer.

As pessoas que gostam umas das outras fazem esse tipo de pergunta. Estou deixando claro para ele que isso importa para mim. E não importa, não mesmo. Só estou curiosa. Quer dizer, todo mundo não quer saber da vida sexual de um cavaleiro?

Não? Só eu?

Merda.

Guerra olha para mim.

— Quem disse que estive com outras mulheres?

— As pessoas falam.

Eu me lembro de quando cheguei no acampamento e as mulheres fizeram parecer que Guerra tinha uma fila de mulheres entrando e saindo da sua tenda.

— Ah — ele diz. — Humanos e suas fraquezas. — Tem um longo período de silêncio.

— E? — insisto. Já me envergonhei mesmo, posso chegar ao fundo disso. — Por que não esteve?

Guerra se vira para mim, os olhos castanhos brilhando no sol.

— Estou comprometido com você, esposa, e apenas você.

Quero desconfiar da afirmação. Poderia ter feito isso há alguns dias. Mas, por qualquer motivo, aquela explicação me afeta no âmago.

— Uau, estou honrada. — Tento soar zombeteira e irreverente, mas não dá muito certo.

Guerra me dá um sorriso magoado, como se o esforço da abstinência não fosse fácil. O pobre cavaleirinho e seu pau negligenciado.

O que ele vai fazer?

— E se eu nunca dormir com você? — pergunto.

— Fui inumano por um longo tempo, Miriam. Posso controlar meu corpo muito bem até ser inumano mais uma vez.

Tremo. Sabia que ele não era humano de verdade, mas ouvi-lo dizer isso é muito mais solene do que apenas estar ciente disso.

— Você, por outro lado — continua —, só foi humana, e está presa a sua natureza mais básica. Vamos ver quanto tempo *você* resiste, esposa.

Hoje, de todos os dias, a afirmação atinge o alvo.

* * *

Na estrada livre, não tem como se enganar que estou vivendo em uma era terrível. O sinal mais óbvio são os corpos. Assim como da primeira vez que viajei com Guerra, passamos por vários. Estão inchados e fedendo, e abutres já os mutilaram. Estão nas ruas ou meio dentro, meio fora de residências. Tenho certeza de que tem mais mortos dentro das casas, apodrecendo junto das suas posses terrenas.

Espalhados perto dos corpos estão pilhas de ossos, e sei que os zumbis de Guerra são responsáveis por isso.

Mas não são só os corpos.

Passamos por Ascalão, a cidade ao sul de Asdode. Este lugar também foi saqueado. Alguns dos prédios ainda fumegam na distância, e tem uma quietude no ar que parece completamente desprovido de vida humana.

Mesmo depois que passamos pela cidade, ainda tem visões estranhas que nunca teria visto há uma década. Aqui, entre as cidades, nossos arredores são marcados por ferros-velhos e sucata de metal. As carcaças de carros velhos e eletrônicos e outras tecnologias inúteis estão abandonadas dos lados da estrada.

Não sei se a visão de toda essa decadência antiga e lixo vai parar de ser chocante algum dia. Vasculhei tantos ferros-velhos ao longo dos anos, mas mesmo depois de visitar *centenas* de vezes, ainda não estou imune a sensação arrepiante nas minhas costas, como se tivessem fantasmas velhos por perto.

— Pode me contar dos seus irmãos? — pergunto, meus olhos se demorando em uma secadora enferrujada e uma geladeira manchada ao passarmos.

— São letais e terríveis, assim como eu — Guerra diz.

Mesmo no calor escaldante do meio-dia, os pelos dos meus braços se eriçam.

— Onde eles estão? — pergunto.

— Onde precisam estar — responde enigmático.

— Até Pestilência? — insisto. Guerra mencionou que o primeiro cavaleiro tinha sido impedido.

O cavaleiro curva um pouco o lábio superior. Seu silêncio faz meu coração acelerar.

— Onde ele está, não é problema meu. Seu propósito foi servido.

Acho… acho que é o jeito evasivo de Guerra de dizer que seus irmãos podem mesmo ser impedidos.

Agora preciso descobrir *como*.

— Quando Fome virá? — pergunto.

— Quando for a hora dele.

— E… quando é isso?

Guerra balança a cabeça, semicerrando os olhos para o horizonte.

— Depois que eu fizer meu julgamento final.

— Seu julgamento final? — digo. — Do quê? *Humanos*? — Ergo as sobrancelhas.

Guerra vira a cabeça e me dá um olhar demorado.

Sim, de humanos.

— Por que você acha que estamos aqui? — Guerra diz.

Eu o encaro de volta.

— Por que você não me conta? — É ele quem tem todas as respostas.

— Sua espécie não foi feita errada — Guerra diz enigmático —, mas todos coletivamente *escolheram* errado.

Estou tentando compreender como as palavras de Guerra se encaixam com o julgamento, mas não sei bem o que ele quer dizer. Que a natureza humana em si não é o problema, apenas nos tornamos maus no meio do caminho? E agora ele precisa nos punir por isso?

— E por isso todos vamos morrer? — digo.

— Vocês estão sendo chamados de volta para casa.

O que ele quer dizer é que a espécie humana está sendo arrebatada pela lata de lixo de Deus como sobras azedas.

— E não tem nada a ser feito a esse respeito? — pergunto. Nem sei por que me importo. Guerra não demonstrou um grama de interesse em *salvar* a espécie humana. Está muito feliz de nos aniquilar.

— Miriam, não sou eu quem tem que *fazer* nada. A humanidade que precisa mudar. Apenas julgo seus corações no caminho.

Passo uma mão no meu cabelo castanho-escuro.

— Como você pode nos julgar se está ocupado demais nos esquartejando?

O rosto de Guerra está severo.

— Tem uma ordem no que eu e meus irmãos fazemos.

— O que isso *significa*? — Ele está evitando minhas perguntas.

— Quatro calamidades, quatro chances.

Um calafrio indesejado de medo desce pela minha coluna.

— Quatro chances do *quê*?

Ele me dá um olhar intenso.

— Redenção.

CAPÍTULO 23

Redenção. Aquela palavra pesa em mim à noite, enquanto encaro o céu. A humanidade estava tão focada em impedir os cavaleiros que deixamos passar uma verdade simples: talvez não seja o Cavaleiro quem precisa ser impedido.

Talvez sejamos *nós*.

Não nossas vidas – apesar de Guerra insistir no contrário –, mas nossas *ações*. Tecnologia parou de supetão no dia em que os cavaleiros chegaram. Mas se foram as coisas que criamos que estavam erradas, aquele único, destrutivo ato bastaria.

E não bastou.

Pestilência reapareceu cinco anos depois disso. *Cinco anos*. E agora faz bem mais de uma década desde a chegada inicial dos cavaleiros. *Por que esperar? O que não estamos vendo?*

Eu me lembro da imagem dos três atacantes sobreviventes, todos esperando para morrer. Eu me lembro de olhar para aqueles homens, estar tão certa de que machucariam outra pessoa de novo se fossem libertados. Não *queria* acreditar – ainda não quero –, mas pensei tudo isso mesmo assim.

De algum jeito, todos somos capazes de nos redimir. Só não sei se estamos todos dispostos.

Então, estamos destinados a morrer.

* * *

Passamos por Gaza, a faixa inteira. Ninguém restou. Está tão abandonada quanto Asdode e Ascalão. Corpos apodrecem sob o sol do verão, e o profundo agouro de enxames de insetos eriçam o pelo na minha nuca.

Jabalia, Khan Yunis – todas as cidades na faixa parecem iguais.

Mortas.

— O que você fez? — sussurro enquanto absorvo tudo isso.

— Não podia deixá-la — Guerra diz.

Olho para ele.

— Quando estava ferida — explica.

Horror me toma. Enquanto estava ao meu lado e me curava, ainda estava matando.

Guerra encontra meu olhar, e não tem remorso na sua expressão impiedosa. Ele vai ter tudo – a mim e o fim do mundo. É seu direito natural, *tomar* tudo.

Desvio o olhar. *E pensar que estava tendo fantasias com ele há um dia…*

Minha atenção retorna para as ruínas dessa civilização. Nem sabia que o exército invadia longe assim da base.

Só que quanto mais olho para a carnificina e mais penso nisso, mais acredito que o exército de Guerra *não* se moveu tão ao sul. Não tem prédios fumegando nem soldados caídos. Não tem nada para indicar que homem encontrou com homem no campo de batalha e lutaram um contra o outro até a morte.

Mas tem pilhas de ossos. Muitos e muitos ossos.

— Você usou os mortos? — pergunto.

Sua única resposta é encontrar meu olhar e repetir:

— Não podia deixá-la.

* * *

Não falo com Guerra depois disso. Não durante horas.

Infelizmente, ele parece muito bem com isso.

Não é até o sol estar se pondo e Guerra estar guiando o corcel para fora da estrada, na direção de um entreposto deserto, que diz:

— Sei que está brava comigo.

Balanço a cabeça.

— Não estou brava com você — falo. Posso sentir seu olhar em mim. — Estou brava comigo mesma.

Guerra desmonta de Deimos e pega as rédeas do meu cavalo, guiando a criatura para um grupo de cochos cheios de ração velha e água turva.

Olho em volta. Estamos no meio do nada. Realmente. Tirando o entreposto, não tem nada aqui além de estrada e terra árida banhada pelo sol.

— Há uma semana, seu povo a brutalizou — fala —, e ainda assim pensa que possam ser poupados?

Eu o ignoro, desmontando de Lady Godiva e fazendo uma careta para minhas pernas doloridas.

Ele amarra as rédeas do meu cavalo e volta para o meu lado.

— Me responda — exige. Pela primeira vez, seus olhos estão raivosos, e fico com a impressão de que está se lembrando da noite

que fui atacada.

— Por quê? — digo. — Argumentar com você não resulta em *nada*.

Guerra se aproxima.

— E se resultasse? — pergunta baixo. — Se a ouvisse e tentasse mudar, e aí?

Observo seu rosto. Tudo nele é brutal – beleza brutal, poder brutal, personalidade brutal.

— Acho que sabe o que aconteceria se tentasse mudar — falo, erguendo um pouco o queixo.

Estou tendo dificuldade para não pegar Guerra do jeito que as coisas estão. Se ele me desse um motivo para acreditar que é capaz de mudar para melhor, poderia ficar tentada a corrompê-lo agora mesmo.

O olhar do Cavaleiro desvia para meus lábios e seus olhos ficam quentes.

— E se eu fizer isso, se eu… *mudar*… isso a faria menos envergonhada do fato que o mundo me odeia e ainda assim você é minha?

— *Não sou sua*. — Tem uma grande diferença entre querer dar para um cara bonito e *ser* dele.

Os cantos dos lábios pecaminosos de Guerra se curvam para cima.

— Você *é* minha. Você soube no momento que olhou para meu rosto naquele dia em Jerusalém. Assim como eu soube. — Seu olhar desvia para a base do meu pescoço, onde está minha cicatriz.

Guerra se aproxima, atraído pelo antigo ferimento.

— Minha por violência. Minha por poder. Minha por proclamação divina.

Acho que ele pode me beijar. Tem aquele olhar intenso no rosto como se quisesse, e deixou bem claro que acredita que sou dele em todos os sentidos da palavra.

Mas em vez de se inclinar e pressionar os lábios nos meus, ele passa por mim e começa a montar o acampamento.

Encaro suas costas enquanto trabalha. *Por que ele não acaba logo com isso?* É forte o bastante, e não tem problema em dominar humanos inocentes no campo de batalha. Por que impor limites quando se trata da sua “esposa” relutante?

— O que você mudaria em mim? — pergunta por sobre o ombro, interrompendo meus pensamentos.

O que quer que seja que o impulsiona.

— Pare de matar as pessoas — falo.

Ele para o trabalho.

— Você me faria abrir mão do meu propósito?

Sim. Mas é óbvio que isso é demais para pedir.

Ando até ele, pegando a outra ponta do palete que está abrindo e o ajudando a esticar.

— Pelo menos salve as crianças — falo.

Guerra afasta minhas mãos e, para um cara que não é mesmo um cara, parece saber um pouco de cavalheirismo ou o que seja que pensa estar fazendo por mim.

— Crianças crescem — diz —, e infâncias trágicas criam os homens mais vingativos.

Homens que tentariam impedir Guerra… se ele puder ser impedido.

Penso na minha infância. De sentar no colo do meu pai e ouvi-lo contar histórias de lugares distantes e pessoas que conhecera. Eu me lembro de estar na cozinha, fazendo chalá com minha mãe, a receita de família supostamente passada de geração em geração por centenas de anos antes que eu a aprendesse. Eu me lembro de como minha infância foi tranquila e amorosa.

Pelo menos, foi como era *antes*.

Depois…

Fecho os olhos e posso ouvir o ranger de metal do dia em que os cavaleiros chegaram. O dia em que meu pai morreu. E depois, anos mais tarde…

A água surge…

Posso sentir o frio congelante esganando a vida daquelas memórias.

O cavaleiro está certo. É difícil se lembrar do que amou sem lembrar do que odiou.

— Além disso — Guerra continua, ignorante dos meus pensamentos —, crianças se tornam adultos, que então fazem *mais* crianças.

Problemático quando se está tentando erradicar uma espécie.

Guerra termina de organizar o palete, depois pega algumas toras de madeira do alforje do meu cavalo, junto com um maço de fósforo surrado e um pouco de aparas.

— Isso não o incomoda? Que crianças estejam morrendo? — pergunto, me sentando em um dos paletes. — Com certeza, alguma parte sua, talvez a parte que me salvou, se incomoda com isso.

O Cavaleiro começa a empilhar a madeira seca.

— Fome não tem problema com crianças… e Morte. — Um sorriso infeliz passa pelo rosto de Guerra por um segundo e depois desaparece. — Morte não adoraria nada mais do que segurar o mundo inteiro no seu abraço frio. Então, não, Miriam, não estou preocupado com minha leniência.

— E Pestilência? — insisto, apoiando os braços nos joelhos.

— O que tem? — Guerra, enfim, diz, acrescentando as aparas aos troncos.

Meu coração acelera cada vez mais. Tem algo aqui. Algo no primeiro irmão que Guerra não quer que eu saiba.

— Você não o incluiu na lista — falo.

Guerra demora para acender um fósforo e depois levá-lo até as aparas.

— Preciso? — fala, apagando o fósforo. — Você e eu sabemos que a praga não discrimina as vítimas.

Semicerro os olhos para Guerra, certa de que está manipulando as palavras.

— Seja lá o que está escondendo de mim, vou descobrir.

* * *

Tarde da noite, depois que matei minha sede e minha fome (Guerra está se abstendo em nome do racionamento de suprimentos), observo o Cavaleiro pelo fogo baixo. Está com a espada no colo e um esmeril para afiar a lâmina. Posso ouvir o barulho rítmico conforme desliza a pedra no metal.

— Amanhã vamos montar acampamento aqui — fala, interrompendo o silêncio.

— Aqui? — pergunto, olhando em volta. Estamos no meio do nada. — Onde estamos? — pergunto.

— Egito — Guerra responde.

Egito.

Nunca saí do país antes. Parece estranho, viajar para mais longe do que jamais fui. Durante anos, quis viajar; vai entender que quando finalmente tenho a oportunidade, é na direção errada.

Meu olhar percorre nossos arredores áridos outra vez. Então este será o fim da nossa viagem. Não que signifique muito; o cavaleiro vai montar minha barraca bem ao lado da sua e vamos continuar com esse *negócio* que temos entre nós.

Mas isso *é* o fim de alguma coisa, ao menos por enquanto. Na estrada é mais fácil gostar de um homem como Guerra. Ele não está focado em matar as pessoas e, para ser sincera, quando você remove isso da equação, não é tão horrível.

As chamas baixas flamejam por sua pele morena e dançam em seus olhos. Elas brilham pela lâmina da espada e iluminam encantadoramente o braço grosso. Guerra não parece um homem moderno no momento.

— Antes de chegar na terra, quem você era? — pergunto.

Os olhos dele encontram os meus.

— Não quem, Miriam — fala —, mas *o quê*.

Não falo nada, e enfim ele continua:

— Vivi durante Somme, descansei a Normandia e me espalhei pelas antigas costas de Troia; saboreei a maior parte desta terra e meus mortos adubaram incontáveis campos com seus corpos. Mesmo agora, posso sentir aqueles corpos muito abaixo de mim no solo.

Arrepios cobrem minha pele. Metade do que está dizendo não faz sentido, mas posso sentir a verdade disso. Em cada palavra.

— Sou velho e novo e é uma experiência terrível e pesarosa. — *Zing*. Ele passa o esmeril na espada outra vez. — Mas, diferente dos meus irmãos, sou singular de um jeito único e fundamental. — Ele para, o olhar pesado no meu.

— Que é? — pergunto, mesmo sem saber se quero descobrir a resposta.

Seu olhar vai para o fogo.

— Existo apenas nos corações dos homens. — Guerra fita as chamas. Agora que o abri, parece que toda sua história está escapando. — Todas as criaturas podem experimentar pestilência, fome e morte… mas guerra, verdadeira guerra, é uma experiência singularmente humana.

Enquanto o observo, seu rosto coberto por sombras, compreensão surge.

— Por *isso* você julga o coração dos homens — digo. Porque Guerra, criado de contendas humanas, é o único cavaleiro capaz de compreender de verdade nossos corações, e apenas nossos corações.

Guerra ri, colocando o esmeril e a espada de lado.

— *Todos* os meus irmãos julgam os corações dos homens. — Ele se inclina para frente. — A diferença é que eu *conheço* seus corações. Residi neles por muito, muito tempo, esposa.

Outra vez, um calafrio me percorre. O olhar de Guerra é intenso demais, e o que está dizendo está me fazendo sentir como se a realidade e o desconhecido fossem separados por um fino véu, e que, neste momento, o Cavaleiro o está afastando.

Num ímpeto, eu me aproximo dele.

Ele não conhece nada além da guerra. Foi toda sua existência até agora.

Estendendo o braço, seguro sua mão entre as minhas. Não sei o que estou fazendo, só que o brilho das tatuagens dos seus dedos se parece com vaga-lumes presos entre minhas palmas.

Na hora, o olhar de Guerra encontra o meu, e seus dedos apertam minhas mãos.

— Se conhece os corações dos homens — falo, enlaçando nossos dedos. *O que estou fazendo?* — Então também deve saber que a maior parte dos homens não quer lutar.

São países e causas e reis que querem guerra, e soldados que pagam o preço por isso.

— Está mesmo certa disso, Miriam? — Pela primeira vez, é Guerra que soa como se não quisesse lutar.

Passo o dedo pelos seus, traçando cada runa.

— Estou.

Ainda não faço ideia do que, em nome de Deus, estou fazendo, mas sei que Guerra não vai me impedir.

Ele quer que nos toquemos há mais tempo do que eu.

Ele encara a ação, os olhos profundos, o corpo estranhamente imóvel.

Meu dedo escorrega para o dorso da sua mão e pelo seu antebraço bronzeado, começando a tocar toda a pele que disse a mim mesma para não tocar. Sob meu dedo, posso sentir os feixes dos seus músculos. Músculos que, até onde sei, ganharam existência há pouco mais de uma década.

— *Esposa*. — A voz de Guerra ficou rouca de desejo, e tem um milhão de vontades brilhando em seus olhos. Está começando a se inclinar para a frente, e parece que vai me atacar a qualquer segundo.

Porra, acho que quero descobrir a sensação disso, assim como quero saber como seria ter os quadris de Guerra aninhados entre minhas pernas, seu corpo enorme pressionado contra o meu…

Também estou me inclinando para a frente.

Quase consigo esquecer todo o resto.

Mas então, tem muito para se esquecer. Demais.

Posso ouvir os gritos da batalha, posso ver o jeito que os pássaros circundaram aquelas cidades conquistadas. Eu me lembro dos cadáveres – todos aqueles cadáveres – espalhados em vários quilômetros de estrada e a armadura de Guerra coberta de sangue.

Solto sua mão. Ele é bonito e gentil e salvou minha vida, mas como ele disse…

Não sou como você, *e nunca deveria se esquecer disso*.

Eu me levanto de supetão.

— Acho que preciso ir para a cama.

Miriam, *sua idiota*. *E pensar que quase começou alguma coisa com o cavaleiro*.

A solidão sem dúvida está me afetando.

Posso sentir o olhar dele nas minhas costas conforme vou para meu palete. Assim como da primeira vez que viajamos, o meu está cheio de cobertores. Em vez disso, dormiria no de Guerra, só para mostrar que posso dormir como um miserável, mas,

considerando o jeito que estávamos nos comendo com os olhos há um segundo, ele pode ficar com a ideia errada.

E não sei se consigo rejeitá-lo duas vezes.

Conforme tiro as botas, Guerra apaga o resto do fogo. Espero que diga algo sobre o que acabou de acontecer – alguma promessa de mais, alguma frustração por ter escapulido dos seus braços (literalmente) outra vez, mas não o faz.

É desconcertante para caramba, na maior parte porque sou lembrada de que, por mais brutal que Guerra seja, ele é um estrategista. E acho que sabe como me manipular.

Um pouco depois de deitar no meu palete, ele faz o mesmo, removendo a camisa. Posso ver suas tatuagens brilhando na noite.

— Não precisa deitar só porque eu deitei — falo.

— Não quero ficar acordado enquanto você dome. Conversar com você me lembra de como é solitário existir.

Aquelas palavras apertam meu peito.

Não imaginei que o cavaleiro pudesse se sentir assim quando vive no meio de uma horda de humanos. Para ser honesta, não considerei que ele nem sequer fosse *capaz* de se sentir solitário. A solidão é um sentimento muito vulnerável e muito humano. Não combina com a ideia que tenho de Guerra.

Talvez sua ideia esteja errada.

Ele está bem ali. Não é tarde demais para ser um pouco menos solitário por uma noite.

— Miriam — fala, interrompendo meus pensamentos.

— Humm? — digo.

— Me conte algo bonito.

Não sei se ouvi bem o cavaleiro. *Ele* quer ouvir sobre algo bonito? Não acho que um homem como Guerra tenha espaço em si para algo como beleza.

Minha ideia dele *com certeza* está errada.

Eu me viro no palete para que possa olhar para ele. Guerra está deitado na própria cama, olhando para as estrelas. Deve sentir meu olhar nele, mas não se vira para mim.

Algo bonito…

A história surge quase que de imediato.

— Meu pai era muçulmano. Minha mãe era judia.

Ele está quieto.

Passo os dedos pelo tecido dos meus cobertores ao falar:

— Eles se conheceram em Oxford quando estavam estudando para o doutorado. Meu pai me disse que ouviu a risada da minha mãe antes de ver seu rosto. Supostamente foi quando soube que iria amá-la. — Meus dedos param. — Não era para se amarem.

— Por quê? — A voz de Guerra soa na escuridão.

Meus olhos se movem para ele.

— As famílias não queriam que ficassem juntos… porque eram de duas culturas diferentes e duas religiões diferentes. Meu pai, turco-americano, e minha mãe, israelense.

O cavaleiro não diz nada, então continuo.

— No final, não importou para eles o que as famílias pensavam. Sabiam que amor era amor. Que pode superar tudo.

Exalo. Agora meus pais se foram e esta grande história de amor na qual acreditei quando era criança teve um final horrível.

Então talvez não seja bonito, afinal. O mundo toma tudo, no fim.

Guerra vira a cabeça para me encarar.

— Então, você acha o amor bonito, Miriam? — pergunta.

— Não — falo, os olhos encontrando os dele na quase escuridão. — Não o amor em si. — Tudo o que um dia amei, eu perdi. Não tem beleza nisso. — É o poder do amor que acho bonito.

Pode mudar muitas coisas…

Para melhor, ou pior.

CAPÍTULO 24

Acordo contra Guerra.

Assim como da última vez que aconteceu, deixei meu palete, meu corpo atraído pelo do cavaleiro como um imã.

Ergo um pouco a cabeça e vejo que, pelo menos esta manhã, Guerra também deixou o palete dele, nós dois nos encontramos em algum lugar no meio.

Isso só me faz sentir um pouquinho melhor.

Meus olhos vão para o cavaleiro. Ele ainda está dormindo, os longos cílios apoiados nas bochechas. Sinto minha pele esquentar mesmo ao relaxar devagar ao seu lado.

É errado reimaginar esta situação? Porque eu quero. Muito.

Quanto mais fico pressionada nele, mais ciente meu corpo fica do seu. Sei que ele é feito de músculos e talvez nada mais, e todo aquele músculo parece muito *bom* contra mim. Também tem uma parte perversa minha que gosta de se sentir pequena e protegida aqui, no aconchego dos seus braços. Faz muito tempo desde que me senti protegida...

Meu olhar vai para seu peito, coberto pelas tatuagens brilhantes. Antes que possa pensar duas vezes, ergo a mão e sigo os traços de uma. Sob meu toque, a pele do cavaleiro se arrepia.

O braço de Guerra me aperta, e ele acorda com um sorriso lento e malicioso. Eu me pergunto quantos desses verei hoje. Fico horrorizada ao perceber que comecei a ansiar por estes sorrisos. O cavaleiro não sorri muito, então cada sorriso que ganho me dá um prazer perverso. Ênfase no *perverso*.

— Esposa, você está criando o hábito de se encontrar nos meus braços.

Um hábito que, julgando pelo seu rosto, ele não vai fazer nada para evitar.

— Você me encontrou no meio do caminho — falo, um pouco defensiva, porque parece muito que eu o estou paquerando quando é o contrário.

Guerra me dá outro sorriso sonolento, o que esquenta meu núcleo.

— Como poderia evitar? — ele diz. — Não tenho tanto controle dormindo.

Ele ainda não me soltou, e também não tentei sair dos seus braços. Acho que nenhum de nós está muito ansioso para colocar um fim neste momento.

O cavaleiro estica o braço e passa o dedo na cicatriz na base do meu pescoço.

— Como você conseguiu isso?

A pergunta destrói meu bom humor.

A explosão ruge nos meus ouvidos, *a força me derrubando na água*.

Escuridão. *Nada*. *Depois*…

Ofego. *Tem água e fogo e*… *e*… *e Deus a dor – a dor*, *a dor*, *a dor*.

Fecho bem os olhos para me proteger da memória. Quando os abro, estou outra vez cuidadosamente afastada.

— Por que importa? — pergunto.

Os olhos profundos de Guerra encontram os meus.

— Porque sim.

Franzo a testa.

— É de um acidente. Tenho mais cicatrizes em outros lugares.

Isso, claro, é a coisa errada a se dizer. Os olhos de Guerra ficam ávidos; ele parece querer tirar minhas roupas e decifrar minha pele como um mapa.

Seu olhar desliza pelo meu pescoço. Passa por minha boca e meu nariz. Encontro seu olhar e nenhum de nós desvia. Posso ver aqueles flocos dourados nas suas írises. Posso até ver que, agora, seus olhos perderam a violência.

O que sobrou neles é puro desejo.

Minha respiração fica mais rápida e meu núcleo começa a latejar: eu o desejo; eu o desejo; eu o desejo. Pensei que se dormisse isso mudaria as coisas, mas não mudou.

Seu rosto está tão perto. Tão perto...

Sou eu quem encurta a distância entre nós. Eu que pressiono os lábios nos dele. Isso é puro e completo impulso.

Lá se foi não correr atrás dele…

O gosto dele é bem como me lembro. Como fumaça e ferro. E, diferente do resto do seu corpo, a boca de Guerra é macia.

O beijo deveria ser gentil, mas o cavaleiro o sequestra, esmagando os lábios nos meus. Ele está me devorando com a mesma intensidade que tem na batalha.

Guerra nos rola de forma que deito de costas com ele por cima de mim, me prendendo ao chão. Ele mantém o peso afastado, mas mesmo assim, parece tão sólido e pesado quanto aqueles tanques enferrujando nos ferros-velhos de Jerusalém. Sem vergonha nenhuma, me esfrego nele, segurando um gemido.

Ao longe, posso ouvir o pocotó lento de cascos, mas minha atenção está toda focada em Guerra, conforme sua mão desce para meu peito e segura um seio.

Não é minha intenção, mas um suspiro sem fôlego escapa.

Guerra se afasta do beijo tempo o suficiente para dizer:

— Esposa, eu não estava vivendo até este momento. Você deve fazer este som outra vez.

Porra, ele ouviu?

Pocotó, *pocotó*, *pocotó, pocotó.*

Os lábios do cavaleiro voltam para mim, e sua mão está de volta no meu seio, e estou esfregando a pelve contra ele como se fosse um esporte profissional.

Pocotó, pocotó, pocotó, pocotó.

Isso vai acontecer aqui e agora. Minha seca vai oficialmente *acabar*. Vou lidar com a repercussão dessa decisão ruim mais tarde.

Uma sombra paira sobre nós e, quando olho para cima, percebo que o cavalo de Guerra está se abaixando, cheirando o cabelo do cavaleiro.

Diferente de Lady Godiva, Guerra não se importou em amarrar seu corcel. E agora seu cavalo acabou de empatar a *foda*.

Guerra se afasta de mim.

— *Deimos* — ele geme, parecendo exasperado ao afastar o focinho do cavalo.

Dando-me um olhar pesaroso, Guerra sai de cima de mim para cuidar do corcel.

Eu me sento, limpando a terra do cabelo e das roupas, me sentindo só um pouco desgostosa do que acabei de fazer. Observo Guerra interagir com Deimos, acariciando a besta na bochecha e no pescoço.

Sempre pensei que o cavalo de Guerra, com a estrutura enorme e o pelo vermelho-sangue, era uma criatura assustadora, mas neste momento parece mais uma criança carente, ansiosa pela atenção do pai.

Tudo bem, cavalos podem ser um pouco melhores do que bicicletas. Mesmo que caguem em todo lugar.

Estou prestes a vagar para onde o cavalo e cavaleiro estão quando escuto um barulho baixo. Aperto os olhos para a estrada e vejo formas indistintas no ponto onde a terra se encontra com o céu.

Deimos não estava empatando a *foda* afinal. Estava soando o alarme.

O exército de Guerra está no horizonte.

CAPÍTULO 25

Saio da minha recém-erguida barraca aquela noite armada com um propósito.

Do lado de fora, o lugarzinho abandonado no qual Guerra e eu acampamos agora esta coberto de barracas até onde o olhar alcança. Os momentos privados que tivemos aqui apenas horas atrás foram trocados por pessoas e atividade.

Sinto uma pontada de luto, mas logo desaparece, substituída por uma ansiedade crescente.

Mordo a bochecha, os olhos indo para a tenda do cavaleiro. Criei uma espécie de plano. Um plano constrangedor, e improvisado, mas um plano mesmo assim. Um que faz meu estômago embrulhar todas as vezes que penso nele.

Pelo menos vai fazê-la parar de se sentir tão dividida… se *funcionar.*

Guerra vai invadir a próxima grande cidade em um dia ou dois. Preciso fazer dar certo antes disso.

Dou um único passo na direção da sua tenda, depois hesito.

Meu plano *poderia* esperar até amanhã…

Mas se esperar, posso perder a coragem para repetir isso.

Começo a ir na direção da tenda de Guerra com o coração na boca.

A noite está quente e parada, e os sons do acampamento me cercam – o estalido baixo das tochas, as explosões de risadas distantes, o farfalhar suave de tecido. Se nossas circunstâncias fossem diferentes, estes barulhos seriam reconfortantes.

Deus, vou mesmo fazer isso?

Os cavaleiros fobos que costumam ficar de guarda na área desapareceram. Eu me aproximo da tenda e escuto várias vozes falando de dentro.

Hesito, retorcendo os dedos suados, respirando rápido demais.

Agora pode ser uma péssima hora para isso.

O tom grave da voz do cavaleiro soa lá dentro e meu estômago contrai.

Ainda posso voltar. Ele nunca saberia.

Seja corajosa.

Afasto só um pouco a aba de lona.

Dentro, o cavaleiro escuta seus homens enquanto formam estratégias de como melhor invadir Alarixe – ao que parece, a próxima cidade na sua lista.

— O oceano bloqueia a cidade ao norte, o deserto ao sul — um dos fobos diz. — Vamos entrar pelo leste, deixando a única escapatória dos civis pelo oeste. Pode ser melhor dividir o exército e atacar dos dois lados.

Franzo o cenho para o homem que está falando. Está expondo o melhor jeito de aniquilar uma cidade inteira.

Guerra analisa a topografia, o peito nu, as tatuagens brilhando como rubis.

— Também tem a Highway 55 para considerar — uma soldada diz, movendo o dedo sobre uma parte do mapa. — Leva para o

deserto, mas se as pessoas ficarem muito desesperadas, vão usá-la para fugir para o sul…

Uma mão envolve meu braço com brutalidade.

— Espionando o Senhor da Guerra? — um homem rosna atrás de mim.

Eu me viro e vejo outro dos cavaleiros fobos de Guerra. Acho que seu nome é Uzair. Ele tem uma aparência particularmente cruel.

Ele me empurra para dentro da tenda. O cavaleiro e os outros soldados olham para cima com a comoção.

— Encontrei sua mulher parada fora da tenda. Estava escutando seus planos — Uzair diz.

Os olhos de Guerra passam por mim antes de irem na direção do homem.

— *Vá*.

O cavaleiro hesita. É óbvio que pensou que receberia um elogio por me dedurar.

Ele faz uma mesura tensa para Guerra e vai embora.

O resto dos soldados está observando o cavaleiro, esperando uma indicação dele antes de agirem.

Guerra acena para a saída com a cabeça. Sem palavras, todos vão embora. Conforme saem, a maior parte me dá olhares duros.

Não ganhei nenhum aliado entre seus homens.

O cavaleiro olha para a saída por vários segundos depois que todo mundo foi embora.

— Se queria saber dos meus planos — por fim, diz —, só precisava perguntar.

Guerra e eu sabemos que só usaria a informação para sabotá-lo.

— Não é por isso que estou aqui — falo.

— Então por que *está* aqui? — pergunta, se afastando do mapa. Seus olhos estão iluminados com interesse.

Seja corajosa. Seja corajosa. Seja corajosa.

Ele se aproxima e eu o observo – observo *mesmo*. Da sua estrutura imponente até seus olhos escuros e maçãs do rosto definidas, a mandíbula forte e a vastidão do seu torso nu. Tudo nele foi feito para tirar vidas. Abro a boca…

Desisto.

— Quer saber, esqueça. — As palavras saem rápidas.

Outro dia, eu me prometo.

Assim que me viro para sair, Guerra pega meu braço e me viro para olhar para ele.

Ele procura meu rosto.

— Você tem um olhar…

Tenho um olhar?

— Diga-me porque está aqui — comanda.

Meus olhar vai da mão no meu braço para seu rosto.

Apenas crie coragem e diga.

Exalo.

— Tenho uma proposta para você.

— Uma proposta — repete. Sua voz tem um certo peso, um que faz minhas bochechas esquentarem.

Se alguém compreende trocas, seria Guerra. Lados opostos se encontram, trocam uma coisa pela outra, depois retomam o conflito pela manhã.

Ele continua a me escrutinar com intensidade crescente.

— O que, esposa, você propõe?

Enquanto olho para ele, me aproximo. De modo bastante deliberado, coloco a mão no seu peito.

— Acho que você quer *isso* — falo baixo, sem conseguir soletrar exatamente o que estou oferecendo. — E mais.

Muito mais.

Guerra respira fundo e seus olhos ardem. Ele não nega.

— Esta é sua proposta? — pergunta.

Meu plano temido.

Concordo com a cabeça.

— O que você quer? — Sua voz é profunda e ressoa.

Ele quer fazer um acordo.

Solto uma respiração trêmula. Era isso mesmo que eu esperava. As dúvidas que tenho empalidecem em comparação.

— Pare de levantar os mortos — falo.

Não estou pedindo para Guerra acabar com sua maldita cruzada; estou apenas pedindo que não nos erradique por completo. Talvez assim algumas pessoas sobrevivam as invasões. Nesta altura, *algumas* é melhor do que *nenhuma*.

Guerra fecha os olhos e coloca a mão sobre a minha, a prendendo contra seu peito.

— É uma boa proposta. — O cavaleiro abre os olhos. — Por mais tentado que esteja…

Sinto minha esperança crescer…

— …, mas não, Miriam, não vou concordar com isso.

… e depois despencar.

Minhas bochechas coram com a rejeição.

Fui uma tola por pensar que poderia convencê-lo com tanta facilidade. Ou pensar que meu corpo tivesse um preço tão alto. E aí

também tem a humilhação birrenta que sinto. Era degradante o bastante oferecer meus *serviços*, mas tê-los recusados mesmo assim?

De repente fico brava – comigo mesma, na maior parte, mas também com Guerra.

Começo a puxar a mão, mas ele a segura, aprisionada.

— Com pressa de ir embora? — diz.

Eu o fuzilo abertamente, e o olhar o faz soltar uma risada ameaçadora.

— Sim, me odeie, mulher selvagem; sua raiva a faz adquirir vida.

Ele ainda está com minha mão presa.

— É agora que barganhamos — fala.

— Isso não é negociável — retruco. — Pode aceitar minha proposta, ou recusar e me deixar ir.

Guerra ignora minhas palavras.

— E se acamparmos um pouco mais entre as cidades? — ele diz. — Poderia ganhar alguns dias para sua espécie.

Alguns dias? Se vou dar para este cavaleiro quando e como ele pedir, quero conseguir anos – até mesmo décadas – da vida de alguém. Não *dias*.

— Não é o bastante.

Ele me dá um sorriso cruel.

— Você é rápida para passar de trocas para exigências.

— E você é rápido para recusá-las — ralho.

O cavaleiro solta minha mão, mas só para passar o polegar no meu lábio inferior.

O Senhor da Guerra se aproxima.

— Vai se render a mim mesmo assim. Está marcada para mim, meu prêmio de guerra.

Agora é minha vez de dar um sorriso cruel.

— Talvez — falo. — Talvez vá me ter, talvez não. Mas não será esta noite… *e poderia ter sido*.

Os olhos de Guerra parecem escurecer.

Ah, agora mencionei algo que ele queria, não foi?

Que pena.

Eu me viro e vou para a porta.

Estou quase na abertura da tenda quando ele diz:

— Os aviários.

Minhas sobrancelhas se juntam e olho para o cavaleiro por cima do ombro.

— O quê?

Ele dá um passo à frente.

— Não vou queimar os aviários. — Posso ouvir meu coração começando a acelerar.

Os aviários. Era o meio mais eficaz de comunicação de uma cidade. Se fossem deixados intactos, outras cidades poderiam ser avisadas sobre Guerra. As pessoas poderiam ter tempo de fugir antes do cavaleiro sequer entrar na cidade.

Escrutino o cavaleiro, me virando mais para encará-lo de frente.

— É algum tipo de truque? Você não está planejando me dar sua palavra só para matar os pássaros de alguma outra forma?

Guerra parece quase contente com minha pergunta. Talvez sua mentalidade estratégica goste de ser testada. Enquanto isso, aqui estou, achando tudo isso entediante.

— Não vou impedir meus homens de matarem os pássaros — fala —, mas não vou dar ordens explícitas para destruirem os aviários.

É o melhor que vou conseguir. E é bem melhor do que sua primeira contra-oferta.

Concordo devagar. Assinto antes que possa pensar de verdade nas ramificações deste acordo. No que as ramificações irão *me* custar.

— Tudo bem — falo baixo. — Concordo com seus termos.

O olhar impassível do cavaleiro está fixo em mim. Enfim, dá um pequeno aceno.

— Ótimo. Então temos uma troca.

Seus olhos passam por mim, esquentando conforme se movem.

— Agora, venha até mim — fala. Sua voz ficou rouca, mais grave. — Me mostre o que comprei.

CAPÍTULO 26

Isso está mesmo acontecendo.

Deus, não esperava que acontecesse tão rápido. Bom, talvez não esperasse sequer que acontecesse. Acho que ainda posso estar em choque.

Respiro trêmula. Ansiedade, receio e excitação perversa, todos reviram no meu estômago conforme dou aqueles passos hesitantes de volta para ele.

Uma de suas mãos segura minha bochecha, e me sobressalto com a sensação. Agora que sei o que nós dois vamos fazer – o que eu *concordei* em fazer – seu toque parece particularmente elétrico.

— As coisas que imaginei, esposa — murmura, o polegar acariciando minha pele. Com calma, ele sorve todas as feições do meu rosto, meu nariz, meus lábios, minhas bochechas, meus olhos.

Um tremor passa por mim.

Guerra se aproxima, a boca a um centímetro de distância da minha. Quando penso que seus lábios vão cobrir os meus, ele diz:

— Me toque.

Engulo em seco.

Erguendo a mão, toco de leve seu rosto, bem de leve. Acho que não era isso que Guerra tinha em mente quando me deu a

ordem, mas não está se opondo. Ele continua a me encarar, o olhar ardente.

Que tipo de mente existe sob este rosto bonito? Eu o chamo de mau, e, ainda assim, vi a variante humana de maldade, prosperando com crueldade e tortura. Não acho que Guerra seja depravado, apesar da sua brutalidade ser surpreendente.

Passo os dedos pelas maçãs do rosto altas, pela mandíbula e pelo pescoço. Continuo a mover a mão mais e mais para baixo até minha palma voltar para aquele lugar logo abaixo do seu peitoral.

Guerra fecha os olhos, exalando pelo nariz.

Ele tem a estrutura de um guerreiro, o que não é surpreendente – e não é nada que já não tenha visto. Mas esta noite, quando sei que vai estar pressionada contra minha própria pele, esta noite eu *noto*.

Agora estou encarando seu peito e aquelas marcas brilhantes. *Por que estou tão nervosa? E por que estou tornando isso desconfortável?*

Deveria apenas beijá-lo?

— Você já fez isso antes? — pergunta, abrindo os olhos.

Assinto, sem encontrar seu olhar. Não o digo que não fiz *muito*. Muito arriscado com a gravidez.

— E *você*? — Como uma idiota, a pergunta escapa dos meus lábios antes que possa me impedir.

Guerra inclina minha cabeça para trás, me forçando a encontrar seu olhar.

— Humm — fala, o que acho que é seu jeito de dizer *sim*.

Antes que possa fazer qualquer outra coisa, e antes que tenha uma chance de fazer isso ficar desconfortável de verdade, levo as

mãos de volta para o peito dele. Ignorando o jeito que tremem, espalmo sua pele.

Sob meu toque, sinto a pele de Guerra se arrepiar, e é um choque saber que posso fazer isso com ele.

Movo as mãos para baixo, indo para sua calça, pronta para acabar logo com isso, mas depois Guerra pega um dos meus pulsos.

— Espere.

Espere?

Meus joelhos quase estão batendo de nervoso. Acho que *não consigo* esperar.

Segurando meu braço, Guerra me leva para uma mesa de apoio, onde tem um decantador e uns cálices. Abrindo o contêiner, ele seve dois drinques e me entrega um. O outro fica para si.

Eu o pego, envolvendo o cálice com as duas mãos. Pelo menos isso vai acalmar os ânimos. Meu nervosismo pode ser apaziguado.

Dou uma bebericada experimental na bebida. Tem especiarias e, para ser sincera, não consigo saber qual tipo de destilado estou bebendo, mas me aquece na hora, então dou outro gole.

Talvez possa fazer isso bêbada…

Seguindo este pensamento, viro o cálice e engulo o resto da bebida, fazendo uma careta com o ardor.

Guerra me observa com atenção. Depois de um segundo, ele se senta na cadeira, o olhar nunca me deixando. Acho que vai mencionar como estou nervosa. Em vez disso, dá um gole demorado na bebida, então coloca o cálice na mesa. Depois de um tempo, pega a minha e também coloca de lado.

Esticando o braço, ele me pega pelo quadril e me puxa de forma que minhas pernas ficam presas entre as dele. Meu coração bate forte no peito.

Olhando para mim, o cavaleiro começa a esfregar os polegares na minha pele. Devagar, suas mãos sobem pelos meus lados, erguendo minha blusa. Seu toque é elétrico. Nunca fui tão ciente de mim mesma a minha vida inteira.

Pouco a pouco ele ergue minha blusa, revelando um sutiã surrado. Termino de tirar a blusa, colocando a roupa de lado.

Eu sinto como se estivesse prestes a sair da minha própria pele, o que é alarmante, considerando como quase não fizemos nada.

Preciso controlar isso.

Com este pensamento, eu me inclino e o beijo.

Doce alívio.

No momento que meus lábios pressionam os dele, toda minha energia ansiosa se transforma em intensidade. Seguro seu rosto com as duas mãos, direcionando sua boca para a minha.

Ele geme contra mim, e qualquer ritmo lento e agonizante que ele tinha em mente mais cedo, desaparece em um instante. Suas mãos estão no meu cabelo enquanto devora minha boca.

Meus joelhos ainda estão fracos, e praticamente rastejo para o colo de Guerra para evitar desabar no chão. A pele do meu peito pressiona a dele, e estremeço contra seu corpo.

O Senhor da Guerra esfrega os quadris nos meus, e posso sentir sua ereção forçando o material.

— A sensação de você contra mim… — ele rosna —, *todos os Santos*, é como uma lembrança do céu.

Não sei como responder a isso; o cavaleiro acabou de me comparar com o paraíso – e ele conhecia bem o lugar. Em uma nota mais pessoal, ninguém nunca adorou qualquer parte do meu corpo do jeito que Guerra está fazendo agora. E é intoxicante. É intoxicante para caramba.

Guerra se afasta da minha boca.

— Quero ver seus belos seios — fala, a voz rouca.

Olho para ele, atordoada pelos seus lábios.

Antes que compreenda suas palavras, ele está removendo meu sutiã. Um segundo depois, meus seios ficam livres.

Na mesma hora, meus braços vão para o peito, e o nervosismo de mais cedo volta com tudo.

É Guerra quem tira meus braços, revelando os mamilos. Seu olhar ardente encontra o meu.

— Não tem motivo para ficar nervosa, esposa.

Esposa. Sinto um frio na barriga.

— Por favor, não me chame assim no momento. — Pensei que tivesse me acostumado com o termo, mas estava errada. Agora parece íntimo demais. Posso menosprezar o que faço com o cavaleiro, contanto que permaneça emocionalmente distante.

— É uma coisa com a qual não vou concordar. Esposa.

Semicerro os olhos para ele.

A mão dele roça na minha pele, depois segura um seio. É quase engraçado, como suas mãos são grandes. Elas englobam meu seio – e sobra espaço.

Ele ergue a outra mão, para segurar os dois. Seu polegar roça em um mamilo.

— Quero estar em você, Miriam — suspira. — É tudo em que posso pensar esses dias.

Suas palavras deixam meu núcleo em chamas. Desejo cresce e me impulsiona para levar isso mais longe, mais *rápido*.

Guerra me ergue com facilidade, dando a si acesso ao seio. Sinto seu hálito quente contra meu mamilo, e depois ele o toma na sua boca.

Minha reação é instantânea.

Gemo, arqueando o corpo, pressionando-me em seu peito. Seus lábios são como pecado, e posso me sentir ficando molhada com cada passada da sua língua.

Ele geme contra mim.

— Esposa. Esse som. *Preciso de mais.*

— O que você quer que eu faça? — pergunto, ao invés de fazer sua vontade.

— Me toque da forma que a agradar.

Agora *esse* é um comando capcioso. Implica que *qualquer* parte dele me agrada, e apesar dos meus lábios já estarem inchados pelo seu beijo, e apesar de estar montada no seu colo e minha calcinha estar encharcada, ainda não *quero* que nenhuma parte dele me agrade.

E com certeza não quero que saiba disso.

Mas o desejo ganha. Passo as mãos sobre seu peitoral, os ombros, as costas e os braços. Estou tocando ele em todos os lugares, *todos os lugares*. Seu corpo é enorme, o torso gigante apequenando o meu.

O cavaleiro geme outra vez, e mais uma enquanto esfrega o quadril contra mim. Os lábios dele percorrem meu peito, ficando

mais e mais exigentes, e as mãos dele mais gananciosas. Como um reflexo, passo os dedos pelo seu cabelo escuro.

Os olhos violentos e marcados com kohl encontram os meus, e se aguçam com propósito.

Guerra me ergue e me carrega para seu palete, me colocando na cama onde dormi há não muito tempo. Parece familiar e desconhecido ao mesmo tempo, os lençóis cheirando um pouco como o cavaleiro.

Fico deitada ali e olho para Guerra, que parece maior do que a vida deste ângulo.

Há alguns minutos, estaria inquieta, com ansiedade. Agora apenas o quero.

Ele se ajoelha ao meu lado, o olhar fixo no meu. Suas mãos vão para minhas botas, removendo-as e minhas meias uma por uma. Ele sobe pela cama, os dedos indo para meu cós.

Minha garganta se move um pouco conforme ele desabotoa minhas calças. O som do zíper descendo aumenta minha excitação. Ele engancha os dedos nas minhas calças e na minha calcinha, e depois os arrasta para baixo, pouco a pouco, me revelando conforme o faz.

Escuto sua respiração surpresa, e os olhos estão fixos no meu centro, mesmo quando puxa minhas roupas por minhas panturrilhas e depois meus pés. Ele parece encantado com a visão do meu corpo nu na sua cama.

Depois de um momento, Guerra se endireita, as próprias mãos indo para as botas pretas que usa, os músculos se movendo com o movimento.

Ele começa a se despir para mim, e é sensual para caramba. O cavaleiro está sem camisa, então não tem muito para remover depois que tira os sapatos. As mãos se movem para as calças pretas. Ele não desvia o olhar de mim conforme as tira – e o que quer que usa sob elas – para baixo; para baixo; para baixo.

Meu olhar escorrega, e… *ah*. Um pequeno fio de nervosismo retorna.

O pau dele é enorme. Grande o bastante para me intimidar, e grande o bastante para machucar, se não formos cuidadosos.

De repente, sinto minha inexperiência. Estou me sentindo perdida; Guerra provavelmente esteve com mulheres o bastante para perceber a minha falta de prática.

Antes que minhas inseguranças possam aparecer, o cavaleiro se ajoelha no palete, e depois seu corpo se acomoda pesado sobre o meu. Os quadris se encaixam entre os meus, assim como imaginei que fariam, e seu peito pressiona contra cada centímetro da minha pele exposta. A sensação é melhor do que minhas loucas fantasias puderam imaginar.

À nossa volta, as lamparinas oscilam, a luz brilhante dançando no corpo de Guerra.

O cavaleiro olha para mim por vários segundos.

— Agora, esposa, posso respirar com tranquilidade. Tudo está como deveria ser.

Sua boca encontra a minha, e é como se eu estivesse sendo trazida a vida.

Guerra não me pede para que o toque de novo. Ele não precisa. Sua boca acende um fogo em mim, e sou preenchida por desejo ousado e selvagem.

Passo as mãos pelo seu torso, as palmas subindo por suas costas. Não preciso ouvi-lo falar para saber como está satisfeito. Talvez seja por ter minhas mãos em sua pele, talvez seja pela natureza possessiva do toque. Tudo o que sei é que ele aprofunda o beijo, sua língua lambendo a minha.

Seu pau está preso entre nós, e tê-lo em mim é uma necessidade física.

Queimando. Estou queimando de dentro para fora, minha respiração cada vez mais rápida.

Minhas mãos deslizam de volta pela curva da sua coluna e sobre sua bunda esculpida.

Preciso dele em mim.

Ele sorri contra meus lábios ao me beijar, como se tivesse ouvido meus pensamentos.

— Por um milênio, ansiei por isso. — Sua voz baixa parece vibrar na minha pele. — Por um milênio, fui negado.

Exalo, presa entre o temor que suas palavras causam e a sensualidade do sentimento.

Estendo a mão entre nós, envolvendo seu pau com a palma.

Guerra sibila entredentes.

— Por Deus, *Miriam*, seu *toque*…

Ele se abaixa para meus lábios, estocando na minha mão.

Ergo os quadris, o posicionando na minha entrada. Estou arfando, pronta para sentir…

— *Não* — Guerra diz, o corpo ficando tenso contra o meu.

Não?

Ele se move um pouco em cima de mim e minha mão o solta. Quero chorar porque o desejo dentro de mim não foi saciado. Estou

a três estocadas de um orgasmo, e ele está me rejeitando?

— Não até que se renda — Guerra diz.

— O quê? — Mal posso focar nas suas palavras. Não faço ideia do que está falando, só que mencionou eu me render a ele antes.

— Quero mais do que seu corpo, esposa, e não vou tê-la por completo até que se renda a mim.

O quê? Coloco a mão na cabeça*. O que isso quer dizer?*

Por vários segundos, o único barulho no recinto é minha respiração acelerada.

— Então, não vamos fazer sexo?

Por favor. Tome minha vagina. Ela quer você.

Os olhos de Guerra brilham. Ele pega meus joelhos e afasta minhas coxas, expondo minhas partes mais íntimas.

— Bom, isso depende da sua definição de sexo. — E depois se abaixa até mim.

CAPÍTULO 27

Ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, meu Deus.

— O que você está fazendo? — Minha voz parece sem fôlego, mas aquele maldito nervosismo retornou.

A única resposta de Guerra é um beijo lento na minha coxa.

Minha boca seca. Nunca fiz isso, nunca na vida fiz isso e acho que posso estar entrando em pânico. Guerra me tem toda e completamente à sua mercê.

E ele não tem nem um pingo de misericórdia.

Tento mover minhas pernas, mas Guerra as prendeu firme na sua posição atual. Ele olha para mim, seguindo sem parar com os beijos para dentro, na direção do meu centro.

— Relaxe, esposa, você vai gostar disso.

Por que ele está fazendo isso? Os favores sexuais deveriam ser para benefício *dele,* não *meu.*

Guerra beija bem, mas não descubro o *quanto* até sua boca encontrar a junção das minhas coxas.

Ele para, e não posso aguentar este demorado e arrastado momento.

Então sua boca encontra minha boceta, e não é como nada que senti antes. O reflexo me faz mover contra seu beijo, e acho que não gosto disso. Estou exposta demais, e parece assoberbante.

Seus lábios e sua língua se movem por cada parte do meu núcleo, e terminações nervosas que eu nem sabia que tinha estão sendo estimuladas.

Tento afastá-lo, mas é como tentar derrubar um prédio.

— É demais, Guerra. *Por favor*.

Eu o sinto sorrir contra mim.

— Calma, esposa, ainda não cheguei na melhor parte.

Melhor parte?

Estou sem fôlego com as sensações e ele é implacável. O cavaleiro lambe e mordisca e chupa e me atormenta até eu estar arfando e gemendo e movendo os quadris impotente para encontrar sua boca.

E então ele encontra meu clitóris.

— Ah, meu *Deus*. — É como se uma bomba explodisse. Quase gozo bem ali.

Minhas mãos encontram seu cabelo, e ele solta um barulho aprovador do fundo da garganta.

— Por favor, Guerra, *por favor*. — Nem sei pelo quê estou suplicando, só sei que o cavaleiro pode dar um jeito.

Ele insere um dedo em mim, e é tudo o que preciso.

Grito quando um orgasmo quase violento me percorre.

— *Guerra*. — Meus dedos se apertam no seu cabelo conforme onda atrás de onda de prazer irradia por mim. Estou fazendo barulhos desesperados e vergonhosos, e *não estou bem*. Eu me movo contra ele várias vezes, sua boca arrastando a sensação pelo máximo de tempo possível.

É só depois que me recupero que Guerra se afasta da minha boceta. Olho para ele como se nunca o tivesse visto antes.

O cavaleiro sobe pelo meu corpo e me dá um beijo ardente. Posso sentir meu gosto no beijo, e estou envergonhada e excitada e não sei o que fazer sobre o fato de que isso foi muito *mais* do que pretendi que fosse.

Ele se deita ao meu lado, me abraçando.

E me aconchega.

Merda. Uma garota solitária como eu não tem defesa contra isso, ainda mais agora, quando me sinto bastante vulnerável.

Acabei que recuperar o fôlego quando percebo que agora é minha vez.

Não acho que Guerra vai pedir, mas também quero aqueles aviários intactos. Foi por isso que fiz esta troca, para começar.

O cavaleiro está traçando círculos nas minhas costas quando estendo o braço entre nós e o envolvo com a mão.

Ele ainda está tão duro que deve doer. Seu pau se move, e o corpo fica tenso.

Começo a descer pelo seu corpo, por suas tatuagens brilhantes, seu abdômen, pelo provocante triângulo de músculos que compõe sua pelve, até estar ajoelhada entre suas coxas, minha mão ainda o empunha.

Guerra se apoia nos antebraços.

— *Esposa*. — Seus olhos brilham.

— Um acordo é um acordo — falo. Movo a mão para cima e para baixo no seu pau para enfatizar meu ponto. Em resposta, seus quadris se erguem.

— Fúria de Deus — xinga baixo. — O que, exatamente, você pretende fazer…?

Suas palavras são interrompidas de supetão conforme meus lábios envolvem a cabeça do seu pau. Ele geme, seus quadris se movendo para encontrar minha boca.

Ele é enorme, e sou atrapalhada, e não sei bem o que estou fazendo, mas ele está gemendo e estremecendo, então devo estar fazendo ao menos *algo* certo.

— Misericórdia para os caídos, eu nunca… nunca senti algo assim… — Suas palavras viram um gemido.

Certo, ou ele está exagerando, ou deixei passar uma carreira como uma habilidosa prostituta, porque Guerra parece *mesmo* estar gostando disso.

Em algum momento, encontro um ritmo, e depois são suas mãos que entram no meu cabelo, me segurando a ele.

— Sua boca em mim… é a dor mais adorável, esposa.

Estou feliz que pense isso porque, meu Deus, o pau deste homem vai quebrar minha mandíbula.

Ao ganhar confiança, minha mão vai para suas bolas.

— *Miriam*…

É todo aviso que recebo.

Guerra aumenta na minha boca, e depois goza, goza e goza. Sinto seu gosto na minha língua por um segundo – *devo engolir?* Mas depois não importa, porque estou engolindo, e ele está fazendo barulhos sensuais e satisfeitos enquanto continua a estocar entre meus lábios.

Eu me sinto estranhamente orgulhosa da minha habilidade oral por cinco segundos antes de perceber que acabei de fazer um boquete para um cavaleiro do apocalipse, e tenho gozo sobre-humano dentro de mim e tenho certeza de que nada disso é bom.

Guerra me puxa para si, me distraindo da sequência perturbadora dos meus pensamentos.

— Posso saber todos os idiomas, esposa — fala, a voz rouca pelo sexo ainda mais grave —, mas não tenho palavras para o que sinto no momento.

Perscruto seu olhar marcado por kohl, depois dou um beijo suave em seus lábios.

O cavaleiro é tão gentil que dói. Muito mais gentil do que imaginei que fosse.

Isso não muda quem ele é, a parte cínica de mim diz. E depois a culpa, pelo o que fiz e vou continuar a fazer com o cavaleiro, se esgueira. Pior, queria isso de verdade pelos meus motivos egoístas.

Pelo menos os aviários serão salvos. Posso descansar tranquila sabendo disso.

Fico deitada nos braços do cavaleiro por muito tempo. O bastante para nossa respiração voltar ao normal e nosso corpo esfriar. Até passei alguns minutos traçando as tatuagens brilhantes de Guerra.

Assim como ontem à noite, quero nos reimaginar, nem que seja para aliviar minha culpa. Quero fingir que posso tê-lo e uma vida decente e nada mais de batalhas e todo o resto que sei que não vou ter.

O sonho lúcido dura apenas alguns minutos. Quando não posso mais deixar a realidade afastada, começo a me levantar.

Acabei de começar a sair da cama de Guerra quando ele engancha um braço no meu torso e me arrasta de volta para seu palete.

— Aonde você está indo? — pergunta, o hálito quente na minha orelha.

Dou um olhar surpreso a ele. *Não é óbvio?*

— Para minha barraca.

— Não — fala.

Eu me deito ali, minhas costas contra seu peito, por um segundo.

— Isso não foi o que concordamos — respondo.

— Seus toques — Guerra responde. — Foi nisso que concordamos. E estou reivindicando todos eles, até mesmo os que acontecem quando *não* a estou tomando com a boca.

Meu rosto aquece. Eu nem sei o que dizer para isso. Não tenho um argumento. Só não planejei me aconchegar com um monstro.

Ele se inclina e começa a dar beijos no meu torso. Não que ele planeja se aconchegar… Seus lábios passam pelo meu umbigo.

— As coisas serão diferentes agora — murmura na minha pele.

Eu me sinto quente e fria, errada e certa, tudo ao mesmo tempo.

Seus lábios se movem mais para baixo, mais para baixo…

— De novo? — falo sem fôlego. — Mas não estou pronta… — Ele beija meu clitóris e pulo contra ele.

Ah, Deus, com o que concordei?

— Sim, Miriam, vamos fazer isso de novo. E de novo. E de novo. — Ele se afasta tempo o suficiente para olhar para meu corpo. — Minha esposa — fala — estou ansioso por esta troca.

* * *

Acordo pouco tempo depois do sol nascer. Estou presa nos membros de Guerra, e meu corpo parece sensível e cansado de tudo o que fizemos durante a noite.

Ao meu lado, o cavaleiro está em um sono profundo. Meus olhos vão para sua boca e minhas bochechas flamejam outra vez. Meu núcleo está muito sensível e os músculos da minha coxa doem conforme saio sorrateira da cama de Guerra e coloco as roupas espalhadas. Depois que estou vestida, vou para a saída.

Paro, olhando de volta para o cavaleiro uma última vez.

O semblante do seu rosto está relaxado, ele parece quase feliz. Sinto um friozinho na barriga em resposta, a sensação rapidamente seguida por horror.

Isso é só um relacionamento físico. Qualquer outra coisa só promete um coração partido.

CAPÍTULO 28

Eu me sento dentro na minha barraca, meus antebraços apoiados nos joelhos, o polegar pressionado nos lábios enquanto penso. Hoje não posso nem me concentrar em fazer arcos e flechas.

Todas as vezes que fecho os olhos, juro que posso sentir o deslizar das mãos de Guerra e a pressão de seus lábios. E toda vez que passos se aproximam da minha barraca, fico tensa, certa de que são dele. Mas até agora, ele me deu espaço.

— Miriam! Está na sua barraca? — A voz de Zara ressoa.

Caralho. Ela é a *última* pessoa que quero ver agora. E a única vez que preciso que os cavaleiros fobos a mantenham afastada, eles a deixam passar.

— Sim — falo baixo —, estou aqui.

Vários segundos depois, a aba da barraca é afastada e ela olha para mim.

— O que está fazendo aqui? Está quente.

Estou me escondendo.

Em vez de respondê-la, saio da barraca.

Assim que faço, Zara me observa, uma careta surgindo em seu rosto.

— Você está bem? Você parece uma merda.

Reteso.

— Obrigada pela honestidade.

— Sempre. — Ela pega minha mão entre as dela. — Vai cavalgar amanhã? — pergunta, um tom urgente na voz.

Ah, Deus, a invasão. Uma onda de enjoo passa por mim com o prospecto.

— Sim, acho que sim — respondo.

Só porque me acostumei com esse lugar, não significa que não vou tentar impedir estes soldados em toda oportunidade que tiver.

— Miriam. — Ela aperta minha mão com força. — Eles me colocaram para cozinhar amanhã, mas preciso sair com o resto de vocês.

— Por quê? — pergunto confusa. Ser um soldado significa que precisa matar sua própria espécie… e significa que pode ser morto. Nenhuma das opções é desejável.

— Minha *irmã*. — Sua voz falha. — Ela mora em Alarixe com o marido e o filho. Preciso tirá-los de lá.

Sinto um frio na barriga.

— Tem certeza de que moram lá? — É uma pergunta boba; claro que tem.

Zara assente mesmo assim.

— Meu cunhado, Aazim, é pescador.

Pescador…

O oceano bloqueia a cidade ao norte.

Aperto sua mão.

— Ele tem um barco?

— Ele compartilha um com alguns homens, acho…

Atrás de Zara, um cavaleiro fobos se aproxima.

Olho para minha amiga, meus pensamentos voando.

— Por favor — fala —, se tiver qualquer maneira de ajudar…

O cavaleiro fobos nos alcança, os olhos indo de Zara para mim.

— O Senhor da Guerra quer vê-la — ele fala para mim.

Meu foco ainda está em Zara. Aperto sua mão outra vez e tomo uma decisão.

— Vou ajudar — falo, assentindo. Eu a puxo para um abraço, e sussurro no seu ouvido. — Vou encontrá-la na sua barraca no raiar do sol. Esteja pronta… e leve qualquer arma que puder com você.

Ela assente ao se afastar.

— Obrigada — diz baixo, conforme o cavaleiro fobos me afasta.

Aceno para Zara depois sigo o cavaleiro. Após um longo período de silêncio, observo o homem. É o mesmo soldado que me entregou a espada no dia em que eu deveria ter matado meus atacantes.

— Qual é seu nome? — pergunto. Ele tem olhos gentis, e as poucas outras vezes que interagi com ele, não foi tão hostil quanto alguns dos outros cavaleiros.

— Hussain — fala.

A tenda de Guerra paira à frente. A vista dela me faz corar.

— Sou Miriam — falo distraída.

O cavaleiro quer mais. Posso pressentir.

Meu corpo lateja com o pensamento.

Hussain solta uma pequena risada.

— Sei quem você é — ele diz. Parece gentil e não como se me desprezasse.

Não estou acostumada a gentileza aqui – para ser honesta, mesmo em Jerusalém, gentileza era algo raro. A vida é uma série de dívidas, empréstimos e obrigações. Gentileza só é algo para complicar as coisas.

Nós dois chegamos nas abas da tenda. Hussain faz uma mesura e se afasta, me deixando entrar sozinha.

Quando entro na tenda de Guerra, tudo parece diferente. Neste espaço fechado, nada além de mim e do cavaleiro existe. Nada da morte, do luto, da violência e do horror do mundo externo.

Aqui dentro, com o cheiro de couro e óleo aromático no ar, sou lembrada de outras coisas, mais íntimas.

Do outro lado do recinto, o próprio homem relaxa em uma cadeira, um cálice de vinho na mão.

— *Miriam*. — Seus olhos esquentam quando encontram os meus, e quase posso ver a noite passada se repetindo em sua mente.

Ele se levanta, deixando o vinho de lado.

Respiro fundo e vou até ele, minha mão deslizando na mesa ao passar. Olho para ela, e, depois, o que vejo chama minha atenção.

Um mapa de Alarixe está espalhado, várias anotações e flechas rabiscadas nele. Era esse o mapa que Guerra e seus cavaleiros fobos estavam olhando ontem enquanto discutiam estratégia. Apesar de todas as suas habilidades sobrenaturais, o cavaleiro ainda depende de nós, os nativos, para ajudá-lo.

Guerra se aproxima por trás de mim.

— Ainda não posso acreditar que existem pessoas leais a você — falo, meus dedos se movendo sobre os escritos. Mãos diferentes

fizeram anotações diferentes.

— Meus cavaleiros não são leais a mim, Miriam. — Seu hálito se espalha pelo meu pescoço. — São leais a arte de respirar.

Minha pele se arrepia com sua proximidade, e preciso de vários segundos para ignorar a resposta do meu corpo a ele.

Eu me afasto do mapa, a mesa pressionando minhas costas. Preciso inclinar a cabeça para olhar para Guerra.

— *Por que* você está fazendo isso? — pergunto.

— Fazendo o quê? — Os olhos dele estão fixos na minha boca.

— Lutando. Matando.

Guerra me dá um olhar estranho, como se eu estivesse perguntando por que os pássaros voam ou corações batem. Algo que não precisa de resposta.

— Por que *não* estaria fazendo isso? É o motivo de estar aqui. É quem eu sou.

É quem eu sou.

Fico pensando nele como uma pessoa, não uma entidade, mas acho que é o que ele é – *guerra* – que, por acaso, tem um rosto humano.

— Pode parar de lutar e invadir? — pergunto.

— Não vou.

— Não é o que estou perguntando.

Guerra me olha por um bom tempo, os olhos semicerrando.

— Sim, esposa, suponho que *poderia* parar.

Se, claro, ele quisesse. Isso faz tudo um pouco pior; não estava certa até agora de que o cavaleiro poderia ter uma escolha.

Respiro, trêmula.

— Você tem um arco e uma flecha? — pergunto, mudando de assunto.

Guerra me estuda.

— Sim — responde com cuidado.

— Posso usar amanhã?

— Amanhã? — repete. — Quer dizer, para a batalha? — O cavaleiro torna a semicerrar os olhos. — E me convenceu que estava tentando a paz.

Não respondo. Tenho medo de que qualquer outra coisa que eu diga possa fazer Guerra decidir que me deixar longe da batalha seja uma opção mais inteligente. Com certeza é a mais segura.

Mas duvido que a mente de Guerra pense nisso. Não desde que o convenci, da última vez, que seu Deus me protegeria.

Ele se aproxima, apoiando os dedos na mesa, me prendendo.

— Em quem, doce esposa, você planeja atirar com meu arco e flecha?

Minha mandíbula fica tensa.

— Quem me desafiar.

O canto da sua boca se curva para cima.

— Sabia que você seria um problema. — O olhar de Guerra desvia para meus lábios. — Mas esqueça. Não foi por isso que a chamei aqui.

Minha barriga contrai.

— Sei por que você me chamou aqui.

— Ótimo. Então chega de falar.

Guerra não espera que eu responda. Em um instante, sua mão está segurando minha nuca e sua boca está na minha.

Vergonhosamente, meus joelhos enfraquecem e seguro o braço do cavaleiro para me manter de pé.

Os beijos de Guerra são exigentes, as mãos no meu cabelo, a língua insistente nos meus lábios até abri-los para que possa entrar.

Ele me ergue sobre a mesa, me colocando na beirada.

— Esta manhã, você foi embora antes de começarmos.

Com força, o cavaleiro remove uma das minhas botas, depois a outra.

— Não tem pressa — falo um pouco sem fôlego.

As mãos de Guerra vão para minhas calças, abrindo-as, e depois as puxando pelos meus quadris e minhas pernas.

Ele solta uma risada baixa.

— Ah, não planejo ter pressa.

Minha calcinha sai em seguida. O cavaleiro se ajoelha, puxando meus quadris para si.

Deus, vamos fazer isso de novo.

— Guerra…

Mas aí minha voz se transforma em suspiros.

* * *

Demora um bom tempo até conversamos mais. Horas depois. A essa altura, estamos de volta à cama de Guerra, meu corpo sobre o dele.

O cavaleiro passa os dedos pela minha coluna.

— Sua pele é mais macia do que imaginei — fala, os olhos seguindo a mão. — Tão macia, minha esposa mortal.

Apoio o queixo em seu peito. A esta distância, fico chocada de novo por como ele é… *estranho*. Ele é um pouco grande demais, um pouco feroz demais, um pouco atraente demais.

Ele não brilha como sempre imaginei que um anjo pudesse fazer, e é óbvio que não é puro e inocente do jeito que anjos são retratados, mas tem algo nele, algo exótico e *estranho*. Algo que, com certeza, não é demoníaco, apesar de querer demonizá-lo – ou costumava querer, ao menos.

Guerra me vê encarando e sorri para mim, os olhos divertidos.

— Se não a conhecesse, pensaria que gosta de me observar tanto quanto gosto de observá-la.

Pego uma de suas mãos e enlaço nossos dedos.

— Eu gosto de observá-lo — admito. Levo sua mão para minha boca, beijando suas tatuagens uma a uma. — E gosto de tocá-lo.

Não deveria dizer coisas assim, ainda mais quando soam verdadeiras aos meus próprios ouvidos.

O rosto de Guerra muda sutilmente. Ou talvez sejam apenas seus olhos. Ele passa um braço ao meu redor e nos vira, de forma que fico sob ele.

— Toque-me o quanto quiser, esposa.

Traço suas marcações, de repente me sentindo ao mesmo tempo possessiva e incerta.

— Quantas vezes você fez isso? — pergunto, mantendo o tom leve de propósito.

Não engana o cavaleiro.

Ele observa meu rosto, se acomodando em mim, os antebraços em cada lado da minha cabeça.

— O que isso importa?

Não deveria importar.

Engulo em seco e ele percebe, o olhar focando na pequena ação. Sua testa enruga.

— Não sei o que deveria dizer. Você parece assustada, esposa.

Assustada?

— Não estou *assustada* — falo, ofendida.

Precisaria estar envolvida emocionalmente para ficar assustada.

Outra vez, suas sobrancelhas se unem.

— É uma coisa humana que não compreendo, mas se você quer mesmo saber, fiz isso incontáveis vezes antes de hoje.

Gemo e cubro os olhos com a mão. *Incontáveis*? Estive com quatro homens, e apenas um foi memorável de algum jeito – e agora ele está deitado em cima de mim.

O cavaleiro puxa a mão do meu rosto.

— Miriam, você está sendo estranha. Isso importa?

Gargalho.

— Você *tem* que saber que importa — falo. A vergonha faz meu rosto esquentar. Quer dizer, vamos, sei que esse cara não é humano, mas está na terra tempo o suficiente para levar *incontáveis* mulheres para a cama, e talvez alguns homens também. Com certeza deve saber que as pessoas ligam para estas coisas.

— Você quer saber sobre as outras mulheres com quem estive? — pergunta.

Claro que sim. Tenho uma curiosidade mórbida sobre esse tipo de coisa. Também estou envergonhada pelo fato.

Nem preciso responder; seja lá o que ele vê no meu rosto, deve ser indício o bastante.

— Ah — fala. — Quer, mas não quer. Que intrigante, esposa.

Guerra olha para mim, e é alarmante como é bonito com seu cabelo escuro e feições principescas.

Solta uma respiração.

— Estive com dúzias e dúzias de pessoas, Miriam. Seus rostos se embaralham… não posso me lembrar de nenhum de seus nomes.

— Ainda tem alguma em seu exército? — Esta é uma pergunta tão espinhenta.

— Algumas.

Eca. Faço uma careta. Por algum motivo, isso o faz parecer um pouco menos meu.

Ele não é seu, Miriam.

— Como elas se sentem sobre isso? — Eu me forço para fazer a pergunta.

— Como elas se sentem sobre o quê? — Guerra pergunta, confuso.

— Transar com você só para vê-lo com outra mulher?

Guerra me olha como se estivesse tentando colocar sentido em algo que não tem.

— Por que isso deveria me preocupar?

É minha vez de dar um olhar estranho para ele. Mas claro, *por que deveria preocupá-lo?* O cavaleiro não cresceu extremamente ciente da etiqueta social e tabus entre humanos.

Ele não fala mais nada. Acho que é toda a resposta que terei.

— Agora, e você? — ele diz.

— E eu? — pergunto, desconfiada.

— Quero saber sobre os outros homens com quem esteve.

— *Não*. — A resposta sai muito rápido dos meus lábios.

Guerra sorri, passando um dedo sobre minha boca.

— Poucos assim.

— Por que importa? — questiono, quase a mesma pergunta que me fez há alguns minutos.

O olhar do cavaleiro desvia para meus olhos, e aquele único olhar atravessa todas as minhas defesas.

— Eu me deleitei em você. Vou estar dentro de você. Quero saber quem mais esteve.

Estranho, estranho homem. Ele não pareceu compreender meus motivos de abordar este assunto quando era eu fazendo as perguntas, mas agora que quer saber do meu histórico sexual… de repente está agindo muito... humano. Humano e possessivo.

Balanço a cabeça.

— Dei uns amassos em três outros homens. Eu só… — Respiro fundo e forço as palavras a sairem. — Só transei com um deles. — E ainda assim, foram só duas vezes. Gozar é algo complicado em uma era com contraceptivos limitados. Na maioria das vezes, não vale a pena.

— Quem era ele? — A expressão de Guerra com certeza ficou mais sanguinária.

— Quem eram elas? — retruco.

Se Guerra espera que conte sobre minhas atividades sexuais, então espero o mesmo dele.

Ele me dá um sorriso arrepiante.

— Tantos humanos são atraídos por poder, não importa o custo. É tentador, como comer sobremesa antes do jantar. Minhas parceiras anteriores todas vieram e se ofereceram, e não tem nada tão satisfatório quanto uma luta seguida de uma foda.

Não sei se Guerra está tentando me afastar de propósito, ou se só está perdido nos seus próprios pensamentos conturbados.

— Mas no fim — continua —, é tudo o que eram… uma boa transa e nada mais. Não tentei me aventurar em nenhum tipo de conexão emocional até agora. — *Comigo*, ele quer dizer.

— Por que começar agora?

— Porque você está aqui. Se estivesse aqui no dia em que acordei, teria começado naquela época. Nunca foi *quando*, mas sim *quem* impedia meu coração de se envolver.

Estava pronta para me afastar de Guerra, mas descubro que não estou pronta para isso. Suas palavras sem remorso me afetam e me sinto um pouco instável.

— Como você se sente sobre o envolvimento do seu coração? — pergunto com cuidado, olhando para ele.

— Em êxtase. — Outra resposta sem remorso para a qual não estou pronta. Ele se inclina para mais perto. — É tão excitante quanto a guerra.

* * *

Mais tarde aquela noite, muito depois do acampamento ter ido para a cama, saio dos braços de Guerra e deixo sua tenda. O cavaleiro mencionou mais cedo que queria acordar para a batalha

comigo ao seu lado, mas… isso não vai acontecer. Favores sexuais são uma coisa; passar a noite juntos é outra.

No entanto, Guerra devia saber que eu sairia, porque quando entro na minha barraca, já tem um arco e flecha esperando por mim, junto com um bilhete: *Para o seu coração mole*.

CAPÍTULO 29

Muito antes do sol nascer, encontro Zara na sua barraca. Apesar da maior parte do acampamento ainda estar dormindo, ela está acordada.

— Estava preocupada que tivesse esquecido — minha amiga diz quando me vê. Já está vestida e inquieta.

— Impossível — respondo. Não quando ela tem uma família para salvar. O que eu não *daria* por aquela oportunidade...

Ajusto o arco sobre o ombro.

— É isso que vai acontecer — falo sem muito preâmbulo. — Vou receber um cavalo, e você vai usá-lo.

De outra forma, ela não receberia um.

— Vai cavalgar com o resto da cavalaria, desse jeito vai sair na frente.

Ela ainda entraria atrás dos cavaleiros fobos, mas pelo menos não estaria no final do exército, onde os soldados a pé ficam. Onde vou estar.

— Quando encontrar sua irmã e a família dela, não os dê mais de dez minutos para pegarem o essencial… pense em comida, água e cobertores. Depois os leve para as docas. — Respiro fundo. — Vão precisar pegar o barco do seu cunhado e navegar para o mais longe possível daqui… e precisam ficar longe. — Mesmo depois que

a batalha terminar, vão ter zumbis percorrendo a cidade sabe-se lá por quanto tempo, talvez para sempre.

Se a família de Zara retornar, vão morrer.

— Ah — acrescento —, e não dê motivo a ninguém para atacá-la.

Em Asdode, vi soldados se virarem uns contra os outros sem motivo. Não existe lealdade verdadeira, e o cavaleiro não se importa muito se seus números diminuírem; sempre tem mais pessoas dispostas a serem recrutadas.

Zara concorda, me puxando para outro abraço.

— Obrigada, Miriam. Muito obrigada.

— Não morra — aviso, abraçando-a.

— Não planejo morrer.

* * *

Pego meu cavalo e, assim como planejado, entrego as rédeas para Zara em segredo. Se fosse um exército normal, nunca poderia me safar com esse plano mal-feito. Mas no exército em constante mudança de Guerra, estamos acostumados a não reconhecer os soldados que lutam ao nosso lado.

— Tem um lugar onde deveria encontrá-la? — pergunto para Zara. — Sabe, se precisar de ajuda ou as coisas não acontecerem de acordo com o plano?

Ela hesita, e sei que é porque não quer pensar sobre as coisas não darem certo. Mas depois assente.

— Minha família mora do lado oeste da cidade, perto das docas. Tem um monte de palmeiras perto da praia… — A voz dela

some e posso ver que está tendo problemas para se lembrar como é o lugar.

— Vou tentar encontrá-la, mas é provável que não nos vejamos mais.

Um soldado próximo assobia em nossa direção, acenando para Zara se juntar aos outros soldados montados.

Com um sorriso de despedida, ela monta no cavalo e guia a criatura na direção dos outros.

Adrenalina acelera meu organismo. Espero que isso dê certo.

— Aí está você — uma voz diz atrás de mim.

Eu me viro e encontro o olhar de Hussain, um dos cavaleiros fobos de Guerra. Está cheio de armas.

— Guerra está procurando você; não estava na sua barraca esta manhã. — Quase é uma acusação, então não perco tempo me explicando. Hussain acena de volta para o acampamento. — Por aqui. O Senhor da Guerra vai querer vê-la antes de sair.

Ele me leva de volta para a tenda do cavaleiro. Do lado de fora, a luz das tochas ilumina Guerra enquanto ele confere a sela do corcel.

Deimos, descobri, não fica com os outros cavalos. Ele é temperamental demais para isso. Ou fica em um estábulo separado, ou fica livre para andar pelo acampamento.

O cavaleiro olha para cima e, no momento que seus olhos encontram os meus, parece relaxar. Ele deixa o cavalo, diminuindo a distância entre nós e tomando minha boca com a sua.

Ergo as sobrancelhas, mesmo ao retribuir o beijo. Foi nisso que concordamos – intimidade – só não esperava que fôssemos para demonstrações públicas de afeto, mas é claro que vamos. O

cavaleiro não tem problema com as pessoas saberem o que significo para ele. Eu que tenho esse problema.

Depois de se afastar, toca no meu arco.

— Vejo que encontrou meu presente.

Presentes e beijos. Que porra vou fazer com este homem?

— E seu cavalo? — pergunta, olhando por cima do meu ombro.

— Vou entrar na cidade a pé.

Guerra semicerra os olhos, e por um momento tenso, tenho certeza de que sabe que peguei um cavalo mais cedo.

Em vez disso, segura minha nuca.

— Fique bem, esposa… e tente não ser muito intrometida.

Ele me dá outro beijo rápido, e depois vai para o cavalo vermelho-sangue.

Eu o observo montar, o cavaleiro parecendo mais um conquistador feroz de uma era antiga, a espada gigante presa nas costas, a armadura de couro rangendo com seus movimentos.

Ele me dá um último e demorado olhar, chuta os lados de Deimos, e sai cavalgando na direção da procissão de soldados que o aguardam. Sigo mais devagar, e quando alcanço o grupo, já estão começando a se mover.

E assim começa minha segunda invasão.

* * *

Vou para Alarixe com os soldados da infantaria, então sou uma das últimas a chegar. Ao entrar, já posso ver grandes feixes de

fumaça subindo para o céu. A luta foi para dentro da cidade, as ruas pelas quais passo já estão cheias de corpos.

Mais para dentro, vejo o primeiro aviário. Os prédios ao redor estão em chamas, mas este permanece intacto. *Guerra cumpriu sua palavra*.

Por curiosidade, olho para dentro. Tem um homem morto no chão, mas as gaiolas estão vazias. Nenhum pássaro morto. Mas também não tem nenhum vivo.

Talvez foram libertados – e talvez voaram com avisos em seus corpos.

Olho para as gaiolas vazias e, por um segundo, sinto um pouco de orgulho. Mas depois me afasto do prédio, voltando para a rua, e a cidade inteira parece estar queimando e as pessoas estão gritando ou mortas no chão. Em um segundo, minha troca com o cavaleiro parece tolice. Como se tivesse sido insignificante e tarde demais.

Eu me movo para dentro, passando por uma mesquita em chamas e um café cujas mesas externas foram todas derrubadas. Passo correndo por lojas e prédios residenciais, passo por mortos que serão cruelmente reanimados antes do final do dia.

Três quadras para a frente, a batalha está a todo vapor. Muitos dos soldados a minha volta avançam correndo, indo direto para a luta. Eu me movo um pouco mais devagar, tentando me lembrar das direções que Zara me deu. Uma hora preciso encontrar o caminho para o lado oeste da cidade, caso ela precise de ajuda.

Não estou nem no meio do caminho quando encontro a parte principal da luta. A cavalaria está derrubando todo mundo. Pessoas estão gritando, fugindo – tudo está ficando terrivelmente repetitivo.

Vejo um soldado pegar uma mulher de burca, uma faca na garganta dela. Ele se atrapalha com a roupa, tentando erguê-la. Toda aquela roupa modesta, toda a sua piedade – não foi o suficiente para salvá-la disso. Guerra proibiu estupros no acampamento, mas não proibiu isso.

No próximo instante, meu arco está na mão. Estico o braço atrás de mim, puxo uma flecha da aljava, e a coloco no lugar.

Eu me lembro daquelas mãos exigentes em mim. Eu me lembro como foi ser apalpada. Sentir minha roupa rasgando. O medo e a humilhação por isso estar acontecendo comigo e saber que era incapaz de impedir.

Não percebo que mirei e atirei até a flecha atravessar as costas do soldado, a ponta saindo pelo peito. A mulher, que estava soluçando e implorando, agora grita. O soldado cambaleia e cai, e a mulher consegue escapar.

Abaixo o arco, minha respiração forte. Suor está começando a brotar no meu rosto. Por um segundo, não sei quem sou.

Encontre Zara.

Pisco várias vezes. *Certo*. Coloco o arco sobre o ombro e corro.

CAPÍTULO 30

Demoro muito mais para cruzar a cidade do que imaginei. As ruas estão completamente congestionadas com lutas – se puder chamar assim. É mais como um esconde-esconde mortal; os civis de Alarixe fogem e o exército de Guerra os perseguem.

Chego no mar e meu coração dispara com a vista. Toda aquela água cristalina parece ter saído de um sonho.

Ou uma memória.

Meus pulmões ardem. *A luz do sol acima embota ao mesmo tempo que reluto*.

Abro a boca para pedir ajuda.

A água entra…

Afasto a memória e continuo, seguindo por uma rua que acompanha a praia. Conforme me movo, vejo pessoas nadando no mar… e vejo que alguns soldados foram atrás deles. Tem alguns barcos espalhados pela água, um número decepcionante deles virados, provavelmente pelas mesmas pessoas que estão boiando com as ondas. Todo mundo quer ser salvo.

— Miriam! Miriam!

Eu me viro com o som do meu nome sendo chamado em pânico, e lá está Zara.

Não estamos nem perto da parte oeste da cidade e isso, por si, é o suficiente para fazer minha ansiedade aumentar. Mas é a visão dela abaixada contra um prédio na praia, o lenço da cabeça esfarrapado em volta dos ombros, que me deixa preocupada de verdade.

Corro até ela.

É só ao me aproximar que vejo o corpo sem vida do garotinho embalado em seus braços, uma flecha saindo do seu peito.

Ah, não.

Fico de joelhos ao seu lado.

— Não pude salvá-los — choraminga, abaixando a cabeça no corpo do garotinho. — Não pude salvar nenhum deles.

Meu estômago embrulha com a visão do garotinho machucado nos seus braços; deve ser seu sobrinho. Alguém fez isso com um garotinho. Atiraram em seu peito como se sua vida não significasse nada.

— Já tinham passado por aqui quando cheguei — soluça.

Vamos entrar pelo leste, deixando a única escapatória dos civis para o oeste, um dos soldados de Guerra disse quando estavam definindo a estratégia de ataque. *Pode ser melhor dividir o exército e atacar dos dois lados*.

Os soldados de Guerra devem ter feito isso mesmo.

— Sinto muito, Zara. — Nem pensei em avisá-la disso, não que tivesse ajudado. Tenho certeza de que ela cavalgou o mais rápido possível para chegar até a família. Se chegou tarde demais, nunca tiveram uma chance.

Sinto lágrimas encherem meus olhos ao encarar para o garotinho. Dormi com Guerra para quê? Não salvou a irmã de Zara,

ou o cunhado, ou o sobrinho.

Coloco uma mão no garoto. Quase me sobressalto com o calor da sua pele. Eu o encaro e vejo que seu peito sobe e desce um pouco.

— Ainda está vivo — falo, chocada.

Ela está chorando abertamente ao balançar a cabeça.

— Não vai sobreviver… como poderia?

Olho para onde a flecha está afundada em seu peito. O tecido em volta dela já está cheio de sangue. Com certeza é um ferimento mortal, e ainda assim…

Talvez ainda tenho algo a ser ganho disso.

— Tem uma chance… uma pequena chance…

O que sequer estou pensando, dizendo estas palavras e dando esperança a Zara? É uma ideia condenada.

Zara pisca para mim, e posso ver que não acredita em mim – que foi decepcionada vezes demais *para* acreditar em mim.

Olho em volta. Onde o cavaleiro estaria agora?

— Guerra! — grito inutilmente. — Guerra!

— O que você está fazendo? — minha amiga diz, estupefata que estou gritando pelo cavaleiro.

— Ele pode ajudar.

Zara olha para mim como se tivesse ficado louca.

— Ele é o *responsável* por isso — ralha.

— Quer a ajuda dele ou não? — retruco.

Ela pressiona os lábios.

Eu me levanto.

— Preciso encontrá-lo. É um tiro no escuro… — falo, me afastando.

É mais do que um tiro no escuro, *Miriam*.

Não deixo o pensamento insidioso se esgueirar mais do que isso.

— Já volto. — Corro por onde vim, sentindo a futilidade da situação. Não posso encontrá-lo a tempo. E, mesmo se encontrar, convencê-lo a ajudar outro humano é ainda mais improvável. Isso não me impede de correr rua por rua, gritando o nome de Guerra, perguntando para qualquer um se o viram.

Corro por duas quadras, depois dobro à direita, depois à esquerda, e ali está, avançando pela rua, a espada empunhada, o corpo coberto de sangue.

Ele não vai ajudar.

É tão óbvio. Quer dizer, por que ajudaria?

E logo quando termino a primeira tarefa impossível – encontrá-lo.

— Guerra! — berro.

A cabeça dele vira para mim. Longe desse jeito, não posso ver sua expressão, mas, depois de um momento, guarda a espada nas costas e galopa até mim.

Guerra cobre a distância em menos de um minuto, parando ao meu lado.

— Esposa — fala, sorrindo, os olhos um pouco enlouquecidos. — Aproveitando o presente? — Acena para meu arco.

— Preciso da sua ajuda — falo rápido.

Isso não vai dar certo.

A expressão dele muda em um segundo, de enlouquecida para séria.

— E terá.

Veremos…

Ele estende o braço para minha mão. Seguro sua palma e o deixo puxar-me para a sela.

— O que é? — pergunta quando estou acomodada na sua frente.

Molho os lábios, virando a cabeça em sua direção. Agora a parte complicada.

— Vou dizer, mas primeiro precisamos chegar lá — digo.

É prova da fé de Guerra em mim que ele aceita isso, me deixando guiá-lo de volta para o prédio na praia sem protestar.

Zara está onde a deixei, o sobrinho ainda aconchegado em seus braços. Mesmo daqui, posso ver que está murmurando coisas boas para ele.

Percebo o instante em que Guerra vê Zara. Atrás de mim, seu corpo enrijece.

O cavaleiro puxa as rédeas de Deimos.

— O que é isso? — ele exige. Toda a gentileza sumiu de sua voz.

Eu me viro para ele na sela e coloco uma mão na sua bochecha.

— Por favor — falo.

Sob meu toque, sinto um músculo em sua mandíbula contrair.

Por um momento, nós dois apenas nos encaramos. Estou esperando que ele sinta o suficiente por mim para ajudar. Mas não estou certa de que sente.

Antes dele dizer que ajuda ou não, desmonto do corcel e volto para o lado de Zara.

Guerra demora mais para se juntar a nós, mas, para dar crédito, ele *desmonta* do cavalo e me segue. Não tinha certeza sequer se faria isso.

— Você me tira da batalha para salvar um *deles*? — fala atrás de mim. — E o que isso é? — A voz dele está aumentando com a raiva.

Eu me agacho perto de Zara. Ela está tremendo, por causa do medo ou da angústia – ou de ambos. O sobrinho dela ficou ainda mais pálido, apesar dos seus olhos se moverem um pouco.

— Se não fizer nada, ele vai morrer.

— *Ficou louca, esposa?* — ele quase grita. — Esse é o objetivo mesmo! E você me tira da batalha *para isso?* — Seus olhos estão inflamados com sua fúria.

É a primeira vez que vejo Guerra em uma fúria de verdade. Mesmo quando mata, ele não é assim.

Acho que ele pode estar sentindo arrependimento pela primeira vez, neste exato momento. Tudo por causa de sua esposa humana.

Respiro fundo, tentando ignorar como meu próprio corpo começou a tremer de medo. Ele já é aterrorizante o bastante quando suas emoções estão sob controle, mas vê-lo bravo me faz sentir como se minhas entranhas tivessem se liquefeito.

Guerra dá um passo para mais perto.

— Já não sacrifiquei o suficiente por você?

Eu me empertigo, apesar do meu terror. Vi outro lado deste homem. Só tenho que trazê-lo à tona. Por isso, indo contra meus instintos, caminho em sua direção.

Deus, ele está bravo, a violência não está mais em seus olhos. Está se espalhando pelo rosto, da mandíbula tensa até as narinas dilatadas. Mas ele me encara conforme me aproximo como se ele nunca tivesse encontrado alguém como eu – e pode estar disposto a me ouvir.

Pego a mão de Guerra.

— O que você quer de mim? — pergunto.

Ele faz uma careta.

— Não vou fazer outra barganha com você.

— Não estou falando de barganhas — falo. — Na sua tenda, você me disse que queria mais do que apenas meu corpo. Ainda quer isso?

O lábio superior de Guerra contrai com raiva e desgosto. É provável que não seja o melhor momento para perguntar *esse* tipo de coisa. Acho que, agora, não gostaria de nada além de anular nosso casamentinho falso.

Aperto sua mão.

— É assim que você consegue tudo — falo baixo.

Suas concessões, sua gentileza, seu altruísmo e sua misericórdia – são as coisas que vão me conquistar.

— Vou ter o que quero de você de qualquer maneira.

— *Não vai* — falo com a voz firme.

O olhar do cavaleiro semicerra.

— Quer que pare de odiá-lo? — digo. — Quer que o ame sem reservas?

Com a palavra *amor*, Guerra se empertiga, como se finalmente estivéssemos falando a mesma língua.

— É assim que você me faz amá-lo — falo. Parece errado prometer coisas ao cavaleiro que não pretendo dar. E talvez ele saiba disso, porque me dá um olhar demorado.

Ele julga o coração de homens. O que está encontrando dentro do meu?

O Senhor da Guerra desvia o olhar de mim e o leva para a criança. Ele faz uma careta.

Seu olhar volta para o meu e se fixa por um último e demorado minuto, seu lábio superior ainda está se contraindo com raiva.

— Para o seu coração mole — fala amargo.

Meu Deus, isso… *funcionou*?

Guerra deixa meu lado e vai até Zara e o sobrinho. Ao se aproximar, Zara segura o garoto mais forte contra o peito.

— Não — implora.

— Está tudo bem, Zara. Mesmo — falo. Pelo menos espero que esteja.

O cavaleiro se ajoelha ao lado dela, estudando o ferimento do garoto. Estendendo os braços, ele rasga a camiseta do garotinho, fazendo Zara se sobressaltar.

— O que você está fazendo? — exige.

Ignorando-a, Guerra estica o braço, pairando a mão sobre o ferimento. Posso ver sua careta feroz. Depois de um bom tempo, pressiona a mão na pele do garoto, e posso ver o corpo do menininho estremecer.

Vou até eles, atraída por Guerra.

A outra mão do cavaleiro se move para a haste da flecha.

— Segure-o — Guerra instrui Zara conforme segura a arma. — Vou tirar isso, e ele não vai gostar.

Assentindo, Zara passa os braços com mais firmeza pelo sobrinho.

Com um único e hábil puxão, Guerra tira a flecha do corpo do garotinho.

O menino acorda com um grito agudo, começando a chutar e relutar. De uma forma bem real, ele está lutando pela vida.

Assim que a flecha sai, a mão de Guerra está de volta no ferimento, apesar dos movimentos do garoto. O cavaleiro fica ali um bom tempo, mesmo enquanto o menininho continua a relutar e gritar contra seu toque. A mão de Guerra é implacável, e enfim o garotinho perde. Ele choraminga, depois entra em um silêncio exausto.

Lágrimas silenciosas escorrem pelo rosto de Zara, e posso ver seu corpo trêmulo. Isso está dilacerando seu coração.

Depois do que parece um tempo infindável, Guerra afasta a mão do ferimento.

— Não está completamente curado — Guerra diz. — Mas não tem mais nenhum sério risco de infecção.

Ele olha para Zara.

— Duas vezes a ajudei. Espero alguma lealdade em troca.

Minha amiga franze o cenho, mas dá um leve aceno para Guerra.

O cavaleiro se levanta, se afastando dos dois. Seus olhos violentos encontram os meus.

Ele se aproxima.

— Não me peça isso de novo, esposa — fala sombrio. — Será rejeitada.

Com isso, Guerra passa por mim, monta em Deimos e depois desaparece.

CAPÍTULO 31

Eu me ajoelho ao lado de Zara, que está segurando o sobrinho com força contra si, lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

As mãos dela vão para o ferimento. Ainda tem sangue cobrindo a região, mas depois que ela o limpa, está claro que não tem nada sob o sangue a não ser uma casquinha nova. Com a visão, um soluço engasgado escapa de Zara.

— Ele salvou a vida de Mamoon. — Ela olha para mim. — Como ele fez isso? E como você sabia que ele *podia* fazer isso?

Eu me sento ao lado dela.

— Ele salvou minha vida antes.

Ele salvou sua vida mais de uma vez.

Zara pega minha mão e aperta.

— Não posso retribuir, Miriam. Obrigada. Estou em dívida com você, para sempre.

— Você *não* me deve nada. E mais. — Estendo o braço e puxo o lenço de Zara para cima do cabelo. — Você e seu sobrinho ainda não estão seguros. — Olho para o mar, onde as pessoas batem nos barcos virados. Nosso primeiro plano, fazer a família de Zara escapar pelo mar, desapareceu como fumaça no vento. — Me deixa encontrar um cavalo para vocês dois voltarem em segurança para o acampamento… e lembre-se, se alguém atacar, *mate-os*.

Tem tanta ferocidade nos olhos de Zara.

— Com prazer.

Eu os deixo ali, procurando as ruas por algum cavalo sem cavaleiro. Inevitavelmente, sempre tem algum corcel assustado trotando por aí. Eles não são um transporte muito bom, mas pelo menos diminuem as chances de Zara e o sobrinho serem atacados. O exército de Guerra não costuma mirar em homens e mulheres montados.

A uma quadra, vejo um cavalo preso num poste. Corro pela rua na direção dele. Com certeza é de algum soldado, a julgar pelas armas e badulaques enfiados nos alforjes – os itens claramente roubados da casa de alguém.

Uma pena para o soldado, seus itens roubados estão prestes a serem roubados dele.

Assim que chego no cavalo, começo a soltar as rédeas.

— Ei! — um homem grita do alto.

Três andares acima, um soldado se inclina por uma janela. Pelo visto, este é o cavaleiro, ocupado saqueando outra casa.

— Que porra você está fazendo? — grita para mim.

Ignorando-o, termino de soltar as rédeas e monto no corcel.

Tem algo inegavelmente satisfatório em roubar de um ladrão.

Batendo dos lados do cavalo, parto, sorrindo com os xingamentos criativos que o soldado grita para mim.

Não demora nada para cavalgar de volta para Zara e o sobrinho.

Desmonto do cavalo, a poeira subindo no meu encalço.

— Certo, você sobe primeiro, depois vou erguer seu sobrinho…

— Mamoon — interrompe. Ela me lança um pequeno sorriso. — O nome dele é Mamoon.

—… Vou erguer Mamoon para você.

Ela hesita, sem querer se afastar dele nem por um segundo. Mas por fim se levanta, erguendo o sobrinho exausto nos braços. Ela o entrega para mim, depois monta no corcel.

Olho para o garotinho em meus braços e meu coração se enche de alegria.

Ele está vivo quando poderia ter morrido. Guerra o poupou.

Guerra o poupou.

Zara estende os braços e ergo o sobrinho para ela. Juntas, o acomodamos na sela na frente de Zara.

No momento que Mamoon percebe que está em um cavalo, começa a chorar. Não são as casas em chamas ou as pessoas gritando, ou até mesmo minhas armas que o assustam. É o cavalo.

— Sssh. Mamoon — minha amiga diz. — Zara está com você.

— Ei! — A mesma voz masculina de antes grita. Olho naquela direção e vejo o soldado vindo até nós. Eu me viro para Zara.

— Hora de ir. — Zara olha para o homem.

— Vai ficar…?

— Vou ficar bem. — Já estou tirando o arco do ombro. — Vai. Vejo vocês mais tarde.

Zara assente e dá um tapa rápido no cavalo, e sua montaria parte.

— *Ei*! — o homem repete. — Era o meu *cavalo*!

— Encontre outro — falo, me virando para ele enquanto tiro uma flecha da aljava.

— Não vou encontrar outro — fala, avançando até mim com uma espada na mão. — Vai trazer meu cavalo de volta, ou vai se arrepender.

Encaixo a flecha e miro no seu peito.

— Se aproxime mais, e vou atirar.

O soldado nem hesita.

Solto a flecha, e ele desvia. Miro e atiro outra, e outra vez – as duas ele desvia sem parecer preocupado.

— É o melhor que pode fazer? — grita.

É neste momento que noto a faixa vermelha no seu braço.

Um cavaleiro fobos.

— Não dou a mínima para o quanto o Senhor da Guerra gosta da sua boceta; vou esquartejá-la membro por membro e deixar para que apodreça.

E ele sabe quem eu sou – também sabe como ameaçar alguém.

Pego duas flechas e as preparo juntas, mirando-as no cavaleiro. Apenas treinei isso e sempre com resultados ruins, mas se não acertar logo o homem, serei forçada a pegar a espada, e contra a sua… ele vai levar vantagem.

Puxo a corda do arco e solto as duas flechas. Ambas erram, uma desviando longe. Mas o tiro distrai o cavaleiro, e a próxima flecha que solto… o atinge direto no peito.

O cavaleiro fobos cambaleia, olhando para a pele perfurada, os olhos arregalados.

Antes que possa fazer muito mais, solto mais duas flechas, uma o atinge direto no peito. O corpo do cavaleiro se move com o

impacto. Agora seus olhos não estão arregalados apenas desfocados.

Ele tropeça, depois cai de joelhos.

Estou abaixando o arco quando sinto a ponta de uma espada nas costas.

— O único motivo que não está morta, garota — a voz atrás de mim diz —, é porque quero que o Senhor da Guerra saiba dos seus crimes.

Bom… *merda.*

CAPÍTULO 32

De volta ao acampamento, sob os raios do sol poente, os soldados enfileiram os traidores.

Sou uma deles.

Os novos capturados já juraram lealdade ou estão mortos. Agora é nossa vez de sermos julgados.

Sou empurrada para a frente, na direção da clareira, as mãos atadas. As pessoas estão gritando comigo, colocando as mãos em mim; o ódio é palpável. Eles fazem isso com todos traidores, e, ainda assim, sou a mais cogitada da multidão, com certeza porque, a esta altura, todos sabem do meu relacionamento com Guerra.

O cavaleiro está sentado em seu trono na clareira. Quase me esqueci daquele trono. Ele é uma pessoa diferente ali em cima, diferente de como é no campo de batalha – sanguinário e calculador – e diferente de como costuma ser comigo – gentil e carinhoso. Sentado naquele trono, ainda usando as vestes ensanguentadas, ele é altivo e distante. Apesar de que hoje, vou admitir, ele parece mais agitado do que de costume.

Conforme entro na clareira, mantenho a cabeça erguida, apesar do fato de o chão estar encharcado com sangue fresco e os corpos dos prisioneiros recém-mortos estarem em uma pilha ao lado.

A multidão está gritando e cuspindo e furiosa, *furiosa*. Mais de uma pessoa está jogando merda de cavalo em nós.

Deus, foi isso mesmo que você quis? Transformar os homens em demônios e deixar o inferno reinar na terra? A fileira de traidores é forçada a encarar Guerra.

Ele olha para todos nós, o olhar entediado indo de traidor para traidor até seus olhos pousarem em mim. Por um segundo, tem um lampejo de alívio. Depois seu rosto enrijece.

Não estou certa, mas tenho a impressão de que nenhum de seus cavaleiros o contou onde eu estava. Acho que queriam uma abordagem mais dramática e pública.

Guerra se levanta e a multidão fica quieta. Não sei o que ele está pensando, o que está passando atrás daqueles olhos turbulentos. Deve ser arrependimento que, pela segunda vez hoje, estou minando seus planos friamente calculados.

— *Miriam*. — Sua voz ecoa pelo acampamento, e ninguém está imune a ela.

As pessoas param de jogar merda para poderem olhar para o cavaleiro, depois para mim.

Seu olhar vai para meu pescoço, depois para minhas mãos atadas. Quando olha para mim outra vez, tem uma intensidade em seus olhos.

— Solte-a. — Não tenta falar em outro idioma.

— Meu Senhor — um dos cavaleiros fobos contesta, se afastando dos demais. — Ela matou um dos seus cavaleiros.

Não reconheço o homem que está falando, mas sei que não foi o soldado que me capturou hoje. Aquele foi Uzair, o mesmo cavaleiro que me pegou parada na frente da tenda de Guerra

quando o cavaleiro estava discutindo estratégias de batalha com seus homens. Neste momento, Uzair está parado com os outros fobos, a mandíbula tensa.

— Por que está mantendo-a por perto? — exige este novo cavaleiro fobos, entrando na clareira.

Guerra parece entediado ao olhar para o homem.

Vários soldados estão se aproximando de mim, supõe-se que para cumprir a ordem de Guerra de me soltar, mas suas expressões são tensas. Fica claro que acreditam que eu deveria morrer hoje.

Eles se aproximam do meu lado e me pegam pelos bíceps, me levando para longe da fila.

— Ela mata nossos homens, sabota seus planos, e ainda assim você a poupa? *Ela*? — o cavaleiro fobos diz, exasperado. — Nunca fez exceções antes. Por que agora, e pelo quê? Uma puta?

Os olhos de Guerra semicerram.

— *Kikle vležoš di je rizvoroš maeto vlegeve ika no ja rizberiš Vlegi?* — o cavaleiro diz, agora voltando a uma das línguas mortas. — *Como poderia compreender meus motivos se não compreende Deus*?

— Ela fez sua mente fraquejar, cavaleiro? — Neste momento, o cavaleiro fobos parece estar incitando Guerra abertamente, o que nunca é uma boa ideia quando se está lidando com um cara que, por acaso, gosta de derramar sangue.

O cavaleiro dá um passo sinistro para a frente e a multidão se agita, ansiosa. Ele dá mais um passo, e outro, descendo do palanque e entrando na clareira.

Ele vai até o homem, até pairar sobre ele.

Acontece tão rápido que mal tenho tempo de registrar. Guerra tira uma adaga do quadril e a enfia no coração do soldado. Os lábios do cavaleiro se abrem, e seus olhos estão tão arregalados quanto os do cavaleiro fobos que matei mais cedo, como se a morte fosse uma surpresa para ele.

Guerra puxa a lâmina e sangue escorre da ferida.

O cavaleiro fobos engasga um pouco, o olhar passando por todas as pessoas em silêncio. Ele oscila um pouco, depois cai, morto.

* * *

O sangue do cavaleiro fobos ainda não esfriou antes de Guerra afastar a força os soldados e me pegar no colo.

Fica em silêncio ao me levar de volta para sua tenda. Não perco tempo dizendo a ele que posso andar. Não estou muito interessada em me opor a ele agora, quando desafiou suas próprias regras duas vezes em um dia por mim.

Atrás de nós, a multidão está quieta, mas depois que saímos de vista, escuto o barulho aumentar de novo, depois, de repente, a multidão parece rugir – sem dúvida o resultado das execuções do resto dos traidores.

Fecho os olhos contra o pensamento de todas aquelas pessoas no meio das quais estava há alguns minutos. Ousaram parar o exército e morreram por isso.

É só depois de estarmos do lado de dentro da sua tenda que me coloca no chão.

Ele pega uma das lâminas e corta minhas amarras, libertando meus pulsos antes de jogar para o lado a corda grossa.

— Guerra… — começo.

— *Não*.

Um olhar para sua expressão e está claro que não está de brincadeira.

Agitado, começa a tirar o resto das armas.

— Deus não me mandou uma esposa — fala baixo. — Mandou-me meu Juízo Final.

Fico parada ali, esfregando os punhos, sem saber onde meus sentimentos se enquadram. De um lado, vi tanta morte brutal hoje – e este homem é responsável por tudo. Do outro, ele salvou uma criança, depois me salvou. Estou enojada pelo seu mundo, mas também estou estranhamente em dívida com ele.

— Não deveria estar atacando meu exército — fala rude.

— Por que não?

— *Porque mandei!* — ele berra. Guerra se vira para mim agora, o rosto inflamado por raiva. — Salvei uma vida por você… fui contra minha própria natureza para fazê-lo… e me agradece *matando* meus homens?

— Aquele homem ia me matar!

O rosto dele fica mais tenso.

— Não minta e finja que foi apenas um homem que matou.

— Por que isso de repente importa? — falo, minha própria voz esquentando. — Você me deu o arco e flecha sabendo muito bem o que pretendia fazer com eles.

— Você criou discórdia entre meus homens — fala.

Com certeza criei. E as pessoas vão odiar a nós dois por isso.

— Já tinha discórdia entre seus homens, ou esqueceu que destruiu as cidades destas pessoas e matou suas famílias antes de os aprisionar?

Um músculo na sua mandíbula se contrai.

Guerra se aproxima de mim, parando tão perto que nossos peitos se tocam.

— Fui leniente com você. Não repetirei esse erro.

Meu coração desanima com isso. Foi sua leniência que poupou Mamoon. É a única parte dele que *não* quero que mude.

Ele começa a passar por mim quando seguro seu braço.

O cavaleiro para e olha para mim. Seus olhos ainda estão furiosos.

— Obrigada — digo. — Por salvar o garoto.

Guerra se afasta, parecendo um pouco enojado, como se tivesse conseguido ofendê-lo.

Seguro seu braço com um pouco mais de força.

— Sério. Você pode não saber o que isso significa para mim. — Ele poupou a vida de um estranho. É quase inconsequente perto dos montes de pessoas que matou, mas ele nunca salvou alguém que não o interessasse. Não até hoje.

Guerra perscruta meu olhar, talvez procurando a validação de que fez algo certo, mesmo que para ele tenha sido errado.

Engulo em seco, percebendo que tem coisas que vou precisar fazer se quiser que Guerra reconsidere salvar outra vida.

Movo a mão do seu braço para sua nuca e o puxo na minha direção. Quando está ao alcance, fico na ponta dos pés e beijo qualquer arrependimento que ainda possa ter.

Ele não retribui – não na hora. Mas quando se entrega ao beijo, o faz por inteiro. Suas mãos de repente estão no meu cabelo e sua raiva acumulada está se transformando em paixão.

Não tem nada tão satisfatório quanto uma luta seguida de uma foda, ele tinha dito.

Mostre a ele como está grata pelas vidas que poupou hoje. Talvez assim Guerra vai considerar outra vez ser leniente no futuro.

Com o coração acelerado, começo a tocar o corpo do cavaleiro. Ele ainda está usando armadura, ensanguentada e suja. Começo a tirá-la.

— Tire isso — exijo.

— Primeiro me faz quebrar minhas regras, agora me dá comandos? — fala ao mesmo tempo que começa a nos despir. — Você está jogando um jogo delicado e perigoso.

— Jogos perigosos não são os seus favoritos? — digo.

Guerra me puxa para perto.

— Mulher selvagem, *não gosto de jogos*. — Com isso, ele rasga o resto das minhas roupas.

Ainda estamos ensanguentados da batalha, mas isso não nos impede de nos unir. Eu o puxo para o chão coberto por tapetes, seu corpo grande me envolvendo.

Pego uma de suas mãos, enlaçando-a com a minha. As marcas nos seus dedos brilham, e as beijo uma por uma. Essas mãos causaram tantas mortes, mas agora salvaram a mim e mais um.

Talvez um dia essas mãos parem completamente de matar. É insano desejar algo tão inverossímil, mas estou viciada na possibilidade. É toda a esperança que me resta.

O pau de Guerra está quente e duro contra mim, e posso pressentir aquele zunido faminto da batalha ainda percorrendo seu corpo. Está quase tremendo com a necessidade de se enterrar em mim.

A ideia de transar com o cavaleiro é aterrorizante e excitante. Eu me movo sob ele, até a cabeça do seu pau estar pressionada na minha entrada.

Por um segundo, os quadris de Guerra vão para a frente, e, *ah, meu Deus, isso vai acontecer*. Mas depois ele geme e se afasta, o corpo inteiro tremendo com seu controle.

— Criatura divina, foi criada para me tentar. — Guerra está arfando. — Mas não se rendeu. Ainda não. Não a terei por completo até lá.

O cavaleiro estica o braço, segurando minha boceta. Muito deliberadamente, ele insere um dedo.

— Mas por enquanto, isso bastará.

CAPÍTULO 33

Enquanto o resto do acampamento – incluindo Guerra – está na celebração daquela noite, vou para a barraca de Zara com comida na mão. Tornou-se uma tradição nossa, levar comida uma para outra quando tivemos um dia difícil.

Entro na barraca sem avisar. Dentro, Mamoon está dormindo no palete de Zara, e minha amiga está sentada ao seu lado, acariciando seu cabelo.

Zara se sobressalta quando entro, a mão indo para a adaga.

Ela relaxa quando vê que sou eu.

— Desculpa, deveria ter avisado que era eu — falo.

Como resposta, ela me puxa e me dá um abraço apertado. Ela não me solta mesmo depois de vários segundos, e bem rápido escuto seus soluços abafados conforme chora no meu ombro. Hoje foi um dia horrível para ela. Perdeu a irmã e o cunhado, e quase perdeu o sobrinho.

Esfrego suas costas, deixando-a soltar toda sua tristeza. Demora muito tempo, e seus soluços são silenciosos, talvez pelo fato de que está tentando deixar Mamoon dormir.

— O que digo a ele? — ela sussurra.

Balanço a cabeça contra ela.

— Não sei. — É uma situação tão sobrenatural. Não tem palavras fáceis para isso.

Enfim, os soluços se tornam fungadas e ela se afasta, limpando os olhos.

— Como ele está? — pergunto.

— Bem — fala, a voz trêmula. — Quero dizer, está traumatizado, mas está *vivo*. — A voz dela falha um pouco com a palavra. — Isso é mais do que posso dizer sobre… — O resto da sua família.

— O que aconteceu com eles?

Zara abraça as pernas contra o peito.

— Os cavaleiros de Guerra chegaram primeiro. Nem estavam em casa quando cheguei lá. Acho que tentaram fugir… Encontrei seus corpos na rua…

Mamoon se move e Zara deixa a história sem terminar.

— O que ele sabe? — pergunto, acenando para o sobrinho.

As feições dela desmoronam e balança a cabeça.

— Não tenho certeza. Ele não disse muito.

— Pelo menos ele tem você… e você tem a ele.

Zara respira fundo, trêmula, e assente.

Limpa os olhos outra vez e me observa.

— Como você está? — pergunta, se recompondo. Alarme surge em seu olhar. — Ah, meu Deus, esta *tarde* — fala, como se estivesse compreendendo o que aconteceu pela primeira vez. — Você fez tanto pelo meu sobrinho, e depois foi pega por isso… sinto muito. — Ela começa a chorar outra vez, e seguro sua mão.

— Ei, ei… *ei* — falo. — Eu me coloquei nessa confusão. Não você. Não se desculpe por isso. Além do mais, Guerra não me deixa

morrer, então… — Então posso ser a *filha da puta* que atrapalha os planos dele. Mais ou menos. Depois tenho que compensar com favores sexuais que gosto mais do que deveria.

— Não quero que sofra por mim — Zara diz. *Sofrer* não seria bem a palavra que eu usaria…

— Não estou sofrendo. — Eu a tranquilizo.

— Tome cuidado com o cavaleiro — fala para mim. — O que ele fez hoje… está mais do que encantado por você.

Engulo em seco. Presumi que Guerra gostasse de mim apenas por acreditar que seu Deus me fez para ele. Pensar que podem existir sentimentos verdadeiros…

Não, Zara deve estar enganada. Guerra sente paixão e possessão por mim, mas nada mais. Absolutamente nada mais.

* * *

— O Senhor da Guerra quer vê-la — Hussain fala do outro lado da minha barraca tarde da noite.

A esta altura, já estava há um bom tempo de volta depois de ver Zara e o sobrinho. Até consegui terminar de fazer duas flechas.

Coloco o livro que estou lendo de lado, apago a lamparina e deixo a barraca, seguindo o cavaleiro fobos na direção dos aposentos de Guerra.

Do nada, Hussain diz:

— É bom ficar esperta, Miriam.

Dou um olhar intenso a ele. *Está me ameaçando?*

Ele encontra meu olhar, depois suspira.

— Os homens estão falando de você, e não é nada bom.

Não é uma ameaça, noto, é informação confidencial que está compartilhando.

— Escute, Miriam, apenas… fique atenta — continua. — Guerra não escolhe os cavaleiros fobos pela honra.

O que significa que sou uma mulher marcada. Arrepios surgem nos meus braços.

Nós dois chegamos na barraca de Guerra. Hussain faz uma mesura, depois se afasta na escuridão, me deixando sozinha.

Respiro fundo e me forço a deixar a preocupação para outra hora. Tenho assuntos mais imediatos para lidar. Eu afasto uma das abas da tenda do cavaleiro e entro.

Só que… o cavaleiro não está por perto.

Pânico.

Isso foi uma armadilha. Sejá lá a que Hussain estava se referindo, não vai acontecer em algum momento no futuro; vai acontecer *agora*.

Pego a adaga assim que as abas da tenda são abertas.

Guerra entra com o peito desnudo e está bêbado. Muito bêbado.

— Esposa. — Os olhos dele se iluminam quando me vê. Ele atravessa o recinto, ignorando a adaga na minha mão. Colocando meu cabelo atrás da minha orelha, ele segura meu rosto com as mãos. Seus olhos estão desfocados. — Durma comigo.

Por um momento, não respiro. Não me movo, apesar daquelas palavras terem arrancado todo tipo de resposta inapropriada do meu corpo.

Há um minuto, tinha certeza de que estava prestes a ser emboscada; entretanto, estou sendo cantada. Por um cavaleiro

bêbado.

— Pensei que queria que me rendesse primeiro — falo.

— Mudei de ideia. — Seus polegares acariciam minhas bochechas, e é tão tentador. Tão, *tão* tentador...

Ele deve ver como sou fraca porque se aproxima e me dá um beijo feroz. No segundo em que o faz, sinto o gosto da bebida na sua língua.

Eu me afasto.

— *Quanto* você bebeu? — pergunto para ele, desconfiada. Guerra é um homem grande; deve precisar beber um cocho inteiro para chegar neste ponto.

— O suficiente para deixar minhas ressalvas de lado.

Durma comigo.

Apoio a testa no seu ombro conforme um pensamento surge.

— Mesmo se eu quisesse…

— Você quer — fala, a voz convicta.

Minha barriga contrai com sua voz. É baixa e confiante, e soa como a de um amante – como *meu* amante.

— E proteção? — digo. Algo que com certeza *não* havia pensado até agora, apesar de, sem dúvida, precisar.

Ele afasta meu rosto do seu ombro, os olhos vagos ficando espertos.

— Proteção? — ele diz. — De *quê*? Sou a representação da guerra. Quem tentar me desafiar vai acabar morto.

Quero rir. Quero virar uma poça no chão.

— Não *esse* tipo de proteção — falo.

Ah, caramba. Não esperava ter esta conversa hoje.

As sobrancelhas do cavaleiro se unem.

— Eu poderia engravidar — falo devagar.

Não sei dizer pela sua expressão se compreendeu ou não.

Talvez tenha entendido tudo isso errado. Talvez Guerra não possa ter filhos. Quer dizer, ele não é um homem comum.

Dou outra olhada para seu corpo cheio de músculos. Nunca vi um homem mais viril. Sinto que apenas um olhar demorado dele pode me engravidar.

Minha próxima pergunta escapa de mim.

— Já engravidou uma mulher?

Aquelas tatuagens brilhantes iluminam a escuridão. O cavaleiro olha para mim, parecendo estar preparado para o ataque. Na verdade, quanto mais encaro, mais ameaçador ele aparenta.

— Por que faria uma pergunta dessas? — ele diz.

Curiosidade, na maior parte.

— Engravidou? — insisto.

Qualquer estado de ebriedade que Guerra estava quando entrou na tenda desapareceu.

— O que você acha, Miriam? — Aqueles olhos violentos estão fixos nos meus, e ele parece particularmente perigoso. — Acha que engravidei uma mulher enquanto me movia por sua terra? Acha que depois matei meu filho, junto com a mãe? Ou acredita que os dois estão aqui em algum lugar do acampamento, fora de vista?

Eu não sei. Não acharia estranho, apesar do fato de que ele soa ofendido. Tão ofendido, na verdade, que agora estou bem ciente de que, apesar de suas orgias desde que veio para terra, ele não tem filhos.

Aquele pensamento deveria me deixar aliviada. Em vez disso, a conversa inteira está me lembrando de todos os motivos pelos

quais dormir com Guerra é uma má ideia. Dar uns amassos nele só é divertido quando não preciso pensar demais nisso.

— Foi um erro vir aqui — falo. Começo a passar por ele, na direção da saída.

Ele pega meu braço e me vira para encará-lo.

— Isso *não* foi um erro.

— Vá dormir, Guerra — digo. — Vai se sentir melhor quando acordar.

— Então está fugindo? — ele me acusa.

— Não é isso que nós, humanos, fazemos? — pergunto.

— Não você, mulher selvagem — fala, a expressão sombria e astuta ao segurar meu braço. — Você luta mesmo quando não é a coisa inteligente a se fazer.

— O que você *faria* se engravidasse uma mulher? — pergunto.

Guerra só me encara.

Ele não faz a mínima ideia, e isso é aterrorizante por si só.

— Boa noite, Guerra — falo.

Puxo o braço da sua mão, e deixo a tenda.

* * *

Não vejo Guerra outra vez até o outro dia. Quando ele vem até mim, já voltou da invasão das comunidades satélites em volta de Alarixe. Pelo que vi do Egito até agora, não tem muitas dessas. Aqui tem deserto, oceano, céu e nada mais.

— Você ficou de ressaca? — pergunto para ele. Estou sentada na frente da minha barraca, ocupada encaixando a ponta de uma flecha em uma haste de madeira finalizada.

— Ressaca? — Ele sorri um pouco. — Teve um breve lampejo e dor e um enjoo passageiro, mas não chamaria de ressaca.

Parte de mim está surpresa por ele saber o que é uma ressaca, mas ele vive entre soldados há um ano; iria aprender sobre elas um dia.

— Você se lembra da nossa conversa? — pergunto. — De ontem à noite?

Seu rosto muda, mas não posso definir qual expressão é essa. Taciturno? Curioso? No momento, é impossível definir.

— Cada palavra.

Ótimo.

Ele pega minha mão.

— Venha, quero ficar sozinho com você.

Pego sua mão, mesmo enquanto minhas sobrancelhas franzem.

— Aonde estamos indo?

Ele assobia.

— Você vai ver.

Um minuto depois, Deimos vem galopando na nossa direção, seu pelo vermelho-escuro brilhando no sol. Ele ainda está selado da invasão matinal.

O cavalo para ao nosso lado.

— Como você consegue que ele faça isso? — pergunto. Ele não precisa ir para o estábulo, e vem ao chamado do mestre. Não conheci muitos cavalos, mas acho que isso não é normal.

Guerra se inclina na minha direção.

— Ele é um cavalo tanto quanto sou um homem.

Entendido.

O cavaleiro acena para que monte em Deimos. Por um segundo, hesito, incerta se quero passar mais tempo com Guerra do que é absolutamente necessário. Mas, no final, subo no cavalo.

Guerra sobe na sela atrás de mim, tão perto que suas coxas cobrem as minhas e seu peito pressiona minhas costas. Esta não é a primeira vez que compartilhei a sela com o cavaleiro, mas é a primeira vez que o *noto*.

O cabelo dele faz cócegas na pele do meu pescoço e posso sentir seu hálito contra minha bochecha. Um braço passa pela minha cintura, me pressionando mais contra ele, e não deveria ficar tão afetada por isso.

Quer dizer, *puta merda*, coloquei o pau do cara na boca.

— Fique comigo na minha tenda — Guerra diz contra mim, a respiração se espalhando na minha orelha.

— O que vai ser de mim se ficar? — Não tenho intenção de falar em voz alta, mas as palavras saem mesmo assim.

— Esposa, não vou comê-la se mudar-se para lá. Bom, *vou* comê-la, mas sei que gosta deste tipo de coisa.

Sinto minhas bochechas esquentarem, me lembrando da sensação da sua boca entre minhas pernas.

Eu viro a cabeça um pouco para ele.

— Pode evitar falar essas coisas?

A mão de Guerra se aperta na minha barriga.

— Fique comigo, Miriam.

— Não… a não ser que queira fazer outra troca.

O cavaleiro fica quieto.

— Você sabe que posso apenas *fazer* você ficar comigo.

Como ele ameaçou antes.

— Então faça isso — retruco, sabendo que não vai.

Deve ser estranho para ele, um homem de ação, fazer ameaças que não pretende cumprir. Nunca precisou fazer isso antes de mim. Quando se quer que o mundo morra, é fácil fazer ameaças reais – ou mais do estilo de Guerra, apenas matar sem ao menos ameaçar alguém.

— Você vai ceder a mim, esposa, assim como todo mundo e todo o resto fez.

É isso mesmo que me preocupa.

* * *

O cavaleiro nos guia para o sul, para o deserto. Não tem nada aqui, a não ser grandes quantidades de terra seca. É lindo de um jeito austero.

Só cavalgamos por talvez cinco ou dez minutos quando Guerra para o cavalo.

— Onde estamos? — pergunto, olhando em volta conforme desmonto de Deimos.

— Não sei — fala, desmontando, o olhar marcado com kohl apertando para o sol.

Olho em volta.

— Então não tem um motivo específico de ter me trazido aqui? — pergunto.

— Ah, tem um motivo — fala —, só não tem nada a ver com nossos arredores.

Dera alguns passos para longe dele, mas agora olho para trás.

— Qual é o motivo? — pergunto.

— Quero descobrir os sons que faz quando ninguém além de mim está ouvindo.

CAPÍTULO 34

Quando se trata de intimidade, Guerra dá mais do que toma. O que é demais. É *tudo* demais. Ele tem o apetite de uma divindade, e mal posso acompanhá-lo.

Está me fazendo *trabalhar* pelos aviários.

Deito em um cobertor com ele, nossas roupas deixadas de lado.

— Gosto quando você fica assim — fala, passando um dedo pela minha barriga denuda.

Olho para ele.

— Eu aposto que gosta.

— Não só *desse* jeito, esposa — fala, soltando uma risada baixa. — Você é mais aberta comigo nestes momentos.

Sou? Alarmes estão disparando.

— E você gosta disso? — digo.

— Claro que sim.

Estudo o rosto do cavaleiro.

— Por quê?

Seu olhar perscruta o meu. O dourado em seus olhos brilha na luz.

Ele está mais do que encantado por você. As palavras de Zara ecoam nos meus ouvidos.

Antes que Guerra fale alguma coisa, algo se move ao longe, me fazendo sobressaltar-me de surpresa. Meu corpo inteiro está exposto. Desesperadamente reúno minhas roupas, tentando me cobrir.

— O que é? — Guerra diz, a voz firme. Seu olhar segue o meu.

É uma pessoa, uma que agora condenei a morte.

Mas quando o cavaleiro o vê, a tensão desaparece do seu corpo.

— Relaxe, esposa. É um dos meus.

— Um dos seus? — Ele quer dizer um dos seus soldados? Porque eu não quero mesmo que um deles me veja nua.

— Os mortos reanimados — Guerra explica.

Os pelos no meu braço se eriçam. Quase me esqueci dessa habilidade macabra dele.

Observo a figura distante mais uma vez.

— O que está fazendo aqui?

— Miriam, meus mortos-vivos estão em todos os lugares em que estou ou estive. Eles patrulham cada pedaço de terra que toquei.

Imaginei, depois de encontrar os zumbis de volta em Asdode.

— Por quanto tempo eles patrulham a cidade?

— Para sempre. Depois que reivindiquei um território, não desisto dele.

Calafrios.

Cada pedaço em que Guerra esteve, seus mortos-vivos ainda estão, sem dormir, sem cansar, mas sempre, sempre caçando.

Colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, eu me afasto do leito, uma ação que ele percebe. Continuo a me esquecer da verdadeira natureza de Guerra.

— Você me viu matar várias vezes, Miriam, e, no entanto, isto a incomoda?

— É *claro* que me incomoda — falo. — Me faz não querer tocá-lo.

O rosto de Guerra… aquela violência está de volta em seus olhos, mas por um único segundo – um único e breve segundo – vejo sua mágoa.

É quase ilógico pensar que uma força da natureza como Guerra sequer seja *capaz* de sentir mágoa. Mas talvez eu não seja a única que se sente vulnerável quando se despe.

— Mas você *vai* continuar me tocando — fala. — Enquanto quiser que seus aviários permaneçam intactos, você vai… e não preciso lembrá-la da facilidade com a qual posso desfazer todo o progresso que comprou para sua espécie.

— Comprou — repito. Agora sou eu que me sinto magoada; magoada, usada e suja.

Esqueça que esta situação foi minha ideia, ou que foi isso mesmo que eu fiz: comprei a mínima possibilidade de sobrevivência dos meus companheiros humanos; ainda me deixa em pele viva escutar Guerra falar disso como se fosse uma transação fria e impassível.

Eu me levanto, completamente nua, sem dar a mínima para o que Guerra vê.

— Estou feliz que nós dois sabemos que é só isso. — Começo a colocar as roupas. — Odiaria que ficasse com a impressão de que

quero você de verdade.

— Ah, você me quer. — O cavaleiro soa quase convencido.

Coloco os pés de volta nas calças.

— Foda-se.

— Não até se render por completo.

Estou farta, *farta* disso. Termino de me vestir e começo a me afastar.

— Vai cavalgar de volta comigo — Guerra comanda atrás de mim.

Mostro o dedo para ele em resposta.

Mal andei vinte metros quando vejo movimento no canto do olho. Eu me viro bem na hora de ver o zumbi de mais cedo pulando na minha direção.

Consigo não gritar, mas não vou mentir, eu me mijo um pouco com a visão da criatura correndo em minha direção.

Atrás de mim, Guerra fica parado no cobertor, colocando as calças de volta enquanto vê a cena.

— O que você está fazendo? — grito para Guerra, sem conseguir desviar o olhar do zumbi.

O homem morto – pelo menos acho que é um homem – está avançando na minha direção.

Foda-se – começo a correr.

Percorro meio quilômetro antes de a criatura me derrubar.

Nós dois caímos no chão arenoso.

Meu Deus, o cheiro. É como se alguém estivesse estuprando minhas narinas. Engasgo um pouco. E agora, quando vejo a criatura, grito de verdade. Este não está morto há pouco tempo como o homem com o qual lutei na última cidade. A pele dele tem

um tom acinzentado e está apodrecendo em alguns lugares, revelando as entranhas em decomposição.

O zumbi me levanta assim que o cavaleiro se aproxima montado em Deimos.

Ele para ao meu lado, esticando uma mão.

— Venha, Miriam.

Fuzilo Guerra.

— *Não*.

— Então meu homem será obrigado a escoltá-la para casa.

Acho que tenho pedaços daquele homem em decomposição no cabelo. Com certeza tenho espalhados na minha camisa e calça.

Vou ter que queimar estas roupas. *Maldição.*

— Pelo menos ele vai ser uma companhia melhor — falo.

Guerra faz uma careta para mim, parecendo frustrado e incomodado ao mesmo tempo.

— Que seja. Aproveite a caminhada, esposa. — E depois sai cavalgando.

Babaca.

Demoro quase uma hora para voltar para o acampamento, e o caminho inteiro, o homem morto segura meu bíceps. O fedor é demais e vomito quatro vezes separadas. No fim, apenas tampo o nariz e respiro pela boca.

Apesar disso, não me arrependo da minha decisão de voltar andando.

Nem um pouco.

Nesse momento, o homem morto é uma companhia melhor do que Guerra.

* * *

Não vejo o cavaleiro por dias. Ele não me procura e fico longe da sua tenda, passando o tempo lendo, fazendo armas e visitando Zara e o sobrinho assustado.

Então, fico surpresa quando, no dia em que levantamos acampamento, me dão um cavalo e me falam para esperar por Guerra.

Quase não espero.

Não estou mais chateada com a revelação de que os mortos de Guerra assombram todas as cidades do mundo que ruíram. É terrível e chocante e faz o cavaleiro ser ainda mais bárbaro do que já imaginei que fosse, mas é o que é, e agora eu sei.

Não estou nem chateada com a caminhada nauseante de volta para o acampamento – apesar de ter ficado um bom tempo depois que retornei.

A essa altura, só estou irritada porque *estive* irritada, e não sei, a emoção desenvolveu sozinha algum tipo de inércia.

Mas aí Guerra vem cavalgando pelo acampamento, parecendo um sol vermelho nascendo no horizonte, e fico ansiosa por vê-lo – ansiosa para ficar brava com ele, ansiosa para ouvir sua voz grave e olhar para aquele rosto. E talvez até tocá-lo. Posso não gostar do cara, mas acho que estou viciada nele.

O cavaleiro para quando chega ao meu lado. Ele me estuda por vários segundos.

— Esposa — fala. Não sei o que está pensando.

— Guerra.

Ele me dá um aceno leve e parte outra vez. Eu o sigo na frente da procissão, sentindo os olhos do exército inteiro em nós. E depois estão atrás de nós e somos só eu e Guerra e a infindável estrada à nossa frente.

O cavaleiro é o primeiro a falar.

— Se vamos ser casados, precisamos nos dar bem.

— *Não* estamos casados — falo pela bilionésima vez.

— Estamos.

Homem exasperador!

— Você fez um homem morto me derrubar! — Tudo bem, talvez ainda esteja um pouco nervosa sobre minha caminhada de volta para o acampamento. Tenho o maldito direito de estar. Fiquei cheirando a cadáver por dois *dias* inteiros.

— Você se recusou a escutar — falou.

— Não, foi *você* quem se recusou a escutar! — retruco, subindo o tom de voz. Ah, sim, estou pronta para pular em uma arena e lutar com este homem. — Você está tão acostumado a comandar as pessoas que acha que também pode me comandar.

— Claro que posso.

Esganaria Guerra se pudesse me safar disso.

— *Não* é assim que um casamento funciona — falo, tentando controlar minhas emoções. — Pelo menos não um bom casamento… e você quer que isso seja um bom casamento, não quer? — *Por que estou tentando argumentar?*

Ele me dá um olhar demorado.

— Claro que quero, esposa.

— Então você precisa *me escutar* e precisa *respeitar minhas opiniões*. — São as duas regras mais óbvias do casamento, e, ainda

assim, Guerra as desconhece completamente.

— E você precisa respeitar minha vontade — retruca. — Como minha esposa, deveria ser obediente nas poucas vezes que exijo isso de você.

Obediente?

Estou enxergando tudo vermelho.

— Foda-se. Quero o divórcio.

— Não.

— Não vou ser obediente! Inferno, você não *quer* que eu seja obediente. Sei que não quer. — Ele, sem dúvida, ficou tempo demais perto de misóginos.

Guerra passa uma das mãos pelo rosto, um dos anéis que usa reflete a luz.

— Parece que estou sendo açoitado com minha própria lâmina — murmura. — Tudo bem. Vou tentar ser mais… *respeitoso*... com suas *opiniões*… mesmo quando forem absurdas. — Olho feio para ele. — E vou escutar seus desejos mortais. Mas em troca você deve ouvir *minha* vontade quando a proferir.

— Vou ouvir — respondo.

Só que posso não segui-la.

— Ótimo. — Parece contente.

Apenas lhe dou um olhar.

Esta será uma longa cavalgada.

* * *

Abandonei minhas regras. As para sobreviver ao apocalipse. Não sei quando aconteceu – se as deixei em Asdode, ou se

chegaram até Alarixe antes que eu as abandonasse. Só sei que cada uma não se aplica mais a sobreviver ao apocalipse agora que estou presa com o cavaleiro que o comanda.

A única regra que ainda tenho para me ater é a Regra Cinco: Seja corajosa. Cada segundo acordado do dia consiste em tentar ser corajosa quando tudo o que quero é me cagar de medo e me esconder.

Infelizmente, aqui no deserto árido, não tem onde me esconder.

É uma longa e solitária cavalgada. A estrada que pegamos está cercada por deserto sem fim. E mesmo sabendo que o oceano está a minha direita, a estrada está dentro do continente o suficiente para que não tenha vislumbres da água azul.

O sol de verão nos açoita de modo cruel por todo o tempo que cavalgamos – podemos ter andado dois quilômetros… ou duzentos. É impossível dizer.

O único jeito real que posso ver que fizemos progresso são os poucos marcos que passamos – uma casa abandonada, um entreposto vazio, um cocho de água perto de um poço de bomba manual. Ah, e claro, nas poucas vilas pesqueiras que passamos, um monte de pássaros carniceiros sobrevoando-as.

Enfim, o sol se põe à nossa frente, e Guerra escolhe um lugar para nós e nossos cavalos descansarem.

Depois de acendermos uma fogueira, começo a fritar o jantar. Nesta viagem, Guerra trouxe uma frigideira e um pouco de carne de sol. Olho para os pedaços de carne depois que coloco no fogo. Vê-los embrulha meu estômago – parecem muito com aqueles corpos humanos rasgados pela batalha.

Ao meu lado, o cavaleiro está sentado nos calcanhares, encarando o fogo.

— Por que você tem um exército se poderia apenas utilizar os mortos para matar humanos? — pergunto para ele enquanto trabalho.

Parece que, com um movimento da mão, Guerra poderia aniquilar todos nós, e seria muito mais rápido e eficiente.

— Por que você não canta o tempo todo se pode fazê-lo? — responde, os olhos faiscando. — Por que não correr para todos os lugares se pode? Só porque tenho o poder, não significa que sempre *quero* usá-lo.

Então ele não quer nos matar com eficiência? Não sei se é misericordioso ou cruel da parte dele.

— Além disso — fala —, gosto do acampamento. Lembra-me de quem sou e de quem sempre fui.

Guerra trazida à vida, quer dizer.

— É um pouco estranho, não acha? — digo. — Você quer se lembrar de quem é ao reunir humanos ao seu redor e curtir a companhia deles.

— Não, não acho nada estranho — Guerra diz, levantando-se para pegar uma garrafa de vinho que trouxe. Ele volta com dois cálices. Sentando-se, fala: — Nasci dos homens, e estou aqui para julgá-los. Naturalmente, quero estar entre eles.

— Então tem uma parte sua que gosta de humanos — falo.

— Claro que gosto de humanos. — Guerra abre o vinho e começa a nos servir. — Só não o suficiente para poupá-los.

Isso é tão perturbador.

Ele me dá um dos cálices e dou um grande gole.

— Sou um comandante dos homens — continua. — Nem mesmo a morte pode impedir meu alcance.

Nem mesmo a morte pode impedir meu alcance.

Guerra está certo. Mesmo na morte pode nos usar como armas. Eu me lembro do morto-vivo que me levou de volta para o acampamento. Os olhos quase desaparecidos, a pele manchada e soltando e, ainda assim, se movia como se estivesse vivo.

— Como você controla os mortos? — digo.

O cavaleiro olha para mim.

— Estamos falando dos poderes de Deus, Miriam. Não tem uma explicação humana que possa dar.

— Poderia fazer isso agora, se quisesse?

Guerra ergue as sobrancelhas.

— Quer que eu acorde os mortos?

Não é bem o que perguntei, e ainda assim, agora que abordou o assunto, estou perversamente curiosa. Não sei por quê. É mórbido e assustador.

Assinto mesmo assim.

O cavaleiro estende o braço e sinto o chão ao meu redor tremer, como se estivesse sentindo cócegas. A vários metros de distância, a terra árida se move, e o esqueleto parcial de um cavalo se ergue do solo arenoso. A criatura está sem vários ossos, mas se levanta o melhor que pode.

É difícil dizer que isso é qualquer outra coisa que não seja magia.

O cavalo esquelético começa a se mover como se estivesse vivo, apesar de parecer há muito morto.

— Não é… humano — falo.

— Posso reanimar pessoas e criaturas.

O cavalo vem até mim, e o instinto está me dizendo para me levantar e fugir. Mas, maldição, já encarei coisa pior. Então fico sentada ali e deixo que se aproxime.

O cavalo bate o focinho contra meu ombro, e parte de mim se encanta por esta pobre criatura que se move como um cavalo e age como um cavalo, apesar de ter soltado a última respiração há muito tempo.

— Satisfeita? — Guerra pergunta.

Assinto, talvez um pouco rápido demais.

O cavalo dá vários passos para longe de mim, depois, tudo de uma vez, cai na terra, nada além de uma pilha de ossos espalhados.

CAPÍTULO 35

A noite cai e o fogo se esgota. Quando o ar noturno está começando a ficar frio, o cavaleiro se levanta da fogueira. Posso ouvi-lo atrás de mim, removendo suas armas. Ainda estou segurando meu cálice vazio, e todo o vinho no meu estômago está revirando.

Esta é a primeira vez que viajo com ele desde o nosso acordo, e aqui, sem o exército à nossa volta, meu universo parece bem pequeno. Só é grande o suficiente para conter a mim, Guerra, e este sentimento desconfortável que cresce todas as vezes que estamos juntos.

O cavaleiro volta para mim e estende a mão.

— Venha, esposa. Está tarde e quero sentir sua pele quente contra mim.

Aquele mesmo sentimento desconfortável se expande. Neste momento, é excitação e ansiedade que vem conceder ao cavaleiro. Somos tudo ou nada, inimigos ou amantes. É atordoante. Nossos corpos se dão muito melhor do que nossas bocas.

Pego a mão de Guerra e deixo que me leve até o palete que montou para nós. Tem apenas uma cama esta noite. Meu abdômen contrai com a vista.

O cavaleiro me puxa para perto, as mãos indo até meu cabelo escuro conforme se inclina e me beija. E o beijo é tudo o que precisa para me abrir.

Guardei todo o meu desejo por ele durante o longo dia, mas agora arfo conforme sua mão pesada desce pelo meu pescoço e clavícula. Minhas próprias mãos encontram seu abdômen, e é *óbvio* que Deus foi parcial ao fazer este homem porque Guerra é perfeito. Cada cume duro, cada declive do músculo e limite esbelto – perfeito, perfeito, perfeito.

Ao tirar minha roupa, tento não pensar no fato de ser tão óbvio que *não* sou tão perfeita. Tenho cicatrizes do antigo acidente, tenho cicatrizes de todas as lutas das quais participei desde então, e tenho cicatrizes de todos os arranhões e cortes que me dei com o trabalho. E então tem todas as imperfeições com as quais nasci.

Sou grosseiramente feita comparada com este cavaleiro.

Mas conforme Guerra me abaixa, removendo o resto das minhas roupas, suas mãos e seus lábios se movem por mim como se eu fosse perfeita.

O cavaleiro se acomoda entre minhas coxas, e enquanto olho para as estrelas, uma terrível e estúpida lágrima escapa. Porque me sinto tão adorada. Tão adorada e tão *perfeita*.

Não deveria ser assim. *Não* deveria. Mas é.

* * *

Depois de nós dois termos nos exaurido, fico deitada com Guerra no seu palete. Nosso palete, acho – se estou sendo honesta.

Não perco tempo de dizer para o cavaleiro que isso parece certo. Que aquele corpo ridículo de alguma forma se encaixa no meu como uma peça de quebra-cabeça.

Guerra passa os dedos pelo meu cabelo.

— Me conte sobre você — fala.

— O que você quer saber? — pergunto, olhando para ele. Queria poder ver seu rosto na escuridão.

— O que faz você amar ser humana? Quais são suas coisas favoritas? Quero saber tudo.

— Gosto de arte — falo com cuidado, voltando meu olhar para o céu. — Gosto de transformar lixo em coisas bonitas.

— Você quer dizer suas armas — fala.

Eu me alongo contra seu corpo. Em resposta, Guerra me puxa mais perto dele.

— Isso foi apenas o jeito que encontrei de fazer dinheiro da minha arte — falo. — Mas sim, minhas armas são parte disso.

— E por que você gosta de arte? — Guerra pergunta.

Ergo um ombro.

— É catártico para mim. Eu não sei.

— Conte-me outra coisa — Guerra diz.

— Sinto falta do sabor da Shakshuka da minha mãe — admito. Nunca aprendi a cozinhar sua versão exata do prato de café da manhã. Tem tantas coisas pequenas e simples como esta que perdi quando a perdi.

— O que mais?

— Minha irmã Lia queria ser cantora. — Sei que Guerra está perguntando sobre mim, mas é quem eu sou, uma garota solitária carregando os fantasmas da sua família. — Não sei de quem

herdou a voz — continuo. — O resto de nós não era nada afinado, mas ela sim. Costumava cantar quando não conseguia pegar no sono a noite, e costumava odiar… dividíamos um quarto — acrescento. — Mas em algum momento, se tornou tranquilizador, e com frequência pegava no sono com suas canções.

Essa pode ter sido a pior parte de tudo quando voltei. O silêncio. Tiveram tantas noites que fiquei deitada ali, no meu colchão velho, a cama da minha irmã do outro lado, e esperei por uma canção que nunca veio.

Depois de um tempo, comecei a dormir na cama dela, como se de alguma forma pudesse arrancar o cerne dela dos antigos lençóis. Nunca deu certo. Nem mesmo quando fui para a cama da minha mãe para tentar tirar algum pequeno conforto dali.

— Algumas vezes entalho notas musicais nos arcos e flechas — admito para Guerra. — Não sei o que as notas simbolizam, ou se estão desenhadas de formas corretas, mas me lembram de Lia.

O cavaleiro passa uma mão boba pelo meu braço, e sou lembrada de como essa situação toda é íntima.

— Você entalha outra coisa nas armas? — pergunta.

Olho para ele outra vez.

— Por que você quer saber isso? — pergunto.

— Quero saber tudo sobre você, esposa — fala, assim como fez mais cedo.

Respiro fundo.

— Desenho hamsás para o meu pai. — Nem sei dizer quantas armas decorei com a imagem de um olho na palma de uma mão.

— Por que hamsás? — Guerra pergunta.

Inconsciente, estico a mão para a pulseira, mexendo no pequeno berloque de metal enquanto volto o foco para o céu.

— Hamsás são conhecidas entre os judeus como a “Mão de Miriam” — explico. — Sempre que meu pai via alguma joia com uma hamsá, ele a comprava para mim… porque era meu nome. — A hamsá que uso é a última joia que ganhei dele. O resto perdi ao longo da última década. Fico petrificada com o dia que perderei esta também.

— E em honra da minha mãe — continuo — algumas vezes entalho uma espada… ou às vezes uma espada perfurando um coração… nos meus arcos. A espada é em honra do que aprendi nos seus livros de armas, e o coração… bom, esse é autoexplicativo. — O meu coração dói agora, repassando os motivos pelos quais adorava tanto minha família e pelos quais sinto tanta falta deles.

O cavaleiro fica quieto. Ele não sabe lidar muito bem, descobri, com emoções difíceis como luto e tristeza.

— É estranho ser humano — Guerra por fim diz. — Por um longo tempo, observei o que era ser humano, mas nunca senti. Não compreendia a verdadeira euforia de tocar uma mulher ou saborear comida ou sentir o sol na minha pele. Sabia a respeito disso, mas não *entendi* até me tornar um homem. Tem coisas que *ainda* não entendo — diz, quase inaudível.

Guerra pode não saber disso, mas ele é encantador quando fala desse jeito, como se tivesse um pé em um mundo e um pé em outro.

— Que tipo de coisa? — pergunto.

— Perda — fala. Ele fica quieto por um minuto. — É um dos aspectos mais comuns da guerra, e ainda assim, nunca senti isso.

— É bom esperar nunca sentir — falo, pensando na minha família outra vez.

Perder alguém é um ferimento que nunca se cura. Nunca, nunca, nunca. Forma casquinha, e por um tempo quase se esquece que está lá, mas depois alguma coisa – um cheiro, um som, uma memória – vai abrir a ferida outra vez, e vai se lembrar outra vez que não está inteiro. Que você nunca vai *ser* inteiro outra vez.

— Conte-me mais sobre eles — Guerra diz. — Sua família.

Minha garganta se move. Não sei se tenho o que é preciso para continuar falando deles. Mas aí meus lábios se abrem e as palavras extravasam.

— Meu pai era o homem mais inteligente que eu conhecia — falo. —, mas, para ser honesta, só o conheci quando era criança, e quando se é criança, os adultos em geral parecem muito inteligentes. — Vasculho o céu, tentando me lembrar de mais. — Meu pai era engraçado… muito, muito engraçado. — Dou um sorriso ao dizer isso. — Ele podia te fazer rir, normalmente as suas próprias custas. Mas era legal, porque ele também fazia troça de si o tempo todo. Ele era bom em valorizar as dificuldades dos outros. E ele era tão… *real*. — Tiveram muitas vezes que ele falou comigo como se fosse igual. — Com algumas pessoas, você nunca consegue se aprofundar muito, sabe? — falo, apesar do cavaleiro não saber. — Com meu pai, você sempre conseguia.

Tento me ater a esta lembrança.

— Eu me esqueci da voz dele — admito. — Essa é a parte mais aterrorizante. Não consigo me lembrar do jeito que ele soava.

Posso me lembrar das coisas que dizia, mas não disso.

Ficamos em silêncio por vários segundos. O cavaleiro não diz nada, apenas afaga meu cabelo.

— Minha mãe era silenciosa, mas forte. Aprendi isso depois que meu pai morreu quando ela de repente precisou cuidar de mim e da minha irmã sozinha. O amor dela era algo feroz. — Fico em silêncio.

— O que aconteceu com elas? — Guerra diz.

Já contei a ele como meu pai morreu. Já minha mãe e irmã…

— Teve um acidente…

A água entra…

Toco meu pescoço.

— Foi onde consegui essa cicatriz. — Não consigo me forçar a compartilhar o resto da história.

A mão de Guerra para da afagar meu cabelo. Depois de um minuto, seus dedos descem pelo meu pescoço. Ele para quando chega na cicatriz. O polegar passa sobre a pele erguida entre minha clavícula.

A minha mão se afasta do meu pescoço, e fecho os olhos com a sensação da ponta do seu dedo.

— Sinto muito, esposa — o cavaleiro diz — Sua tristeza é meu ganho.

Minhas sobrancelhas se juntam. É algo tão estranho de se dizer.

— O que você quer dizer? — pergunto, abrindo os olhos.

Os lábios de Guerra roçam na minha pele ao me trazer mais para perto.

— O dia que recebeu essa cicatriz foi o dia que se tornou minha.

* * *

Nem todos os lugares parecem ter sido tocados pelo apocalipse.

Tem vilas remotas, como as que entramos dois dias depois, que o mundo moderno claramente passou direto. São lugares onde fazendeiros ainda pastoreiam o rebanho pelas ruas e os cachorros não são domesticados, e os prédios usam a mesma arquitetura de tijolo de argila de centenas de anos.

Estas cidades parecem mal terem sido tocadas pelo apocalipse, e aguentaram com muito mais graça do que minha cidade.

Guerra e eu entramos na vila de pescadores, que mal é mais do que algumas ruas perto do Mar Mediterrâneo. Conforme passamos, alguns homens estão sentados na frente de suas casas, bebericando café turco e fumando cigarros de palha.

Olho para eles maravilhada. Guerra e eu passamos por várias cidades, mas quase todas elas já haviam sido visitadas pela morte.

Não esta vila. As pessoas estão aproveitando o dia assim como fariam com qualquer outro.

— O que você vai fazer com eles? — pergunto, a inquirição pontuada pelo *pocotó* do meu cavalo.

— O que sempre faço, esposa.

Minha barriga se contrai com isso. Cavalgar ao lado de Guerra é de repente, distintamente desconfortável.

Estamos atraindo olhares para nós quanto mais adentramos a cidade. Percebi quem Guerra era logo depois de vê-lo a primeira vez; eu me pergunto agora, conforme as pessoas encaram, se estão chegando a mesma conclusão que um dia cheguei.

Ou poderia apenas ser que nos dias de hoje, ninguém confia em estranhos, ainda mais estranhos com espadas gigantes presas nas costas.

— Você não precisa matar eles, sabia — falo baixo. — Você poderia pular este lugar. Só por pular.

— Minha esposa e seu coração mole — Guerra diz. Soa como um elogio verdadeiro. — Você gostaria mesmo disso? Que eu poupasse essas pessoas?

Ele está falando sério?

Observo suas feições impiedosas.

Sim, acho que pode estar.

— Gostaria — falo, mal ousando acreditar.

Guerra me encara por vários segundos, e encontro seu olhar, ignorando nossa plateia crescente.

No fim, ele faz um barulho na garganta e foca na estrada outra vez.

Não sei o que fazer.

Minhas mãos apertam as rédeas. Estou tão tensa – tão, tão, tensa. Fico esperando Guerra puxar a espada, me dizer que foi um truque inteligente, mas não o faz.

Passamos pela vila, depois a deixamos para trás. Só então exalo. Não é até a vila estar fora de vista, entretanto, que falo:

— Você não os matou — digo, incrédula.

— Não — Guerra concorda. — Não matei. Tenho os mortos para isso.

Sob nossos pés, o chão treme. Demora um minuto, mas de repente escuto os gritos começarem atrás de nós, e agora sei bem o que está acontecendo com aquela vila.

CAPÍTULO 36

Dessa vez, quando montamos acampamento e as barracas sobem, a minha sumiu, junto com o resto das minhas coisas.

Sei quem está por trás disso.

Entro tempestuosa na tenda de Guerra.

— Onde está? — exijo.

O recinto está cheio de cavaleiros fobos, todos curvados sobre outro mapa de outra cidade que vão devastar. Eles olham para mim.

Uzair, o que me pegou matando um dos seus camaradas em Alarixe, franze o cenho para mim enquanto Hussain, o único cavaleiro fobos que foi gentil comigo, me dá um olhar indecifrável.

Mas é a forma severa de Guerra que consegue eclipsar todos os outros. Hoje ele parece mais selvagem, com as proteções de braços e o peito desnudo, as tatuagens carmesim brilhando de onde cobrem seu peitoral.

— Esposa. — O *kohl* marcando seus olhos está bem grosso, e o faz parecer muito *exótico*.

— Onde está minha barraca? — exijo.

— Está parada nela.

Semicerro os olhos.

— *Não* foi isso o que concordamos.

— Não negocio com humanos — Guerra diz.

Meu olhar passa pelo recinto outra vez, e observo todos os rostos dos cavaleiros de Guerra. De repente compreendo.

Em Alarixe, fiz o cavaleiro parecer fraco entre seus homens. Agora está recuperando sua autoridade – às minhas custas.

Agora nada que eu disser vai mudar sua opinião. É óbvio apenas por sua expressão. Qualquer outra coisa que disser agora, só vai servir para me fazer parecer fraca e molenga, e esses cavaleiros já parecem ter uma opinião bem baixa de mim.

Dando a Guerra um último e demorado olhar, eu me viro para sair.

O cavaleiro pode me fazer morar com ele, mas não pode me forçar a ficar durante o dia.

— Ah, Miriam — o cavaleiro fala para mim assim que chego à saída da tenda. — Última coisa: amanhã, quando formos para batalha, você vai cavalgar comigo.

* * *

Na manhã seguinte, acordo com a sensação da boca de Guerra dando beijos no meu ombro. O quarto está iluminado por lamparinas a óleo baixas. Nós dois estamos nus, e sinto sua ereção contra mim.

Os beijos dele seguem pelo meu braço.

Isso foi o que temi de viver com o cavaleiro. Como uma garota solitária como eu pode resistir a isso? É tudo o que desejei, e o diabo ao meu lado sabe.

— Renda-se — ele sussurra na minha pele.

Eu me alongo contra ele.

— Você se renda.

Ele geme, uma mão segurando meu quadril. Por um minuto, se esfrega em mim. Eu o sinto apoiar a testa nas minhas costas, a respiração pesada.

— Vou ficar muito distraído hoje, imaginando você bem aqui, contra mim.

Relutante, ele se levanta, e apesar de odiar quem ele é, e o fato de que está me forçando a morar com ele, neste momento, estou mais chateada que deixou meu lado. Isso que é ter o coração e a cabeça em guerra um com o outro.

Preciso muito da minha própria barraca de volta.

— Venha, esposa — Guerra diz. — Está na hora de nos prepararmos para a batalha.

O lembrete me deixa sóbria. Mais pessoas vão morrer hoje. Primeiro foi Jerusalém, depois Asdode, depois Alarixe. Agora, pelos rumores, parece que estamos atacando Porto Saíde. Esfrego o rosto; não estou preparada para encarar mais um dia de carnificina.

Do outro lado da tenda, Guerra coloca as calças pretas, depois a camisa preta. Esta roupa de Guerra é sempre a mesma, e está sempre imaculada pela manhã, não importa o quão surrada e ensanguentada possa estar no dia anterior.

Pego minha própria camisa e calças, que não estão nada limpas, e as coloco. Eu me sento para amarrar as botas, depois começo a me armar, começando com o arco e aljava.

— Por que você ainda me permite cavalgar para a batalha? — pergunto a ele enquanto termino de prender a aljava.

Pela sua perspectiva, não posso ver nenhum motivo para continuar a permitir que eu vá para a luta.

O cavaleiro olha para mim de onde está amarrando uma das suas tornozeleiras de couro.

— Realmente, por quê? — pondera. — Prefere que a acorrente na cama como o esposo amável que sou?

— Só se você ficar comigo — falo, sem hesitar. Estou falando meio sério. Se pudesse manter Guerra afastado da batalha… mas não, seu exército e seus mortos matariam por ele.

Os olhos dele esquentam com isso.

— Você foi feita para me tentar, esposa — fala.

O cavaleiro termina de atar uma tornozeleira, depois começa na outra.

— Você me disse que era para respeitarmos um ao outro no casamento.

Eu… disse. Estou surpresa que se lembra.

— Você quer lutar. Este sou eu respeitando seus desejos.

Esta é a versão de respeito de Guerra. Quase dou risada com o absurdo. Ele me forçou a dormir na sua tenda – quer dizer, foda-se o respeito bem aí –, mas ainda vai me permitir lutar em uma batalha que pode me matar por que é algo marital a se fazer?

Para ser honesta, parece muito a lógica do cavaleiro.

— Além do mais — Guerra acrescenta, ignorante dos meus pensamentos. — Você está matando humanos.

— Não os que você quer mortos — discuto, amarrando a adaga na cintura.

— Quero *todos* mortos — fala. — Você está facilitando meu trabalho.

Olho para ele por vários segundos, e é como se uma granada tivesse explodido na minha mente.

Estou ajudando sua causa.

Cada pessoa que mato é uma a menos vivendo na terra.

Todos os pensamentos de respeito se dissolvem conforme um tipo agudo de devastação me toma. Oscilo um pouco, e, por um segundo, acho que vou vomitar.

Presumi que estivesse fazendo algo útil.

Guerra termina de colocar a armadura e vem na minha direção. Do lado de fora da tenda, posso escutar passos abafados conforme os soldados deixam suas casas em silêncio, se preparando para um dia de luta.

— Pronta? — pergunta.

Quase digo não. Ainda estou me recuperando daquela revelação. A última coisa que quero agora é ter um papel nos planos do cavaleiro ao matar mais pessoas.

Mas aí me lembro daqueles soldados que gostavam de usar as invasões como uma oportunidade para estuprar mulheres ou cometer outras atrocidades. Alguém ainda precisa manter eles na linha – fodam-se as palavras de Guerra.

Assinto para o cavaleiro, e juntos deixamos a tenda.

* * *

Desta vez, cavalgar com Guerra não parece nada reconfortante. O cavaleiro me segura firme, mas parece estar longe. Tenho a suspeita horrível de que está levando a mente para aquele lugar onde ele mata.

A cidade aparece em estágios – primeiro com alguns prédios em ruínas, depois muitos mais, depois sem demora a cidade é

preenchida. Porto Saíde termina bem no Mar Mediterrâneo, cada quilômetro quadrado abarrotado com prédios e mais prédios. Cedo assim, a cidade está quieta, muitíssimo quieta.

Meu peito comprime. Só agora estou começando a perceber o que significa de verdade estar à frente do exército de Guerra. Só vi a depois de estar acontecendo há um tempo. Nunca vi o que a desencadeia. E agora estou tendo visões de Guerra entrando nas casas e matando as pessoas nas próprias camas.

— Preciso desmontar — sussurro.

O braço de Guerra aperta ao meu redor.

— Preciso desmontar — falo mais alto.

O cavaleiro me ignora por completo, mas quando começo a relutar, seu braço se torna inflexível. É como se estivesse presa por aço.

Guerra faz um barulho de cliques com a língua e Deimos começa a ganhar velocidade até estarmos avançando a galopes. Meu cabelo escuro está voando atrás de mim e a adaga embainhada no meu quadril está batendo na minha coxa.

— O que você está fazendo…? — Acabei de perguntar quando começo a ver algumas pessoas saírem da escuridão, armas nas mãos ao olharem para nós. Demora um pouco mais para ver os uniformes na escuridão.

O exército egípcio.

Um deles encaixa uma flecha no arco, apontando para nós.

— Pare e diga o que quer — ordena. O outro soldado ao lado dele também ergue o arco.

Guerra estende o braço para suas costas, e escuto o barulho sinistro conforme puxa a espada da bainha.

— Não, Guerra — falo, olhando para os homens conforme começam a gritar. — Por favor, não. — Ele me ignora.

No próximo instante, uma flecha passa zunindo pelo meu rosto, tão perto que escuto o sibilar dela cortando o ar.

Durante tudo isso, Guerra continua a cavalgar, indo direto para os homens de uniforme. Ele se inclina para o lado da sela, a espada enorme empunhada. Outra flecha passa zunindo, esta atinge o cavaleiro no peito. Arquejo.

E depois Guerra alcança os homens. Ele golpeia com a espada, cortando um soldado como se estivesse matando uma mosca. Engulo meu grito, mesmo ao sentir algumas gotas de sangue me atingirem.

O outro soldado egípcio rodopia e corre, gritando a plenos pulmões:

— O cavaleiro está aqui! Guerra está aqui!

Reluto outra vez contra o cavaleiro, tentando escapar.

— Pare, Miriam — ordena.

Foda-se isso.

— Se deixar você descer agora, os civis vão atacá-la… e meus cavaleiros também, se não a reconhecerem.

Isso faz um pouco de sentido. Quer dizer, quando se está na frente de um exército entrando em uma cidade para saquear, a única pessoa que precisa evitar matar é o cavaleiro. Todo o resto é carta branca.

Guerra mata outro soldado, decepando a cabeça do pescoço.

Ele não vai parar. Ele nunca vai parar.

Começo a relutar com tudo, mesmo quando os gritos ecoam pela cidade e mais homens uniformizados vêm correndo na nossa

direção.

— *Miriam*.

— Me *solte*.

Ele não quer, posso sentir no seu braço teimoso. Ainda mais agora quando as pessoas estão começando a deixar suas casas e o exército egípcio está se mobilizando.

— Maldição, Miriam. — Ele embainha a espada. — Não posso protegê-la se lutar comigo.

Eu me viro.

— Você não pode me proteger agora. — Como se para provar meu argumento, outra flecha passa zunindo.

Os olhos dele se arregalam um pouco quando percebe pela primeira vez que sim, posso estar certa.

— Você não pode ter a mim e sua preciosa batalha — falo.

Sua mandíbula aperta, os olhos tempestuosos.

Atrás de nós, escuto um uivo de outro mundo soar.

Olho por cima do ombro de Guerra a tempo de ver seus cavaleiros fobos invadindo a cidade, celebrando e gritando como animais enquanto o fazem.

O cavaleiro olha para trás, seguindo meu olhar, e uso a distração para me afastar dele.

— Esposa! — grita para mim. Desmonto de Deimos e corro para longe, me esgueirando na escuridão.

Não olho para trás, mas posso ouvir o barulho de flechas e depois Guerra pegando a espada outra vez.

— *Miriam*!

Agora as pessoas estão começando a deixar suas casas, e os gritos estão aumentando. Os cavaleiros fobos descem a rua, os

gritos se tornando quase ensurdecedores, e preciso me abaixar para evitar ser atingida por um cavaleiro com um machado.

— Miriam! — A voz de Guerra ecoa outra vez, mas não ouso desviar o olhar da luta para olhar para ele.

Outro cavaleiro fobos me marca, se afastando do grupo para me caçar. Às pressas, pego uma flecha, posiciono e atiro. Solto a corda, deixando a flecha voar. Erro o cavaleiro, mas acerto o couro do cavalo. Conforme observo, o cavalo relincha, e o homem cai.

Minha mão coça para pegar outra flecha e acabar com o soldado.

Você está facilitando meu trabalho.

Xingo baixinho e corro.

CAPÍTULO 37

Encontre os aviários.

Se puder chegar lá, talvez possa fazer algo bom.

Ao meu redor, dezenas de flechas flamejantes estão cruzando o céu. Nunca pensei que cidades como Jerusalém ou esta pudessem queimar. Não tem nada claramente inflamável nelas. Mas agora que esta cidade está pegando fogo bem na minha frente, noto que tem toldos de lona e varais e cortinas e arbustos e carroças de madeira e barracas e tantas outras coisas mais que são inflamáveis e podem pegar fogo. E eu corro conforme queimam.

As pessoas estão começando a encher as ruas enquanto tentam escapar. Crianças estão chorando – inferno, homens e mulheres adultos estão chorando – famílias estão fugindo e é tudo tão inútil...

Quase passo do aviário. Os pássaros não estão fazendo muito barulho e tudo nas ruas está abafando quaisquer sons que *estejam* fazendo.

Corro para dentro, e quase perco a cabeça para um homem de meia-idade com um machado.

Eu me afasto bem a tempo de evitar a lâmina, mas por um fio.

— Eu não vou te machucar! — digo.

Ele segura a arma com mais força.

— Parece que vai, para mim.

Não havia pensado no fato de que posso parecer o inimigo.

— Quero mandar uma mensagem.

O homem puxa o braço para trás, o machado brilhando.

— Aposto que quer, sua mentirosa imunda. Saia do meu prédio. *Agora*.

— Guerra pode acordar os mortos — falo rápido. — Sabia disso?

— Dê o fora — o homem diz outra vez.

— Ele tem um exército, mas usa os mortos para matar todo mundo — tagarelo. — É por isso que ninguém sabia que ele estava vindo.

Atrás do homen, vejo uma mulher mais velha trêmula, ainda usando pijamas. Deve ser a esposa.

— Por favor — imploro, olhando para ela. Os sons já estão ficando mais altos conforme o exército se aproxima lá fora, e os pássaros enjaulados estão começando a parecer agitados, eriçando e depois acomodando as asas. — Preciso avisar as outras cidades. Não temos muito tempo.

— Por que deveria acreditar em você? — o homem diz, chamando minha atenção de volta para ele.

— Porque eu vi.

Ainda não parece convencido.

— Olha, se quisesse ferir você, não tentaria argumentar. Se pudermos mandar uma mensagem, podemos alertar as outras cidades. — E talvez eles terão tempo de evacuar antes do exército de Guerra chegar.

A mulher no fundo do prédio se aproxima do marido.

— Escute a garota.

O homem parece exasperado.

— Ela está do lado do cavaleiro — ele contraria.

— Se não escrever a mensagem dela, eu vou — a esposa diz, com fogo nos olhos.

Sinto minha garganta apertar. Este é o pedaço de humanidade do qual sinto falta há muito tempo. Bravura em face da morte.

Bufando, o homem vai até uma mesa empurrada sob a janela principal da loja.

— O que quer que escreva? — pergunta, contrariado.

Eu me viro para a porta, pegando uma flecha, preparada para defender este lugar enquanto posso.

Respiro fundo.

— Guerra está vindo — começo. — O cavaleiro tem um exército de 5000 homens fortes, e está descendo a costa desde Israel — continuou. — Pode acordar os mortos, e seus mortos patrulham todas as cidades que invadiu, procurando matar qualquer um que sobreviver…

A porta do aviário abre com um baque, e por instinto solto a flecha. Atinjo o soldado entre os olhos. A mulher grita, recuando um pouco.

Faço uma careta, mas encaixo outra flecha no arco, apontando a arma para o chão enquanto estico o braço e tranco a porta.

Falo para o homem:

— Porto Saíde está ruindo enquanto escrevo isso. — Continuando a ditar o bilhete. — Avise quem puder.

Uma pedra atravessa a janela, errando por pouco o dono do aviário. Ele grita, soltando a caneta conforme a pedra atinge a gaiola

gigante atrás dele, assustando os pássaros.

A esposa corre até ele, pegando alguns pedaços finos de papel e o afastando da janela. Conforme observo, ela pega uma caneta e começa a rabiscar a mesma mensagem.

Meu coração está batendo tão alto que posso ouvi-lo.

Isso não vai dar certo.

A luta está bem na porta. Posso ouvir as outras casas sendo invadidas, outras famílias gritando por suas vidas. Pior de tudo, todos os gritos param de repente. Tantas pessoas inocentes estão sendo assassinadas, e por trás de toda a carnificina está Guerra.

A porta chacoalha quando alguém tenta entrar. Para de chacoalhar um segundo depois, mas então vejo o rosto de um homem na janela, uma espada na mão.

Aponto a flecha para seu rosto.

— Siga em frente a não ser que queria morrer.

Sem outra palavra, o soldado volta por onde veio.

Solto uma respiração. Até agora, tive sorte, mas é apenas questão de tempo até ela acabar.

O homem entra na gaiola coletiva atrás da mesa. Enrolando o bilhete, ele o coloca em um pequeno cilindro nas costas de um dos pombos. Depois que terminou de prender a mensagem, ele carrega o pássaro para os fundos do prédio e abre a porta.

Uma soldada está esperando por ele.

Tudo o que escuto é um farfalhar de asas e um som engasgado. Depois o homem está caindo e o pássaro assustado está alçando voo.

A esposa grita, soltando a caneta e o papel para correr até ele.

Não, não, não.

Ergo o arco e flecha, mas antes de ter uma mira limpa na soldada, escuto o barulho de uma flecha e vejo seu corpo balançar. Outra flecha segue.

A mulher correu para o marido quando o viu ser morto. Ela *correu* para ele. Guerra pensa que humanos são o flagelo da terra, mas tem algo mais poderoso do que o jeito que amamos?

Assim que ela cai, vejo a mulher que atirou nela.

Solto minha própria flecha, e acerto a soldada no ombro. Com um grito, ela cambaleia para fora da porta dos fundos, e agora estou avançando pelo aviário, recarregando.

Não posso olhar para o casal caído que passou os últimos minutos tentando enviar minha mensagem.

Do lado de fora, a soldada está tentando arrancar minha flecha da sua pele. Atiro de novo, desta vez na perna.

Ela grita, meio de dor, meio de raiva.

— Que porra você está fazendo? — ela acusa, claramente me reconhecendo.

Eu me inclino por cima dela e pego as flechas da sua aljava, acrescentando-as a minhas, caso fique sem flechas.

— Estou tentando salvar a humanidade, babaca.

Com isso volto para dentro e chuto a porta para fechar.

Vou morrer hoje.

O pensamento passou pela minha cabeça durante todas as batalhas, mas hoje se acomoda em mim como uma fria certeza. A parte macabra de mim quer saber o que Guerra acharia disso. Parece se importar bastante com meu bem-estar, mas não me ama, e não se importa com a morte, e me trouxe para a batalha outra vez apesar do perigo.

Ele choraria por mim?

Talvez, penso.

Volto para a mesa e pego as mensagens rabiscadas. O marido e a mulher conseguiram escrever mais dois bilhetes. Pego os dois e os dobro, enfiando nos tubos presos nos dois primeiros pombos que encontro. Segurando os pássaros, volto para fora.

A soldado em quem atirei ainda está ali, apoiada na parede, tentando remover minhas flechas.

— O que você está fazendo é inútil — bufa, me observando enquanto trabalha.

— Sim, o mesmo para você — falo, vendo seus esforços fúteis para remover as pontas das flechas.

Solto os pássaros, observando eles voarem no céu da manhã. Não fico tempo o suficiente para ver se saem da cidade. Acho que poderia acabar com o último tiquinho de esperança que tenho se os visse cair.

Volto para dentro. Tem mais cinco pássaros na gaiola. Com três pessoas, só conseguimos soltar três pássaros.

Pego a caneta e o papel de onde a mulher os derrubou, e começo a rabiscar a mesma mensagem que instrui o casal a escrever.

É uma sensação estranha, lutar contra o cavaleiro – lutar contra o próprio Deus, ao que parece. Esta é a hora em que as pessoas rezam. Entretanto, estou tentando sabotar os esforços de Guerra. Não sei onde isso me deixa na escala de bem e mal. Sempre presumi que bem fosse sinônimo para Deus. Agora não sei. Mas isso parece certo. Preciso presumir que vale alguma coisa.

Milagrosamente, consigo soltar mais dois pássaros com a mensagem antes de um cavaleiro fobos pular pela janela.

Nossos olhar se encontram e um lampejo de reconhecimento passa por mim.

Uzair, o homem que me pegou espionando Guerra e que me pegou matando outro cavaleiro fobos.

— *Você* — fala. Ele anda firme até mim.

Meu arco está sobre o ombro e a adaga ainda está embainhada. Antes que possa pegar qualquer um dos dois, Uzair me pega pelo cabelo e me puxa para a frente. Cambaleio, gritando quando um punhado de cabelo é arrancado. Minhas mãos vão para a cabeça, meus olhos ardendo com a terrível pressão no meu couro cabeludo.

— O que você está fazendo? — exijo. Mas já sei.

Isso é sobre o cavaleiro fobos que matei em Alarixe. Também pode ser sobre o segundo cavaleiro que Guerra matou, o que o desafiou quando ele me tirou da fila de traidores.

Sem responder, Uzair me arrasta para fora, onde fumaça de vários prédios em chamas agora escurecem a luz matinal.

Sabia que tinha um relacionamento instável com os cavaleiros fobos de Guerra, mas não sabia que era tão ruim. Eles são, afinal, devotos implacáveis do líder.

Acho que a devoção não se estende a mim.

Hussain me avisou para ficar em guarda. Só não escutei com cuidado o suficiente.

Uzair me joga na rua. Conforme atinjo o chão, escuto um barulho de madeira partida sair das minhas armas. *Por favor, que seja uma das flechas. Qualquer coisa menos o arco.*

— Levante-se, sua *vadia* imunda — Uzair exige.

Rangendo os dentes, eu me levanto.

— Comendo nossa comida, dormindo no nosso acampamento — fala, avançando na minha direção. — Chupando o pau do Senhor da Guerra.

Ele me alcança e, puxando o braço para trás, dá um soco. Cambaleio para fora do caminho, mal conseguindo evitar o golpe.

— Só porque Guerra não deixa que você o chupe não significa que precisa ficar com ciúmes. — Estou provocando. Eu não ligo.

O cavaleiro fobos se aproxima outra vez. Golpeia uma, duas, três vezes. Evado os golpes – cada um por um fio.

— Esperava encontrá-la — diz. — Pensei que seria esperta o suficiente para ficar longe da briga. É tão fácil morrer por aqui.

Seu significado é claro: *é tão fácil fazer você desaparecer*.

E é mesmo. As pessoas não prestam muita atenção. Todo mundo está ocupado matando ou se salvando. Foi pura falta de sorte que este homem me pegou matando seu camarada durante a última batalha.

Pego a adaga de Guerra e a desembainho.

Uzair sorri com isso. Ele pega a própria espada, que é muito maior e mais comprida.

Puta que pariu.

Na luta, como no sexo, maior tende a ser melhor.

Nunca vou vencer desse jeito.

Meus olhos percorrem a rua – os combatentes e a carnificina. Ao longe, vejo Guerra. É difícil não vê-lo montado no corcel vermelho. Mas longe desse jeito, não pode me reconhecer com

minhas calças pretas e camisa empoeirada. Só apenas outro civil prestes a morrer.

Minha atenção volta para Uzair, que está se aproximando de mim outra vez.

Foda-se.

Rodopio e saio correndo na direção oposta.

— Covarde maldita! — Eu o escuto gritar, seguido pelo som dele embainhando a espada. — Volte!

É demais esperar que Uzair me deixe ir assim. Quer dizer, eu *espero*, mas não estou surpresa quando escuto o barulho dos seus passos pesados atrás de mim.

Se me pegar, estou acabada. Ele é um lutador melhor, tem uma arma melhor e um alcance maior. E com certeza teve muito mais prática do que eu em matar.

Forço os braços e as pernas, correndo na direção de Guerra, apesar de estar longe. Muito longe.

À minha direita estão vários prédios em chamas. Tomando uma decisão rápida, vou para o mais próximo, passando pelo portal aberto.

Dentro, o ar está turvo com fumaça, e vejo as escadas assim que escuto Uzair se aproximando de mim. Corro para a escadaria, tossindo ao encher o pulmão de fumaça.

— Você não vai escapar! — Uzair grita atrás de mim. — Não hoje. Nosso Senhor da Guerra não pode salvá-la aqui!

Subo dois degraus de cada vez. *Quando este babaca vai desistir?*

Assim que chego no segundo andar, cambaleio um pouco com a imagem que me espera. O corredor se alonga à minha frente, e o

final dele está queimando, ondas de fumaça densas se afastando das chamas.

Essa foi uma má ideia.

Avanço mesmo assim. Contando que Uzair não tenha desistido da caça, preciso continuar correndo.

Semicerro os olhos contra a fumaça espessa e o calor escaldante; mal posso ver aonde estou indo.

Atrás de mim, escuto os passos persistentes do cavaleiro fobos.

Caralho.

Corra, corra, corra!

Fujo pelo corredor, onde o fogo está pior. Não sei o que estou fazendo. Quando percebo que posso conseguir pular por uma janela, já tinha passado por quartos intactos o bastante para fazê-lo.

Não escuto o silvo metálico da espada de Uzair quando ele a desembainha atrás de mim, mas sinto a ponta tocar na minha nuca quando ele golpeia, a lâmina cortando minha pele e ceifando um pedaço do meu cabelo.

Tropeço, caindo estatelada no chão, as flechas na minha aljava se espalhando. O chão está quente ao toque.

Ele tentou me decepar!

Posso sentir o sangue escorrendo pela minha nuca, o calor evaporando a maior parte. Os quartos à minha esquerda, à minha direita e à minha frente estão todos tomados pelas chamas.

Encurralada.

Viro de costas conforme Uzair paira sobre mim, engolindo meu medo crescente. Ainda estou com a adaga firme na mão, mas é quase inútil neste ponto.

Este é meu fim.

Esposa. Quase posso ouvir a voz do cavaleiro na minha cabeça. *Não morra agora.*

— Guerra não irá perdoá-lo por isso — falo. Esta pode ser a primeira vez que reconheci abertamente o que significo para o cavaleiro.

— Não vai saber que fui eu — Uzair responde.

Suponho que não. Guerra pode nem mesmo encontrar meu corpo. O pensamento faz meu coração acelerar. Não sei por quê me incomoda, só que o faz.

Respiro fundo e olho para o cavaleiro, meus antebraços apoiados no chão fumegante.

Uzair puxa a espada, a lâmina já suja de sangue.

Ele golpeia para baixo, mirando no meu pescoço, o ataque controlado. Observo a lâmina cair, e quase deixo que me acerte.

Não estou pronta.

Tem coisas que não disse para Guerra, coisas que não fiz e coisas que ainda não admiti nem para mim.

Eu rolo, mal desviando do golpe.

O cavaleiro fobos golpeia de novo, e dessa vez a ponta da lâmina abre meu braço e atravessa meu peito. E, maldição, dói para *caralho*.

Ergo o pé e chuto o pulso de Uzair. O impacto arranca a arma de sua mão, e a espada cai no chão com um baque.

Ele tenta recuperá-la, se abaixando ao meu alcance. E é quando ataco.

Enfio a adaga no pescoço do cavaleiro, fazendo uma careta quando o sangue jorra como uma fonte.

Ele olha para mim, furioso, como se isso não devesse acontecer. Eu era apenas uma mulher indefesa e derrotada.

Uzair cai para a frente, ao meu lado. Quando seu corpo chega no chão, ele está quase morto. Puxo a adaga do seu pescoço e me levanto.

Preciso sair daqui. As paredes estão pegando fogo e o chão está ficando insuportavelmente quente, mesmo através das solas das minhas botas.

Agora que a luta acabou, entretanto, me mexo mais devagar, meus músculos pesados. Respiro fundo várias vezes, mas não consigo puxar ar o suficiente. No lugar, a fumaça faz meus pulmões arderem.

Só dei alguns passos quando, na minha frente, parte do teto cede, me bloqueando e transformando minha única saída em uma densa parede de fogo.

Sinto um frio na barriga.

Deveria ter deixado Uzair me matar. Seria uma morte melhor do que a que estou prestes a ter. Eu me encurralei no meu próprio túmulo, vindo para este prédio.

As chamas sobem pelas paredes como um rio laranja selvagem. Cubro a boca com a camisa e semicerro os olhos para a escuridão.

Não consigo enxergar, não consigo respirar.

Cambaleio na direção da obstrução, mesmo conforme mais partes do teto caem ao meu redor. Estou começando a me sentir tonta de toda fumaça inalada. Este é o fim.

BUM!

Uma sombra surge dos destroços, as chamas lambendo seus lados. Da escuridão, vejo uma silhueta vermelho-sangue ganhar forma – *o cavalo de Guerra*, noto. Deimos galopa na minha direção.

Meu olhar sobe, e encontro o olhar violento e turbulento do próprio cavaleiro.

Seus olhos queimam mais do que o fogo – e sua expressão!

Como se o próprio céu não pudesse impedi-lo.

Guerra desmonta do cavalo e corre na minha direção. Quando chega ao meu lado, o cavaleiro segura meu rosto, as mãos frias na minha pele em chamas.

— *O que estava pensando*? — Seu grito ressoa sobre o rugido do fogo.

Toco seu rosto, minha respiração difícil. Meus pulmões estão em chamas, e não consigo ficar consciente. A única coisa que me mantém presente é a expressão em pânico de Guerra e suas mãos em mim.

— *Poderia ter morrido*! — ele diz.

E depois me beija.

Ele devassa minha boca como se fosse uma cidade que está determinado a destruir. Seus lábios partem os meus, e então o sabor dele enche minha boca.

É como saborear o céu e o inferno e a terra e a morte e todas as coisas para as quais não existem nomes.

Isso não parece como nossos outros toques, os que devíamos algo um para o outro. O corpo enorme de Guerra treme com raiva, necessidade e desejo. Desejo, desejo, desejo e desejo…

Acho que estou tonta de alívio e luxúria – isso e o ar escurecendo devem ser culpados pelos pontos pretos que

aparecem na minha visão. Mas aí sinto meus joelhos cederem, e não sinto mais nada.

CAPÍTULO 38

Eu não me lembro de Guerra me pegar e não me lembro de montarmos no seu corcel. Mas acordo a tempo de nos ver irromper pelo prédio em chamas.

A mão do cavaleiro está sob minha camisa, a palma entre meus seios. Mesmo agora, quando ainda estamos em perigo, está determinado em me curar.

O teto e as paredes estão caindo ao nosso redor como lágrimas, e ainda assim Deimos permanece firme durante tudo isso, mesmo quando faíscas caem na sua crina escura. Eu as afasto, apesar da pequena ação fazer minha visão escurecer.

Descemos pelas escadas, o percurso aos solavancos me faz tossir até perder o fôlego.

Não tem mudança gradual da escuridão para a luz. Em um segundo estamos dentro do prédio em chamas, e no próximo estamos do lado de fora, com a luz do sol queimando ao nosso redor. Mal posso ver o sol pela névoa flamejante da cidade, mas ainda assim, o sinal dele – claro e sangrento – faz um soluço escapar de mim.

O cavaleiro me puxa mais perto contra ele.

— Pensei que fosse morrer — falo para ele, minha voz rouca. Estava certa disso.

Guerra olha para mim com seus olhos terríveis.

— Não hoje, esposa — promete. — Nem nunca.

* * *

Apesar da batalha prosseguir, Guerra sai da cidade, me apertando contra seu peito.

Não estou certa do que pensar da situação, só que algo mudou entre nós.

Meu corpo ainda está tremendo da batalha, e estou tão cansada.

Balanço um pouco na sela, apenas me lembrando da luta final. O corte do aço, a respiração em chamas, a fumaça enchendo meus pulmões – tusso com a memória, e quando começo, parece que não consigo parar. Tusso e tusso. Meu corpo inteiro chacoalha com o esforço e minha visão anuvia.

— Fique comigo, esposa — Guerra comanda. Tem tanta autoridade em sua voz que forço meus olhos a se abrirem. Não percebi que os tinha fechado…

Outra onda de tosse controla meu peito. O ar está seco e minha garganta está seca e não estou inalando oxigênio o suficiente.

Eu sinto mais do que vejo os olhos de Guerra em mim dessa vez. Ele xinga baixo, depois move a mão da minha camisa – só para envolver meu pescoço.

Por um segundo, entro em pânico. Afinal, acabei de sair de uma batalha. Uma mão no seu pescoço deveria significar ser esganado. Mas este é Guerra. Guerra, que insistiu há apenas minutos que eu não morreria.

E seu toque é tão gentil – quase reconfortante. Meus olhos se fecham e solto uma respiração trêmula, me apoiando nele. Ele dá um beijo na minha têmpora, e nós dois cavalgamos assim.

Qualquer poder que o cavaleiro usa, é tão sutil que não sinto no começo. Mas quanto mais tempo cavalgamos e quanto mais tempo sua mão calejada pressiona contra meu pescoço, menos eu tusso.

Quando chegamos no acampamento, as pessoas nos observam com expressões surpresas. Guerra e eu não deveríamos estar de volta. O cavaleiro atravessa o acampamento, avançando até chegarmos na sua tenda.

Guerra desmonta do corcel, depois me pega pela cintura. Ele me puxa para seus braços.

E depois seus lábios pecaminosos estão de volta nos meus, quentes e exigentes. Eu me perco no sabor dele quando o cavaleiro me ergue e começa a me carregar. Escuto o barulho de lona, e depois Guerra está me colocando de pé dentro da sua tenda.

Ele olha para mim e as coisas estão diferentes.

Ele está diferente. A violência que carrega como uma capa desapareceu. Meu cavaleiro parece… *humano*.

Sem desviar o olhar de mim, Guerra remove toda a armadura, depois todas as roupas, a expressão séria.

Ele vem até mim e agora é minha vez. Suas mãos são hábeis ao tirar minha camisa e depois minhas calças. Eu meio que fico parada ali. Nos despimos uma dezena de vezes, mas não assim. Não com o cavaleiro olhando para mim com tanta *vida* em seus olhos.

Quando estou nua, ele nos abaixa para sua cama. Estou suja e ensanguentada, fraca e com fadiga. Isso não parece romântico.

Mas quando ele pressiona meu corpo contra o seu, não parece nada sexual. Íntimo – sim –, mas não sexual.

Respiro trêmula, meus olhos encontrando os de Guerra.

— O que estamos fazendo?

— Você quase *morreu* — ele responde. Tem uma expressão selvagem nas feições do cavaleiro. Ele ergue uma mão trêmula e coloca uma mecha do meu cabelo castanho-escuro atrás da minha orelha. — Se não tivesse chegado naquela hora… — Em vez de terminar a frase, ele me puxa contra si, pressionando um beijo nos meus lábios, como se para garantir que ainda estou mesmo viva.

— Não é por isso que você está aqui? — falo baixo quando o beijo termina. — Todo mundo deve morrer. — Minha garganta queima conforme falo.

— Não todo mundo… não você.

Minhas pálpebras estão pesadas.

Estou tão cansada. Tão, tão cansada. Seja exaustão da batalha, inalação de fumaça, perda de sangue, ou a mágica curativa de Guerra, meu corpo está exigindo dormir.

— Ainda sou humana — murmuro. Sempre vou ser parte do problema aos olhos do cavaleiro.

— Sim — Guerra diz. — Você é dolorosamente humana. Seus ossos querem se quebrar, sua pele sangrar, seu coração parar. E pela primeira vez, estou *desesperado* para nenhuma dessas coisas acontecerem. Nunca conheci medo de verdade até agora.

A admissão é tão honesta, tão cortante, que me afasto um pouco, só para sorver sua expressão.

O cavaleiro me curou uma vez, logo após ser atacada. Estava tão próxima da morte quanto hoje. Mas, apesar de toda a preocupação, Guerra não agiu desse jeito. Qualquer coração gelado que lhe foi dado quando chegou a terra, está começando a descongelar aos poucos. E agora estou vendo um lampejo do verdadeiro homem sob ele.

Estendo a mão e traço seus lábios.

— Você não é o que parece — suspiro, já pegando no sono.

Guerra beija a ponta do meu dedo.

— Você nunca foi.

Com aquelas palavras finais ecoando nos meus ouvidos, pego no sono.

* * *

Acordo com a pressão de dedos. Eles percorrem minhas costas, cada um parecendo seguro e firme. O toque é tão agradável, tão inesperado que arqueio as costas para ele.

Tem uma linguagem nos gestos. Ela passa uma única emoção…

Amada.

Aperto os olhos bem fechados, algo denso prendendo na minha garganta.

Faz… muito tempo desde que me senti assim. E com um homem, *nunca*.

Respiro trêmula quando me lembro do homem por trás do toque.

Guerra.

Mas mesmo com ele, isso é novo. Quando fui atacada na minha barraca, ele me tocou com cuidado, e desde o acordo que fizemos, ele me tocou com desejo e afeição. Isso, entretanto, isso parece muito com…

Não posso nem pensar na palavra. A ideia de tudo isso é tão assustadora – e tão impossível.

Os dedos do cavaleiro deixam minha pele. Um momento depois, sinto a pressão quente dos seus lábios nas minhas costas.

Demais. Meu coração parece que vai explodir.

Eu me viro, e meu olhar encontra o de Guerra. Os olhos dele ficaram suaves e profundos.

Ele afaga meu cabelo.

— Por um milênio, ansiei por isso. — *Conexão humana*, ele quer dizer. — Por um milênio, esteve fora de alcance.

Até agora.

Meu coração está acelerando. Ainda estou nua sob os lençóis de Guerra, e com o cavaleiro perto desse jeito, estou *tão* ciente deste fato. Excitação e medo estão se misturando.

Coloco uma mão no seu rosto. Guerra vira a cabeça, os lábios roçando um beijo na minha palma.

Agora é minha vez de ficar suave com ele. Já vi o cavaleiro excitado, bravo, determinado e cruel. Ver este lado carinhoso dele muda por completo todas as minhas reações.

— *Você* me desfaz — Guerra diz rouco.

Sinto um friozinho na barriga com as palavras.

Um cheiro pútrido interrompe meus pensamentos leves por um segundo.

Deus, o que é esse fedor? Não sou eu, sou?

— O que aconteceu, Miriam? — Guerra pergunta, atraindo minha atenção de volta para ele.

Suas feições se aguçam, e voltou a parecer uma criatura que caça humanos.

Quer saber sobre hoje. Sobre por que eu estava em um prédio em chamas, um cavaleiro fobos morto aos meus pés.

Engulo um pouco. Minha garganta ainda dói e falar só piora.

— Uzair tentou me matar.

O cavaleiro xinga baixo.

— Meus cavaleiros são os piores da sua espécie. Eficazes, mas desprovidos de compaixão.

Quem é este homem que fala sobre compaixão, e o que fez com Guerra?

— E você ganhou de um deles em combate corpo a corpo — o cavaleiro continua. Ele parece quase… impressionado. Guerra abaixa a cabeça e beija meu pescoço outra vez. — Espero que a morte de Uzair tenha sido lenta e dolorosa.

Passo os dedos pelo cabelo escuro.

— Isso é mesquinho demais para um mensageiro de Deus dizer.

Ele pressiona os lábios contra minha pele, e minha mão aperta seu cabelo, o segurando perto de mim.

— Até mesmo os cavaleiros têm seus momentos.

Dou risada com isso. Em resposta, ele sorri contra meu pescoço. Sinto aquele sorriso em *todos os lugares*. Arqueio o corpo contra ele, meu núcleo desejoso.

Preciso dele. Preciso tanto dele que dói.

Guerra beija meu pescoço outra vez, e isso ainda não é normal entre nós. É muito natural, muito além de simples desejo.

— Me toque — sussurro.

— *Estou* tocando-a — ele diz, e maldito seja, aquele sorriso está pressionado na minha pele outra vez, e está fazendo meu corpo ganhar vida.

Preciso soletrar.

Pego sua mão e a movo por minha barriga, na direção da minha…

— Você ainda está se curando — fala, afastando a mão.

E agora ele se importa mais em cuidar de mim do que se aproveitar de mim? Quem *é* este homem?

— Eu me sinto bem. — Ou pelo menos bem o suficiente para o que tenho em mente.

— Acha que não quero? — Guerra pega minha mão e a coloca sobre a virilha. Desde que peguei no sono, ele colocou calças; é o único motivo de não estar com seu pau na mão neste momento. Do jeito que está, pressiona contra o material.

Guerra se aproxima.

— Preciso de todo meu controle para não tirar as calças e foder essa sua boceta deliciosa, esposa. *Tudo*.

Meu Deus, se esse discursinho devia me dissuadir, errou *feio*.

— Estou *maluco* com emoções que nunca senti antes — Guerra continua. Ele tem um toque de loucura nos olhos. — Sou um homem de ação. Não quero nada além de senti-la viva e me envolvendo. E estou tentando resistir, então peço, com gentileza, para que não tente acabar com minha força de vontade limitada.

Solto uma respiração trêmula. Uma parte de mim quer forçar o cavaleiro ao limite, só para ver como seria parti-lo, mas uma parte maior está hipnotizada por este novo lado de Guerra.

Ele *pode* mudar. Está trabalhando na sua mudança. Para mim, por minha causa. Não estava certa antes, mas agora estou. Esta é uma semente que quero cultivar.

Então paro de insistir, apesar dos meus hormônios enlouquecidos. – *Quer dizer, ei, quase morri. Acho que minha sobrevivência deveria ser recompensada com um orgasmo ou três, mas é só minha opinião.*

Eu me acomodo mais em sua cama. Ainda estou ensanguentada, e cheiro a fumaça, e tenho certeza de que estou arruinando os lençóis do cavaleiro.

— Como você sabia que estava presa naquele prédio em chamas? — pergunto para Guerra. Minha voz sai rouca.

Talvez não esteja tão bem quanto pensei…

É o pensamento que se escondeu no fundo da minha mente desde que ele me salvou.

— Vi você correndo ao longe — diz.

Eu me lembro de ver o porte imponente de Guerra ao longe. Longe demais para acreditar que poderia me ver, mas parece que viu.

— E vi um homem entrar correndo atrás de você — acrescenta.

Ah. Entendo.

Algumas mulheres entram na tenda no momento, interrompendo nossa conversa. Com a entrada delas, vem mais uma lufada daquele cheiro pútrido. Franzo o nariz, mesmo ao

apertar os cobertores de Guerra com força. Deus, como sinto falta de portas. E batidas. E privacidade em geral. É um sonho distante agora que moro em uma cidade de tendas.

Entre as mulheres, elas carregam uma banheira cheia de água fervente. Colocam a banheira no chão, junto com várias toalhas, e se afastam. Seus olhos parecem assustados, e ficam olhando para trás, para alguma coisa do lado de fora da tenda.

— Precisa de mais alguma coisa? — uma delas pergunta, voltando a atenção da entrada da tenda para mim e Guerra. O olhar dela passa com curiosidade por mim, observando meus ombros nus e minha aparência suja e o fato de que estou na cama do cavaleiro.

Um rubor se espalha pelas minhas bochechas.

— Isso é tudo. — Guerra as dispensa com um aceno.

Quando ficamos sozinhos outra vez, ele acena para a banheira.

— Gostaria de um banho?

Daria meu peito esquerdo por um banho.

Meus cobertores são jogados para o lado num segundo. É só ao me levantar, nua da cabeça aos pés, que sinto minha fadiga de verdade. Oscilo um pouco. Minha garganta queima, tusso, e as feridas de espada no meu braço, pescoço e torso ardem, e minhas pernas querem ceder sob meu peso.

Dou alguns passos instáveis antes que o cavaleiro venha e me pegue no colo.

— Posso andar — protesto.

— Deixe-me fazer isso, esposa — fala, os lábios perto da minha orelha.

Relutante, eu o deixo me carregar pelo recinto até o banho.

Ele me coloca na água, que está escaldante. Eu me derreto nela.

Juro que nada pareceu tão gostoso há um bom tempo.

Mas isso não é verdade, é? Tive muitas, muitas experiências com Guerra que foram melhores do que esta. Só o pensamento faz minhas bochechas corarem e meu abdômen contrair.

Poderia aproveitar um orgasmo “feliz por estar viva” agora, apesar da fadiga.

Eu me inclino para a frente, envolvo as pernas com os braços e viro a cabeça para apoiar a bochecha nos joelhos. Meus olhos se fecham com a sensação prazerosa.

Escuto Guerra se acomodar ao lado da banheira e embeber algo na água. Um momento depois, sinto a pressão de tecido molhado nas minhas costas.

Meus olhos se abrem.

— O que você está fazendo?

— Limpando minha esposa.

Minhas costas ficam tensas. Estamos nos aventurando em território desconhecido. Tivemos os toques sexuais e os curativos – àqueles eu me acostumei. Mas permitir que o cavaleiro me banhe é um novo tipo de intimidade.

Até agora, relutei contra isso. Talvez só esteja cansada demais ou talvez foi a revelação de que ainda tem muita coisa não dita e não feita entre Guerra e eu. Qualquer que seja o motivo, não reluto desta vez.

— Tudo bem — digo.

Guerra não responde a isso, mas o sinto arrastar o tecido para cima e para baixo nas minhas costas, evitando, com cuidado, o

ferimento na minha nuca. O tecido entra na água, deixando o líquido quente um pouco mais vermelho.

Depois que termina com minhas costas, ele se move para a frente da banheira e começa a limpar meus braços, de novo tomando cuidado para limpar meus ferimentos.

— Fui um tolo — admite.

Meus olhos vão para os dele.

— Você não vai lutar em nenhuma batalha mais, Miriam — diz. Não é uma pergunta.

Paro com suas palavras. *Nada mais de batalhas?*

Como vou avisar os outros?

Os olhos dele encontram os meus.

— Não vou perdê-la — fala enfático.

Minha garganta embarga.

— Não posso acreditar que me dei ao luxo de pensar que isso não aconteceria — acrescenta, o olhar indo para minhas feridas. — Ainda mais depois que foi atacada. Apenas nunca pensei que Ele permitiria…

Neste momento um soldado entra na tenda.

— Guerra… — começa.

Meu Deus! A privacidade morreu?

Eu cubro o que posso de mim.

O cavaleiro não desvia o olhar de onde está me lavando.

— Saia.

— Mas você não acordou os mortos…

Compreensão aguça o olhar de Guerra. Ele se desvia da minha pele e encontra o meu. O cavaleiro é um homem de hábitos,

e seu hábito mais consistente é que, no final da batalha, ele acorda os mortos.

Penso naqueles pássaros que soltei. Como meus esforços foram pequenos em face dos mortos-vivos do cavaleiro.

Guerra começa a se levantar, se afastando de mim, a expressão ficando séria, calculista. Tive um breve relance deste novo homem, um que tem coração e compaixão. Não estou pronta para perdê-lo tão cedo.

Pego a mão de Guerra.

— Por favor, não. — sai como um sussurro. — Por favor, Guerra. Todas aquelas pessoas que sobreviveram… por favor, não os mate. — Aperto sua mão com força.

Ele olha para mim, procurando meu rosto.

Atrás dele, o soldado se move um pouco impaciente na entrada.

Guerra não tem motivo para me dar ouvidos agora. Não tenho nada novo e convincente para falar que ainda não tentei, e não tenho mais nada a oferecer do que já ofereci.

Mas algo no dia de hoje mudou o cavaleiro. Vejo isso agora ao me observar.

— Não vai fazer diferença no final — fala, os olhos vivos e tão brilhantes.

Dou um olhar significativo.

— Vai fazer diferença para mim.

É assim que você me faz amá-lo, disse a ele em Alarixe. Tenho a sensação de que está se lembrando dessas palavras no momento.

O cavaleiro me encara um pouco mais, depois diz por cima do meu ombro para o homem que está esperando:

— Recue com os homens. Hoje à noite, os mortos não se levantarão.

Os mortos não se levantarão.

Posso ouvir meu coração batendo.

O soldado vai embora e ficamos sozinhos outra vez.

Tento respirar fundo, mas estou sem fôlego.

Pensei que fosse uma promessa fácil a ser feita, dizer para Guerra que misericórdia era a chave para o meu amor. Não percebi que aquelas palavras continham um grão de verdade.

Não até o momento.

Eu me levanto, a água escorrendo pelo meu corpo. Guerra me observa, os olhos famintos. Ainda está se controlando, mas estava certo mais cedo – tem força de vontade limitada. E agora, eu *vou* quebrá-la.

Saio da banheira para os braços do cavaleiro, colando meu corpo molhado no dele. Na hora, sua mão envolve minha cintura, a toalha caindo, esquecida, no chão.

Ainda está ajoelhado, e pela primeira vez, fico mais alta do que ele. Suas mãos roçam as laterais da minha cintura, e ele abaixa a cabeça, pressionando um beijo na minha barriga.

Passo os dedos pelo cabelo do cavaleiro e inclino sua cabeça para trás, o forçando a olhar para mim. Passo apenas um segundo olhando para os lábios de Guerra – e depois o beijo.

No instante em que nossas bocas se encontram, eu derreto. Ele é decadente, pecaminoso, divino.

Ele se afasta do beijo.

— O que você fez comigo? — ele sussurra. — O que você fez? Esposa, esposa, esposa — murmura contra minha pele, os lábios se movendo mais para baixo. Pelo meu pescoço e pelas clavículas. Desliza a boca pelo ferimento no meu peito, que agora fez casquinha, graças a ele.

Depois de um minuto, a boca continua até meu seio.

Suas mãos me apertam ao pressionar minhas costas arqueadas em sua direção. A boca de Guerra se fecha em um mamilo, e um gemido escapa dos meus lábios. Nunca foi assim com outro homem. Nunca pude deixar minha guarda de lado.

— *Ve lethohivaš* — ele diz. — *Você me entorpece.*

A língua roça na ponta do meu seio, brincando comigo. Pressiono mais o corpo contra ele, precisando de mais, muito mais.

Todos os toques, os beijos, o oral – nada foi suficiente. Ainda mais agora, que Guerra me faz sentir amada, e quando olha para mim com algo como humanidade nos olhos.

Agora que desistiu dos mortos porque pedi.

A boca de Guerra vai de um mamilo para o outro, e a mão desliza entre nós, o polegar passando entre meus grandes lábios.

Estou arfando, suspirando conforme arqueio contra ele.

Não é o bastante. Não é o bastante. Não é o bastante.

— *Guerra* — suspiro.

Preciso dele dentro de mim. Danem-se meus ferimentos, vão se curar – *ele* irá curá-los.

O cavaleiro para. Sei que escuta alguma coisa na minha voz. Ele se afasta do meu mamilo, o olhar encontrando o meu.

Minha respiração está presa na garganta e meu corpo está começando a tremer com nervosismo e excitação. Não sei se posso

forçar as palavras que quero dizer a saírem.

Hesito, incerta de tudo, menos minha própria tolice.

Não vai ter volta.

Encontro seu olhar.

— *Eu me rendo.*

CAPÍTULO 39

Guerra é aço frio e intenções sombrias, e por um segundo depois da minha declaração, é tudo o que vejo em seu rosto.

Mas depois ele sorri, parecendo muito, muito bonito para o próprio bem. Ele puxa minha cabeça para os seus lábios e me beija outra vez, sinto seu desejo e excitação, e algo mais. Algo com o qual não estou nada confortável.

O cavaleiro se afasta, e aquele sorriso ainda repuxa seus lábios, mas está diminuindo.

— Falei sério com o que disse mais cedo — diz — Seu corpo precisa se curar.

Quero rosnar de frustração. Ele escolhe *agora* para ser nobre?

Mas Guerra não se afastou de mim. Pode querer fazer a coisa certa, mas não é idealista. Quase posso sentir sua necessidade de estar dentro de mim, só para garantir que estou mesmo viva.

— Quase morri hoje — enfim digo a ele —, e quando pensei que era o fim, sabe do que mais me arrependi? — Ele olha para mim, esperando para que continue. — Não falei e fiz tudo o que queria com você. Me mostre o que estou perdendo.

Com isso, beijo o cavaleiro outra vez.

Sinto em seus lábios, o momento que a resistência cede. Ele geme na minha boca, e depois seus braços se apertam ao meu redor. Seus lábios não param de fazer minha vontade e exigem mais, mais e mais. Tem um fervor no seu toque que não estava ali

antes, e parece como se estivesse caindo de cabeça em águas desconhecidas.

Só de estar em seus braços me faz esquecer das minhas últimas sensibilidades e dores. Não sei se tem a ver com as habilidades de cura dele, ou se sua presença está assoberbando o resto dos meus sentidos.

Ele acaricia meus grandes lábios outra vez, e inalo sibilante.

Ah, Deus, consegui mesmo convencê-lo a fazer isso. A verdade fica clara quando sua mão continua a acariciar meu núcleo, o polegar esfregando círculos lânguidos no meu clitóris. Solto um gemido frustrado.

Ainda preciso de mais.

O cavaleiro interrompe o beijo, me dando um sorriso malicioso.

— Pensou que aliviaria seu desconforto com uma pequena declaração, esposa? — fala, a voz grave e rouca. — Quero você *desfeita*. — Ele pontua as palavras inserindo um dedo em mim. Eu me movo contra ele em instinto. Posso sentir a umidade entre minhas pernas, umidade que não tem nada a ver com o banho.

Semicerro os olhos. Dois podem jogar esse jogo.

Começo a estender o braço entre nós quando ele pega meu pulso.

— Nah nah. — Seus dedos ainda estão se movendo dentro de mim.

Estou começando a ofegar.

— Por favor, Guerra.

— Por favor, o quê?

Ele vai mesmo me fazer soletrar?

— Quero você dentro de mim.

Eu pego fogo.

Seus olhos marcados com *kohl* estão quentes, e posso sentir a ereção forçando as calças.

De uma vez, seus dedos me deixam e ele me ergue, me carregando de volta para a cama. Ainda está suja de quando me deitei mais cedo, e o cheiro de fumaça e cinzas estão grudados ali.

Ele me deita, só parando para remover as calças. Seu pênis se liberta, e meu Deus, esqueci como seu pau era assustadoramente grande. Grande o bastante para fazer minha mandíbula doer quando está na minha boca. E o resto do cavaleiro é tão imponente e violento que por um segundo, meu desejo enfraquece.

Talvez tenha sido uma má ideia.

Guerra se ajoelha no pé da cama, passando as mãos pelas minhas pernas ao observar meu corpo. Ele se inclina para a frente, até o peito, com suas tatuagens estranhas e brilhantes, pressiona contra o meu.

Quaisquer que fossem suas reservas contra o sexo, há muito se foram.

Se inclinando, ele me beija, os movimentos da boca mais carnais do que eram há alguns minutos. Meu coração está batendo cada vez mais rápido. Isso não parece uma experimentação inocente, ou uma decisão ruim regada a álcool. Isso nem parece como sexo normal. (Não que eu tenha muita experiência nessa área.) Talvez seja o jeito que Guerra está olhando para mim, mas o que estamos prestes a fazer parece cheio de significado.

É um ato físico simples, eu me tranquilizo. Muitas pessoas fazem isso. Não é *nada demais*.

A mão do cavaleiro volta para meu clitóris, talvez para me provocar mais um pouco, mas já estou encharcada.

Ele me dá um sorriso malicioso quando sente como estou pronta.

— Esposa, como ansiei por este dia. E agora ver seu corpo delicioso ansiando pelo meu. Estou mais ansioso por isso do que pela batalha — ele diz, isso como se estivesse mesmo um pouco surpreso.

Que seja. Passei do ponto de me importar. Tudo o que sei é que preciso do cavaleiro dentro de mim de um jeito que não preciso de nada há muito tempo.

Ele me acaricia várias vezes, mesmo sem precisar. Pois já estou enlouquecida de desejo.

Arqueio com cada toque, desesperada por mais.

De repente, a mão dele desaparece. Seus quadris se movem, e um segundo depois, sinto sua ponta pressionada na minha entrada.

Fico tensa, me lembrando de como é grande. Depois de o segurar na mão e tê-lo na boca, pensei que compreendesse seu tamanho.

Mas pensei errado. Só agora percebo isso.

Com um lento movimento dos quadris, sinto Guerra começar a entrar.

Ele murmura quando encontra resistência.

— Relaxe, esposa. Fomos feitos um para o outro.

Hum, só uma mulher com uma vagina grande como uma cratera foi feita para o pau de Guerra.

O cavaleiro espera até me sentir começar a relaxar, minhas pernas se abrindo mais. Ele começa a estocar outra vez.

Meu Deus. Parece impossível, mas sinto minha pele ceder, abrindo caminho para seu tamanho aparentemente insuportável. Meus dedos afundam nas suas costas quando a distensão se torna demais.

Ele para, olhando para mim.

— Miriam?

— Apenas… me dê um segundo. É muito… — *Pau*. Muito pau.

Sinto gotas de suor se formando na minha testa. Depois de vários segundos, assinto.

— Tudo bem. Estou bem.

Guerra continua a estocar devagar em mim, seu olhar procurando o meu.

— Esposa — fala, parecendo perplexo —, você é *incrível*.

O rosto de Guerra está extasiado. Sei que é experiente nisso, então me surpreendo de ver como o estou afetando.

Seus olhos estão focados em mim com muita intensidade. Presumi que estariam vagando para bem longe conforme a sensação o assoberbasse, mas ele está tão presente.

Presente de um jeito tão desconcertante.

Ele está suando com a necessidade de se mover devagar, de ser gentil. Posso ver que uma força nele quer estocar o pau dentro de mim o mais rápido possível e depois me foder desenfreado. Posso quase senti-lo vibrar com a necessidade. E talvez ele um dia faça isso, mas acho que não vai acontecer hoje.

Demora um século, mas enfim, seus quadris encontram os meus conforme ele entra em mim, me esticando ao limite.

Exalo. Não sei se algum dia senti algo tão delicioso na minha vida. E ele ainda nem começou a se mover.

— Esperei eras por este momento — fala. — Não posso acreditar que enfim chegou.

Guerra sorri outra vez, e não posso superar sua beleza estonteante.

Estou tremendo de desejo, minhas pernas abertas uma de cada lado dele, me sentindo mais vulnerável do que nunca. Não esperava isso. Era para ser apenas sexo. Mas pelo jeito que Guerra está olhando para mim, parece que tudo que trabalhei duro para proteger está sendo exposto de uma vez.

— Enfim, minha esposa, você se *rendeu*.

Ele começa a se mover, se afastando de mim apenas o suficiente para estocar outra vez. Minha respiração me deixa de uma vez. Esperava que doesse. Em vez disso, todo movimento parece tão magnifico e bom.

— *Esposa*. — O senhor da guerra olha para mim, seus olhos que costumam ser violentos agora cheios de uma emoção suave. Sinto um frio na barriga quando percebo que a emoção não é apenas desejo. — Não posso dizer o quanto ansiei por isso. Enfim, você é minha… total e completamente – nada nos separa.

O cavaleiro estoca em mim outra vez, como se para enfatizar o argumento.

Minhas unhas afundam nas suas costas com a sensação, e ele pausa, talvez para garantir que não está me machucando.

Mal posso formar palavras sobre meu desejo ardente.

— Não pare — Suspiro. — Por favor, não.

Outra vez, aquele sorriso maroto.

Guerra começa a estocar em mim, primeiro com precisão lenta e meticulosa, mas depois com força crescente. Estou arqueando em cada estocada, e já sinto o orgasmo começando a surgir ao fundo.

O tempo todo, Guerra me observa, como se quisesse possuir todas as expressões, todos momentos. De ver em quando sussurra frases em outros idiomas que traduzem para *minha bela esposa* e *nunca conheci tal prazer* e *é o mais perto do paraíso que estive há um bom tempo*.

Isso é… nada como minhas outras experiências sexuais. Esse é o tipo de sexo que arruína uma pessoa.

Conforme o sinto me tocar bem fundo, finalmente pressinto a verdadeira natureza do cavaleiro. Ele não pode ser nada além de batalha que ganhou vida. Toda essa carne guarda a violência de eras; sinto isso em cada estocada tempestuosa de quadris. E ainda assim, conforme suas mãos deslizam pelo meu corpo, tem uma suavidade inesperada no seu toque.

Ele beija meu pescoço, os quadris se aproximando e afastando, aproximando e afastando.

— Tão linda — ele murmura. — Por quanto tempo ansiei por você.

O ritmo de Guerra muda – e é como se os últimos minutos tivessem sido uma provocação e este é o verdadeiro ato.

Na hora, meu corpo está se preparando, meu orgasmo iminente agora crescendo rápido – rápido demais…

De uma vez, me estilhaço.

Grito, puxando o cavaleiro contra mim ao sentir meu clímax me percorrer. Várias vezes o sinto, e quando começa a enfraquecer, sinto Guerra crescer dentro de mim.

— Minha esposa, meu coração — geme quando seu próprio orgasmo o toma, suas estocadas ficando mais fortes e rápidas ao gozar dentro de mim.

Guerra olha para mim, os olhos ficando um pouco anuviados ao exaurir o orgasmo. O que parece uma eternidade depois, as estocadas do cavaleiro começam a desacelerar. No fim, não tem escolha a não ser escapar de mim.

Estou dolorida em todos os lugares; o tipo de dor que faz suas bochechas corarem.

Guerra deita de costas e me arrasta para cima da sua barriga. Ele segura minha boceta, mesmo quando sinto seu sêmen começar a vazar de mim.

— Sentir que uma parte de mim ainda está em você… esposa, não tem sensação mais empolgante no mundo — afirma.

Minha respiração começa a se equilibrar, minha pele suada esfriando. Todas minhas sensibilidades e dores estão voltando à vida.

Agora que estou começando a me recuperar, a adoração de Guerra está começando a – bom, estou ficando desconfiada.

O sexo – com certeza quero mais disso –, mas o cavaleiro está olhando para mim como se as coisas tivessem mudado. E sim, meu encontro de perto com a morte me deu um pouco de perspectiva, e sim, eu me rendi a ele e tudo, mas agora estou pressentindo que minhas palavras e ações podem significar um pouco mais para ele do que para mim.

Começo a me afastar dele.

— Deveria me limpar… — Ainda tem uma banheira cheia de água, e agora estou pegajosa…

Guerra me puxa de volta para baixo, me atraindo para ele com seus beijos calorosos.

— Não tão rápido, esposa. — Ele afasta meu cabelo para poder beijar minha nuca.

— Mas estou suja — protesto, desesperada para colocar um pouco de distância entre nós.

— *Nada* do que fizemos foi sujo — Guerra fala, um pouco fervoroso. — E gosto de me ter espalhado em você.

É esse mesmo o meu problema.

— Vai ser diferente agora — acrescenta.

Engulo em seco. Ô ou.

— Hum, o que você quer dizer? — falo com cuidado, mantendo o tom leve.

— Você é minha, total e completamente… e sou seu. De agora em diante será assim.

Ah, meu Deus. Isso pareceu muito com um voto para mim.

O que eu fiz?

CAPÍTULO 40

Apesar da minha desconfiança, passamos o resto da tarde e da noite na cama de Guerra, só levantando para comer e beber.

Não sei se o cavaleiro está ciente do meu desconforto, mas se está, não poderia ter criado uma estratégia melhor para me distrair. Posso estar perturbada pelos sentimentos de Guerra por mim, mas não tenho nenhum problema com o jeito que ele faz amor.

Nem mesmo a noite parece abater a sede que guia o cavaleiro. Guerra me acorda mais duas vezes para transarmos.

Quando a luz da manhã entra em nossa tenda, a mão de Guerra se moveu até meu clitóris pela milionésima vez. Ele o acaricia, solto um gemido baixo em protesto. Meu corpo parece que foi exaurido de todos os orgasmos.

Apesar disso, me sinto molhada contra sua mão. Quem pensaria que aguentaria mais uma rodada?

— Não posso tirar as mãos de você — o cavaleiro declara, movendo a outra palma para o meu seio. Contra meu bom senso, arqueio no seu toque.

— Tão receptiva — murmura.

Algo que não levei em conta mais cedo – toda essa ação pele na pele quase me curou por completo.

E minha libido está agradecendo a Guerra por isso.

O cavaleiro rola para cima de mim. Ergo minha pélvis, e pela milésima vez nas últimas vinte e quatro horas, meu cavaleiro desliza

para dentro de mim.

Muito, muito mais tarde, consigo me tirar da cama e me limpar o melhor que posso (para a decepção de Guerra). Antes que possa ser atraída de volta para mais sexo, eu me visto e saio.

Quase grito no momento que o faço.

Os mortos-vivos cercam a tenda de Guerra.

Estão parados ociosos em volta da tenda, as armas a postos. A maior parte deles balança um pouco, suas feições em decomposição plácidas. E ainda assim, apesar do fato de que os olhos estão desfocados e as cabeças não se viram com o som dos meus passos, tem uma consciência neles.

Então *isso* explica o cheiro.

Cubro o nariz com a mão. O odor é muito, muito pior aqui fora, e o dia quente não está ajudando.

Um segundo depois, Guerra sai ao meu lado, um sorriso nos lábios. Uma olhada para ele e o acampamento inteiro vai saber que o cavaleiro se deu bem ontem à noite.

Ótimo.

— O que é isso? — pergunto, meu olhar percorrendo os corpos.

— São para sua proteção. — O sorriso dele desaparece. — Parece que não posso confiar nem nos meus próprios homens para mantê-la a salvo.

Agora que meu olhar passa pelos meus arredores, enfim percebo que os cavaleiros fobos que costumavam ficar de guarda desapareceram.

No seu lugar, estão zumbis armados, as lâminas embainhadas ao lado.

— Isso não é mesmo necessário — afirmo, cobrindo o nariz outra vez. *Ugh*, posso sentir o gosto de putrefação na língua.

— Pelo contrário, esposa, agora é mais importante do que nunca. — Mesmo quando Guerra diz isso, seus zumbis se afastam, me dando espaço para respirar. — Já avisei: Eu não vou perdê-la.

O cavaleiro segura meu rosto, seu olhar procurando o meu.

— Morte sempre vem entre humanos. Não vou deixar que aconteça conosco.

Naquele segundo, vejo sua idade em seus olhos. Milhares e milhares de anos de guerras. Tantas vidas e tantas mortes. É em momentos como este que me lembro que ele nunca nasceu e nunca poderá morrer.

Pressinto que todos aqueles anos de batalha o cansaram. Que sob a violência, ele se ateve a uma faísca de algo que não se parece muito com Guerra: paz, conexão, *amor*. Vejo esse anseio em seus olhos.

E agora comecei a cometer o erro que jamais deveria ter cometido. Comecei a me esquecer que Guerra é um chacal determinado a devorar o mundo. Comecei a vê-lo como alguém que merece preocupação.

Como alguém com quem *preocupo*.

* * *

A semana seguinte é um borrão de toques e sexo. Guerra estende nosso tempo no acampamento só para poder relegar alguns dias a ficar na cama e nada mais. E não tem mais menção de levantar os mortos – além dos meus seguranças mortos-vivos.

E se pensei que esse breve interlúdio cheio de sexo terminaria no momento em que levantássemos acampamento. Guerra para

várias vezes na estrada para se encaixar dentro de mim, e as noites durante nossa viagem são insones.

Mesmo quando montamos acampamento no próximo assentamento, não termina. Ele parece mais faminto por mim do que nunca.

Guerra fode como luta. É brutal, deliberado e cheio de pura energia masculina. Ele me toma como se fosse a única coisa para a qual foi feito, como se fosse a última vez que fosse estar dentro de mim. Como se estivesse, procurando por algo que não pode tocar.

Estava certa na primeira vez que o senti em mim; ele me arruinou. Porque a loucura não é unilateral. Se fosse, eu me deleitaria no fato de que a qualquer momento posso apenas ir embora e ficar bem. Mas acho que não posso. Não a essa altura. Então, agora preciso lidar com o fato de que estou apaixonada por um homem que cometeu atrocidades.

Ele mal saiu de mim quando me puxa contra si, me abraçando.

Do lado de fora, o sol do Egito está nascendo, banhando as paredes cremes da nossa tenda de um tom rosáceo. Ao meu redor, tudo tem um brilho caloroso e indistinto.

— Daqui dois dias, quando a batalha começar, você vai ficar aqui — ele sussura, esfregando círculos nas minhas costas. — Meus mortos-vivos irão protegê-la até o meu retorno.

Meu corpo enrijece. Quase me esqueci da invasão próxima.

Depois de Porto Saíde, viajamos para dentro do continente, passando pelo Delta do Nilo na direção da cidade de Almançora. Aqui, a vários quilômetros das paredes da cidade, acampamos.

A terra à nossa volta é um pouco mais exuberante do que nas nossas paradas anteriores, mas o estado em decadência e cheio de

ruínas das cidades que passamos depreciam a beleza natural. Carros ainda congestionam muitas das ruas, computadores velhos e eletrodomésticos sujam as ruas, carcaças queimadas de prédios cercam a rua, e muitas adições recentes do Egito as suas cidades – como postes a gás e estábulos – já foram vandalizados.

De tudo o que vi destas partes, diria que as pessoas aqui estavam sofrendo bem antes do cavaleiro chegar. Eles não precisam de mais dor.

Vendo meu rosto, Guerra diz:

— Almançora deve cair, e vou estar lá.

Sinto meu coração despencar, despencar. Guerra adiou os deveres divinos durante a última semana. Como uma tola, esperei que pudesse adiá-los por mais tempo – *muito* mais tempo.

— Não precisa — sussurro. — Você poderia parar.

Ele me abraça e rouba um beijo antes que possa afastá-lo.

— Por você eu quase pararia.

Quase.

A última semana conseguiu me atrair para um falso senso de realidade, mas o sonho acabou.

Sabia que as coisas não mudariam. O que não percebi é que de repente *não* estou bem com isso.

Seja corajosa, *Miriam*.

Se quiser que o mundo mude, vou precisar fazer algo a respeito.

— Tem algo que quero saber — falo com cuidado. — Se você pode julgar os corações dos homens, pode ver se pretendem fazer o mal?

Quais são os limites das suas habilidades, *querido cavaleiro*?

A testa de Guerra franze com a mudança de assunto.

— Nem mesmo eu posso ver o futuro, Miriam… nem tampouco ler os pensamento dos homens. Só posso compreender sua essência básica. E mesmo isso pode ser alterado com tempo e intenção.

Traço uma das tatuagens carmesim de Guerra; as marcas parecem sangue derramado no seu peito.

— Você conhece o *meu* coração? — pergunto com cuidado.

— Sim — responde.

— É bom?

— É bom o suficiente. — *Para mim*, o silêncio parece acrescentar.

É bom o suficiente.

Bom o suficiente para o cavaleiro acreditar que me rendi mesmo a ele em Porto Saíde, o que é tudo o que ele sempre quis de mim.

Acontece, que um coração *bom o suficiente* não é o mesmo que um *bom*. E isso é um infortúnio para Guerra, porque um coração bom pode sempre dizer a verdade, mas um bom o suficiente, não.

Quando disse que me rendia, bom – menti. Não abri mão de *nada*.

* * *

A explosão ruge nos meus ouvidos, *a força me derrubando na água*.

Escuridão. *Nada*. *Depois*…

Ofego. *Tem água e fogo e… e… e Deus a dor – a dor*, *a dor*, *a dor*. *A intensidade quase me tira o fôlego*.

— *Mãe*, *Mãe*, Mãe!

Não posso vê-la. *Não vejo ninguém*.

— *Mãe*!

— Miriam!

Acordo assustada, segurando o pescoço.

Guerra olha para mim, os olhos como ônix. Uma ruga forma entre suas sobrancelhas.

— Estava tendo um pesadelo.

Respiro fundo algumas vezes.

Um pesadelo. Certo.

Molho os lábios, me sentando, e o cavaleiro se afasta um pouco, me dando espaço. Minha pele está úmida de suor, e mechas de cabelo estão grudadas nas minhas bochechas.

Faz semanas desde que tive o pesadelo. Quase tinha esquecido que antes de Guerra, essa memória em particular assombrava meus sonhos com frequência. Não sei por que decidiu se afastar até agora. Talvez esses dias minha mente estivesse assombrada por imagens mais novas e mais grotescas.

— Com o que estava sonhando? — pergunta. Só o jeito que diz me faz pensar que o cavaleiro não sonha – ou se sonha, é uma experiência muito diferente da minha.

Meu dedo percorre a cicatriz no meu pescoço.

— Não foi um sonho. Foi uma memória.

A água entra…

— Do quê? — A voz de Guerra é dura como esmeril, como se quisesse lutar com algo tão insubstancial quanto uma memória. Engulo em seco.

Melhor contar para ele.

— Há sete anos, Jerusalém estava sendo tomada — falo. Rebeldes e fanáticos encabeçaram um ataque na minha cidade. — Minha mãe, minha irmã e eu estávamos escapando. Ninguém estava a salvo na cidade, ainda mais uma família meio-judia, meio-muçulmana.

Os dias de tolerância e progresso que meus pais um dia citaram foram apagados como uma vela.

— Minha família chegou até a costa. — Ainda posso ver o movimento de corpos na praia. Tinham tantas outras famílias como a nossa, desesperadas para escapar da Israel devastada pela guerra para outro lugar, qualquer *lugar*.

— Lotamos um barco a motor. A essa altura, a maior parte dos motores em Israel havia parado de funcionar, e os que ainda estavam em operação eram no máximo instáveis.

Isso foi há sete anos. Desde então, todos os motores pararam.

— Minha mãe sabia que era perigoso, que algo podia dar errado, mas era nossa única opção.

Europa fechara as fronteiras. Não queriam estrangeiros – ainda mais do Leste e Sul. Nas suas mentes, roubaríamos os empregos e comeríamos os alimentos e sobrecarregaríamos as preciosas economias.

Se quiséssemos passar pelas fronteiras, precisaríamos fazer isso de forma ilegal, e essa viagem traiçoeira de barco era o único jeito de fazer isso.

— Os barcos eram… ruins. Eram estreitos e instáveis, mas pior de tudo, dependiam de motores para propulsão. Não queria subir no nosso. Estava com tanto medo que o motor fosse parar de

funcionar bem no meio do mar aberto. Com medo de que fosse morrer em alto mar.

Guerra escuta, atento, os olhos observando meu rosto enquanto falo.

— No fim, minha mãe e minha irmã me envergonharam para entrar no barco. Elas sabiam que eu não queria deixar Israel… ou Nova Palestina como estava começando a ser chamada. — Foi onde meu pai morreu, onde cresci. Continha todas minhas memórias. Sabia que precisávamos ir embora. Parecia cruel que também precisava desistir disso. Já havíamos perdido todo o resto. Saímos da praia. O motor estava fazendo uns barulhos engraçados, mas enfim nos afastamos da costa.

Eu paro por um segundo.

Algumas memórias estão perdidas para as areias do tempo, mas outras, como esta em particular… poderia viver até os cem anos e ainda assim nunca esqueceria.

— A explosão foi uma surpresa. Não sabia que motores *podiam* explodir. — Num segundo estava sentada ali, junto com minha mãe e minha irmã, e no outro senti calor e dor ao ser jogada na água. Minha mochila estava enrolada no tornozelo. — Aquela mochila estava cheia do resto das minhas posses terrenas. — Eu lembro dela me arrastar para baixo.

Meus pulmões ardem. A luz do sol acima enfraquece ao mesmo tempo que reluto.

— Tentei soltá-la, mas não consegui. Estava afundando, e não conseguia voltar para a superfície.

Abro a boca para pedir ajuda.

A água entra…

Olho para os dedos.

— Não sei como sobrevivi. Não sei mesmo. Pensei que tivesse me afogado naquelas águas.

— Mas não se afogou — Guerra diz, a voz suave.

Concordo com a cabeça.

— Quando recuperei a consciência, estava a bordo de um barco de pesca. Os pescadores disseram que me viram boiando sozinha na água, longe de qualquer destroço. Não sei o que aconteceu com minha mãe ou minha irmã. Nem *sei* se estão vivas. — Minha voz quebra.

Guerra se inclina para frente, segurando o lado do meu rosto.

— Prometo para você, esposa, vamos descobrir o que aconteceu com sua família. — Quase paro de respirar.

É o que sempre quis. O que nunca poderia conseguir quando era apenas uma vendedora de armas em Jerusalém.

Guerra não poderia me dar um presente mais precioso.

Ele percebe isso?

Meu olhar desliza para seus lábios. Eu me inclino e o beijo.

— Obrigada.

E depois eu mostro a ele que falo sério.

CAPÍTULO 41

Faz um tempo desde que fui ver Zara. Uma grande parte da minha hesitação tem sido explicar para ela que agora estou dando para o cavaleiro que devastou a cidade dela a maior parte de sua família. Não posso imaginar que essa conversa aconteça sem problemas. Mas evitei essa visita por tempo demais.

Assim que deixo a tenda de Guerra, os mortos se aglomeram ao meu redor, cheirando com o traseiro de um demônio e parecendo ainda pior.

A morte não faz favores a ninguém.

Franzo o nariz para eles.

Começo a andar, e os zumbis entram em formação ao meu redor como algum tipo de segurança morto-vivo.

Eu paro.

— Guerra! — grito para trás de mim.

Vários segundos passam, depois o cavaleiro sai da tenda, as calças baixas, o cabelo escuro bagunçado pelo sexo, o torso sarado iluminado pelo sol da manhã. Está com uma xícara de café na mão e um sorriso fácil no rosto, os dentes brancos em contraste com a pele bronzeada. É nojento o tanto que é bonito.

— Reconsiderando repetir? — pergunta, os olhos rindo para mim ao dar um pequeno gole. Não está falando sobre café da manhã.

Dou um olhar de reprovação a ele.

— Preciso fazer amizade com os mortos agora? — Aceno para os zumbis.

Seu sorriso aumenta um pouco com isso, os olhos brilhando.

— Considere um relacionamento de trabalho.

Bufo, voltando para ele, os mortos-vivos no meu encalço.

— Ninguém vai me matar.

— Eu sei — concorda. — Porque ninguém vai querer chegar a cinco metros daqueles homens. — Ele acena para os zumbis.

Ugh.

— Só quero visitar minha amiga.

A expressão de Guerra fica sombria.

— A que tentou me matar? A mesma cujo garoto você me forçou a salvar?

Olho para o céu em busca de paciência.

— Não importa quem vou visitar. Preciso da sua palavra que os mortos não vão entrar em nenhuma barraca que eu entrar… ou pairar perto demais.

O cavaleiro me escrutina.

— Qual o ponto de ter guardas se não podem estar por perto para protegê-la?

Quero falar para ele que os guardas foram ideia dele, não minha, e que não dou a mínima se sequer *tenho* guardas. Mas conhecendo Guerra, esse tipo de lógica me deixaria com o dobro de babás zumbis, todos insistiriam em entrar na barraca minúscula de Zara.

Esfrego o rosto.

— Por favor, Guerra. — Abaixo a mão. — Aceito seus guarda-costas. Apenas me dê um pouco de liberdade. Eu preciso de

amigas.

Ele olha para mim por um bom tempo, depois volta a atenção para os mortos-vivos que se reuniram a minha volta. Por fim, ele inclina a cabeça.

— Para o seu coração mole.

Exalo.

— Obrigada. — Com isso, rodopio.

Sinto aqueles olhos violentos em mim conforme me afasto, os mortos me cercando outra vez.

Os cavaleiros fobos que moram na área de Guerra do acampamento param e olham (um pouco hostis) para mim e meus guarda-costas macabros conforme os passos. Mas os olhares vêm quando entro na área principal do acampamento.

Homens e mulheres me encaram abertamente, os olhos passando de homem morto para homem morto. E as mesmas crianças que vi lidarem com armas agora gritam e fogem com o sinal dos mortos-vivos.

Já estou me arrependendo dessa saída.

Quando chego na barraca de Zara, ela já está parada do lado de fora, os braços cruzados e uma sobrancelha erguida.

— Por que sempre escuto rumores sobre você antes de chegar? — fala em cumprimento.

— Acho que sou azarada.

Ela olha para os mortos.

— Não vão entrar na minha barraca — avisa.

Olho para eles, de repente incerta de como devo fazê-los dar o fora.

— Cheguei — falo para eles. — Podem se afastar agora.

Em resposta, eles se espalham, cercando a área e fazendo uma mulher próxima gritar e soltar a roupa que estava lavando. O resto das mulheres que estão nesta fileira de barracas nos observam com curiosidade.

Zara inclina a cabeça para sua casa.

— Por que não conversamos ali dentro?

Entro atrás dela, e no interior escuro e quente da sua barraca, vejo Mamoon brincando com alguns brinquedos de plástico e um muito amado ursinho de pelúcia.

— Mamoon, fale oi — Zara diz.

— Oi — ele responde, sem olhar para cima.

Zara aperta os lábios, e parece como se quisesse chorar.

— Como… — Aceno com a cabeça para o sobrinho. — Está?

Ela suspira.

— Difícil. Muito, muito difícil. Mas tenho mais do que a maioria das pessoas aqui, então estou agradecida. — Ela respira fundo, suas paredes emocionais se erguendo. — Mas não é sobre isso que quero falar agora. — Seus olhos se movem por mim. — Por *onde* esteve na última semana? Você desapareceu.

Não quero dizer, não quero mesmo.

Seus olhos passam por mim outra vez.

— Você deu para ele, não deu?

Eu me sento com força e assinto.

— Sim. — Dei bastante.

— Bom? — acrescenta. — Valeu a pena?

Olho para o sobrinho dela.

— Ele não faz ideia do que estamos falando. Está tudo bem.

Não estou certa disso…

— E? — Zara insiste. Não sei se está brava. Parece irritada, e parece um pouco no limite, mas desde que a conheço, Zara sempre parece um pouco nervosa.

Dou uma risada sem graça.

— Você quer dizer se gostei? — Dou um olhar a ela. — Sim. Gostei. — É problemático o quanto.

— E agora você se sente culpada? — ela pergunta.

Dou um olhar incisivo.

— Nah…

O canto da boca dela se curva em um sorriso sardônico.

— Não vou julgar, sabe — diz, sentando-se ao meu lado. Mordisco o lábio inferior.

— Não a culparia se julgasse — digo.

Ela pega minha mão e a aperta com força.

— Você convenceu aquela besta a salvar… — Sua voz falha. Zara acena para o sobrinho. — Guerra matou *todo mundo* que amava… exceto uma pessoa, e só porque você o convenceu. Então não, não a culpo por dar para o monstro, apesar que sinto muito por você ter sido forçada a fazer isso. Eu preferia cortar as bolas dele.

Dou outro olhar desesperado para Mamoon, certa de que entre Zara e eu, estamos corrompendo as orelhas do pobre garoto.

— Ele viu os pais serem mortos, passou por execuções, e agora homens mortos estão de guarda do lado de fora da barraca — Zara diz. — Uma conversinha sobre sexo é a menor das minhas preocupações.

Justo.

— Fiz uma promessa a Guerra de não o atrapalhar, e por mais que odeie, pretendo mantê-la — minha amiga continua. — Então

pode dar para ele e não pense que vou julgá-la ou me afastar da nossa amizade. Tenho uma dívida contigo que *nunca* posso pagar. E quem sabe, talvez você acabe salvando o garotinho de mais alguém por causa do seu… relacionamento.

Dou um sorriso tenso.

— Só não me evite — termina. — Senti falta da sua companhia.

— Tudo bem — falo baixo.

E este é o fim da conversa sobre sexo – pelo menos, por enquanto.

Pelas próximas horas, Zara e eu conversamos sobre tudo e nada. Poderia ter ficado sentada com ela e conversado o dia inteiro, mas uma hora minha amiga arrasta a mim e Mamoon para fora da barraca, na direção de um grupo de mulheres reunidas várias barracas para baixo.

Mamoon fica dando olhares arregalados para os zumbis ao nosso redor enquanto Zara o guia.

— Eles não vão machucá-lo — falo. — Estão aqui para nos proteger.

Isso é uma mentirinha – estão aqui para me proteger e ninguém mais –, mas não vou deixar que machuquem Mamoon, então é quase verdade. E por sorte, minhas palavras parecem abater um pouco do medo do garotinho.

O círculo de mulheres está sentado sob uma proteção de lona que alguém ergueu. Estão sentadas e conversam enquanto consertam roupas, fazem cestas e outros trabalhos que não precisam de muita concentração.

Quando veem nosso grupo, vejo uma mulher derramar o copo de chá que está bebendo. Outra suspira surpresa.

— O que é isso? — outra mulher exige de Zara. Ela não se importa em olhar para mim.

— A esposa de Guerra decidiu se juntar ao nosso grupo — minha amiga responde, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

As mulheres ficam quietas, cada uma me observando, algumas curiosas, outras cruéis. Uma me lança um pequeno sorriso. Reconheço um rosto aqui e ali de quando morei neste quadrante do acampamento, mas nenhuma age como se algum dia tivesse sido como elas.

— Claro, vocês duas são bem-vindas — diz uma mulher, um pouco tensa. O rosto dela fica caloroso quando vê Mamoon. — David está jogando futebol com Omar se quiser brincar com eles. — Ela aponta para trás, na direção no final das barracas, onde dois garotinhos estão chutando uma bola surrada.

Mamoon olha para a tia, e quando ela dá um aceno com a cabeça, o garotinho sai correndo na direção dos novos amigos.

Zara fica de olho nele por vários segundos depois disso, o rosto tenso com preocupação. Sempre tem algo para se preocupar aqui – a crueldade dos soldados, as armas espalhadas pelo acampamento, o tamanho da nossa cidade de barracas. Uma criança pode ser engolida.

— Alguma de vocês quer chá? — pergunta uma das mulheres.

Zara pisca, desviando a atenção para a mulher.

— Não, obrigada.

— Também não — falo.

Afasto meus seguranças mortos-vivos conforme o grupo abre espaço para nós. Depois de alguns minutos tensos, conversa volta ao normal.

— … Vi Itay entrar na barraca dela ontem à noite. — Umas risadinhas.

— Então é ele que esta fazendo ela encontrar Deus enquanto o resto de nós tenta dormir.

— Pobre Ayesha ao lado tem um filho. Tente explicar isso!

Risada chocada passa pelo grupo.

Eu as escuto, estranhamente fascinada. À nossa volta, as pessoas estão morrendo aos milhares, e ainda assim, aqui estão estas mulheres, fofocando sobre alguém se dando bem.

— Como é o Guerra? — uma mulher pergunta, o olhar curioso me encontrando.

No começo, a pergunta não registra. Não é até as outras mulheres voltarem seus olhares para mim que percebo que todas querem saber da minha vida sexual, e ah, meu Deus, não era bem isso que queria quando decidi visitar Zara esta manhã.

— O que você quer dizer? — falo, fingindo ignorância.

A boca da mulher se curva em um sorriso.

— Ele a fez encontrar Deus?

Outra mulher opina:

— Claro que sim. Ou não teriam homens mortos a protegendo.

É dolorosa a acurácia dessa afirmação.

— O que quero saber — outra mulher diz —, é o quanto o cavaleiro é bom em prover uma experiência religiosa.

Várias mulheres dão risada; até Zara abre um sorriso.

Estão tentando me incluir, noto. Isso não é a Inquisição Espanhola, isso é como estas mulheres formam conexões, apesar das suas diferenças. Afinal, todas são amigas relativamente novas.

— Querem mesmo saber? — digo.

Isso é tão vergonhoso.

Algumas mulheres assentem.

Reúno minha confiança.

— O cavaleiro *com certeza* é melhor no amor do que na guerra.

Não é toda a verdade, mas faz as mulheres ao meu redor tilintarem com risadas animadas.

— Aquele homem foi *feito* para dar prazer a uma mulher — alguém acrescenta. Mais risadas.

A conversa segue em frente, e todo mundo parece respirar com mais facilidade.

Meu coração se alegra quando percebo que passei em qualquer teste que tenham feito comigo. Posso ter vindo como a esposa de Guerra, mas vou embora como uma delas.

Passo o dia ali, ouvindo a fofoca e acrescentando algumas informações das minhas próprias experiências. Pela primeira vez em um bom tempo, a vida parece normal – ou pelo menos, normal o suficiente.

Isso tudo acaba quando alguém menciona a invasão de amanhã. Poderia fingir por um tempo que os horrores não existem neste lugar, mas no fim eles se esgueiram de volta.

O humor coletivo do grupo afunda, a risada morre. Logo que cheguei no acampamento, estava tão certa que era a única lutando

para parar o cavaleiro. Mas agora está claro que mais pessoas se importam. So não estão em posição para fazer algo a respeito.

Eu estou.

Salvei os aviários – e isso é alguma coisa –, mas vi em primeira mão o quão pouco. Só um punhado de pássaros voaram com minha mensagem, e quem sabe quantos foram derrubados por arqueiros.

Mas a chave para sobreviver o ataque do cavaleiro *é* ser avisado disso. Se as pessoas tiverem tempo o suficiente para fugirem de suas casas, e se correrem na direção certa, então talvez possam trapacear com a morte.

Infelizmente, não terei outra chance de enviar avisos, não se Guerra me proibir de me juntar a luta. Se quiser fazer algo para ajudar o mundo, vou ter que trabalhar sem meu marido violento saber.

Mas a chave para sobreviver o ataque do cavaleiro é ser avisado disso. A resposta está bem ali, na minha cara.

— Miriam… *Miriam* — Zara diz, estalando os dedos na frente do meu rosto. — Para onde você foi?

Meu olhar encontra o dela.

— Acabei de pensar numa coisa.

CAPÍTULO 42

Na calada da noite, me esgueiro da cama de Guerra, tomando cuidado para não acordá-lo. Ele está num sono profundo, a respiração saindo sibilante e constante dele.

As lamparinas na tenda estão todas apagadas, e tenho que tatear para encontrar as roupas que deixei separadas por perto. O mais silenciosa possível, eu as coloco, depois calço as botas. Por último, me armo e saio.

Meus guardas mortos-vivos ainda estão a postos, os olhos cegos encarando o nada. Mas assim que me pressentem, eles se aproximam.

Começo a andar, contornando a tenda de Guerra, e os zumbis entram em formação ao meu redor assim como fizeram mais cedo.

Preciso despistá-los.

Pelo menos não tem mais soldados vivos nessa região. É um obstáculo que consigo evitar.

A uma pequena distância da tenda de Guerra, tem um curral privativo. Dentro, tem um cavalo enorme com o pelo da cor de sangue derramado.

Deimos.

Algumas vezes Guerra deixa o cavalo vagar sem rumo, e outras, como hoje, o prende – separado dos outros cavalos, claro.

Durante a noite e sem a presença reconfortante de Guerra, Deimos parece muito mais assustador do que me lembro. Ele está

parado nos limites do curral, a cabeça virada em minha direção. Parece que estava me esperando.

Antes que perca a coragem, vou até o estranho corcel. Ele bate o focinho no meu queixo.

— Oi — sussurro, tentando parecer corajosa. Estendo a mão e acaricio do focinho do cavalo até entre seus olhos.

Ele mordisca meu cabelo, a ação me fazendo sobressaltar, mas o gesto parece afetuoso.

Talvez esteja imaginando as coisas, mas acho que o cavalo de Guerra pode *gostar* de mim.

Respiro fundo. Não sei muito sobre cavalos, só que podem ser criaturas peculiares. E desde que comecei a viajar com Guerra, vi uma boa quantidade de coices e mordidas. Se esses pôneis não gostam de alguma coisa, eles deixam *claro* seu desprazer.

Vamos descobrir o quanto este gosta de mim nos próximos minutos…

Pulo a cerca, e agora estou presa com ele. Vários segundos depois, os cadáveres que me cercam também cambaleiam para os limites do curral.

Maldição. Eu meio que esperava que a cerca fosse barrar os mortos.

Só agora percebo que uma garota humana, seis criaturas mortas-vivas, e um corcel selvagem todos apertados em um pequeno curral é sinônimo de desastre.

Entretanto, a reação agressiva que esperava do cavalo não acontece.

Ele ignora por completo os mortos nos cercando, em vez disso, vem na minha direção.

Acaricio o lado do rosto de Deimos.

— Vai me deixar cavalgá-lo? — sussurro.

Quando Deimos não me pisoteia, decido que posso fazer isso mesmo.

A sela está por perto. Tenho pouca experiência selando um cavalo, e um monte de receio de selar *este* cavalo.

Com certeza vou levar um coice. Deimos é um cavalo nervoso. Eu o vi chutar e morder e quase pisotear uma dúzia de homens desde que me juntei a este acampamento.

Mas conforme ergo o pelego e depois a sela, os colocando no lombo, ele não tenta me machucar. Eu me inclino embaixo dele para apertar o cinto, e este é o momento da verdade. Seguro o fôlego, esperando por algum tipo de retalhação equina. No lugar, ele move a cabeça impaciente, como se para dizer *se apresse*.

Enquanto isso, meus seguranças ficam parados impassíveis. Olho para eles, me perguntando se eles podem se comunicar com Guerra. Sinto um frio na barriga com o pensamento.

Ele está no décimo sono, eu me tranquilizo. Isso não me impede de dar uma olhada assustada na direção da sua tenda.

Quando termino de prender a sela, abro o portão, pego as rédeas e tento levar Deimos para fora.

O cavalo refuga até soltar as rédeas. Depois começa a sair sozinho, ganhando velocidade com cada passada.

No fim tenho que correr para seu lado e montar com pressa antes que me deixe para trás.

Por meio segundo, Deimos tenta me jogar para fora da sela, e tenho certeza de que é o fim do meu plano mal feito. Mas me seguro

no cavalo, e depois de alguns segundos, ele parece aceitar o fato que vou cavalgá-lo esta noite.

O trote aumenta de velocidade conforme saímos do acampamento. Ao nosso redor, meus seguranças mortos-vivos começam a correr, tentando acompanhar em vão. Mas o corpo humano só pode se mover tão rápido – mesmo um animado por mágica. Os cadáveres começam a ficar para trás, e espero desesperadamente que não vão se reportar para Guerra na hora.

Mal me desvencilhei dos meus seguranças quando escuto o sibilar de uma flecha passando.

Caralho. Eu me esqueci dos soldados que patrulham o perímetro do acampamento de Guerra. Como uma tola, presumi que tinham sido trocados pelos mortos. Mas não, eles ainda estão de guarda.

Outra flecha passa zunindo, e abaixo o corpo de modo que fico colada contra Deimos.

Escuto os gritos distantes, mas em algum momento, saímos do alcance das armas.

Escapo dos meus seguranças *e* do acampamento.

Solto uma respiração entrecortada.

Passo um completo.

Agora passo dois.

* * *

Demora mais de uma hora para chegar em Almançora. A cidade cresce como uma erva daninha do chão, os arredores não

são nada além de destroços sendo devorados pela natureza.

Os poucos postes de iluminação a gás que estão acesos revelam mais cascas quebradas de casas. Os prédios pequenos parecem lápides de túmulos, as paredes cheias de buracos de balas.

Está claro que teve um combate aqui, assim como em Jerusalém. Talvez a religião tenha sido o estopim, como foi para meu país, ou talvez foi outra coisa. Pessoas desesperadas com frequência são pessoas raivosas. E desde a Chegada, tantos de nós estávamos desesperados. É tudo o que precisa para começar uma guerra – raiva e desespero.

Quando entro na cidade em si, logo percebo duas coisas: Primeiro, Almançora é enorme – muito maior do que algumas das cidades que invadimos até agora. Segundo, apesar do tamanho, pode já ter sido abandonada. Vidros de janelas estão ausentes, prédios estão desmoronando, e as ruas estão cheias de destroços.

Entretanto, os postes a gás estão acesos, e alguém teve que os acender, o que significa que apesar de todas as aparências, as pessoas ainda moram aqui.

Meus olhos perscrutam a cidade sonolenta. Em menos de doze horas, um exército de milhares de pessoas vai invadir este lugar, queimando e matando e saqueando tudo o que ver. Mesmo nos bastidores da minha paixão e da gentileza de Guerra, ainda tem este fundo doentio no nosso relacionamento.

Soldados egípcios saem da escuridão assim como fizeram em Porto Saíde. E assim como em Porto Saíde, as armas estão em riste. Tem até um arqueiro, apontando a flecha para meu peito.

— Declare suas intenções — um deles exige.

Por um segundo, eu me pergunto se todo desconhecido entrando nesta cidade tarde da noite é recebido deste jeito. Não importa.

— Guerra está acampado a menos de vinte quilômetros da sua cidade — falo. — Em algumas horas ele e o exército de cinco mil pessoas vai entrar na sua cidade, e vão destruir tudo. — Os soldados não abaixam as armas.

— Como você sabe disso? — um deles pergunta.

— Sou sua… — *Esposa*. Mordo a língua para evitar soltar aquele título condenatório. — Sou um dos soldados.

Escuto o estalido da madeira conforme o arqueiro puxa a corda do arco. Um deslize dos dedos, e vou levar uma flecha no peito.

— Por que deveríamos confiar em você? — o arqueiro pergunta.

— Você não tem motivo para isso — admito —, mas estou implorando para aproveitar a oportunidade e evacuar o que pode da cidade.

Meus olhos se movem para a mesma. Ainda tem tantas pessoas aqui quanto tinham antes do apocalipse, não tem jeito que todos terão tempo de escapar. Mas alguns deles vão, e isso é tudo o que importa.

— Se você não quer problemas — um dos soldados diz —, sugiro que você volte por onde veio.

Por que ninguém nunca acredita em mim?

— Escutem — falo. — Os rumores sobre o leste são todos verdade. Guerra já devastou a Nova Palestina. Também vai

devastar aqui. Vi acontecer com várias cidades. Aconteceu com a minha.

Não posso ver na escuridão, mas os homens parecem céticos.

— Algum dos seus mensageiros desapareceu sem vestígios? — pergunto, tentando não parecer exasperada. — Os aviários tiveram problemas em entregar mensagens para certas cidades no leste?

Vejo dois homens trocarem um olhar.

— E o céu? Perceberam como está enevoado esses dias? Viram algum tipo de cinza flutuando no vento?

De novo, os homens trocam um olhar.

— O cavaleiro gosta de queimar as cidades e matar qualquer coisa que se aproxima delas. Seus mensageiros estão mortos, e as cidades ao norte e ao leste todas queimaram. Porto Saíde ruiu. E Alarixe também e a maioria… se não toda… da Nova Palestina.

Os soldados olham um para o outro, depois murmuram entre si. O arqueiro ainda está com a arma mirada em mim, mas até ele está escutando a discussão baixa.

No fim, chegam a algum tipo de conclusão.

— E se acreditarmos em você? — um diz, a contragosto. — E aí?

Por um momento, as palavras não registram. Acho que não esperava convencê-los. Não quando pareceram tão desconfiados.

— Não tem muito tempo — digo para os soldados. — Os homens de Guerra vão acordar em um hora, talvez menos, e vão começar a se mobilizar. Se as pessoas aqui têm esperança de escapar, vão precisar partir agora mesmo.

— Se você mentiu para nós — o arqueiro diz, ainda segurando o arco e flecha —, vai pagar por isso.

Infelizmente…

— Estou dizendo a verdade.

* * *

Quinze minutos mais tarde estou galopando pelas ruas de Almançora.

— *ACORDEM*! — grito, conforme passo. — Precisam evacuar! Guerra está vindo! — Eu me movo pela cidade, gritando várias versões da mesma coisa várias vezes até minha voz ficar rouca.

Essa foi a ideia que se formou quando me sentei com Zara e aquelas outras mulheres. Posso não conseguir lutar com o exército de Guerra, mas ainda posso avisar as cidades que o cavaleiro estava preparado para atacar, começando com esta.

Devagar, Almançora acorda. Lamparinas estão sendo acesas dentro das casas, e posso ver as pessoas se movendo, ou olhando para fora com curiosidade. Enfim, vejo famílias encherem as ruas, alguns com seus pertences.

Pauso um momento para observá-los.

Consegui avisá-los. Consegui.

Toco o bracelete, esfregando o polegar sobre a Mão de Miriam. Parte de mim se enche de orgulho. Eu consegui *ajudar* estas pessoas. Podem sobreviver a Guerra, tudo porque ousei me esgueirar e avisá-los do que estava por vir.

No meio do caos, escuto o barulho de cascos, e um cavalo e seu cavaleiro se aproximam de mim.

— Isso foi ousado de sua parte. — Eu me sobressalto com aquela voz grave e rouca. — Ousado e irresponsável.

Minha cabeça vai para o lado, e ali está Guerra, sentando sobre o cavalo de alguém, olhando para as casas e os residentes que fogem. Não parece bravo, mas a visão do seu rosto calmo e impiedoso me gela até os ossos.

— O-o que você está fazendo aqui? — declaro.

— Poupei o garoto da sua amiga em Alarixe, e poupei os sobreviventes em Porto Saíde, tudo para o seu coração mole — fala como se estivesse conversando. — Estava até disposto a encontrar sua família para você.

Minhas mãos começam a tremer. Sou esperta demais para confiar sua voz estável.

Ele volta o olhar impiedoso para mim.

— E é assim que você me retribui?

Estar com Guerra me levou para um falso senso de realidade, um onde me trata com benevolência e faz vista grossa para minhas ações.

Minha nuca formiga. Acho que o entendi errado.

Eu me forço a erguer o queixo. Estamos além de desculpas ou explicações. Não estou arrependida do que fiz, e nada nesta terra vai tirar essa mentira dos meus lábios.

Ele escrutina meu rosto. O que vê faz o canto da sua boca se curvar para cima.

O frio dentro de mim se expande, chegando nos meus braços, depois minhas pernas.

— Sabia que você seria um problema — fala. — Mas agora, você deve me ver por quem realmente sou.

Ele ergue uma mão…

— *Não*.

Deus, não. Qualquer coisa menos isso.

Guerra me ignora, esticando o braço, como se para pegar o horizonte escuro.

À nossa volta, as pessoas estão se movendo para a rua. Quero dizer que não vejo os velhos e os jovens e todos entre eles, mas todos estão entre as massas deixando as casas. Alguns deles olham em nossa direção, mas nenhum parece fazer ideia que tem um demônio entre eles.

— Por favor, Guerra — imploro, esticando o braço para sua mão. — Você não precisa sabotar isso.

— Não estou sabotando *nada*. Você desafiou minha vontade, agora *eles* irão sofrer por isso.

— *Por favor* — repito. Uma lágrima horrorizada escorre pela minha bochecha.

Abracei este homem nu ao meu lado. Ele me salvou da beira da morte e trouxe à tona sentimentos que ninguém mais conseguiu.

É capaz de gentileza, de bondade. Vi mais de uma vez.

— *Por favor*. — Minha voz quebra. — Isso não é você.

Mas não é? Não é assim mesmo quem e como ele é?

Guerra me ignora, e sob nós, a terra começa a estremecer. O cavalo em que ele está começa a se mover nervoso.

— *Não* — repito, dessa vez mais desamparada.

Desmonto de Deimos e dou vários passos instáveis conforme a terra se move sob meus pés. Ao meu redor, escuto as pessoas

gritarem conforme seguram uns aos outros.

Olho por cima do ombro para Guerra, mas seus olhos ficaram desfocados. Ele não está aqui, mas sim em *outro lugar*. E não parece em nada com o homem com o qual passei a me importar.

A terra abre ao meu redor, e corpos brancos como ossos saem do chão. As pessoas gritam assim que veem os mortos se levantando. Não tem muitos mortos nesta área da cidade, mas ao longe, escuto os gritos crescentes. Deve ter um cemitério próximo ou algum tipo de vala coletiva.

E agora a compreensão fria me toma: Almançora deve ter passado por uma guerra bem recente, julgando pela aparência da cidade. E na guerra, tem muitas casualidades… casualidades cujos corpos podem ter sido enterrados dentro da cidade.

Os mortos ao meu redor atacam os vivos com agilidade sobrenatural.

Eu me viro para Guerra.

— Pare!

Nada.

Vou até ele.

Seu cavalo já está meio assustado. Pondero assustar o corcel até o delírio antes de decidir me forçar a subir no cavalo.

Estou maluca, penso, ainda mais quando a montaria de Guerra ergue as patas dianteiras em aviso. Mas me agarro o suficiente na sela para pegar a armadura de Guerra, e então começo a arrastar nós dois de volta para a terra.

A ação é o suficiente para terminar de assustar o cavalo. A montaria do cavaleiro relincha, jogando a mim e Guerra do lombo. Meio segundo mais tarde, o cavalo dispara no meio da confusão.

Guerra está embaixo de mim. O braço não está mais erguido, os olhos não estão mais vidrados. Ainda assim, os mortos não desmoronam de volta para a terra. Qualquer poder que ele usou, não serão impedidos apenas com distração.

Eu me inclino sobre ele, seguro seu rosto.

— Por favor, Guerra. Por favor, encontre sua compaixão. Por favor, pare.

— Não vou parar, esposa. Eu *nunca* vou parar. É você que deve se *render* para o meu jeito. — Aquela maldita palavra.

Eu me afasto dele, de repente enojada com o pensamento de tocá-lo. De me importar com ele. Ele é uma praga e um terror para meu mundo.

Ao meu redor, a cidade está alcançando o caos completo. Os mortos matam os vivos, e todas as pessoas que morrem só ficam imóveis por um segundo ou dois. Depois se erguem outra vez como um morto vingativo. Eles se voltam contra os vivos, atacando as pessoas que procuraram proteger apenas segundos antes.

Maridos mortos matam suas esposas, pais mortos matam seus filhos, vizinhos mortos matam os amigos. Uma vida de relacionamentos – profundos e significativos – viram armas em um segundo.

Mal registro as lágrimas que escorrem pelo meu rosto. Como merecemos isso? O que podemos ter feito para merecer isso?

Os mortos ignoram por completo a mim e Guerra. É quase surreal, e por um segundo, eu me lembro como era assistir televisão. Ser uma mosca na parede enquanto uma grande cena se desenrolava ao redor. Assistia, como um espectro, mas nunca era tocado por isso.

Eu me forço a ficar de pé. Em transe, tiro o arco do ombro, e pego uma flecha. Começo a atirar nos mortos recentes.

Uma mãe, um avô, um marido, uma filha, um vizinho. Eles mal reagem à flechas que os atravessam. Continuo a atirar, mesmo enquanto choro. Atiro até não ter mais flechas para atirar. E ainda assim os mortos continuam a matar.

Pego a adaga da bainha e entro no combate. Os mortos-vivos não lutam contra mim. Eles se partem como o Mar Vermelho, se movendo ao meu redor para caçar mais inocentes. Não consigo chegar nem perto o suficiente para afundar a lâmina na pele deles.

Eu quero gritar.

— Você acha que não saberia da sua traição — Guerra grita atrás de mim.

Eu me viro para encarar meu marido *divino*, e estou tremendo com toda minha raiva e angustia.

— Você ainda não tinha nem deixado o acampamento quando meus homens me contaram. — Ele começa a se aproximar com calma, ignorando a carnificina ao seu redor, mesmo quando sangue espirra na sua roupa preta. — Como minha esposa escapou… no meu cavalo ainda por cima.

Só tem uma coisa nesse mundo que ele vai poupar, uma coisa que ele não pode aguentar perder. Um jeito que vai parar.

Medo passa por mim.

Seja corajosa.

Eu deixo que se aproxime. É só no último minuto que levo a adaga para minha garganta.

Guerra para, ainda longe demais para pegar minha arma, mas perto o suficiente para vê-la pressionada na minha pele. Os olhos

dele se arregalam, só por uma fração de segundo. O cavaleiro não antecipou isso.

— *Miriam*. — Ele usa sua voz ameaçadora, a que te faz querer se mijar. E ainda assim, tem um lampejo de medo em seus olhos.

Neste segundo, estou imprudente demais para me importar com qualquer um dos dois.

— Pare o ataque — exijo.

— *Não* serei ameaçado — ele avisa.

Afundo um pouco mais a faca, até sentir uma pontada afiada e sangue quente escorrer pelo meu pescoço do ferimento.

Os olhos do cavaleiro seguem o fio de sangue, e agora parece um homem observando a areia escorrer pela ampulheta.

Mas sou *eu* ficando sem tempo. Os gritos estão parando agora; os mortos sobrepujaram os vivos. Não vai durar muito mais.

— Deixe-os viver — falo. Acho que voltei a implorar.

Ele não deixa.

Não deixa, e sinto meu coração se partindo. Eu nem sabia que *poderia* se partir. Não por Guerra.

Não posso convencê-lo. Estamos mesmo perdidos.

Sinto minhas lágrimas escorrerem mais rápido agora, cada uma pingando do meu rosto. Anuvia a silhueta do cavaleiro, o que deve ser responsável pelo fato dele se aproximar.

Em um segundo, está pairando na minha frente. Ele envolve uma mão no punho da faca e tenta puxá-la de mim. Está sendo gentil demais, contendo sua força, e em vez de entregar a faca, eu me movo com ela, cambaleando no corpo de Guerra de forma que agora segura a mim e a lâmina. O fio dele ainda corta minha pele.

— Vá em frente — falo, o provocando. — Foi tão fácil matar todos eles. Mate-me também.

Agora ele usa sua força sobre-humana. Guerra arranca a sua antiga adaga da minha mão, e vejo fúria em seus olhos.

— Você está *maluca*, esposa! — ele diz.

— Você não pode — falo, apesar de já saber disso. — Você está tão certo da sua causa, e ainda assim não pode me matar.

— Claro que não posso, Miriam. Deus me deu você! — ele berra. — Não desperdice sua vida para provar alguma coisa! Eu prometo que não a terá de volta.

— Você acha que não sei disso? — sussurro.

O cavaleiro me segura, bravo demais para encontrar palavras. Deimos ficou por perto, e Guerra vai até a criatura, me levando também. Ele me ergue no cavalo.

Apenas horas atrás este homem estava dentro de mim. Eu me lembro dos seus olhos nos meus; ele olhou para mim como se eu fosse algum estranho milagre. Aquele era o sonho. Esta é a realidade.

Ele não se juntou a mim no cavalo ainda, e olho para ele conforme o resto da cidade rui, os gritos se silenciando, um por um.

— Você só está disposto a seguir o seu Deus quando não tem nada a perder — falo. — Mas quando tem, *aí* você o desafia? Você não é um salvador trágico, é um monstro de vontade fraca.

CAPÍTULO 43

Nós cavalgamos em silêncio por muito tempo, durante o qual Guerra tentou tocar o ferimento no meu pescoço duas vezes, só para que eu batesse em sua mão para afastá-la. Parece muito com ceder, deixar o cavaleiro me curar.

— Não vou parar de tentar avisá-los — falo para a escuridão. — Vai precisar me matar primeiro.

— Compreendi isso — ele diz.

Não sei o que fazer disso. Mas pelo menos os limites de batalha foram oficialmente traçados.

— Poderia matá-los em um instante, sabia — Guerra diz, do nada. — Cada cidade, cada nação. A humanidade não teria chance.

Eu não reajo. Acho que estou entorpecida.

— Estou acostumado a fazer estas coisas — Guerra continua.

Olho para o horizonte escuro, nojo passando por mim.

— Acordei há uns dois anos — começa —, na parte sul do Vietnã. Na época eu não tinha exército, só os mortos que arrancava do chão. Mas era o suficiente. Era *mais* do que suficiente. Cada cidade que encontrava era dizimada em horas.

Cerro o maxilar para me impedir de dizer a ele o monstro que é outra vez. Ele sabe. Posso ouvir em sua voz.

— Não mato mais assim. Apesar do meu desejo por batalha, tem uma parte de mim… uma parte crescente de mim… que tem problemas com essa tática.

Então você apenas nos mata mais devagar, quero acusá-lo, mas qual o sentido? Prefiro não perder o fôlego discutindo com Guerra sobre o método de matar as pessoas quando o meu problema é o fato que *está* matando as pessoas.

Ele fica em silêncio outra vez, e nós passamos o resto da viagem taciturnos.

Quando chegamos no acampamento, ainda está escuro, ainda está silencioso como o túmulo.

Aperto os olhos fechados. *Não pense em túmulos.*

Alguns soldados em serviço nos observam curiosos conforme passamos.

Parece errado estar de volta aqui. Como se toda a viagem tivesse sido um sonho tenebroso.

Guerra para Deimos na frente da tenda. Ali, os mortos-vivos nos esperam, e eu *tremo* ao vê-los.

Sei do que são capazes. Vi em primeira mão apenas horas atrás.

Guerra desmonta do corcel, a luz da tocha fazendo as peças douradas no seu cabelo brilharem.

Quando não o sigo, ele estica o braço para mim e me tira do corcel.

Por um segundo, acho que vai me abraçar. Tem um olhar em seus olhos, como uma meia desculpa, e quase acredito. Mas o abraço não chega.

Ele segura meus braços, a expressão feroz.

— Se fosse qualquer outra pessoa, esposa — fala, a voz baixa. — Eu a mataria por suas ações.

Ergo o queixo.

— Então me mate e me liberte — falo, a voz vazia.

Suas mãos em mim se apertam.

— Maldição, mulher — fala, me balançando. — Você não sente um *grama* do que sinto por você? Estou dizendo isso porque eu *não* poderia… *nunca* poderia matá-la. Posso destruir uma civilização inteira, mas não você, Miriam. Não pelas centenas de desfeitas que você pode me fazer. Prefiro *cortar minha própria mão* do que matá-la.

Estou piscando para conter lágrimas, e estou com raiva e triste e frustrada e de coração partido tudo ao mesmo tempo.

— Então corte — ralho para ele, sentindo o veneno das minhas emoções em minhas veias. — E ao fazê-lo, garanta que é o braço da espada.

Sei que estou sendo cruel. No momento, eu me deleito com isso. É bom machucar o cavaleiro quando nada e ninguém mais pode.

As palavras encontram o alvo. Guerra me solta, parecendo chocado, os olhos mais expostos do que de costume.

Agora que ele me soltou, rodopio e me afasto pisando firme.

Só dei cinco passos quando um dos mortos-vivos pairando por perto trota até mim. Olho para Guerra por cima do ombro.

— Você vai ficar comigo esta noite, assim como faz todas as noites. — A voz dele é grave, controlada. Agora, ele é cem por cento o cavaleiro, determinado a destruir meu mundo.

— Pro inferno que vou — respondo.

O zumbi se aproxima o suficiente para me fazer recuar com o cheiro, mas é Guerra que chega tão perto que o peito roça no meu.

Ele inclina a cabeça para mim.

— Estou dando sua dignidade agora. — Guerra se aproxima. — E algo me diz que ainda tem muita dignidade em si. Não force meu morto a jogá-la sobre ombro. Agora, entre na nossa tenda.

Eu o fuzilo por um segundo ou dois. Meu corpo quase treme com a necessidade de desafiá-lo. Mas o cavaleiro já provou uma vez esta noite que não posso escapar.

Corro mesmo assim.

Desafio – até mesmo o fatalista – é bom.

Não percorro nem dez metros antes de um dos seus soldados mortos-vivos me derrubarem. Sou empurrada para o chão, depois erguida nos braços do cadáver.

Xingo ele, Guerra, Deus, e todas as outras pessoas inúteis no acampamento. Estou enlouquecida de raiva. O cavaleiro devastou uma *cidade* inteira só com sua vontade. E foi a pior coisa que vi na vida.

Tudo porque tentei salvá-los primeiro.

Meus xingamentos viram soluços. O zumbi me carrega o caminho inteiro até a tenda de Guerra, onde o cavaleiro já está esperando.

— Eu odeio você, seu babaca — falo quando sou jogada no chão.

Guerra não responde. No lugar, ele se move pela tenda, removendo todas as armas que guarda dentro da sua casa. Ele entrega todas para o cavaleiro morto-vivo.

— Guarde-as em um lugar seguro — fala para a criatura. — E quando terminar, traga água quente para a banheira.

Não me levanto do chão, mesmo quando o soldado sai com as coisas de Guerra. Ainda tem mais armas na tenda de Guerra, e o

cavaleiro continua a limpar o quarto delas até todas estarem empilhadas.

— O que você está fazendo? — questiono.

— Não confio em você com objetos afiados no momento. — Então está se livrando deles.

— É inteligente de sua parte — falo baixo —, porque no momento que fechar os olhos, vou tentar apunhalar você.

O cavaleiro parece um pouco divertido quando vai para a mesa e se serve de um copo de destilado. Pelo menos, sua expressão *parece* divertida. Seus olhos estão sérios.

Ele dá um gole na bebida.

— Posso me levantar como meus mortos. Você não pode. Aí está o meu problema.

Preciso de um segundo para compreender o significado de suas palavras. Quando compreendo, ergo as sobrancelhas.

— Acha que vou tentar me matar?

Guerra me observa, o rosto impenetrável.

O cavaleiro engole o resto da bebida, depois se serve de outra e se ajoelha na minha frente para me entregar o copo. Quando não o pego, ele suspira e o bebe.

— Por que você se importa se eu me matar? — pergunto de onde estou sentada. Meu humor ainda está fervendo, mas agora, curiosidade está ganhando do ódio.

Guerra se levanta e volta para a mesa, se servindo outra vez. De novo, volta para o meu lado e a oferece para mim. Hesito, depois me levanto e pego o copo de sua mão.

— Isso não é uma oferta de paz — afirmo. Ele não pode comprar meu perdão. Não depois do que vi e do que ele fez.

— Não pretendo que seja uma.

Eu me movo até a mesa e me sento. Não sei por que estou facilitando as coisas. Guerra acabou de fazer a pior coisa que já vi na vida. Mas aí tudo o que aconteceu depois daquele evento divergiu do roteiro apropriado. Deveria matá-lo, e ele deveria me punir, entretanto nada disso está acontecendo.

Guerra serve-se de outra bebida, depois senta-se na minha frente.

O soldado morto-vivo volta para dentro da tenda, carregando uma jarra fumegante de água. Em silêncio, ele a despeja na banheira no fundo da tenda, depois sai, parando apenas para pegar mais das armas que Guerra colocou naquela pilha.

— Como você pode querer que todos morramos? — pergunto.

— Não quero que todos morram.

— Certo, é seu chefe que quer acabar com a gente.

— Acredite ou não — Guerra diz, parecendo cansado —, tem outras criaturas neste planeta que valem a pena serem salvas… criaturas que os humanos extinguiram sistematicamente. Você já considerou o fato que mesmo que sejam os filhos favoritos de Deus, não são os únicos?

— Então você está fazendo isso pelos mosquitos? — Deveria ser engraçado, mas ainda estou tão brava que quero jogar minha bebida na parede da tenda.

— Tiveram vários eventos de extinção neste planeta, Miriam. E antes dos meus irmãos e eu aparecermos, o mundo estava a caminho de outro… tudo graças aos humanos.

Então estamos sendo mortos para proteger todo o resto que vive nesta pedra. Odeio que o babaca consegue soar altruísta

depois dos eventos desta noite.

— Sua própria natureza é falha — Guerra continua. — Inquisitiva demais, egoísta demais. E brutal demais. Muito brutal. Mas não, Miriam, não quero que todos os humanos morram. Minha essência surge da natureza humana. Sem humanos, eu não existo.

Um arrepio desce pelos meus braços. Com cada golpe da sua lâmina, o cavaleiro está se matando.

— Então você não se arrepende desta noite — falo.

— Não posso mudar minha tarefa, esposa. — Seus olhos marcados com kohl tem um peso secular.

— Pode decidir não cumpri-la — digo.

— E por que faria isso? — desafia.

— Porque sua esposa está implorando.

Guerra para um pouco com a palavra *esposa*. Não é comum eu reconhecer o que sou para ele. Sei que ele acha que significa que acredito neste nosso casamento estranho, e talvez eu estivesse começando a aceitar a possibilidade. Mas agora só falo isso porque sei que o afeta de um jeito que poucas coisas podem.

— Os humanos tem o luxo de serem egoístas, Miriam… mas eu não.

Não parece egoísta, tentar poupar incontáveis pessoas do massacre, mas também posso ver no olhar afiado de Guerra que esta noite, minhas palavras encontra ouvidos surdos. Minhas emoções estão muito envolvidas, e ele está muito determinado na sua causa para ser convencido.

Dou mais um gole na bebida. O soldado morto voltou para dentro, trazendo mais água quente para a banheira e levando mais um punhado de armas ao sair.

O banho é para mim, sei sem precisar perguntar. Então termino minha bebida e deixo a mesa, me despindo a caminho da banheira. Não ligo para o que Guerra vê, nem me importo no momento se o cadáver vai voltar e ver meus peitos. Um pouco da minha raiva esvaneceu, mas só para um tipo terrível de torpor tomar seu lugar.

Entro no banho raso, e começo a me limpar porque cheiro a um cadáver. Fico de costas para o cavaleiro, não estou interessada em vê-lo ou conversar com ele ou interagir de nenhuma maneira. No meio da minha limpeza, o zumbi volta e não me importo em me cobrir. Não importa; seus olhos cegos não olham para absolutamente nada ao completar sua tarefa.

— Então é isso, esposa? — A voz de Guerra ecoa. — Vai fingir que não existo?

— Isso seria impossível — falo, tão baixo que não sei se escuta.

A cadeira do cavaleiro arrasta no chão, e penso por um segundo que vai se aproximar. Depois de uma pausa, no entanto, seus passos vão na direção oposta. As abas da tenda farfalham, e depois Guerra desaparece.

Eu me seco no silêncio soturno da tenda do cavaleiro. Estou muito sozinha, mas ainda posso sentir os olhos do cavaleiro em todos os lugares. Sei que seus mortos pairam do lado de fora da tenda, esperando que eu fuja.

Jogo a toalha sobre uma cadeira e coloco roupas limpas – roupas que outra pessoa lavou e secou e dobrou. Roupas que não são minhas e não parecem minhas, assim como o resto deste lugar.

Depois eu volto para a mesa de Guerra e me sirvo de outra bebida, meus olhos indo para a lamparina tremeluzente.

Guerra é um tolo se acha que lâminas são o único jeito de se morrer. Toda essa lona, todas estas chamas abertas. Fogos surgem no acampamento toda semana. Seria muito fácil começar um aqui e deixar as chamas terminarem o que começaram naquele prédio.

Mas não derrubo uma lamparina ou coloco fogo nas paredes. Não quero morrer, apesar da minha bravata mais cedo.

Fecho os olhos, uma lágrima escapando, e depois dou outro gole no destilado. E depois mais um. Quero esquecer cada memória desagradável desde que os cavaleiros chegaram.

Não posso. Já sei que não posso, e ficar bêbada só vai me fazer sentir pior. Nenhuma quantidade de álcool pode apagar o que vi. Afasto o copo.

Estou vivendo no meio de uma extinção.

É o que isso é. Só que em vez dos humanos acabarem com o mundo inteiro consigo, os cavaleiros decidiram que seríamos apenas nós que morreríamos. Nós, humanos ruins.

Eu me levanto, e me deito na cama de Guerra, ignorando o jeito que cheira como ele. Meu corpo está cansado, meu coração está cansado, e um pouco depois, fecho os olhos e pego no sono.

Acordo algum tempo depois pelo cavaleiro, que se junta a mim na cama, um dos braços envolvendo minha cintura.

Enrijeço em seus braços. *Não estou pronta para isso.*

Tento me afastar, mas ele me segura firme. Ele tem que forçar tudo, ao que parece.

Essa porra de noite interminável.

— Você está nos meus braços, ainda assim sinto que está longe, bem longe de mim — Guerra diz. — Não gosto desta distância, esposa.

Pelo menos ele sente como estou remota. O cavaleiro pode me parar de deixar seu lado de maneira física, mas não pode evitar que recue emocionalmente.

Nós dois ficamos assim durante horas. Acho que nenhum de nós dorme, mas também não nos levantamos.

Um abismo se abriu entre nós – ou talvez sempre esteve ali, mas agora não pode ser ignorado.

Quando os primeiros sons de homens se levantando interrompem o silêncio do lado de fora, Guerra remove a mão a contragosto e se senta. Eu o escuto suspirar.

De acordo com o resto do acampamento, vão invadir Almançora hoje. Nenhum deles sabe que Almançora já foi tomada e expurgada de seus vivos. Tudo o que restou é invadir as casas e roubar os bens dos mortos.

Estou curiosa com como Guerra vai lidar com isso. Tão curiosa, na verdade, que depois que o cavaleiro se levanta da cama, paro de fingir que estou dormindo e também me sento.

Ele vai para a armadura de couro, que organizou perto do palete. A espada enorme está ao lado dela, a lâmina monstruosa em sua bainha carmesim. Estou meio surpresa que ele trouxe a lâmina para a tenda depois do grande cena que fez ao remover todas as armas deste lugar.

Um pensamento sombrio e desesperado me toma com a visão daquela espada.

Presa nos anzóis da minha própria mente, eu me levanto e vou até a lâmina, atraída por ela.

Guerra para no meio de colocar a chapa do peitoral, os olhos fixos em mim. Ele removeu todas as armas menos uma deste quarto, e agora sua esposa está se aproximando dela. Sei que as preocupações da noite passada de eu tentar me ferir estão se fazendo presentes, mas ele não pega a lâmina.

Eu me ajoelho na frente da espada. Segurando o punho, puxo um pouco a arma da bainha. Marcado no ferro, tem mais daquele escrito estranho que decora os dedos e peito de Guerra. Estes caracteres não brilham, mas posso ver que é o mesmo idioma. O idioma de Deus.

— Miriam. — É um aviso.

Olho para Guerra, e tem uma intensidade nos seus violentos, violentos olhos.

— Eu não vou me matar — falo.

Ele não relaxa, e meio que gosto do seu desconforto.

Voltando-me para a lâmina, passo os dedos pelas marcas estranhas. Depois, parecendo por vontade própria, meus dedos passam no fio da lâmina.

— *Miriam*. — Meu último aviso.

Passo o polegar pelo gume, depois xingo quando sinto o aço cortar minha pele. Essa porra é *afiada*.

Coloco o dedo na boca ao mesmo tempo que o cavaleiro tira a arma da minha mão.

— Ela gosta do sabor do sangue — Guerra diz, como se a arma pudesse criar dentes e me comer.

Ele termina de colocar a armadura, ficando entre mim e a espada. Por último, prende a lâmina nas costas.

Do lado de fora, o barulho está aumentando.

— Eu preciso ir. — Guerra se aproxima. Posso ver que quer me beijar, ou pelo menos me tocar, mas não o faz. O cavaleiro pode não ser humano, mas entende o suficiente de desejos humanos para saber que precisa manter distância de mim. Ainda assim, seus olhos parecem arrependidos.

Ele espera um momento ou dois para que eu diga alguma coisa, e penso nisso…

Espero que não volte.

Que seus inimigos o derrubem.

Apodreça na miséria, *babaca*.

Mas minha raiva quente há muito se foi, e é difícil reunir a energia para continuar brava.

Guerra se demora o bastante para ver que não vou dar nenhum tipo de despedida alegre. Com um último olhar pesado para mim, ele deixa a tenda, a lona farfalhando atrás dele.

Nunca tive uma resposta para minha pergunta inquietante: como Guerra vai lidar com hoje?

Eu consegui, entretanto, a resposta para uma pergunta que *não* tive intenção de fazer.

Olho para o corte no meu polegar. Uma gota de sangue ainda surge ali. Sorrio um pouco com a imagem, depois esfrego o sangue até sumir.

CAPÍTULO 44

Não vejo Guerra outra vez até a noite. A essa altura, a celebração da invasão está a todo vapor, os tambores de guerra soam uma melodia hipnótica.

Não importa que a invasão de hoje era inútil. Todas as pessoas ali fora parecem alegres.

Eu me movo pelos limites da multidão, as pessoas saindo do caminho conforme meus seguranças mortos-vivos empurram o caminho pela multidão.

Meus olhos vão para Guerra, que está sentando no trono, com uma carranca no rosto. Guerra me vê do seu trono, os olhos semicerrando. Ele se levanta, e a multidão inteira parece reagir com a aquela única ação.

Eu o encaro. Não posso evitar. E meu coração, meu teimoso e horrível coração parece acelerar. É sempre amor e guerra conosco.

Ele não vai parar. Ele nunca vai parar.

Atravesso a multidão, observando conforme se parte para mim e meus acompanhantes grotescos.

Guerra deixa o palanque, nós dois nos encontrando no meo do caminho.

Antes que possa dizer ou fazer qualquer coisa, ele me beija. É tão, tão ousado da parte dele, considerando de onde paramos. E agora tudo que o acampamento presumiu sobre nós foi confirmado. Caso ainda não fosse superaparente.

— Onde você estava? — pergunta o cavaleiro, interrompendo o beijo. Mas não é uma pergunta de verdade. Seus mortos me protegeram o dia inteiro; Guerra deve ter alguma ideia de onde estavam – e assim de onde eu estava. Que era na seção feminina.

— Você me ama? — pergunto a ele.

As sobrancelhas se unem, os olhos se movendo entre os meus. Ele tem uma beleza tão severa.

A mão dele vai para a junção do meu ombro e meu pescoço, e aperta de leve.

— Ama? — repito.

— Ainda não pode ver? — fala, tão baixo que quase não escuto.

Respiro, trêmula.

— Então pare com as mortes — falo. — Por favor. É tudo o que peço de você.

— Está me pedindo para abrir mão de *tudo*. — Guerra parece sentir dor com o pensamento de parar de matar.

Ele *é* a batalha em pessoa. Posso estar pedindo para que faça mais do que parar um simples hábito. Posso estar pedindo para negar uma parte essencial de si.

— Por favor…

A expressão dele endurece.

— *Não*. — O tom é absoluto, inflexível.

Sabia que não cederia. Sabia e ainda assim parte meu coração outra vez.

Sem outra palavra, eu o deixo, sua mão grande escorregando do meu ombro. Atravesso os corpos pululantes, minhas narinas

ardendo com o cheiro de suor e podridão que parece cobrir a região. Meus seguranças se juntam ao meu redor.

Cedi muitas coisas para Guerra. Tantas. Demais.

Seja corajosa.

Não tem para onde ir. Nenhum lugar para escapar desses horrores. Nem mesmo tenho minha própria barraca. Eu quero gritar.

Pondero deixar o acampamento por completo – não que daria certo, mas ainda pondero. Olho para o polegar, onde o corte desta manhã se curou. Ir embora seria tolice; já fiz planos para esta noite.

Volto para a barraca de Guerra, o único lugar que meus seguranças zumbis não me seguem. Quando entro, meus olhos percorrem o espaço.

Ainda não tem armas aqui dentro, incluindo minhas flechas.

Atrás de mim, escuto o barulho das abas da tenda se abrindo.

— O que foi isso? — A voz de Guerra está baixa e ameaçadora.

Meus olhos arregalaram. Não pensei que deixaria as celebrações mais cedo. Nunca deixa.

Eu me viro e ele vem na minha direção.

— Você quer ficar comigo, mas não está disposto a fazer nenhum sacrifício — declaro.

Estou pronta para recomeçar de onde paramos.

Guerra se aproxima.

— Não estou aqui para *fazer sacrifícios*, Miriam. Estou aqui para *tomar*. Qualquer noção humana que você tem sobre relacionamentos, deixe-as de lado; não se aplicam a nós.

Minha raiva da noite passada retorna, e explode tão quente que estou quase tremendo. O cavaleiro ainda está me desafiando

com os olhos.

Então vou embora. Vou embora e passo o resto do que com certeza será uma vida curta tentando esquecê-lo.

Seguro as palavras.

No lugar, empurro seu peito. O corpo mal oscila.

O cavaleiro dá um sorriso sombrio para mim.

— Mesmo derrotada, você tem tanto fogo em si. Vi vilas que queimam com menos ardor.

Eu o empurro de novo… e de novo e de novo. Não paro até ele segurar meus pulsos.

Ele me puxa para perto e depois me beija, os lábios ferozes e implacáveis. Este é o Guerra de que me lembro. Ele é todo poder e possessão.

Eu cedo ao beijo, tentando não pensar em nada além dos meus lábios se movendo. É difícil beijá-lo, difícil me equilibrar nesta linha entre desejo e raiva.

Ele é um inferno – a boca quente na minha, os dedos hábeis puxando minha roupa.

Guerra me joga no palete, depois se ajoelha entre minhas pernas.

— Tem alguns sacrifícios que *posso* fazer.

Ele desabotoa minhas calças e as puxa junto com minha calcinha, levando meus sapatos e meias junto. E depois sua boca encontra meu núcleo.

Passo os dedos no seu cabelo, segurando as mechas escuras com força o suficiente para doer. Inclino seu rosto para me encarar.

— Não quero ver o que você pode me dar — vocifero, ainda brava, muito, muito brava. — Me mostre os benefícios de *tomar*.

Com um sorriso malicioso, ele mostra.

* * *

Espero até Guerra dormir.

Pensaria que um imortal como ele – um que em teoria não precisa descansar – aprenderia a ficar acordado, morando com uma mulher como eu. Mas não aprendeu – ainda. Para ser justa, fiz tudo em meu poder para garantir que ele dormisse esta noite.

Agora eu me solto dele com cuidado, me levantando para colocar minhas roupas e meus sapatos.

Atravesso o quarto e em silêncio abro um dos baús de Guerra. Dentro, entre as coisas do cavaleiro, está uma corda que encontrei mais cedo. Em silêncio, a pego e volto para o outro lado da tenda.

A voz da minha mãe ecoa no meu ouvido.

Miriam, não faça isso… não posso dizer o quanto sua ideia é estúpida.

Coloco a corda na mesa e vou para a pilha de roupas que Guerra deixou. Sobre ela, está a espada embainhada. Talvez pretendesse guardá-la, mas o sexo e depois o sono o distraíram. Pego a arma, e…

Puta merda, essa porra de arma é *pesada*. Não posso acreditar que ele balança essa coisa por aí o dia inteiro.

Com cuidado, removo a espada da bainha. A lâmina canta quando deixa a proteção.

No palete, Guerra se move.

Mordendo o lábio inferior para evitar fazer barulho, observo o cavaleiro se acomodar outra vez. A respiração aprofunda e eu

relaxo.

Em silêncio me aproximo do cavaleiro, usando as duas mãos para carregar sua arma enorme. A cabeça de Guerra está virada para longe de mim, e por isso sou grata. Não quero ver suas feições suavizadas pelo sono. Com certeza perderia a coragem.

Eu me aproximo da cama. Os lençóis param na cintura de Guerra; o resto do seu corpo nu está exposto a luz baixa da tenda. As tatuagens no peito brilham carmesim contra sua pele morena.

Enquanto observo, ele se move no sono, voltando a olhar para mim.

Encaro seu rosto, a espada na minha mão parecendo impossivelmente pesada. O kohl marcando os olhos de Guerra está borrado; quase posso ver onde meus dedos passaram, e agora suas feições estão tão suaves. Ele parece muito humano.

Humano demais.

Eu não posso fazer isso.

Claro que não posso. É uma coisa lutar com alguém na batalha ou em autodefesa. Outra é calcular a sangue-frio… *isso*.

Meu pé recua um passo, sem querer chutando um jarro de água posicionado perto da cama – o que eu costumo beber quando fico com sede a noite.

O som grave e ressonante é ensurdecedor no quarto silencioso ao cair e se derramar pelo tapete.

Caralho.

Os olhos de Guerra abrem de supetão, e é tarde demais para recuar agora. Sua espada está na minha mão e estou pairando sobre ele. É tarde demais para desfazer meus planos como estava prestes a fazer.

— Miriam — o cavaleiro diz, a testa franzindo ao me observar e depois a espada. Parece irremediavelmente confuso.

Pensaria que reconheceria traição mais rápido do que isso. É muito familiarizado com ela.

Ele confia em você, a esposa dele, em absoluto.

Usando as duas mãos, aponto a espada para o esterno do cavaleiro.

O torpor de Guerra está desaparecendo, junto com sua confusão.

— O que você está fazendo, esposa?

— Você vai parar de caçar nós, humanos. Nada mais de invasão, nada mais de massacre. Qualquer tarefa que esteja cumprindo, acaba esta noite.

Agora ele está acordado.

— O que é isso? Uma ameaça? — O cavaleiro ergue as sobrancelhas de onde está deitado. O olhar dele se move por mim, e posso ver que está procurando um motivo, *qualquer* motivo, para explicar minhas atitudes.

Eu não me movo, apenas mantenho a lâmina firme apontada para o peito dele, apesar dos meus pulsos estarem doendo com o esforço.

A boca dele se curva em um sorriso zombeteiro, mas não chega em seus olhos.

— E se disser não, então o quê? Vai me *matar*?

Sim.

Ele olha para mim, e sua expressão muda só um pouco. Vi esta expressão nele antes, quando homens ousaram traí-lo.

Guerra se senta um pouco, se apoiando nos antebraços apesar de trazer a lâmina muito perto da sua pele. Ele não está preocupado. Nem um pouco. Eu me esqueci disso da última vez que o ameacei com uma arma. A dor não o assusta.

— Pensou bem sobre isso, esposa? — pergunta.

Pensei que tivesse, mas…

— Porque se pensou — continua —, então vai saber que só vou ficar morto por pouco tempo — fala. — E quando estiver vivo outra vez… — Ele me dá um olhar duro. — Minha ira, quando provocada, é *insaciável*.

Já posso sentir essa ira crescendo atrás de seus olhos, aumentando com cada segundo que passa.

Minha respiração falha e meu pulso é como o bater de tambores nos meus ouvidos. Suas palavras me fazem hesitar. Mas aperto a mão no punho e pressiono a ponta da espada na sua pele, minha determinação aumentando.

— Concorde com isso — exijo. Uma gota de sangue surge sob a lâmina, marcando aquela pele perfeita dele.

Não tem como voltar atrás.

— Você quer que eu me *renda* — Guerra diz a palavra como se fosse um insulto.

— É o que você pediu de mim.

Aqueles olhos parecem pretos como a noite agora.

— *Não*.

É a segunda vez esta noite que ele disse *não*.

Sabia que lidaria com um *não*… e ainda assim, ainda é uma surpresa. Uma desagradável. Talvez porque agora isso significa que devo seguir com meu próprio plano. Não pretendia fazer isso.

Meu olhar vai para sua pele, onde a ponta da lâmina o pressiona. Vou precisar perfurar esta pele, vou precisar causar dor no cavaleiro.

Não consigo.

Matei antes – tirei vidas muitas vezes. Vidas de homens muito melhores do que Guerra. Mas agora, o pensamento de machucar este imortal terrível me deixa enjoada. Não consigo, não consigo, não consigo.

Ah, Deus, acho que posso me importar com o monstro.

Minhas mãos estão tremendo, e sinto bile subir até minha garganta.

Nós dois estamos nos encarando, e posso ver que Guerra está esperando.

Tenho corda, e um plano e porra, só preciso fazer isso.

Não posso…

Afasto a espada de Guerra.

Seus olhos semicerram, mas ele relaxa.

— Foi uma boa decisão…

… *não posso me apaixonar por esse monstro.*

Eu avanço, apontando a espada de volta para o cavaleiro, mirando no pescoço.

Guerra pega a espada pela lâmina, as mãos a envolvendo. Sangue surge sub seus dedos, escorregando pelos pulsos e pelo fio da arma.

Se Guerra sente algum desconforto físico, ele não mostra.

No lugar, seus olhos que estão magoados.

— Você me machucaria… com minha própria lâmina. — Aquela última parte foi acrescentada como se fosse um insulto

acima de tudo.

— Não é nada que você não mereça. — Odeio que minha garganta embarga quando digo essas palavras.

— Não é nada que não mereça — repete, a voz impassível. — É isso o que você pensa? Você me beija e me fode e suspira meu nome como uma prece, mas acredita que mereço a morte?

Olho para ele implacável.

— Você merece *pior*.

Os cantos dos olhos de Guerra ficam um tiquinho tensos, e posso sentir o hálito daquela ira da qual falou. Ele estava bravo antes, mas agora eu o magoei de uma forma que ninguém mais pode.

É agora que o cavaleiro pega minha cabeça e torce até meu pescoço quebrar. E diferente dele, não vou voltar à vida.

Agora é uma questão de vida ou morte.

Fodam-se seus sentimentos, Miriam, termine isso.

Apoio o peso na lâmina.

— Renda-se — comando.

O lábio superior de Guerra se curva, e seus olhos lampejam com raiva conforme segura a lâmina afastada. Sangue está escorrendo pelo pulso e na cama. Nossa cama.

— Sei que você é capaz — falo. É humano o bastante. Eu o vi mudar de ideia e mudar as regras. Matar é uma escolha para ele, não importa o quanto seja intrínseca a sua natureza.

— Vou dá-la uma última chance de soltar minha arma, *esposa*. — O título arde como um tapa. — Vou poupá-la de um pouco da minha ira se o fizer.

— *Renda-se* — repito.

Com um puxão hábil, Guerra tira a espada da minha mão e a joga para o lado. E depois nós dois nos encaramos. O sangue dele escorre pelas mãos até os lençóis sob si.

Sem a arma, eu me sinto nua.

Poderia ter planejado essa situação… melhor. Em vez disso deixei minhas emoções me levarem, e *não deu certo*.

Não sei se pensei que daria, assim como não sabia se avisar Almançora funcionaria, mas esperava que ameaçá-lo – depois talvez incapacitá-lo – poderia ao menos fazer *algo*.

Garota tola, tola.

Guerra se levanta, e apesar de estar nu, ele é muito ameaçador.

— Você me *traiu*. — Aos olhos do cavaleiro, este é um dos piores crimes que se pode cometer.

Ele dá um passo sinistro na minha direção, sua estrutura enorme assustadora.

Pela primeira vez desde Jerusalém, catalogo cada volume denso de músculo, não como um aspecto da sua beleza exótica, mas como prova dos jeitos que pode me machucar.

Dou um passo incerto para trás. Toda minha bravura anterior me deixou.

Como escapar desta situação?

Guerra nota que estou recuando, e ri baixo, o som terrível.

— É tarde demais para fugir, garota selvagem.

De uma vez, ele se aproxima de mim, e Deus me salve, é isso.

O cavaleiro me segura, o sangue espalhando na minha pele como pintura de guerra.

— Achou mesmo que poderia acabar comigo sem esforço? *Eu criei a violência*. Você não pode ganhar de mim no meu próprio jogo.

Meus joelhos cedem de medo. Fui uma idiota de um dia *não* temer este homem.

As mãos de Guerra vão para meu cabelo, o sangue marcando minhas bochechas, minhas orelhas, meu couro cabeludo.

— É aqui que você se rende, esposa — fala, a voz baixa. — Renda-se para mim, assim como prometeu que faria.

Tem tantas coisas que Guerra pode tomar de mim, mas minha palavra não é uma delas.

— Não me rendo a *ninguém* — confesso. — E se algum dia acreditou diferente, você é um *tolo*.

O olhar do cavaleiro semicerra. Ele ri, aquele som profundo e frio arrepiando os pelos do meu braço.

Segura minha mandíbula.

— A terra está cheia de tantos ossos — sussurra.

Não sei o que entender daquelas palavras, só que deveria ficar assustada com elas.

Guerra solta minha mandíbula. Posso sentir minha pele ensopada com seu sangue.

Sua mão vai para a base do meu pescoço. Ele traça minha cicatriz, a forma agora manchada de sangue.

— Esse é o símbolo angélico para *renda-se*.

Qual o objetivo disso?

Seus olhos furiosos se erguem para os meus.

— Não sou o único que pode ressuscitar os mortos — Guerra diz. — Você foi trazida de volta a vida e marcada assim como eu — afirma.

A água entra…

Pensei que tivesse morrido aquele dia. Um calafrio desce pela minha coluna.

Meus olhos vão para as tatuagens de Guerra, e agora que estou procurando, a forma delas é estranhamente parecida com minha cicatriz. Nunca notei a semelhança. Não até agora.

Guerra passa uma mão pelas tatuagens brilhantes.

— Este é meu propósito, escrito na pele. — Ele acena para minha cicatriz. — Aquele, é o seu.

Balanço a cabeça.

— Negue sua promessa o quanto quiser, mas não vai mudar a verdade: você foi feita para se render a mim.

CAPÍTULO 45

Guerra vai embora logo depois das últimas palavras.

No seu lugar ficam zumbis, muitos e muitos zumbis. Posso pressenti-los do lado de fora da tenda, mas são os que estão dentro – os que Guerra mandou entrar – que chamam mais minha atenção.

A maior parte destes está um pouco mais necrosada do que o comum, e o cheiro me faz cobrir a boca.

Tenho certeza de que o cavaleiro escolheu estes corpos de propósito.

Prova de que Guerra pode ser tão mesquinho quanto o resto de nós.

As horas longas da noite passam, e não tenho nada para preenchê-las. O sonho me evade, e meu kit de ferramentas e flechas foram confiscados com o resto das armas de Guerra, me deixando sem nada para fazer com as mãos. Ainda tem aquele romance surrado…

O pensamento de lê-lo embrulha meu estômago. Não poderia suportar ler a respeito da grande vida amorosa de outra pessoa quando a minha está uma bagunça.

Quase o matei. Teve um momento quando estava apoiada na espada de Guerra em que coloquei todo meu peso nela. Só a pura força do cavaleiro preveniu que a aquela lâmina perfurasse sua pele.

Esfrego os olhos, me sentindo uma centenária.

Violência não conserta violência. Sei disso, e sabia disso antes de criar meu plano. Ainda assim, nada mais funcionou. Estava brava e cansada de ver tantos inocentes morrerem. E no final, pelo menos Guerra ficou com a mesma surpresa magoada nos olhos que tantos civis condenados tiveram. Se nada mais, meu cavaleiro teve um gostinho da sua própria punição.

Até o meio da manhã, os sons do acampamento estão a todo vapor. As pessoas estão rindo, discutindo, abanando roupas empoeiradas, afiando as lâminas, ou fumando cigarros e chutando bolas entre as barracas. Já ouvi os tambores de guerra avisarem de uma execução, e o café da manhã chegou e passou. Em todo esse tempo, Guerra não voltou.

Estou ocupada olhando para a foto da minha família, meu polegar esfregando o rosto do meu pai quando os zumbis ao meu redor se empertigam. E então, todos juntos, se aproximam de mim.

Eles se aproximam até ficar claro que vão me segurar.

— Se quer que eu os siga — falo rápido, deixando a foto de lado —, eu vou. Só, por favor, não me toquem.

Os seguranças param um pouco antes de me tocar, me cercando por todos os lados. Depois, como um, começam a andar na direção da tenda, e sou levada com eles. Junto, nosso grupo deixa os aposentos de Guerra e vai na direção do centro do acampamento.

Em algum lugar ao longe, os tambores de guerra recomeçam, o som fazendo minha pele formigar. Quanto mais longe andamos, mais altos ficam, até ficar claro que os tambores estão soando para *mim*.

Tem centenas – talvez milhares – de pessoas que se juntaram na clareira. Elas observam nosso grupo passar com uma mistura de curiosidade e horror. Atravessamos a multidão, as pessoas ao nosso redor nos dando espaço o suficiente para andar.

Conforme o sol da manhã esquenta a clareira e o cheiro de álcool derramado e vômito sobe da terra, isso parece como um sonho que foi abandonado para apodrecer.

No meio de tudo isso, Guerra senta-se em seu trono. Os cavaleiros fobos espalhados ao seu redor, a maior parte parecendo estóico, mas alguns parecem contentes. Só Hussain, o único cavaleiro que foi gentil comigo, parece preocupado.

Sou levada perante Guerra, meus seguranças enfim parando aos pés do palanque. Não fui atada ou forçada, mas é claro o suficiente que sou uma prisioneira.

Os tambores ainda soam, batendo cada vez mais rápido, e está levando a multidão a um frenesi.

Alguma coisa ruim vai acontecer.

Olho para Guerra, ele parece distante. O cavaleiro me dá um olhar depreciativo, e sinto como se fosse apenas outra mulher que o satisfez por um tempo. Mas agora sou um brinquedo que é mais trabalho do que merece.

De uma vez, os tambores param, e a multidão fica em silêncio. Uma brisa passa, erguendo meu cabelo no silêncio.

— *Devedene ugire denga hamdi mosego meve* — Guerra começa.

Você descobriu minha única fraqueza antes de mim.

Ao meu redor, a multidão escuta com atenção, como se compreendessem uma palavra do que está dizendo.

Olho para ele implacável.

— *Denmoguno varenge odi.* — A voz dele é alta como um trovão.

Não posso punir você.

Julgando pela minha situação, sei que Guerra descobriu uma alternativa.

Sob meus pés, a terra começa a tremer.

Meu coração acelera. Conheço essa sensação.

— O que você está fazendo? — pergunto.

À nossa volta, as pessoas olham para os lados, sem saber o que está acontecendo. Algumas parecem mais assustadas do que outras; sei que aqueles indivíduos assustados também estão familiarizados com a sensação.

Além de Guerra, os únicos que não parecem incomodados são os cavaleiros fobos.

Guerra olha para mim, o olhar sombrio e profundo.

— *Denmoguno varenge odi* — repete.

Não posso punir você*.*

Tem uma ênfase na palavra final.

— *Eso ono monugune varenge vemdi nivame vimhusve msinya.*

Mas posso punir os outros pelas suas transgressões.

A primeira mão esquelética irrompe do chão.

Ah, Deus.

A terra está tão cheia de ossos, ele disse ontem à noite. Não havia entendido suas palavras, mas agora, ao ver os mortos se arrastarem de seus túmulos, compreendo. Aonde quer que Guerra vá, tem um exército pronto.

Alguém dá um grito surpreso. Depois tem mais outros gritos. Eu me viro assim que um fervor passa pela multidão.

Os mortos se levantam, alguns nada além de ossos, outros cascas secas, e outros ainda que parecem recém-mortos. Não são apenas as carcaças humanas que são arrastadas do chão. Animais, também, são tirados da terra, os ossos chacoalhando e roçando ao se moverem.

As pessoas não sabem o que fazer. Nem mesmo quando os ossos começam a se aproximar delas.

O cavaleiro nunca fez isso antes, nunca se virou por completo contra seu próprio exército.

Olho de volta para Guerra. Seus olhos estão tempestuosos, a expressão determinada. Ele fez paz com minha punição. *Minha punição.*

— Pare.

— *Mevekange vago odi anume vago veki. Odi wevesvooge oyu mossoun yevu.*

Pensei que os queria mortos. *Fez disso sua missão*.

Ele está certo; fiz minha missão diminuir seu exército. Mas agora que ele está se virando contra eles assim como todas as outras cidades… sou lembrada da nossa humanidade compartilhada.

— Pare. *Por favor*. — Mas ele não o faz.

Não vejo o primeiro sangue derramado, mas escuto o grito. Agora, um verdadeiro grito de gelar o sangue sobe. Não é medo que escuto, mas sim *dor*.

Outro grito vem junto, e depois outro.

A maior parte desses mortos-vivos não são nada mais do que sangue frágil e um pouco de tendão seco. Deveria ser fácil transformá-los em pó. E sei que algumas pessoas fazem isso, mas tem tantos mortos, e não ligam nada para autopreservação, apenas carnificina.

Um esqueleto morde o pescoço de um homem com tanta força que sangue espirra. Outro quebra o pescoço de uma mulher. Ao meu redor, as pessoas caem mortas no chão.

Durante tudo isso, Guerra observa impassível ao massacre.

Ele é um filho da puta cruel.

Não perco tempo de implorar outra vez. Tentei essa tática antes, quando Guerra *não* estava tentando me punir. Implorei até o final.

Não o darei o prazer da minha angústia. Não outra vez.

É isso que um coração partido faz com o cavaleiro, e é aterrorizante*.*

Agora as pessoas estão fugindo e os mortos estão perseguindo. Alguns correm até mim.

Meus seguranças, que não se juntaram a luta, pegam as armas. No momento que alguém se aproxima, eles atacam.

Outra onda de gritos vem das barracas que circundam a clareira.

Zara. Mamoon.

Sinto o sangue drenar do meu rosto.

— Guerra… — Estava errada, estou disposta a implorar. — Guerra, por favor, pare com isso.

Ele me ignora, os olhos focados na luta.

Vou em sua direção, minhas mãos começando a tremer. Minha amiga, o sobrinho; não poderia viver com a morte deles na minha consciência.

— Guerra!

Meus guardas bloqueiam meu caminho. Tento empurrá-los, e eles me seguram.

— Maldição, Guerra, olhe para mim.

— Não — o cavaleiro diz, sem se importar em falar em outro idioma; os gritos abafam a maior parte das palavras. — Agora é quando *você* olha, esposa. Eles caem porque você ousou tentar me matar.

Reluto contra as mãos dos zumbis, mas eles não me soltam. Eles me viram e me seguram no lugar, enquanto a horda de Guerra é massacrada.

Sou forçada a observar tudo, e dessa vez, demora muito mais tempo para os vivos morrerem do que em Almançora. Eles ficam em pilhas sangrentas no chão, e acho que é uma pequena benção que os mortos permanecem mortos.

Pensei que tinha vivido e visto de tudo – a perda da minha família, a perda da minha casa, a perda de tantas pessoas. Pensei que a dor fosse algum tipo de armadura; se o pior acontecer com você, uma hora não vai ter nada mais para machucá-la.

Talvez seja verdade. Mas esse vazio tem uma própria dor, e é assustadora.

No fim, os gritos acabam e o caos abre caminho para imobilidade. No fim, meus seguranças soltam meus braços, e dou um passo cambaleante para a frente.

Os zumbis caem no próximo segundo. A tarefa completa, podem descansar outra vez.

Meus olhos passam pela clareira, com as pilhas de corpos ensanguentados, quebrados. Em uma onda doentia, todo o acampamento se foi.

Aquela dor oca ainda está ali. Lateja contra minha pele e pesa no meu estômago como uma pedra.

O silêncio paira. Tão sobrenatural. As barracas de lona oscilam na briza, mas não tem sons de vida.

Zara. Mamoon.

Respiro fundo, e as mortes deles me atingem como um golpe físico. Meu corpo inteiro treme com adrenalina e terror e culpa.

Coloco uma mão na boca. Não vou chorar. Não na frente desta besta.

Posso sentir Guerra atrás de mim, sua vingança se acomodando à nossa volta como cinza pairando até o chão. Como o odeio. Como nunca odiei nada com tanta força na minha vida inteira.

Meu coração se aperta.

Também nunca me importei com nada na mesma intensidade. Se queria partir meu coração como parti o dele, então entre a destruição de Almançora e isso, ele conseguiu.

Sob os pés, a terra começa a tremer outra vez.

Dou um olhar arregalado para Guerra. É minha vez de morrer agora?

Um por um, os mortos ao meu redor se erguem, animados outra vez. Mas o que seja que dava aquela faísca de vida em seus olhares, agora está ausente. Aquela mulher nunca vai fumar outro cigarro e aquele homem nunca vai jogar cartas com os

companheiros. As pessoas que beberam e dançaram nesta clareira ontem à noite se foram – ou para o céu, ou para o inferno ou para algum outro lugar.

— Nunca vou parar — Guerra diz.

Meu olhar vai para ele. Estou tão alheia que me sinto como se fosse feita de pedra.

— Eu também não.

Eu me viro do cavaleiro quando escuto. Algum lugar ao longe, soa o choro de uma criança. Tudo em mim para.

Mas ele matou todo mundo.

Espero ouvir o som outra vez, e com certeza o faço, só que agora, muitos outros se juntam a ele. Não quero acreditar. Deve ser outra parte da minha punição, fazer suas criaturas soarem como os vivos.

Os zumbis de repente se movem, se separando o suficiente para formar um corredor dos limites da clareira até o palanque.

Atrás deles, vejo movimento, e agora tem mais choros e alguns gritos. Várias dúzias de zumbis se aproximam, parecendo horríveis com suas mortes recentes. Eles se movem pelo corredor, chegando até onde eu e meus seguranças estamos parados. Com eles, os barulhos humanos ficam mais altos.

Estou segurando a respiração conforme se afastam do corredor, se misturando na multidão de mortos, deixando para trás uma fila de pessoas muito confusas, muito assustadas, bem *vivas*. No começo da fila está Zara e Mamoon.

Engasgo com um soluço, quase caindo de joelhos.

Atrás de mim, escuto Guerra se levantar. Depois, os sons sombrios dos seus passos. Ele para bem atrás de mim, e pressiona

os lábios na minha orelha.

— Para o seu coração mole.

CAPÍTULO 46

— Isso foi estúpido da sua parte — Hussain diz.

O cavaleiro fobos me encontra mais tarde naquele dia sentada entre uma fila de barracas vazias. Já abracei minha amiga e o sobrinho e processei – ou pelo menos *tentei* processar – os horrores do dia.

Agora estou apenas me escondendo do que sobrou do mundo.

E julgando pela presença de Hussain, é óbvio que fiz um péssimo trabalho.

Hussain pode ser o único cavaleiro fobos de Guerra com quem me dou bem, apesar de não falar com ele há um tempo. Desde que um cavaleiro tentou me matar, Guerra está um pouco relutante em deixar seus homens se aproximarem. Agora, ao que parece, esse não é mais o caso.

— Tantos outros já tentaram matá-lo — Hussain diz, sentando-se ao meu lado. Meus guardas mortos-vivos não tentam impedi-lo de se aproximar. — Devia saber que não daria certo — acrescenta.

Não perco tempo perguntando como sabe que tentei apunhalar o cavaleiro. Meu melhor palpite é que Guerra contou o plano para seus homens. Eles, afinal, ficaram parados impassíveis enquanto os mortos matavam seus camaradas. Só as crianças e os moralmente puros foram poupados da morte hoje – ah, e Zara. Ela não é inocente, mas era minha amiga, o que pelo visto a salvou no final.

— Não estava tentando matá-lo — falo para Hussain.

Pelo menos, não de forma *permanente*. Até eu sei que isso é impossível. Só queria que os massacres parassem. Convencê-lo não funcionou. Pensei que violência poderia ter algum efeito; era uma língua que Guerra compreendia.

— Então foi uma ideia ainda mais estúpida — Hussain diz.

— Você veio aqui para me fazer sentir mal? — ralho. — Porque já me sinto.

A verdade é, não sei bem o que sinto. Estava matando aquelas pessoas na batalha só uma semana atrás; não deveria estar triste que se foram, ainda mais considerando que Guerra salvou da sua ira os merecedores.

Ainda me sinto uma merda.

— Não *tem* como pará-lo, Miriam — Hussain insiste.

— Pestilência foi impedido — falo.

— Você não sabe mesmo disso, sabe?

Sim, quero responder, *Guerra essencialmente me disse isso.*

Mas talvez o cavaleiro tenha mentido. Talvez Pestilência apenas tenha terminado sua missão antes de matar todo mundo. Como posso saber qual o plano divino de cada cavaleiro?

— Então, qual é a sua solução? — digo. — Continuar lutando até o mundo acabar?

Hussain me dá um olhar.

— Meu mundo *já* acabou. Minha esposa e meus filhos morreram, meus amigos foram assassinados na minha frente. Não tem mundo para mim voltar.

Olho para ele então, a testa enrugando. Não pensei nos cavaleiros fobos como vítimas. Não quando são tão bons em matar.

— Por que você luta por Guerra se ele fez tanto para machucá-lo? — pergunto.

Hussain me dá um olhar demorado, depois semicerra os olhos para o céu.

— A única parte de Guerra que é humana é sua memória de todas as batalhas que já aconteceram. Ele já contou a você dessas memórias?

Franzo o cenho para ele.

— Guerra nos viu matar centenas de milhões de pessoas ao longo dos séculos, e muitas daquelas mortes foram desnecessariamente cruéis. — Hussain exala, o som cheio de cansaço. — Ele só está projetando nossa pior natureza em nós.

Dou um olhar cético para Hussain.

— E *isso* o convenceu a lutar por ele? — Porque o que compreendi disso foi que os humanos precisam trabalhar melhor em serem gentis. Não continuar sendo selvagens até termos nos destruído por completo.

— Isso me convenceu que tem algo inerentemente errado conosco — fala.

Olho para as barracas vazias. Algumas delas estão manchadas de sangue.

— Então você acredita que *merecemos* isso? — pergunto.

Hussain chuta uma pedra com a bota.

— Talvez.

Ele se levanta e começa a se afastar, mas depois ele para, meio se virando para mim.

— O que você fez, também precisou de muita coragem, sabia?

Exalo trêmula. Aquela afirmação, aquela breve faísca de aprovação, faz meu coração doer e me dá vida ao mesmo tempo. Todos somos partes da humanidade. Todos queremos viver. Deveríamos nos proteger, e tentei. Eu falhei, mas pelo menos tentei.

— Não posso ficar parada enquanto ele continua a matar — digo, a voz falhando.

O cavaleiro fobos se vira para me encarar de frente.

— Marido e mulher um contra o outro… agora, essa é a verdadeira guerra. — Ele se afasta. — Estou interessado em ver quem vai ganhar.

* * *

Não volto para a tenda de Guerra.

Não posso, não depois da minha punição. Mal consegui aceitar estar perto do cavaleiro depois que ele massacrou Almançora. E agora, quando tentei estripá-lo com sua espada e ele matou a maior parte do acampamento pela ofensa, parece como se nós dois finalmente tivéssemos cruzado um limite.

É fácil o suficiente me mudar de lá; apenas escolhi uma das milhares de barracas abandonadas. Escolho a vizinha de Zara, mesmo quando ela diz:

— Seus mortos fedem.

Ainda assim, ela aguenta meus seguranças em decomposição que ainda não pararam de me proteger. Eles não são os únicos que temos que aturar; o exército de Guerra, agora morto-vivo, ainda está

nos arredores do acampamento, a maioria deles ainda esperando as próximas ordens do cavaleiro.

No fim acabo recebendo minhas coisas de volta de Guerra – um zumbi as deixa na entrada da minha barraca e se afasta. No meio da pilha, está meu kit de ferramentas e minhas flechas pela metade, a antiga foto da minha família, meu romance e o conjunto de café que nunca uso. Recebo até a antiga adaga do cavaleiro, a que ele me deu logo após nos conhecermos.

Acho que não está mais preocupado comigo me machucando…

O mundo segue em frente. Um dia se transforma em dois, dois em quatro, depois é uma semana, depois semanas.

O que sobrou do acampamento embala suas coisas e se move, depois reassenta – embala, move, reassenta. A vida adquire um novo tipo de previsibilidade. Cavalgo com os outros humanos, e também vivo entre eles. Tem mais crianças por adulto do que antes, então cuidamos delas em turnos, e durante a noite, os colocamos para dormir em várias das barracas maiores.

Passamos por Damanhur, depois Alexandria, depois Tanta e Banha, atravessando o Egito na direção sul. Os mortos agora lutam e protegem o acampamento, então os vivos não precisam mais ensanguentar as mãos (tirando os cavaleiros fobos).

Guerra nunca vem visitar.

Não tem visitas na calada da noite, nenhum argumento convincente sobre por que deveria dormir com ele. Não tem sexo de reconciliação irritado.

Ele nem mesmo tenta se aproximar da minha barraca. A última vez que o vi, estava cavalgando de volta de uma invasão com seus

cavaleiros fobos. O exército morto-vivo correndo atrás dele, os corpos nojentos por causa da decomposição. Alguns deles se explodiram aquele dia depois de um acidente com alguns explosivos que encontraram na cidade.

Os olhos de Guerra passaram pelos meus, mas não teve pausa, nenhum olhar significativo, nenhuma faísca de familiaridade.

É como se nosso relacionamento nunca tivesse existido.

É tudo devastador.

Ainda estou brava com Guerra, mas até aí, *sempre* estive brava com ele. É ele que decidiu manter distância. Por mais maluco que pareça, eu me *ressinto* que ele ainda está bravo, apesar de compreender sua raiva – tentei matá-lo, afinal. Mas ainda assim, tiveram tantas vezes que ele cruzou um limite comigo, presumi que funcionasse para os dois lados.

Mas então, ele deixou claro que não vou morrer, enquanto deixei claro que *queria* ele morto. Isso é bem difícil de superar.

Conforme as semanas passam, aquele torpor que senti em Almançora começa a me contagiar. Depois de ver tantas mortes, os rostos começam a se confundir. E depois tem aquela terrível qualidade humana de ficar confortável com um hábito. Nós viajamos, acampamos, invadimos, e seguimos em frente. Repetidas vezes. Posso odiar minha realidade, mas em algum momento o anormal se torna terrivelmente normal.

Talvez seja assim que Guerra se sente – como se isso fosse apenas normal. Pensei por muito tempo que ele era incapaz de sentir – que sua cabeça não funciona assim –, mas acho que funciona. Ele pode ser uma criatura divina, mas ele parece amar e lutar e brigar e lamentar assim como o resto de nós humanos.

Deus, estou tão cansada. Tão inacreditavelmente cansada. A fadiga é algo físico, e nada que faço parece abatê-la. Vou para cama exausta, acordo exausta e me arrasto pelo dia exausta.

É o primeiro sinal de que algo não está certo. O próximo é minha falta de apetite.

A comida não tem o mesmo sabor. Primeiro é apenas o cheiro da carne cozinhando. Precisaria ficar longe do centro do acampamento, onde as refeições eram servidas porque o cheiro me faria enjoar. Associei a ver e cheirar muitos corpos mortos, mas agora perdi meu apetite por café e álcool também.

Nada disso, entretanto, me alarma. Aguentei muito drama e tristeza, algo assim iria acontecer.

Não é até esta manhã que me preocupo de verdade.

Acordo com uma revolta horrível no estômago. Sinto o cheiro de um dos meus guardas mortos-vivos, e na hora saio do palete, saindo frenética da barraca.

Pressiono a mão na boca.

Vou ficar doente.

Não ando mais do que alguns metros antes de vomitar. Meus guardas ficam imóveis por perto, e o cheio deles…

Vomito várias vezes, o odor fétido preso no meu nariz.

Preciso que os guardas se afastem.

Atrás de mim, escuto o barulho das abas de outra barraca se abrindo.

— Miriam? — A voz de Zara está embargada. — Você está bem?

Não posso responder, não até meu estômago estar vazio. Mesmo depois disso, eu me apoio nos joelhos, ofegante.

— Fique longe de mim — falo rouca, me virando e voltando para a barraca. — Estou doente.

Zara não fica longe. Ela se aproxima e me traz água e pão e fruta e iogurte fresco. Consigo engolir um pouco do pão e uma mordida ou duas de damasco seco. A visão do iogurte me faz engasgar, então ela o afasta.

— Sério, Zara, precisa ficar longe de mim. Poderia deixá-la doente… ou Mamoon.

— Ficaremos bem. Preciso voltar para minha barraca, mas vou voltar mais tarde — ela diz. — Espero que termine toda a água que deixei para você. — Ela parece minha mãe. — E tente comer. Você não… — As sobrancelhas dela se juntam, e pela primeira vez, vejo que está preocupada comigo. Aceno para ela.

— Vou ficar bem.

Com um último e preocupado olhar para mim, ela vai embora, e me deixa voltar a dormir.

* * *

Acordo com o som de passos pesados e familiares do lado de fora. Eles chegam na minha barraca, depois param.

Abro os olhos assim que as abas se partem.

Guerra entra, e preciso respirar fundo ao vê-lo. Eu me esqueci de como ele é inumanamente bonito, com a pele morena e os olhos escuros, o cabelo preto solto selvagem em volta do seu rosto.

Ele dá uma olhada para mim.

— *Miriam*.

Com o som da sua voz e a preocupação que franze sua testa, fecho meus olhos. Pensei que tivesse perdido seja lá o que tivemos. Mas ainda está bem ali. *Ele* está bem ali.

Guerra se ajoelha ao meu lado. A mão vai para meu cabelo, as tatuagens nos dedos brilhando vermelhas, e ele afaga meu cabelo para trás assim como fez muitas noites antes disso.

Abro os olhos de novo.

— Senti sua falta.

Não era isso que devia escapar dos meus lábios.

O rosto dele se suaviza. Guerra estuda minhas feições, como se estivesse tentando memorizá-las. Ele faz uma careta, a preocupação de volta no seu rosto.

— Você está doente? — Tem um olhar afiado, quase frenético nos seus olhos.

— Os mortos… — começo. Só o pensamento deles me faz enjoar. — O cheiro… você pode se livrar deles?

Escuto passos se afastarem da minha barraca, e sei sem pedir outra vez que Guerra mandou os zumbis embora. Demora alguns minutos para o cheiro desaparecer, mas quando o faz, relaxo um pouco mais.

Guerra está na minha barraca. E é bem como me lembro dele – enfeites dourados no cabelo, kohl marcando os olhos, muitos músculos.

Mesmo sua roupa preta é idêntica ao que me lembro.

Tento não olhar para seu rosto devastador e seus braços fortes. Estou me sentindo miserável demais para fazer qualquer coisa mais do que comer ele com os olhos.

— Preciso do meu irmão para isso — Guerra comenta, ainda estudando meu rosto.

— O quê? — pergunto, assustada.

— Se está doente — ele diz — Pestilência poderia ajudar.

Não quero *nenhum* dos seus irmãos perto de mim. Mas o jeito que Guerra fala, é mais um desejo do que qualquer coisa. Onde quer que o irmão esteja, não virá para me ajudar.

— Estou bem — falo.

— Não está — Guerra insiste. — Você parece pálida demais e cansada… e magra. Não tem comido? — Preocupação aperta os cantos dos olhos de Guerra, e ele ainda tem um toque de selvageria nas suas feições.

— Por que você se importa? — pergunto para ele, não maldosa, apenas curiosa. Ele não mostrou interesse em tanto tempo.

— Esposa, sempre me importei.

Aquele título! Não sabia quanta falta sentia de ouvi-lo até agora.

— É você — Guerra continua —, que nunca se importou. — Tem um tom de amargor na sua voz.

Ele acha que *eu* estava afastada? Quer dizer, *estava*, mas só porque ele parece ter aberto mão de mim por completo.

Meu ego machucado não pode aguentar mais impactos.

— Quem dera. — Desvio o olhar dele.

Ao meu lado, Guerra para. Ele pega meu queixo e vira meu rosto, me forçando a encontrar seu olhar.

— O que você quer dizer com isso? — ele exige.

— Não é óbvio? — falo triste, meio ciente de que Zara pode ouvir cada palavra. Fazer o quê, né?

— Seja clara, Miriam — Guerra diz, as feições afiadas e o olhar intenso, esperançoso.

Vou fazer isso mesmo? Merda, acho que vou. Estou exausta demais para fingir.

— Eu me importo com você, Guerra — admito. — Mais do que quero… *muito* mais. Tem sido um inferno, não vê-lo.

Guerra olha para mim por um bom tempo, depois dá um sorriso tão grande que parece afetar todas as áreas do seu rosto. Ainda é um olhar feroz com seus caninos afiados – nem mesmo felicidade o faz parecer menos perigoso –, mas meu coração acelera com aquele sorriso.

— Também senti sua falta, esposa. Mas do que tenho palavras para expressar.

Dou um sorriso tímido. Neste momento, ele está me fazendo esquecer que me sinto como uma carcaça.

— Ainda estou brava com você — admito.

— E estou furioso que você tentou me estripar… com minha própria espada, ainda por cima.

Acho que é a última parte que o afetou de verdade.

Ele se aproxima.

— Mas da *minha* esposa — acrescenta —, não esperava menos. — O cavaleiro se inclina e me beija.

Estou cansada e doente, mas não tem nada, *nada* no mundo que poderia me impedir de beijar este homem. Ele é a única coisa que ainda tem um bom sabor. Seus lábios devoram os meus, e os braços me puxam para perto.

Nós dois damos uns amassos por um bom tempo. No fim, Guerra se afasta para passar as mãos sob meu corpo.

— O que você está fazendo? — pergunto.

Ele me ergue.

— Estou levando-a para casa.

CAPÍTULO 47

Agora que Guerra manteve os zumbis afastados, descubro que estou com fome. Com muita, muita fome. Assim que vejo o prato de frutas, nozes e queijos e pães expostos, ataco. Tem uma tigela de húmus perto, e não sei se algum dia senti um gosto tão bom na minha vida.

— Você está com fome? — Guerra pergunta, vindo para meu lado.

Ele parece irritantemente animado com a possibilidade.

Acho que tenho evitado mais do que carne nos últimos tempos.

— Não sei, esse húmus está muito bom.

Na hora, Guerra sai da tenda tempo o suficiente para mim ouvi-lo gritar ordens para trazer mais húmus.

Guerra volta para dentro. Pegando uma jarra próxima, ele enche um copo de água.

— Vou trazer um médico — ele diz, entregando a água para mim.

— Não — falo rápido, pegando o braço do cavaleiro. Por acidente, o sujo com um pouco de húmus no processo. Opa.

Suas sobrancelhas se juntam ao olhar para minha mão em seu braço.

Seus olhos encontram os meus, e ele parece desconfiado.

— O que você não está me contando, esposa?

Balanço a cabeça.

— Só não gosto de médicos.

Mas é mesmo isso? Tem uma bola de preocupação no meu estômago. Algo não está certo, mas não quero saber o que esse algo é. Ainda não. Tudo isso pode se resolver sozinho.

— Às vezes, Miriam, precisamos aguentar as coisas que não gostamos. Vou chamar um médico.

— Por favor, não, Guerra — falo. — É só uma gripe. Humanos pegam toda hora. Vai passar em alguns dias.

Bem na hora, um dos homens do cavaleiro entra com mais húmus.

Ele coloca o prato na mesa de Guerra, depois vai embora.

— Seu corpo está doente, esposa. Não finja que é mentira. Deveria ter sido mais atento com você porque está claro que não está comendo como deveria. E sei que tem estado mais cansada do que o normal.

Ele percebeu? Deveria estar preocupada que de alguma forma está ficando de olho em mim, mas no lugar estou estranhamente comovida que tem estado tão consciente da minha existência.

Tenho problemas mentais.

Guerra continua:

— E sem contar o fato de que hoje de manhã você vomitou.

— Eu me sinto melhor agora. — Um pouco. Quer dizer, ainda estou enjoada, e o calor escaldante de hoje não está ajudando em nada, mas ainda assim, me sinto melhor o suficiente para comer e me mover um pouco.

O cavaleiro me dá um olhar sofrido.

— Podemos ter estado separados por um tempo, esposa, mas não se engane, não vou deixá-la morrer. Não por uma lâmina, e não para uma doença.

Exalo.

— Um médico não vai poder fazer nada além de me dizer para descansar e beber muito líquido.

Guerra não parece convencido.

— Por favor, prometo, não estou morrendo — insisto, bebendo o copo de água que ele me deu.

Atrás de mim, as abas da tenda farfalham, e um dos cavaleiros fobos entra.

— Meu Senhor, precisamos conversar sobre — os olhos do cavaleiro vão para mim, e não consegue esconder sua surpresa —, a próxima invasão.

— Agora não — Guerra diz, enchendo meu copo de água. Ele só tem olhos para mim, e parece vergonhosamente bom ser o centro do seu mundo.

— Vá — falo. — Estou bem.

A mandíbula de Guerra fica um pouco tensa.

— Você não está.

— *Estou* — insisto.

— E os mortos-vivos? — pergunta, acusador.

Entendo seu significado subentendido. Ele mandou todos os zumbis embora. Se for embora, não vai ter ninguém para me proteger.

Fico envergonhada com o quanto meu coração se anima, ouvindo sua preocupação. Pensei que não se importasse. Alguns

dias, tive certeza disso. Só agora percebo o quanto isso me magoou.

— Vai precisar ter fé de que ficarei bem — digo. Mesmo ao falar, sinto a náusea voltar.

— Fé é para humanos — Guerra murmura, mas depois de um momento, acena para o cavaleiro fobos. Guerra se aproxima e segura meu rosto e me dá um longo e intenso beijo. — Vamos continuar a discutir sua saúde quando voltar. Até lá, arme-se, esposa.

Guerra solta meu rosto, e depois vai embora.

* * *

— Então você voltou com ele. — A voz de Zara entra na minha barraca.

Estou de volta nos meus antigos aposentos, pegando minhas coisas. Deixei a tenda de Guerra logo após ele para pegar meus pertences… e criar coragem para contar para Zara que estava me mudando de volta com o cavaleiro. Guerra me convenceu fácil assim. Com uma visita e um pedido que more com ele de novo, aceitei tudo.

Parece que tenho muito pouca força de vontade quando se trata dele.

Saio da minha barraca e encaro Zara.

— Escutou minha conversa com Guerra?

Ela assente, o hijab farfalhando na brisa.

— Vou sentir sua falta como vizinha… mesmo que os zumbis fedam.

Dou um pouco de risada disso antes da minha expressão ficar séria. Olho para trás dela, onde Mamoon está jogando futebol com vários outros garotinhos.

Este momento e todos nele parecem tão frágeis. Tenho medo da minha própria felicidade; costuma ser a calmaria antes da tempestade.

— Você o ama? — Zara me pergunta, interrompendo meus pensamentos.

Meu olhar encontra o dela.

Abro a boca, mas não sei o que dizer. Tem muito para *não* se amar em Guerra.

Zara observa minhas feições. Antes que consiga inventar algum tipo de resposta, ela diz:

— Eu o atualizei sobre você, sabia?

Meus olhos arregalam.

— *O quê*? Quando?

— Enquanto estavam separados — responde. — Ele queria saber como você estava. Se estava segura, feliz, saudável.

Meu coração galopa um pouco com isso. Então foi assim que ele descobriu que não estava comendo. Presumi que tivesse tirado a informação dos meus seguranças, mas foi Zara.

— Sinto muito não ter contado — acrescenta, não que pareça sentir.

— Por que você não me contou? — pergunto para ela. Acho que não estou magoada, mas… não sei dizer o que sinto, sabendo

que minha amiga estava passando informações em segredo para Guerra.

— Ele me pediu para não contar — fala.

— Mas sou sua amiga.

— Ele forçou minha lealdade no dia que salvou Mamoon.

Eu me lembro. Só nunca presumi que usaria essa lealdade.

O olhar de Zara vai para minha barraca.

— Aqui, deixa eu ajudar com suas coisas.

Normalmente, recusaria a oferta, mas ainda estou me sentindo muito cansada, e minha náusea voltou. Aceito toda a ajuda que puder.

Nós duas reunimos meus parcos itens, só deixando o jogo de café para trás. Colocamos a maior parte dos meus pertences na minha bolsa de tecido, que coloco no ombro.

— É melhor vir me visitar — Zara diz.

Bufo para ela.

— Como se tivesse coisa melhor para fazer.

Ela me dá um olhar que diz, *não nasci ontem*.

— Posso pensar em uma atividade que você *pode* preferir a minha companhia…

Nós duas começamos a rir, e dou um empurrão divertido nela.

— Zara!

— O quê? Não aja como se não fosse verdade. — Damos mais algumas risadinhas.

Por fim, o rosto de Zara fica plácido.

— Mas sério, Miriam, melhore. E um conselho amigável sobre relacionamentos: se você gosta mesmo do cara, tente não matá-lo outra vez.

* * *

Acabo não vendo Guerra até mais tarde naquela noite. Ele entra na tenda, parecendo tão imponente quanto sempre foi. Meu coração acelera. Ainda não me acostumei a ficar perto dele outra vez.

Seu olhar encontra o meu na hora.

— *Esposa*. — Seus olhos esquentam. — Não posso dizer o que faz comigo, vê-la na nossa tenda. Fiquei maluco, vivendo aqui sem você.

Deixo a flecha que quase completei de lado, quando Guerra se aproxima e pega meu rosto, tomando minha boca na sua. Ele me beija com sua ferocidade costumeira, e me derreto no seu abraço.

Suas mãos descem pelos meus lados, e sim, sim, sim. Quis sentir Guerra contra mim todos os dias em que estivemos separados. Mesmo quando minha raiva estava ardente.

Minhas mãos vão para sua camisa, me atrapalhando para tirá-la. As próprias mãos dele deslizam sob a barra da minha, os polegares roçando a parte de baixo dos meus seios.

Tudo está acontecendo como esperava, quando, de repente, ele para. Suas mãos recuam e quero chorar.

— Você está doente — fala como se só estivesse se lembrando agora. Não menciona, entretanto, procurar um médico para mim. Aposto meu romance que não *tem* um médico, pelo menos não no acampamento.

Balanço a cabeça, apesar de me *sentir* um pouco enjoada. Com cada toque, o desejo está se sobrepondo a minha doença.

— Se não estiver em mim nos próximos cinco minutos, vou ameaçá-lo com outra espada — falo.

Os olhos violentos de Guerra se enrugam com diversão, e ele me beija outra vez – mesmo que um pouco hesitante.

— Tem algo que deveria saber, esposa — declara, se afastando. — Em todos os meus anos, tem apenas um aspecto do amor… — Minha respiração falha com aquela palavra. — … que conheci — continua. — E foi *anseio*. Tudo o que o campo de batalha tem a oferecer… um anseio tão profundo que tem um lugar próprio. Amor é uma esperança que carrega os homens através de noites escuras, mas não é nada além disso.

Franzo a sobrancelha.

— Por que está me contando isso?

— Quando estávamos separados, foi isso que senti. Anseio. Era uma sensação tão familiar para mim quanto mover minha espada — fala. — Odiava minha cama vazia e minha tenda solitária, mas é o que sempre conheci. É estar com você que é algo novo, algo que quero, mas não compreendo.

Acho que isso é uma desculpa e uma explicação pelo motivo que ficou afastado, apesar de não ter certeza. As palavras de Guerra fazem meu estômago embrulhar desconfortável e minha respiração sai cada vez mais rápida.

— Amor é mais do que anseio — falo baixo.

É muito, muito mais do que isso.

Sua mão aperta contra mim.

— Não sou um homem de palavras, esposa. Sou um homem de ação.

Espero que continue, ainda incerta de onde quer chegar com isso.

— Se quer que acredite em você… *então me mostre*.

Ah.

Bom, merda.

Como deveria mostrar para Guerra o que é o amor quando nem mesmo eu sei *o quê* sinto por ele?

Mas então me lembro o que desencadeou tudo isso – o fato que queria me aproveitar dele apesar de estar doente. Com certeza estou bem o suficiente para um pouco de sexo, e se mostrar o amor a ele for sua única exigência…

Posso tentar. Sabe, qualquer coisa em nome de sexo de reconciliação.

Engolindo meu nervosismo, pego sua mão e o levo para o palete. Do lado de fora, escuto as tochas sibilarem e estourarem, e ao longe, alguém dá risada. Mas tudo parece tão alheio a este momento.

Estendo os braços para os ombros de Guerra e o empurro para a cama. Ele me observa ao se abaixar, me deixando tomar a frente.

Eu o sigo, me posicionando de forma que me sento montada nele. Eu me inclino sobre Guerra e olho nos seus olhos e me lembro de todas as coisas boas que fez – de salvar o sobrinho da Zara até não levantar os mortos aquela vez. Eu me lembro de todos aqueles momentos em que salvou minha vida, e como hoje foi me ver quando estava doente.

Encaro aqueles olhos violentos até os ver derreter. E agora passo as mãos pelo seu rosto, meus polegares esfregando seus olhos marcados de *kohl* até a maquiagem preta borrar. Eu me inclino e o beijo – suave, no começo, mas depois mais forte e mais intenso.

Não sei se estou fazendo isso certo. Não sei *como* mostrar amor ao cavaleiro quando amor não é sexo. Mas é o melhor que posso no momento.

Conforme me movo sobre ele, eu sinto os planos firmes do seu físico, cada curva ainda nova e maravilhosa para mim. Tem um friozinho animado na minha barriga, e me assusta para caramba.

Meus olhos voltam para os de Guerra. Ele está me observando, maravilhado.

Tiro a camisa, depois o sutiã, me abaixando para beijar seu torso.

— Tire o resto — sussurro.

Ele nem hesita. O que seja que estou fazendo acendeu um fogo em seu olhar. Ele nos vira e tira o resto de nossas roupas antes de cobrir meu corpo com o seu.

A mão do cavaleiro desliza entre minhas pernas, e começa a me tocar até eu estar gemendo e me esfregando na sua palma, e ele está sussurrando *esposa* repetidas vezes.

Este território é seguro. Fizemos isso dúzias de vezes. Isso não é amor, é puro e simples desejo. E apesar que deveria estar mostrando amor para Guerra, isso é muito mais confortável e familiar.

Ele se inclina sobre mim, os olhos intensos, e toco sua bochecha, mesmo enquanto seus dedos entram e saem de mim.

A respiração do cavaleiro está pesada, e ele está duro e pronto. Guerra olha para mim como se estivesse prestes a perguntar, *E agora?*

Angulo minha pelve e abro as pernas, o significado óbvio.

— Não desvie o olhar — falo, olhando para ele. Acho que esta pode ser a chave de todo esse negócio de *mostrar amor*.

Guerra *não* desvia o olhar. Não ao segurar meus quadris, os dedos molhados contra minha pele, não ao encaixar a cabeça o pau na minha entrada. Seus olhos estão nos meus ao estocar em mim, com força o suficiente para me fazer arfar.

Olhamos muito um para o outro quando transamos, mas esta noite, é carregado. Talvez seja que nós dois sentimos falta um do outro, mas só vê-lo e senti-lo me tira o fôlego. Meu coração está galopando no meu peito e é quase tudo devido a essa *coisa* entre nós.

Posso imaginar com facilidade – amar Guerra. Passar o resto da minha vida em seus braços.

Seu pau lateja dentro de mim, tão grosso que posso sentir cada movimento e pulsação. Com carinho, ele se afasta.

— Minha esposa, você é tudo que nunca soube que queria — fala, estocando de volta em mim.

Outra vez aquele friozinho contente. Outra vez aquele desconforto com minhas emoções descontroladas.

Guerra se aproxima e me beija, e tudo nisso é carinhoso, e tão diferente do meu cavaleiro agressivo.

— Perdoe-me — sussurra contra meus lábios. — Perdoe-me, Miriam.

O senhor da guerra é dolorosamente carinhoso, cada movimento de quadril uma súplica. Está fazendo amor comigo, e nem mesmo sabe, tão desesperado que está pelo meu perdão.

— Mais forte — falo, porque de repente tem uma ameaça real de que posso sentir algo que não tinha intenção de sentir esta noite. *Eu* deveria mostrar a *ele* o amor, e não o contrário.

Ainda assim, Guerra balança a cabeça e mantém as estocadas leves, *amorosas*. Seus olhos estão fixos nos meus, assim como instrui. Só que agora, toda essa experiência saiu do meu controle. Meu coração ainda está acelerado, e minha barriga está fazendo coisas estranhas.

Não, não, não, não, não.

Mas estou presa sob aquele olhar, e estou sendo atraída por aqueles olhos, que parecem tão carinhos, tão tristes no momento.

Seus olhos estão me contando o que suas palavras não o fizeram.

Eu te amo.

O resto do seu corpo também é bom em falar. Cada toque parece uma adoração, cada estocada, uma promessa. Tudo isso está saindo muito do meu controle, e maldição, seu olhar ainda está fixo em mim. Por que pedi para que não desviasse o olhar? Não posso escapar do que tem em seus olhos. Estou derretendo com isso, e não quero mesmo.

Eu me sinto subindo… subindo… subindo…

— Guerra…

Atinjo o clímax, olhando para seu rosto, meus lábios se abrindo com surpresa conforme meu orgasmo percorre meu corpo.

Vejo sua expressão ficar mais nítida conforme seu pau fica ainda mais grosso dentro de mim. E ele goza no encalce do meu próprio clímax, nós dois presos em uma estranha sincronia.

Nossos orgasmos parecem durar uma eternidade, nós dois olhando um para o outro enquanto enfraquecemos.

Isso é algo novo, algo mais do que apenas sexo. Não posso negar, mesmo que me assuste.

Fiz amor com o cavaleiro. É excitante e assustador ao mesmo tempo.

Ele sai de mim e me puxa para si, e por um breve momento, as coisas parecem confortáveis entre nós mais uma vez.

Mas o momento confortável começa a se esvair quando percebo que Guerra ainda está olhando para mim, o olhar preso em algum lugar entre desejo e maravilha.

— Nunca me senti assim antes — por fim admite. — O que você está fazendo comigo, esposa?

Balanço a cabeça. Não sei o que *nenhum* de nós está fazendo.

— Não posso deixar de conhecer este sentimento — Guerra continua. — Você estava certa. Amor é muito mais do que anseio. É muito mais do que sequer imaginei.

CAPÍTULO 48

Na manhã seguinte, acordo com muito enjoo.

Saio dos braços de Guerra o mais sutil possível e coloco uma camisa e calças. Não tenho tempo para sutiã, calcinha e sapatos. Saio da tenda descalça.

Por sorte, a tenda de Guerra é nos limites do acampamento, e consigo chegar na borda antes de vomitar em mim mesma.

Agora que meus seguranças zumbis se foram, não tem ninguém para testemunhar isso, exceto talvez, um guarda ao longe, mas está muito distante para me ver bem.

Quando termino, cambaleio um pouco para longe, depois me sento com tudo no chão, passando as mãos pelo cabelo.

Minha mente fica calma por um longo tempo – tão calma, na verdade, que quando um pensamento surge, parece muito, muito alto.

Minha menstruação já deveria ter descido.

Respiro fundo algumas vezes, mesmo conforme meu coração começa a acelerar.

Tento contar as semanas desde a última vez, e acho que chego até em seis antes de perder a conta.

Mudamos bastante. É difícil contar os dias aqui… mas não, acho que mesmo presumindo que contei demais, minha

menstruação deveria ter descido.

Meu desconforto agora se junta na região do meu ventre.

Aperto as têmporas e respiro devagar.

Não entre em pânico, *não entre em pânico*. *Deve ter uma explicação simples*.

Talvez seja o estresse de toda essa viagem e a guerra constante. Talvez meu corpo esteja em choque. Talvez isso tenha atrasado minha menstruação.

Quase relaxo. A explicação é *quase* plausível.

Quando estou prestes a me levantar, outro pensamento surge. Tento abafá-lo. Tento ignorá-lo, mas está bem aí, na minha frente, disposto a ser esquecido.

Quantas vezes Guerra esteve em você? Minhas mãos começam a tremer.

Porra, acho que *estou* começando a entrar em pânico.

O enjoo, o sabor e o cheiro horrível da comida, a fadiga que me abate, e a menstruação ausente – nada disso é normal.

Cubro os olhos com uma mão trêmula.

Quantas vezes Guerra esteve em você?

Dúzias de vezes. Ele esteve em mim dúzias e dúzias de vezes.

Meu Deus, eu-eu posso estar grávida.

Estresse pode ser uma explicação para a fadiga e a menstruação atrasada, mas não as aversões a comida. Não o enjoo. Poderia apenas estar doente. Poderia mesmo, mas… gravidez é uma explicação mais lógica.

Retiro as mãos do rosto. Por um longo tempo, fico sentada no meio da folhagem nos limites do acampamento, presa entre horror e risos.

É isso o que acontece quando as pessoas transam, *Miriam*. *Sobretudo quando transam com um homem-deus superviril*.

Abaixo a cabeça nas mãos.

Grávida. Posso mesmo estar grávida. Do filho de Guerra.

Puta merda.

Quanto mais penso nisso, mais certa eu fico.

O cavaleiro do apocalipse me engravidou.

Uma risada incrédula escapa de mim… depois outra risadinha sai. Começo a gargalhar com tudo. Não sei quando minha risada se transforma em soluços, só que uma hora posso sentir lágrimas escorrendo pelos meus dedos e meu corpo arfando.

Estou chorando há uns cinco minutos quando escuto aquelas passadas familiares e poderosas se aproximarem de mim por trás.

— Esposa — Guerra diz, a voz chocada. — O que você está fazendo aqui fora?

Quero me enrolar e morrer. Não posso nem ter um momento sozinha para processar isso?

— Miriam — chama, vindo para minha frente, a voz densa com preocupação.

Ele se ajoelha ao meu lado e tira minhas mãos do rosto. Seu olhar passa por mim, como se talvez eu pudesse estar ferida.

— O que aconteceu? — ele pergunta. — Alguém a machucou?

Agora meus soluços se transformam outra vez em risada – risada triste. Meus olhos pesarosos encontram os dele. O que deveria dizer?

Guerra e eu não conversamos sobre crianças – a não ser aquela conversa que terminou em briga. Deveríamos ter conversado mais sobre isso, com certeza.

Coloco a mão na minha barriga, dando tapinhas com os dedos. O cavaleiro segue o movimento, mas não tem faísca de compreensão ali. Não como teria se ele tivesse nascido humano. Tem dicas como essa que ele não entende.

Estou grávida.

Abro a boca para contar para ele, quando paro. Não sei como vai reagir. Só isso é responsável por aproximadamente metade do meu medo. Acabamos de voltar.

A outra metade do meu medo vem de *estar* grávida. Com a prole do cavaleiro.

Que se foda eu e minhas escolhas de vida ruins.

Olho para Guerra, depois para sua boca. Ele mata *todo mundo*. Todo mundo.

E a última vez que cheguei perto de discutir se teve filhos com outras mulheres com quem esteve, ele ficou ofendido. Presumi na época que tivesse machucado seu orgulho, mas talvez tenha outro fator para a conversa, algo sombrio que iria me assustar.

Estou sendo ridícula. O cavaleiro *cuida* de mim. Ele cuidaria de um bebê se fosse nosso.

Acho.

Quero dizer, ele salvou Mamoon com relutância, mas quantas milhares de outras crianças morreram nas suas batalhas?

Não são proporções boas.

Balanço a cabeça, dando um sorriso cansado.

— Só estou cansada, e odeio me sentir doente.

A testa do cavaleiro está enrugada. Ele parece mesmo preocupado.

— Passe o dia descansando. Você precisa, esposa. Vou pedir para alguém trazer uma bacia de água para se manter fresca. Ninguém a não ser eu vai incomodá-la.

Ninguém a não ser eu.

Assinto, mordendo a bochecha. De novo, ele não menciona o médico com o qual me ameaçou mais cedo, e estou muito grata por isso. O médico saberia na hora, o que meu cérebro demorou todo esse tempo para descobrir.

Olho para Guerra por mais um momento.

Ainda poderia contar para ele. Pode ficar tudo bem. Ele prometeu me manter afastada da morte.

Ele não prometeu isso a ninguém mais.

Ele estenderia isso ao nosso filho?

Talvez – provavelmente, mas tem uma parte de mim que não tem certeza, e isso é motivo o suficiente para ficar de boca fechada. Não estou disposta a perder ninguém mais para o cavaleiro.

Guerra estica o braço e me ajuda a me levantar, e finjo que tudo está bem quando não está. Deus, não está. Estou *grávida*, porra.

*

Espero Guerra pegar no sono naquela noite, assim como sempre faço quando quero enganá-lo. Sou muito previsível, e entre isso e meu nervosismo hoje, tenho certeza de que Guerra pode perceber.

Mais tarde naquela noite, entretanto, ele entra na cama ao meu lado, as mãos se movendo sobre minha pele como se quisesse

me conhecer outra vez. Fecho bem os olhos com seu toque. Foi difícil o suficiente fingir animação hoje. Faço tudo o que posso para agir como se estivesse dormindo.

No fim, suas mãos param e sua respiração aprofunda. Só aí me permito pensar sobre minha situação outra vez.

Grávida…

O que deveria fazer?

Ou conto para Guerra, ou não, mas se não contar… não posso ficar aqui, onde uma hora ele vai descobrir.

Qual o pior que poderia acontecer se contar para o cavaleiro?

Ele poderia colocar nossa criança com o resto da humanidade, *a parte que quer expurgar do mundo*.

O pensamento de um pai matando o próprio filho parece tão absurdo que quero rir, mas *é* absurdo? Mesmo? Guerra é muito mais confortável com matar as pessoas do que salvá-las. Só minha fé tola na bondade dele que me faz pensar que não machucaria nosso filho.

A mesma fé tola me levou a pensar que poderia salvar as pessoas de Almançora –, mas a cidade ainda ruiu. E aquela mesma fé me fez implorar que Guerra poupasse várias pessoas. E ele *poupou* Mamoon, mas quais foram suas palavras finais aquele dia?

Não me peça isso outra vez, *esposa. Será negada*.

Eu me viro de costas e encaro o teto de lona.

Ele não levantou os mortos aquela vez…

Meu argumento parece fraco, até para mim. Querer que algo seja verdade não o faz verdade.

Solto uma respiração.

O que a velha Miriam teria feito – a Miriam que nunca conheceu Guerra?

Para salvar sua família de ameaças?

Ela teria feito o que fosse necessário.

Perdi todos que amo. Se tudo que Guerra conhece de amor é anseio, então tudo o que conheço é a perda.

Só que agora, tem um novo e pequenino alguém. Alguém que ainda posso perder.

Não vou deixar isso acontecer. Não outra vez.

Não importam meus sentimentos por Guerra, seria ingênuo de minha parte presumir o melhor dele depois de tudo que o vi fazer. Guerra é um bom amante – talvez até um bom parceiro –, mas um bom pai?

Não sei, e não vou arriscar descobrir.

Respirando trêmula, eu me inclino e beijo seus lábios. O braço dele me envolve e ele afaga minhas costas.

— Humm… minha esposa.

Algo denso prende na minha garganta.

Eu me afasto dele.

— Aonde você está indo? — murmura.

Hesito.

— Só… vou ao banheiro. — Não é totalmente implausível. Todo mundo no acampamento vai no banheiro lá fora.

Em silêncio, pego as coisas que preciso, depois deixo a tenda.

Meu coração parece que está desmoronando.

Não penso em selar um cavalo. Não quando os currais costumam ser protegidos.

Vou seguir a pé até chegar na cidade mais próxima que o exército de Guerra passou. Com certeza posso pegar uma bicicleta por lá – talvez até uma com um pequeno engate. Posso ter uma chance então.

Eu me sinto uma tola por planejar isso. Não tem como escapar sem Guerra saber. Ele está sempre me observando, me protegendo, e nunca consegui escapar dele.

Ainda assim, não paro.

Preciso tentar. Não importa o que aconteça, preciso ao menos tentar escapar.

É fácil andar para fora do acampamento. Os mortos não protegem mais a tenda, e não tem soldados vivos o suficiente para proteger o perímetro.

Tudo isso muda, entretanto, quando me afasto. O exército morto-vivo de Guerra está parado aqui, longe o bastante do acampamento que o cheiro não é assoberbante.

Os pelos nos meus braços se eriçam com a visão deles parados imóveis. Não posso dizer para qual lado estão olhando, mas parece que todos estão me olhando com aqueles olhos mortos.

Um segundo depois, o cheiro me atinge. Coloco uma mão sobre o nariz, engasgando um pouco. Cinco mil corpos mortos, apodrecendo sob o sol do verão, cria um *fedor*. Mesmo respirando pela boca, ainda posso sentir o gosto da podridão fétida de todos, é tão densa no ar.

Só fica pior ao me aproximar deles. Nenhum dos zumbis se move; nenhum dá um passo à frente para me parar, e nenhum deles vira as cabeças para me observar passar. E aí chego bem onde estão. Tem espaço suficiente entre os mortos para passar sem tocá-

los, mas ainda espero alguém me segurar. Espero isso agora depois de tantos encontros com eles.

Quando nenhum deles me pega, exalo.

Isso foi muito fácil. O pensamento me enche de pavor.

Agora é encontrar uma estrada, *qualquer* estrada. Contanto que leve para longe daqui, vou ficar bem.

Demora o que parece uma eternidade, e enfim, encontro uma estrada. É só aí que ouso olhar por cima do ombro.

Para meu horror, uns dez metros atrás de mim, um zumbi deixou os camaradas para me seguir.

É quando começo a correr.

CAPÍTULO 49

Acho que não tenho muito tempo.

Ainda não sei bem qual elo o cavaleiro compartilha com seus soldados mortos-vivos, mas suspeito que possa pressentir o mundo por eles. Talvez o elo seja forte o suficiente para acordá-lo, ou talvez um zumbi está voltando para acordá-lo no momento. Não sei como eles o avisam, só que é inevitável que ele será avisado – e mais rápido do que eu esperava.

O soldado morto ainda está seguindo atrás de mim. Não se aproximou muito, mas também não o estou deixando para trás. Forço mais minhas pernas.

Preciso encontrar uma bicicleta o quanto antes. Então talvez terei uma chance de despistar o zumbi e logo, Guerra.

Só pensar no cavaleiro é devastador.

É tudo culpa do meu *coração mole*, como ele diria. Também odeio isso. Cada passo que dou, grita que sou uma tola por fugir, uma tola por ir embora. Ele acredita no melhor de Guerra, e é por isso que o ignoro.

Corações são idiotas comprovados.

Não percorri um quilômetro na estrada antes de parar de correr. Enlaço os dedos sobre a cabeça e respiro fundo algumas vezes.

Essa foi uma má ideia. Toda ela – cada decisão que me trouxe até aqui. Fugir, dormir com Guerra, permitir que ele se inserisse na

minha vida. Tudo isso.

Olho por cima do ombro.

O zumbi parou atrás de mim. Parece estar esperando a minha próxima decisão.

Seja corajosa.

Meu mantra colide comigo, e pela primeira vez, penso nisso de um jeito diferente.

Presumi o tempo todo que estive com o cavaleiro que estava sendo corajosa, mas não estava. Estava negando e fugindo deste sentimento terrível e viciante que tenho quando estou com ele.

Mas não tem como fugir dele ou desses sentimentos.

Preciso encarar o cavaleiro – no amor ou na guerra. Mesmo que signifique o pior.

Chega de coisas feitas na calada da noite. O que aconteça, encararei de frente.

Ao longe, juro que escuto o barulho de cascos. Talvez seja apenas minha imaginação.

Semicerro os olhos para a escuridão, e não – parece que tem uma pessoa na estrada.

Só tem uma pessoa confiante o suficiente para se aventurar nessas estradas à noite.

Guerra e seu corcel se manifestam da escuridão, o pelo vermelho-escuro de Deimos está parecendo quase preto.

O cavaleiro para de supetão.

Ele olha para mim, os olhos selvagens.

— Aonde você está indo? — Seu rosto está quase enlouquecido de pânico. *Seja corajosa.*

— Estava fugindo de você — falo.

O rosto dele desmorona. É uma expressão que nunca vi nele antes.

— Você me odeia tanto assim? — pergunta, sua voz abaixando com sua emoção.

— Não odeio você, Guerra — falo, a brisa da noite erguendo meu cabelo. — E deveria, deveria *mesmo*.

Ele me encara montado em Deimos, parecendo tão trágico. O vento ergue o cabelo dele, e Deus, mesmo nas sombras, ele é magnífico. Ele nunca poderia se passar por mortal, nunca.

Coloco uma mão na barriga. Pela segunda vez hoje, o cavaleiro nota a ação… e outra vez, não compreende.

— Você já pensou no que aconteceria? — digo. — Uma humana e um imortal se unem, apesar de ele ter jurado matar a espécie dela, e ela está determinada a defendê-la? Algum dia pensou nas ramificações?

Guerra desmonta, se movendo mais devagar, como se pudesse fugir se ele fizer algum movimento repentino.

— Não importa o que a incomoda, podemos consertar isso… *eu* vou consertar. — Ele dá vários passos para a frente, parando bem próximo a mim. — Odeie-me, xingue-me, só, por favor, volte para mim, Miriam — ele diz. — Sua voz quebra. — Por favor, volte.

Ele está implorando. E eu estou confiando no universo para me ajudar porque tem muitas forças que são maiores do que eu.

Começo a assentir, percorrendo a distância entre nós.

É toda a confirmação que Guerra precisa para me trazer para seus braços. Ele me abraça apertado por muito tempo, como se eu pudesse escapulir com a brisa noturna.

No fim, ele se afasta o suficiente para olhar para mim, os olhos intensos.

— Eu amo você — ele confessa.

Eu não respiro.

— Eu a amo, Miriam — ele repete. — Não sabia até ontem à noite o que esta felicidade estranha que sinto perto de você era. Mas agora sei. Estar com você me faz sentir como se tivesse engolido o sol. Tudo é mais brilhante, mais completo, *melhor* por sua causa.

Não tenho defesa contra isso. Nunca tive. Posso aguentar as crueldades de Guerra, posso aguentar sua violência. Mas seu amor – ele me derrota.

— Eu a amo — continua —, e ainda assim, isso está *destruindo* nós dois. — Ele balança a cabeça. — Não vou deixar que isso continue a acontecer. Eu a machuquei e errei com você, e vou mudar… *prometo* que vou mudar.

Ele me segura com força.

Respiro fundo.

Guerra me disse uma vez que promessas humanas são coisas frágeis – que se quebram com o tempo. Na mesma conversa ele disse que suas promessas – elas são inabaláveis. E estava certo. Implorei e supliquei para que ele mudasse, eu ameacei e trai, e não cheguei a lugar algum com ele.

Até agora. Porque agora sua promessa *está* mudando. E não sei o que exatamente isto implica, só que sou estúpida o suficiente para ter esperança.

Não, não estúpida. *Corajosa*. Sou corajosa o suficiente para ter esperança.

— Fale alguma coisa — ele diz.

Tenha fé. Foi o que disse para Guerra mais cedo. E isso é tudo o que religião sempre foi para mim. Fé. Que as coisas vão melhorar, neste mundo e no próximo.

É hora de me lembrar como ter fé no universo.

Abro a boca e as palavras escapam.

— Estou grávida.

CAPÍTULO 50

Demora vários segundos para as palavras infiltrarem-se em Guerra. Suas sobrancelhas se unem e depois…

Os olhos do cavaleiro se arregalam, e ele me aperta um pouco mais.

— Mesmo? — pergunta, os olhos perscrutando os meus.

Espero que isso não tenha sido um erro.

Assinto, mordendo o lábio inferior.

— Sim. Você me engravidou mesmo.

Os olhos de Guerra se movem para minha barriga. Depois de um segundo, ele coloca uma das suas grandes mãos no meu abdômen.

— Você está carregando meu filho. — Seus dedos flexionam na minha pele. — *Meu* filho.

Vejo seu pescoço se mover, e estou petrificada, bastante petrificada.

O olhar de Guerra volta para o meu e seus olhos brilham.

Está triste? Está feliz?

O cavaleiro segura meu rosto.

— Nunca senti tanta… *alegria*.

Ele solta uma risada, e seus olhos… seus violentos e assustadores olhos *lacrimejam*.

Ah, meu Deus. Ele está feliz. Obscenamente feliz. E agora, pela primeira vez desde que descobri que estava grávida, sinto uma

faísca de felicidade. Mais do que uma faísca. Dou um sorriso tímido a ele.

— É por isso que você estava fugindo? — Paro por um segundo, depois assinto.

Ele pressiona a testa na minha.

— Você nunca vai precisar me temer, esposa… nem nossos filhos. Juro perante ao Próprio Deus.

Crianças? Ele acabou de presumir que terão mais?

Guerra me beija, e sou distraída por ele. Posso sentir a excitação e a esperança do cavaleiro na pressão de seus lábios. Meu coração acelera. Ele quer tudo – casamento, crianças e todas as outras coisas. Não sei se acreditava por completo, até agora.

— Chega, Miriam — Guerra diz. — Chega de lutar, chega de fugir, chega de desconfiança entre nós. Eu entendo. Enfim, entendo. O que fiz para você e o que me recusei a fazer por você. Eu *entendo* — repete, enfatizando a palavra. — Deste momento em diante, as coisas vão ser diferentes, esposa. Eu prometi e pretendo manter essa promessa. Você se rendeu… eu também vou.

Um arrepio passa por mim, o que é sem dúvidas a resposta errada porque isso é *tudo* o que eu queria.

— Apenas diga que será minha. Não apenas em nome, mas em todos os jeitos. Então isso é seu. Isso é *tudo* seu.

Perscruto o rosto do senhor da guerra, certa de que ouvi errado. Mas isso não é nenhum truque. Tudo o que preciso fazer é ceder a ele. Pertencer a Guerra total e completamente… e as coisas vão mudar.

É difícil confiar no seu coração, mas é fácil ceder a ele.

— Sou sua, Guerra — falo. — Agora e sempre.

*

Depois que voltamos para o acampamento, Guerra me leva para a cama e me abraça, a mão descendo para minha barriga.

— Tenho um filho. — Ele está dizendo variações disso desde que descobriu. Ele ainda está surpreso.

O cavaleiro se inclina e dá um beijo na minha barriga, e passo uma mão pelo seu cabelo.

Seus olhos se erguem para os meus.

— Não sei o que significa ter uma esposa grávida — ele admite. — O processo é completamente desconhecido para mim.

Penso que desconheceria. Não tem muitas mulheres grávidas envolvidas em guerras.

— Eu também nunca fiz isso antes. — Pela primeira vez, encontramos algo no qual ambos não temos experiência.

— O que você sabe disso? — pergunta.

— Não muito… além do fato de que as mulheres ficam grávidas por nove meses antes de parir — falo. — Devo estar grávida há um mês ou mais — acrescento.

— Um mês inteiro. — Guerra digere isso, parecendo fascinado e contente. — Minha criança esteve em você esse tempo todo. Não é de se surpreender que você está tão sedenta por sangue.

Ah, Deus.

— O que mais? — o cavaleiro pergunta, dando continuidade a conversa.

Penso nas coisas que sei do assunto.

— Meu enjoo e as aversões a comida… acho que é parte da gravidez. Dizem que algumas mulheres ficam fisicamente doentes durante os primeiros meses de gravidez.

Guerra faz uma careta.

— Isso *deveria* acontecer?

Ergo um ombro.

— Quero dizer, acho que sim.

O cavaleiro parece muito descontente com essa novidade, e percebo que está descontente por mim. *Ele não quer me ver sofrer.*

— Quanto tempo dura? — Guerra pergunta.

— Não sei. Isso nunca foi um tópico que pesquisei com muito interesse. Não presumi que se aplicaria a mim tão cedo. — Com sorte, não muito tempo. — É uma condição miserável para se estar.

Mordo o lábio inferior.

— E depois tem o parto. — Acho que deveria pensar nisso também.

Desde a chegada dos Cavaleiros, a maior parte das intervenções médicas avançadas se tornaram obsoletas. Ainda existem médicos, e ainda tem procedimentos físicos e hospitais e todo aquele conhecimento que escrevemos em livros didáticos, mas a tecnologia elaborada que costumava salvar uma gravidez de risco desapareceu. Mulheres e bebês morrem no parto, assim como fizeram por milhares de anos antes da idade moderna.

— O que é? — Guerra diz, pressentindo minha mudança de humor.

— O parto pode ser perigoso.

— Quão perigoso? — ele insiste.

Olho nos olhos dele.

— Poderia morrer. E seu filho poderia morrer.

— *Nosso* filho — ele corrige, a mão ainda pressionando minha barriga. Pela primeira vez desde que começamos esta conversa, ele sorri um pouco. — Você esquece, esposa… posso curar qualquer tipo de ferimento. Como disse antes, você e o bebê estão a salvo.

Eu e o bebê.

Olho para Guerra, e quase quero rir com a ideia de felicidade doméstica com o cavaleiro. Parece tão absurda.

E ainda assim, ele está gostando muito. *Demais*.

Ele me beija.

— Tudo vai ficar bem. Confie em mim.

*

A mudança em Guerra começa aos poucos. Tão pouco que acho que posso estar imaginando. Ele me prometeu – não, *jurou* para mim – que se renderia. E ainda assim não sei se acreditei nele até a prova começar a surgir.

Ao longo das próximas semanas, conforme viajamos pelo Nilo, Guerra para de atacar as pequenas comunidades satélites que se espalham pelo caminho. Ainda mais surpreendente, o cavaleiro escolhe poupar aqueles poucos humanos que conseguem sobreviver suas invasões.

É um choque de se ouvir – afinal, Guerra leva o exército morto-vivo para a batalha com ele, e aquelas máquinas de matar não deixam ninguém ileso. Estou tendo dificuldades em acreditar que tem alguém *para* poupar.

Mas *tem* sobreviventes, e a prova aparece no dia seguinte que deixamos Beni Suef.

Guerra e eu viajamos sozinhos nos nossos cavalos, o Nilo está a uma curta distância de nós. O resto do acampamento – incluindo os mortos – seguem bem atrás, assim como Guerra sempre organizou.

Conforme chegamos na cidade de Maghagha, uma flecha passa por mim, tão perto que sinto o ar se mover. Olho para Guerra, uma expressão aturdida no rosto.

Isso nunca aconteceu antes durante nossas viagens porque as pessoas não sabem que *Guerra* está vindo.

Outra flecha passa zunindo. Depois outra e outra.

Ou pelo menos não *sabiam*.

— Miriam, mova-se! — O cavaleiro soa como um general, e o obedeço por instinto.

Puxo as rédeas do cavalo, me tirando da linha de fogo. Outra flecha passa…

Meu corpo solavanca conforme o projétil me atinge no ombro. Grunho, dor e surpresa quase me derrubando do cavalo.

— *Miriam*! — Guerra grita. Seus olhos estão presos na flecha saindo de mim.

Olho para o ferimento, sangue quente encharcando dele. A dor está ali, mas está enterrada sob meu choque.

Alguém acabou de atirar em mim.

Eles sabiam que estávamos vindo e atiraram em mim.

Guerra guia Deimos na minha direção, se colocando entre mim e a cidade à nossa frente. Tem mais flechas vindo na nossa direção.

A maior parte não nos alcança ou passa longe, mas muitas vem direto para nós.

Preciso me abaixar para evitar outra.

O cavaleiro chega ao meu lado, o flanco exposto para o ataque. O rosto dele está calmo, mas os seus violentos, coléricos olhos o entregam.

Em um movimento fluido, ele me pega pela cintura e me arrasta para o seu cavalo.

Contenho um grito quando a ação chacoalha meu ombro.

Então, estou em Deimos e estamos recuando, apesar de nunca ter visto Guerra recuar, nunca.

Conforme cavalgamos para longe, vejo algumas flechas presas do lado de Deimos. O cavalo nem mesmo hesita de dor, mas deve machucá-lo.

Isso é o que acontece quando você deixa as pessoas viverem. Elas dão avisos para as cidades que não foram atacadas, e aquelas cidades se preparam. E depois eles lutam com tudo o que tem.

Meu coração bate um pouco mais rápido, e sinto um senso animador de realização, apesar de estar do lado errado desta luta.

Isso é por causa de mim e de Guerra. Sem as trocas e as lutas e, no fim, aquele juramento dele, isso nunca teria acontecido.

Guerra coloca a mão sob o colarinho da minha camisa, perto da ferida, tentando curá-la.

— Não posso remover a flecha até estarmos a salvo — se desculpa.

Assinto, distraída pelo sangue quente escorrendo pelo meu braço.

Arrisco um olhar sobre o ombro. A cidade está rapidamente ficando menor, mas ao longe, vejo vários cavaleiros vindo em nossa direção.

— Guerra…

— Eu sei.

Cavalgamos por mais um minuto antes do cavaleiro parar Deimos de supetão. Nos viramos, para que possamos ver os homens cavalgando na nossa direção.

Guerra os deixa se aproximarem. Não perto o bastante para atirar em nós, mas perto o bastante para ver que estes homens estão usando uniformes.

Eles não são apenas civis, o que significa que o mundo externo oficialmente sabe que o cavaleiro está a caminho.

Guerra os observa por vários segundos. Com calma, ele estende uma mão.

Um tremor me percorre ao vê-la. Uma de suas mãos está me curando, enquanto a outra…

O chão entre nós e nossos atacantes solavanca e se move. E depois os mortos se erguem, assim como sempre fazem.

A terra está tão cheia de ossos.

Os cavalos dos cavaleiros relincham, e mesmo daqui posso ouvir os homens gritando. Eles atiram flechas nos corpos esqueléticos, mas isso não para os mortos. As criaturas cambaleiam na direção deles de forma constante. Os homens viram os cavalos para trás e voltam, os mortos os seguindo.

Só depois que desaparecem, o cavaleiro estende a mão para minha flecha. Mais rápido do que posso ver, ele segura a ponta e a arranca.

Eu grito, mais de surpresa do que dor. Um aviso seria bom.

Na hora, a mão de Guerra cobre o ferimento, o toque é quente. Só demora um pouco mais para minha pele formigar. Nós dois nos sentamos em Deimos no meio da estrada e o cavaleiro me cura.

Depois do que parece uma eternidade, o cavaleiro solta meu ombro.

— O ferimento se fechou, apesar que vai demorar um pouco mais para se reparar por completo.

Afasto a manga rasgada e ensanguentada para o lado para olhar a pele recém-fechada.

— Obrigada.

Atrás de mim, Guerra balança a cabeça.

— Você é minha esposa. É o mínimo que faria por você.

Engulo em seco. Nós dois estamos nos aventurando em um relacionamento real. Bom, para Guerra sempre foi real, mas para mim, isso é tudo novo. E sinto aquelas palavras. O peso delas.

A outra mão vai para minha barriga.

— O bebê? — Tem tanta preocupação em sua voz.

O bebê. Porra, é mesmo.

Ergo os ombros sem saber.

— Tenho certeza de que está bem — falo, mais para me tranquilizar do que qualquer outra coisa.

Guerra dá um pequeno aceno. Pelo visto, se eu acho que está bem, ele também acha.

Com isso, o cavaleiro desmonta. Assim que ele o faz, vejo as flechas nas suas costas.

— Guerra! — Esse tempo todo, ele tinha os próprios ferimentos que estava ignorando.

Observo os cinco projéteis enterrados nas suas costas. Minha própria ferida lateja só de olhar para eles.

Quando o cavaleiro vê para onde estou olhando, ele olha por cima do ombro para as flechas salientes.

— São inofensivas — fala, ignorando minha preocupação.

Mas são?

Eu me lembro de como ele andou para os tiros de Zara quando ela o encarou. Como cortou as mãos se defendendo do meu ataque. E, supostamente, uma vez ele foi apunhalado na barriga, só por diversão. Acho que para ele, algumas flechas podem ser inofensivas.

Ainda assim.

— Você pode sentir dor? — pergunto conforme ele me ajuda a desmontar de Deimos.

— Claro que posso — fala como se deveria ser óbvio.

— Então, como você não está sentindo? — pergunto.

— As flechas atingiram minha armadura.

Ah. Acho que faz sentido. Começo a contorná-lo para inspecioná-las quando Guerra me segura.

Os olhos dele vão para todo o sangue que escorreu pelo meu braço, e uma carranca se forma.

E de novo, ele está se preocupando com minha dor. Minha garganta se aperta quando me lembro que apenas há pouco tempo estava tentando fazer o exato oposto dele.

Meus olhos vão para a espada em suas costas.

— Sinto muito — digo.

Eu não sei por que demorei tanto para falar as palavras, mas está passando da hora.

— Por o quê?

Toco seu peito.

— Por quase matá-lo com sua própria espada.

Ele ri e pega minha mão.

— Você não podia me machucar.

— Mas *machuquei* — falo.

Nem todas as feridas deixam marcas.

Guerra olha para mim por mais um segundo, depois leva meus dedos para os lábios, os olhos marcados por *kohl*, fixos nos meus ao beijar minha mão.

— Aprecio as desculpas, esposa. Tudo está perdoado.

Exalo, e parece como se um peso tivesse sido removido.

Dou um sorriso a ele.

— Meu marido…

Ele ergue as sobrancelhas, o próprio sorriso puxando os cantos de sua boca.

— Ouvir essa palavra dos seus lábios… é a música mais doce, esposa.

Compartilhamos um momento. Um momento que não é muito complicado. E me deixo aproveitar em toda sua gloria melosa sem pensar demais.

Um som abafado ao longe, interrompe. Guerra olha de volta na direção da cidade que parece se erguer do deserto. No processo, vejo as flechas que cobrem suas costas, algumas *escorrem sangue*.

Inalo com um som sibilante.

— Você *está* ferido — falo, indo na direção dos machucados.

Guerra estica a mão para as costas, pegando uma, ele a puxa e a descarta para o lado. Depois que faz isso com outra, eu o

impeço.

— Posso fazer isso.

O cavaleiro para, me observando. Depois de um momento, ele assente e me deixa contorná-lo.

Tem mais três flechas ainda presas na sua armadura e pele. Começo com a que está perto do seu ombro, a pegando pela haste.

— Isso pode doer.

Acho que o escuto grunhir uma risada, mas talvez seja apenas minha imaginação.

Envolvo a mão na ponta da flecha, puxo e… nada acontece.

Agora Guerra *ri*.

— Muito doloroso, esposa, aprecio o aviso…

Dessa vez, jogo o peso na ação e, com um barulho molhado, a flecha solta.

Largo o negócio ensanguentado e coloco a mão no ferimento.

— Não posso curá-lo assim como você.

— Não tem problema, esposa — Guerra diz, a voz gentil.

Tiro a próxima flecha e depois a última, puxando cada uma com força. Depois que terminei, o cavaleiro se vira e me dá um olhar estranho.

— O quê? — falo, limpando as mãos no jeans.

— Ninguém nunca cuidou de mim. — A voz dele soa estranha.

Encontro seu olhar. Ele parece como algo saído de um conto de fadas com a armadura vermelha, o cabelo preto adornado com as peças douradas.

— Eu me importo com você, Guerra. Não quero você machucado. Nunca.

Guerra olha para mim por um bom tempo.

— Esse é um sentimento estranho para ouvir quando parte do que sou *é* dor. Mas não posso dizer como estou comovido com suas palavras. Você me fez mortal do pior jeito, Miriam, e serei eternamente grato.

*

Depois do incidente em Maghagha, os zumbis de Guerra começam a andar na nossa frente nas nossas viagens, e toda cidade pela qual passo, tem corpos mortos espalhados da luta que deve ter acontecido. As coisas parecem piores, não melhores, do que semanas atrás.

Mas...

Os mortos-vivos do cavaleiro não estão atacando as cidades pelas quais passamos, estão se defendendo. Então *têm* sobreviventes. Ainda é muito para aceitar, e conforme mais pessoas são informadas da chegada do cavaleiro, os ataques no exército se tornam mais frequentes e brutais, e tem mais casualidades.

Preciso cavalgar pelos corpos com o cavaleiro, o sangue ainda escorrendo das feridas dos mortos. Acho que é esse o jeito que as coisas serão.

Mas depois, algo drástico muda.

CAPÍTULO 51

Eu me sento com Zara perto do centro do acampamento que levantamos nos arredores de Luxor. A criança em mim está desesperada para ver as antigas ruínas egípcias, mas, a pragmática, sabe que isso nunca vai acontecer. Não durante uma batalha. Então me contento com aproveitar a vista das palmeiras que abraçam as margens do Nilo.

Ao meu lado, minha amiga está tentando – e falhando – trançar uma cesta.

Além do som distante da risada das crianças e algumas conversas murmuradas, o acampamento está em completo silêncio. Guerra e seu exército cavalgaram há muito tempo, deixando apenas alguns de nós para trás.

— Foda-se — Zara, enfim, diz, jogando a cesta torta para longe. — Não posso fazer isso.

Ela rola como feno.

— Pensei que parecia boa — minto. Porque algumas vezes encorajamento é melhor do que a verdade nua e crua.

Zara bufa.

— Teria que ser cega para…

O som de cascos nos interrompe.

Olho na direção dos limites do acampamento. Não posso ver por cima das poucas barracas cor creme no caminho, mas quanto mais escuto, mais alto o barulho fica.

Pela primeira vez, Guerra e os cavaleiros não galopam no acampamento a todo vapor. Em vez disso, Guerra aparece primeiro, Deimos entrando quase tranquilo na clareira. Vários outros cavaleiros e os cavalos de guerra seguem, cada um se movendo devagar. É só depois que os primeiros passam que vejo as crianças.

Tem centenas delas sendo guiadas para o acampamento, os rostos sujos e manchados por lágrimas. Elas vão de jovens adolescentes até criancinhas.

Eu fico de pé, olhando para elas em choque.

Zara se levanta ao meu lado.

— O que diabos…?

Guerra e seus cavaleiros voltaram da batalha com crianças capturadas.

Não, não *capturadas*.

Poupadas.

Teve uma dia que era um milagre fazer Guerra salvar uma *única* criança. Agora ele trouxe quase uma cidade inteira delas.

O cavaleiro assobia para Zara.

— Tenho mais crianças para você cuidar. — Guerra não perde tempo de falar em outro idioma. Ele não o fez nas duas últimas cidades perto das quais acampamos. Agora sua mente e palavras são tão abertas quanto sempre foram, para o choque dos humanos remanescentes que moram aqui. Zara aponta para si, os olhos arregalados.

— *Eu*? — Guerra assente.

Ergo as sobrancelhas para ela.

— Acho que agora você é a cuidadora não oficial.

Ela me dá um olhar pidonho antes de se aproximar da fila de crianças. Tem tantas, tantas delas.

Zara as reúne, chamando outros indivíduos para ajudar. Juntos, eles movem as crianças para o lado da clareira, onde o jantar já está preparado.

Espero que seja comida o suficiente.

Guerra se aproxima de mim em Deimos, seu corpo bloqueando o sol atrás dele.

— Você os salvou — falo.

Ele olha para mim durante um longo tempo, depois semicerra os olhos ao longe.

— Não é… tão fácil destrui-los, sabendo que poderiam ter sido meus — fala, os olhos abaixando para minha barriga.

Meu filho, ele quer dizer. Ele vê o próprio filho neles.

Por um momento, não respiro. Isso pode ser a primeira vez que vi verdadeira empatia de Guerra.

— É por isso que os poupou?

Ele olha para mim.

— Para o seu coração mole — fala. — Mas ainda assim, poderiam ter sido meus.

*

Isso se torna um padrão – poupar as crianças – até terem crianças demais no acampamento e não terem adultos suficiente para cuidar de todas elas. Precisamos recrutar os mais velhos para ajudar com os mais novos, o que não é ideal.

Tudo isso muda hoje. Agora, Guerra não traz só crianças de volta com os outros espólios. Ele também retorna com adultos.

Essas pessoas estão banhadas de sangue e os olhos estão arregalados das coisas que viram, mas eles vem com as crianças e recebem comida e abrigo mesmo assim. Eles não precisam se ajoelhar no sangue dos antigos vizinhos enquanto juram lealdade ou escolhem a morte. Não precisam testemunhar execuções diárias ou encarar vida ou morte na batalha.

O pior que vão precisar lidar é o choque de cultura que vem com a vida no acampamento.

Guerra desmonta de Deimos e vem até mim, uma das mãos indo para minha barriga.

— Para o seu coração mole.

*

— Quem são eles? — pergunto mais tarde naquela noite.

— Você diz as pessoas que salvei? — Guerra diz. Ele coloca as calças, o cabelo ainda molhado do banho. Os ombros dele parecem ter um quilômetro de largura.

Posso ouvir alguns cavaleiros fobos gritando beligerantes do lado de fora, bêbados das festividades noturnas. Se forçar os ouvidos, posso até ouvir o som de pessoas chorando. Este é o dia mais terrível das suas vidas, mas não fazem ideia que é um dos mais compassivos do cavaleiro.

Ele passa a mão pelo cabelo, parecendo muito sensual.

— São inocentes. Julguei seus corações e descobri que são puros… ou pelo menos o mais puro que um coração humano pode ser.

Ergo as sobrancelhas.

— O que o fez decidir poupar os inocentes? — pergunto.

As crianças eu entendo; ele viu sua própria criança nela. O que vê nessas pessoas?

— Jurei para você que mudaria — ele diz. — Estou tentando.

Minha garganta embarga com isso.

— Então tudo isso é para mim? — Não posso dizer se isso me faz sentir muito amada ou um pouco triste.

Guerra semicerra os olhos, estudando minhas feições por vários segundos.

— Essa é uma pergunta ardilosa, esposa. Digo que é para você, e você teme que estou mudando minhas ações sem mudar meu coração. Se digo que é porque de repente desenvolvi uma consciência, e arrisco diminuir o seu próprio envolvimento significativo no processo.

Ele desenvolver uma consciência *nunca* poderia me diminuir. É o que quis desde que o conheci.

— Desenvolveu? — pergunto. — Uma consciência?

Ele vem até mim, as tatuagens no seu peito brilhando. Guerra se ajoelha na minha frente e ergue a minha camisa cinza justa. Deve ser apenas minha imaginação, mas minha barriga parece um pouco maior.

Pegando meus quadris, o cavaleiro se aproxima e roça um beijo no meu abdômen.

— Meu mundo inteiro está bem aqui — fala, olhando para mim. — Tarde da noite, estremeço com o pensamento de algo acontecer a vocês dois. Compreende o quanto isso me enlouquece? — Ele se levanta, movendo uma mão para minha barriga. — Tem o mais leve toque de outra vida em você, e é tão vulnerável. — Seus olhos se erguem para os meus. — E isso não é nada perto da sua própria vulnerabilidade. Sou impermeável a morte, mas qualquer coisa pode levar você… e nossa criança. É difícil estar ciente deste fato e não pensar em todos os outros pais cujas famílias matei. Cujos entes queridos matei. Estou cheio de vergonha crescente com o que fiz, porque perdê-la já é inimaginável. Então sim, acredito que desenvolvi uma consciência.

O cavaleiro fez tantas coisas horríveis. Ele merece perder as únicas coisas pelas quais se importou. Talvez então saberia o preço da sua guerra. Mas não quero morrer, não quero que meu bebê morra, e mais perturbador de tudo, não quero que Guerra sinta a dor do jeito que fez os outros sentirem. Mesmo que seja justo.

Ele não é o único que amoleceu com esse relacionamento.

— Você quer mesmo um filho? — sai como um sussurro. Nem sabia que era uma dúvida em minha mente até as palavras escaparem dos meus lábios.

Ser um pai parece muito contraditório com tudo o que Guerra é.

— Antes de ser um… homem — fala —, teria dito que não.

Fico um pouco assustada, como sempre acontece, com a lembrança do que ele é.

— Lá atrás, eu era dor e violência, irmandade, animosidade e perca. Eu me deleitava com sangue e medo. Não podia conceber a

vida quando estava tão consumido com a morte. Mas depois recebi esta forma, e de repente, existi de um jeito completamente diferente. Vi a natureza humana *fora* do campo de batalha pela primeira vez. Mais do que isso, senti o que era *viver* fora do campo de batalha.

O rosto de Guerra está exposto, e pela primeira vez, ele parece muito jovem.

— Isso me incomodou muito, esposa. Tem tanto na natureza humana que não sabia até viver e andar entre vocês, e senti o acordar dessa natureza em mim. Pensei que ceder a esses sentimentos fosse uma fraqueza a qual apenas mortais sucumbiam. Entretanto, quando a conheci, e comecei a *querer* coisas que nunca imaginei querer… coisas que um dia rejeitei. Primeiro cedi a esses sentimentos que tinha por você porque acreditei que Deus a mandou para mim. *Deveria* sentir companheirismo e compaixão porque Ele comandou. *Deveria* tomá-la como esposa porque Ele a entregou a mim. Não era errado. Em algum ponto do caminho, meus motivos para ceder a essas emoções humanas mudou. Não a procurava porque deveria. Ansiava pela sua companhia, seus sorrisos, sua raiva feroz e sua língua afiada porque me trazia a mesma alegria que a batalha. E o mundo desabrochou em cor. Pela primeira vez, comecei a sentir de verdade este corpo e toda emoção que vinha com ele.

Eu não fazia ideia. Nenhuma ideia que em algum ponto de todas essas semanas, quando tudo parecia tão desolado para mim, Guerra estava mudando. Mesmo antes do juramento que fez para mim, estava mudando.

— Agora percebo — fala —isso que é viver, ser *humano*, é de verdade.

*

Está tarde, e de alguma forma estou com fome e enjoada ao mesmo tempo. O que não é nenhuma surpresa porque isso aconteceu outras quatro vezes na última semana.

Odeio enjoo matinal. Odeio, odeio, odeio.

Quer dizer, pelo menos podia ficar na dele e se ater as manhãs.

Cambaleio para fora da cama. Todas as lamparinas estão apagadas exceto uma, que está sobre a mesa. Cambaleio até ela.

Ao lado da lamparina tem uma jarra de água, um copo e um prato de frutas, queijo, pão, e o que parece ser húmus.

Sob o prato, tem um bilhete que diz, *Para minha esposa e filho ferozes. Espero que se alimentá-la enquanto durmo, você não vai tentar me apunhalar outra vez. Considere isso uma oferta de paz.*

Meus lábios se curvam em um sorriso com o bilhete. Só Guerra poderia fazer graça com o fato de que tentei matá-lo.

Pego o bilhete, e muito a contragosto, posso me sentir ficar emocionada.

Não é nem como se fosse algo inédito. Há semanas Guerra tem deixado bandejas de comida para mim no meio da noite. Ele nunca disse nada; elas apenas apareceram. Não vi nenhum outro bilhete antes, mas agora me pergunto se tiveram outras noites com bilhetes noturnos que passaram despercebidos. Bilhetes que Guerra limpou com a bandeja na manhã seguinte.

Estava tão consumida com o que estava acontecendo ao meu redor que não notei a singela e terrível verdade dentro de mim.

Eu amo o cavaleiro.

Amo seus olhos violentos e o jeito que me vê. Amo sua força, seu humor e seu corpo, e aquele sorriso. Aquele sorriso pelo qual anseio. Amo sua voz e sua mente. Amo como deixa bandejas de comida com pequenos bilhetes e como ele roubou minha adaga há tanto tempo porque era minha. Amo nossas discussões e nosso sexo para fazer as pazes, nosso sexo à meia-noite, sexo matinal, vespertino e noturno. Amo a crescente humanidade de Guerra e sua estranheza.

Eu o amo.

Caralho.

Eu o *amo*.

Passo a mão no rosto. Quero desfazer isso. Quero desfazer qualquer feitiço que ele colocou em mim.

Olho para o corpo adormecido de Guerra. Mal posso ver seu rosto na escuridão, mas o que posso ver faz meu estômago parecer tenso.

É uma história conhecida para mim. Amar o que não deveria. Aconteceu com meus pais, e agora está acontecendo comigo. Pelo menos meus pais tinham o benefício de serem pessoas decentes. A decência de Guerra está enterrada em algum lugar sob seu objetivo sangrento e sua sede por massacre.

Mas isso está mudando – *Guerra* está mudando, e o mundo está mudando com ele.

CAPÍTULO 52

Em cada cidade que passamos, mais e mais pessoas são poupadas. Primeiro são as crianças, depois os inocentes e os idosos. No fim, não fica claro *o quê* distingue as pessoas que Guerra salva daquelas que não. Tem tantos civis poupados que uma hora o cavaleiro para de trazê-los de volta para o acampamento. Se sobreviveram a invasão, podem ficar não só com suas vidas, mas suas casas e posses também.

Hoje, Guerra e eu andamos pelo acampamento, os olhos do cavaleiro indo para as pessoas que moram aqui. O próprio acampamento é diferente do que era há poucos meses. Tem muito mais risada e menos armas.

Não sei se Guerra está ciente da metamorfose que este lugar passou, ou que ele é o responsável por esta mudança, mas sei que sinto uma leveza em mim todas as vezes que vejo como as coisas melhoraram.

Quando Guerra e eu chegamos nos limites do acampamento, ele se vira para mim.

— Tenho algo para você — admite.

Eu paro de andar, erguendo as sobrancelhas. O cavaleiro me deu muitas coisas desde que nos conhecemos – uma barraca, roupa, comida, armas, mágoas, carnificina, alguns zumbis e um bebê. Não sei se quero mais dele.

O cavaleiro pega um anel e faço uma careta, sem entender.

Não é até Guerra se ajoelhar – nos dois joelhos – que percebo o que é isso.

— Casa comigo? — Guerra pergunta.

Olho para ele estupefata, meu coração tentando bater para fora do peito.

— Já prometi que sim.

— Mas agora estou *pedindo* — o cavaleiro diz, olhando para mim de onde se ajoelha. — Chega de acordos entre nós, Miriam. Quero que isso seja sua verdadeira escolha. — Ele perscruta meus olhos. — Você vai ser minha?

Poderia dizer não.

Pela primeira vez, Guerra está me dando uma saída do nosso relacionamento. Claro, é tarde demais para mim e para meu coração. E agora ele precisava se tornar um homem melhor, um homem digno de se dizer *sim*.

— Sim, Guerra. Sim, serei sua esposa.

Ele dá um sorriso tão brilhante que enruga os cantos dos seus olhos, os dentes brancos que se destacam da pele bronzeada.

O cavaleiro se levanta e, me pegando pela cintura, me roda em seus braços. Rindo um pouco, coloco uma mão em sua bochecha e me inclino para beijar seus lábios.

Quando paramos de rodar, Guerra pega minha mão e começa a deslizar o anel no meu dedo.

— Onde você aprendeu sobre pedidos de casamento? — pergunto, me lembrando que se ajoelhou nos dois joelhos. Não era bem o que homens humanos fazem, mas foi perto o bastante para saber que aprendeu com alguém em algum lugar.

— Não sou totalmente ignorante dos costumes humanos, esposa. Só a maior parte. — Ele me dá um sorriso maroto.

A resposta me faz sorrir de volta. Não posso desviar o olhar ele. Ele me enfeitiçou. Mas depois minha curiosidade me faz olhar para o anel.

É dourado, com um rubi redondo no meio. É a cor da armadura de Guerra e das suas ruas e seu corcel – bom, e do sangue também, mas estou ignorando isso.

O anel é largo demais para meu dedo anelar, então o cavaleiro coloca no dedo médio, mas também é largo demais para *esse* dedo, então Guerra o move para o indicador, onde fica confortável.

Também não é bem o costume humano, e eu amo ainda mais esse fato. Nós dois, afinal, não somos bem um casal normal –, mas o suficiente.

— Amei — falo.

Guerra aperta minha mão.

— Gosto do meu anel no seu dedo. Minha adaga também ficava bem em você, mas isso… isso pode ser ainda melhor.

*

— Me conte sobre Deus — falo aquela noite depois de entrar sob nossos lençóis. O anel de Guerra é um peso reconfortante no meu dedo.

— Não o “seu Deus”? — Guerra pergunta de onde está sentado afiando uma lâmina, os olhos pesados em mim.

Sempre foi o Deus dele. Não o meu.

Não sei quando isso mudou – talvez tenha sido quando *Guerra* mudou. O que é irônico, considerando que o estou desviando dos comandos divinos que deveria cumprir.

— O que você quer saber? — pergunta.

Apoio a mão no punho.

— Tudo.

Guerra ri, colocando o esmeril e a espada de lado.

— Por que não começamos com suas perguntas mais importantes?

— Só se você vier para cama.

Os olhos do cavaleiro se aguçam com interesse. Ele se levanta, removendo a camisa. Um minuto depois ele entra na cama ao meu lado, puxando meu corpo sobre o seu.

— Melhorou? — pergunta.

— Muito. — Minha barriga finalmente está começando a crescer, dificultando que nossos corpos se toquem por completo. — Quais as suas perguntas?

Estendo o braço e traço as palavras brilhantes no seu peito.

— O que diz isso? — Nunca perguntei.

O cavaleiro olha para mim por um longo tempo, e ele parece estar decidindo alguma coisa.

Seus lábios se a e ele começa a falar em outro idioma.

— *Ejo auwep ag hettup ewiap ir eov sui wania ge Eziel. Vud pajivawatani datafakiup, ew kopiriv varitiwuv, wargep gegiwiorep vuap ag pe. Ew teggew kopirup fotagiduv yevawativ vifuw ew nideta eov, ew geirferav.*

As palavras divinas me cobrem como uma onda, e as sinto como se fossem coisas vivas. Coisas *sagradas*. Meus olhos ardem

porque ao ouvi-las, sinto como se tivesse acabado de tocar Deus, o que ou quem Ele seja.

Serei a lâmina de Deus e Seu julgamento. Sob o guia do meu braço, a humanidade deverá render suas últimas respirações a mim. Pesarei os corações dos homens mesmo quando os entrego para o além.

Não posso duvidar que Guerra é qualquer coisa além de sagrado. Não depois de ouvir isso.

Ainda estou respirando leve quando Guerra estende a mão, traçando minha própria marca grosseira na base do meu pescoço.

— Tenho algo para você — Guerra diz, interrompendo meus pensamentos. Ele se levanta da cama e atravessa o quarto, pegando um item pequeno das calças.

— Tem outra coisa para mim? — falo, erguendo a sobrancelha.

Dois presentes em um dia? É um precedente perigoso para se criar.

Ele volta até mim.

— Queria dar mais cedo, mas depois que fiz o pedido…

Depois que fez o pedido, qualquer presente adicional teria se perdido no momento.

Guerra sobe na cama e abre a mão.

Primeiro, tudo o que vejo é um fio vermelho, mas é o suficiente para saber exatamente o que é isso. Meio segundo depois, vejo a mão prateada, uma pequena pedra turquesa cravada no meio.

A Mão de Miriam. Uma hamsá.

— Elas estavam dispostas em Edfu, e me lembrei da que você usa no pulso.

Toco a que ele se refere.

— Não sou seu pai — Guerra continua —, mas pensei que pudesse fazer o certo por ele.

Ao me dar outro bracelete de hamsá e continuar a tradição do meu pai.

Pego a joia delicada dele e a seguro.

Eu a fecho em meu punho. Faz uma década desde que meu pai colocou o último bracelete no meu pulso. Receber este presente de Guerra… parece menos como se meu pai tivesse partido.

— Obrigada — falo baixo. — Eu amei.

Guerra me ajuda a prender o bracelete no pulso, ao lado do outro.

Olho para as duas joias que o cavaleiro me deu hoje, e quase digo.

Eu te amo.

Meus olhos se movem para Guerra.

Eu te amo.

Ele ficaria extasiado de ouvir essas palavras.

Abro os lábios.

— O que vai acontecer conosco? — digo no lugar, desistindo no último minuto.

Nos últimos tempos, tenho pensado no futuro. *Nosso* futuro. Não só o que vai acontecer na próxima semana ou no próximo mês, mas onde vamos estar a anos no futuro.

— O que você quer dizer? — Guerra pergunta.

— Onde você vê nossas vidas? — Agora que tem um bebê e os costumes de Guerra estão mudando, o futuro é uma grande e assoberbante incerteza.

— Esposa, vamos viver como milhões de outros… apaixonados até a velhice.

Só tem um problema nisso.

— Mas você é imortal, e eu não sou.

— Isso não significa nada. — Mesmo assim, Guerra franze o cenho, e sei que está pensando nisso.

— *Vai* importar — insisto.

Tenho 22 anos agora, mas não será para sempre. Uma hora, minha juventude vai se esvair em ossos frágeis e pele flácida. Enquanto isso, como Guerra irá parecer? Vai permanecer imutável, o corpo ainda musculoso e viril? Não posso imaginá-lo de outro jeito.

E se ele não envelhecer, e aí? O que vai acontecer quando eu estiver velha e meu marido ainda for essa poderosa e masculina força da natureza? Ainda estaremos juntos? *Poderemos* ainda estar juntos?

E se estivermos…

— Vou acabar morrendo — falo —, e você não.

O que vai acontecer com Guerra depois disso? E o que vai acontecer com o mundo? A promessa de Guerra pode acabar com minha morte. Ele retornaria para seus velhos hábitos e começaria de onde parou?

— Um dia você falou de fé — Guerra diz, interrompendo meus pensamentos. — Talvez seja hora de ter fé em mim. Tudo vai ficar bem, Miriam. Prometo.

*

Quando acordo na manhã seguinte, Guerra não está na tenda.

Um calafrio me percorre. O cavaleiro já partiu cedo antes, mas isso era quando ele planejava com os seus homens. Ele não faz mais muito disso.

Eu me visto e me forço a comer um pouco – meu enjoo matinal parece estar passando – e depois saio da tenda. Os sons dos vivos já estão enchendo o acampamento.

Eu ando sem rumo até encontrar Guerra. Ele está nos limites do acampamento, acariciando o focinho de Deimos. O cabelo escuro do cavaleiro esvoaça no vento do deserto.

Ele não me vê até chegar bem ao seu lado. Quando por fim me nota, sorri. A expressão é tão livre de violência que ele quase poderia se passar por um homem.

Você tira pedaços de sua estranheza e ele se torna como o resto de nós.

Não sei se quero que se torne como o resto de nós. Gosto da sua estranheza.

Mas talvez eu ainda possa ter aquela estranheza, só que sem o derramamento de sangue.

Guerra continua a acariciar Deimos. O cavalo empurra a mão do dono e dá vários passos na minha direção, até o corcel afundar o rosto no meu peito.

O cavaleiro se vira e observa nós dois. Quando penso que vai dizer algo sobre Deimos e eu sermos um casal fofo (somos mesmo), ele diz:

— Vamos deixar Zara e o resto do acampamento para trás.

O mundo fica em silêncio por vários segundos depois disso enquanto continuo a acariciar o cavalo de estimação.

Suas palavras não estão registrando. Não vou deixar.

— Todos menos os cavaleiros fobos — acrescenta.

Por fim, olho para Guerra.

— O que você quer dizer com vamos deixá-los para trás?

— Na próxima cidade, vamos deixá-los para trás. Estou desmembrando o acampamento.

Agora está começando a cair a ficha.

— O quê? Por quê? — Meu coração acelera. — Está planejando matá-los? — Porque não vou deixar isso acontecer. Não com Zara ou Mamoon, e não com os outros.

As sobrancelhas de Guerra se unem.

— Não disse isso. Disse que vou *deixá-los*.

— Então vão viver? — pergunto.

— Talvez sim, talvez não. Mas isso vai depender da própria sorte deles.

Agora estou tentando compreender isso – que pela primeira vez, Guerra vai libertar o exército capturado. Podem estar longe de suas casas – agora estamos no Sudão, afinal –, mas pelo menos não vão mais estar sob o domínio de Guerra.

Não consigo recuperar o fôlego. Tem muitas emoções contrárias em mim. Dor, que vou ter que deixar minha amiga partir; incredulidade, que isso pode acontecer; maravilha, que Guerra está considerando isso. E depois tem a estranha e insistente preocupação que se esgueira.

Essa é uma parte da guerra que só vi uma vez antes. O fim. A parte onde você retira suas tropas, abaixa as armas, diminui o

tamanho do seu exército. Eu vi isso quando a Guerra Civil do meu país terminou.

Agora está acontecendo outra vez.

Zara e Mamoon vão poder ter uma vida de verdade – algum lugar que não é cheio de morte e de tristeza. O resto do acampamento vai poder ter uma vida um pouco normal. Não vai ser igual antes, nada pode voltar ao que era antes, mas vão ter outra chance a vida, o que é mais do que qualquer um nesse acampamento teve antes.

— Por que você está fazendo isso? — pergunto para Guerra.

Ele me dá um sorriso.

— Para o seu coração mole.

CAPÍTULO 53

Eu não quero deixar minha amiga. Não quis desde que Guerra me contou a novidade mais cedo esta semana, mas agora está caindo mesmo a ficha.

Guerra já libertou o exército de mortos-vivos a vinte quilômetros de distância, os corpos em decomposição espalhados pela terra seca, tudo o que sobrou do seu exército original.

Ele libertou os mortos-vivos. Agora é hora de libertar os vivos.

Eu, Zara, e o resto do acampamento, estamos parados no meio de Dongola, uma cidade no norte do Sudão que está na margem do Nilo. É um lugar bonito banhado de sol, e espero que faça minha amiga feliz.

À nossa volta, os residentes da cidade nos observam com olhos desconfiados. O acordo que Guerra fez com eles era que não machucaria ninguém contanto que incorporassem o acampamento inteiro de Guerra na cidade.

Eles não pareceram muito animados com isso – e não os culpo, Dongola não parece equipada para lidar com mais milhares de pessoas –, mas frente a alternativa, eles aceitaram.

Não que vão cumprir o acordo depois que formos embora.

É por isso que Guerra vai deixar um zumbi ou dois para trás, só para ficar de olho neles. Afinal, humanos fazem promessas frágeis.

Adultos e crianças já estão se afastando da nossa procissão, levando animais e outras formas de moeda de troca que vão precisar para reconstruir suas vidas. Sinto meu coração doer ao vê-los partir. Todos passamos por essa jornada única juntos. É uma sensação horrível de vê-los ir – e ficar para trás.

— Você vai ficar bem? — Zara pergunta. Ela segura as rédeas de um camelo rabugento e fedido, o animal carregado de coisas.

Ela tem itens o suficiente para manter a si e Mamoon confortáveis, ainda assim, fico preocupada com eles.

Concordo com a cabeça.

Ela olha para minha barriga, que está começando a aparecer.

— Tem certeza?

Não chore. Não chore.

Respiro fundo pelo nariz para me recompor.

— Vou ficar bem. Você vai ficar bem? — Olho ao redor outra vez, vendo todos os rostos inóspitos. É melhor do que a morte, mas os humanos nem sempre são as criaturas mais compassivas; vi evidência demais disso nos últimos meses.

Zara solta um barulho entre uma bufada e uma risadinha.

— Sabe que posso cuidar de mim mesma e de Mamoon. — Ele está se segurando na perna dela. — Vou ficar *bem*.

— E o resto das crianças? — Mordo o lábio inferior. Tem muitas crianças sem pais. Eu me preocupo com elas.

— Vou garantir que fiquem bem.

Dou um passo para frente e a envolvo em um grande abraço.

— Vou sentir sua falta, Zara. Mais do que você imagina. — Nós duas ficamos juntas por meses, e vimos e fizemos coisas que

ninguém mais fez. Nos aproximou. Tentar imaginar a vida sem ela parte meu coração.

Os braços dela se apertam ao meu redor.

— Também vou sentir sua falta, Miriam. Obrigada por ser minha amiga desde o primeiro dia… e por salvar minha vida e de Mamoon.

Nós duas nos abraçamos por longos segundos. Enfim, me afasto para me ajoelhar na frente do sobrinho de Zara.

— Me dá um abraço? — pergunto para ele.

Relutante, ele solta a perna da tia e vem para os meus braços.

— Vou sentir sua falta, mocinho — falo, o abraçando apertado. — Cuide da sua tia.

Ele me dá um olhar sério, o que presumo que seja linguagem infantil para, *cuidarei*. Depois volta para as pernas de Zara.

Ela se afasta de mim, mantendo o sobrinho por perto, o camelo grunhindo um pouco atrás dela.

— A propósito, se você precisar de alguém para matar seu marido — ela diz, acenando para onde Guerra está montado em Deimos —, lembre-se de mim. — Ela me dá um sorriso malicioso.

Um sorriso repuxa meus lábios.

— Pensei que você devesse sua lealdade a ele?

— Posso fazer uma excessão para uma irmã — responde, os olhos brilhando.

Algo denso prende na minha garganta.

Ela se afasta um pouco mais.

— Escreva para mim, Miriam, se puder. Talvez nossos caminhos se cruzem de novo.

Meu sorriso está oscilando com minha tristeza.

— Farei isso.

Zara acena uma última vez, depois se vira e se afasta, a cidade a engolindo.

*

O acampamento está silencioso. Silencioso demais.

Fico parada na frente da tenda recém-levantada de Guerra, observando a brisa levantar poeira como se fossem cinzas. Seguimos em frente, deixando Dongola para trás. Eu me sinto como se tivesse deixado parte de mim naquela cidade.

O vento assobia entre as barracas restantes. Fica me assustando. Pensaria que depois do barulho de morar em uma cidade de barracas eu apreciaria o silêncio. Mas sinto falta do jeito que o lugar era.

Que ironia. Estou nostálgica pelo aglomerado de barradas e a multidão no meio da qual podia me perder. Era uma comunidade contaminada, mas deixou um vazio para trás.

Nosso acampamento agora consiste de no máximo trinta barracas, e isso inclui as que protegem nossas provisões. Olho para as outras estruturas de lona, as que abrigam o que sobrou dos cavaleiros fobos de Guerra. Ele não tem substituído os cavaleiros há um tempo, então os círculo de confiança tem ficado constantemente menor.

Não sei o que vai acontecer com eles, ainda mais agora que Guerra libertou o exército morto-vivo. Vai invadir a próxima cidade

só com os homens? Ou vai levantar mais mortos?

Posso ver a mesma dúvida nas expressões tensas e infelizes dos cavaleiros de Guerra. Nenhum deles sabe o que vai acontecer em seguida. O senhor da guerra deles não os libertou com o resto do acampamento. Quais planos Guerra poderia ter para eles?

A pergunta é ainda mais urgente já que Guerra não deixou ninguém responsável pelas tarefas diárias do acampamento. Costumava ter pessoas para lavar suas roupas, pessoas para fazer a comida. Os que entrelaçavam recipientes, consertavam barracas rasgadas, afiavam lâminas e assim por diante. Fale uma necessidade, tinha alguém para preenchê-la.

Para ser justa, o cavaleiro *tentou* recrutar alguns mortos-vivos para esses trabalhos, mas ninguém quer pele em decomposição na sopa (se os mortos sequer sabem preparar tais coisas), ou que as partes inomináveis de um zumbi manchasse as roupas que estão lavando.

Dito isso, ainda *tem* alguns zumbis pelo acampamento; Guerra gosta de tê-los patrulhando a área. Ele não os deixa se aproximar o suficiente para me deixar enjoada, mas está claro que ainda os mantém por perto para a proteção do acampamento e – na maior parte – minha.

Conforme olho para as barracas remanescentes, dois cavaleiros fobos saem de uma, os torsos nus, exceto pelo lenço vermelho que sempre usam amarrado nos bíceps. Eles se inclinam na direção do outro, conversando baixo. Quando me veem, um acena na minha direção, o outro percebe e os dois ficam em silêncio.

Minha nuca formiga. O que seja que estão falando, não é para os meus ouvidos.

Pouco tempo depois, Hussain passa andando, erguendo uma mão para mim em cumprimento antes de se juntar com os outros dois. Juntos, o grupo se afasta, as cabeças unidas, as vozes baixas.

É óbvio que são amigos, e a vista deles juntos dá uma pontada no meu coração. Já sinto falta de Zara e da amizade fácil que tínhamos.

Mexendo nas pulseiras hamsá no meu pulso, vou na direção dos limites do acampamento.

Ao longe, vejo Deimos pastando, e perto dele está Guerra. Ver o cavaleiro ainda faz meu coração acelerar.

Como seus soldados, Guerra está sem camisa, e mesmo ao longe, posso ver sua pele bronzeada se mover com seus músculos. Parado aqui no meio da paisagem árida do Sudão, ele parece… diferente. Ainda feroz em estatura, mas de alguma forma oprimido. Traz à tona aquela sensação desconfortável e irritante que senti há poucos minutos, apesar de não saber o por quê.

Vou até ele.

Quando chego ao seu lado, não se vira para mim.

— Esposa — Guerra diz, olhando para o horizonte. Aqui, o mundo é todo amarelo, solo arenoso e céu azul claro. — Onde você traça o limite entre aqueles que são inocentes e os que não são? — pergunta, o olhar distante.

Balanço a cabeça, apesar de não ter certeza de que a pergunta foi para mim.

Ele se vira, os olhos escuros insuportavelmente carinhosos.

— Eu vi de tudo — diz. — Não tem demarcação clara entre bem e mal. E quem pode dizer que mesmo o pior dos homens não pode mudar?

Procuro seu rosto. Mal estou acompanhando suas reflexões, e com certeza não tenho nenhum tipo de resposta para ele.

Ele olha para meus lábios.

— Pensei que pudesse ter tudo… minha esposa, minha guerra e minha divindade. No lugar, você me forçou a questionar *tudo*… vida, morte. Certo, errado. Deus, humanidade… *a mim mesmo*. E não sou de questionar, esposa.

Ele olha para além de mim, para o horizonte outra vez.

— Passei tanto tempo julgando os corações dos homens que não julguei o meu. Não até agora. E, esposa… não é merecedor.

CAPÍTULO 54

Aquela noite, Guerra me abraça perto, mais perto que de costume. Sinto sua incerteza e conflito interno no abraço desesperado. Ele não é mesmo o tipo de criatura de se questionar, e agora que o fez, parece que sua identidade está desmoronando.

O que é Guerra sem *guerra*?

O cavaleiro procura meus olhos.

— Eu amo você. — A voz dele está embargada de emoção. — Mais do que minha espada, mais do que minha tarefa. Amo você mais do que a própria *guerra*. — Ele pressiona a testa na minha. — Sinto muito, Miriam. Sinto muito por *tudo*. Por não escutar. Por sua dor e sofrimento. Por todas as coisas.

O rosto de Guerra embaça enquanto o observo. Teve *tanto* sofrimento.

— Por que está me contando isso agora? — Minha voz está rouca.

Ele acaricia minha bochecha.

— Porque estou tomando a decisão de encerrar as lutas.

Eu a amo, mas isso está destruindo nós dois, o cavaleiro disse uma vez. Não percebi que falava literalmente quando referia a si. Guerra e apatia andam lado a lado. Para sentir, simpatizar, *amar* – esse deve ser o começo do fim para a própria guerra.

Ele estava condenado no momento que me viu em Jerusalém? Ou foi quando quase morri – ou quando me rendi? Sei que quando o

cavaleiro olhou para mim e massacrou o acampamento, estava ali. Ele me amava então, apesar de não saber o nome do que sentia; foi o ardor da traição que o atiçou. Mas até lá, a faísca que desencadeou tudo já fora acesa. Poupar as crianças, depois os justos.

E agora, Guerra está considerando parar de vez com a destruição.

É mais do que minha maior esperança, então não sei por que sinto medo, mas aquela sensação desconfortável retorce meu âmago.

— Por que está fazendo isso? — pergunto.

O cavaleiro me dá um sorriso suave.

— Sempre questionando meus motivos. Pensei que ficaria feliz.

— O que vai acontecer com você?

Não posso dizer, *O que Deus vai fazer com você*? Mas estou imaginando mesmo assim. O cavaleiro está dando as costas para seu propósito violento. Com certeza tem algumas consequências para isso.

Guerra inclina meu queixo para cima.

— Está preocupada comigo?

Meu lábio inferior está começando a tremer um pouco.

— Claro que estou. Não quero que você… *morra*. — Minha voz quebra.

Sei que ele disse que era impossível que ele morresse, mas é menos possível do que levantar os mortos ou curar os feridos ou falar idiomas mortos? Impossível não significa a mesma coisa que antes.

O polegar do cavaleiro roça no meu lábio inferior.

— E quem diz que vou?

— Me diga que não vai — falo um pouco desesperada.

— Meu irmão não morreu.

Fico imóvel.

— Pestilência ainda está vivo?

Guerra assente.

— Quer saber o que aconteceu com ele? — pergunta. — O que aconteceu de verdade?

— Como ele foi impedido, quer dizer? — digo.

Os dedos de Guerra se movem para minha cicatriz, traçando o símbolo.

— Não foi a violência que o derrubou no final. Foi o amor.

Eu não respiro.

— Meu irmão se apaixonou por uma mulher humana, e ele abriu mão da sua missão divina para ficar com ela.

O que é *exatamente* o que meu cavaleiro parece estar fazendo.

Tento manter minha voz calma.

— O que aconteceu com ele?

O que vai acontecer com você?

— Ele a esposa vivem… também tem filhos — Guerra diz.

Sinto que começo a respirar mais fácil outra vez.

— Então eles estão vivos? — pergunto. — E felizes?

— Até onde eu sei — Guerra diz.

Alívio passa por mim. Guerra não vai morrer, assim como Pestilência não morreu. Ele pode deixar a luta para trás, e podemos

ter uma vida boa juntos. Uma vida mundana e feliz e, com sorte, bem longa.

Estudo a expressão de Guerra outra vez.

— Então você não está preocupado em deixar sua tarefa para trás?

Guerra hesita.

— Não diria isso.

Como um estalar de dedos, meu medo volta.

Ele deve perceber porque diz:

— Miriam, acredita que posso ser redimido?

— O que você quer dizer? Está perguntando se pode corrigir seus erros?

O senhor dá guerra dá um aceno firme.

Ele fez tantas coisas abomináveis. Do primeiro dia que ele chegou, trouxe morte com ele. Mas o que ele fez é uma pergunta diferente da que está fazendo.

— Acho que você *já* está se redimindo — falo. — Então, sim, Guerra, acho que pode acontecer.

O cavaleiro olha para mim com carinho.

— Então, com certeza cada homem, mulher e criança na terra é tão capaz de redenção quanto eu. E se quiserem se redimir, então quem sou eu para matá-los antes do seu verdadeiro julgamento?

Balanço a cabeça, sem saber o que dizer.

— Então você vai parar de matar?

Ele dá um pequeno aceno.

— Vou parar de matar.

*

Não sei quando nós dois pegamos no sono, presos nos braços um do outro, só que sou arrancada do sono por uma voz fantasma.

Renda-se.

A palavra sussurra na minha pele, se movendo por ela como uma carícia carinhosa.

Eu me sento na cama, respirando fundo. A memória da palavra parece ecoar na tenda.

Renda-se, *renda-se*, *renda-se*.

Toco a cicatriz. O ferimento e a palavra que representa, uniu a mim e Guerra. Ele estava certo que eu deveria me render. A prova estava entalhada na minha pele.

Como um raio, a compreensão chega.

A mensagem não era para mim.

Nunca *foi* para mim. Afinal, não consigo ler angélico.

A mensagem é para alguém que pode.

Guerra.

CAPÍTULO 55

Na manhã seguinte, acordo com as mãos de Guerra na minha barriga.

— Hum, o que você está fazendo? — falo grogue, me esticando na cama.

Sinto o cabelo do cavaleiro roçar minha pele nua antes de pressionar um beijo em meu ventre.

— Nunca vai parar de me fascinar — fala —, que você está gerando meu filho.

Abro os olhos e passo uma das mãos por seu cabelo escuro, que está bagunçado do sono.

— Você sabe o que é? — pergunto.

Quer dizer, ele sabe várias outras coisas… talvez saiba o sexo do bebê.

Guerra desenha círculos na minha barriga, a expressão suave.

A boca se curva em um sorriso.

— Humano, imagino. Ou perto o suficiente disso.

Dou risada e o empurro, apesar de não estar certa que ele quis que fosse uma piada.

— Sabe qual o *sexo* da criança?

Ele olha para mim com carinho.

— Até meu conhecimento tem seus limites. Vamos descobrir juntos.

Eu o puxo para mim, dando um beijo em seus lábios.

— Trocando a morte pela vida — digo quando me afasto. — Fica bem em você.

Ele pega meu rosto nas mãos.

— Não sabia que era capaz de me sentir assim, esposa. Felicidade é uma nova emoção…

A aba da tenda se abre, e um cavaleiro fobos entra, nos interrompendo.

Puxo o lençol para cobrir meus seios. Assim como Guerra, comecei a dormir nua. *Então me deixe, minhas roupas estão ficando apertadas demais.*

Guerra se senta, nem um pouco incomodado com a própria pele exposta.

— Saia. — Ele soa como seu eu antigo. Cheio de confiança e violência reprimida.

O cavaleiro, um homem corpulento e careca, com uma barba densa, parece um pouco instável. Ele faz uma mesura rápida, depois se apressa a dizer:

— Com todo respeito, Meu Senhor, os residentes de Carima estão cavalgando para nos emboscar. Se queremos impedi-los, *precisamos* partir agora.

Olho para Guerra, alarmada. Ontem, o cavaleiro estava determinado em abaixar a espada, mas o que acontece quando são os humanos que atacam? Ele permanece determinado ou abre uma exceção?

Guerra se levanta, nu e despreocupado, atravessa a tenda para pegar as calças.

O cavaleiro fobos desvia o olhar de repente. Depois, murmurando uma desculpa rápida, sai.

Eu me sento, os cobertores presos firmes contra mim, observando conforme o cavaleiro coloca a roupa preta, depois a armadura. Por fim, ele coloca a espada enorme nas costas.

Com o surgimento da espada, minha apreensão aumenta. Não posso dizer exatamente o que está me preocupando – que Guerra pode matar como sempre fez… ou que ele pode fazer outra coisa, algo que poderia ter as próprias consequências.

Guerra deve perceber as possibilidades terríveis passando no meu rosto porque ele se aproxima e se ajoelha ao lado do palete.

Ele estica o braço e acaricia minha bochecha.

— Não tem nada a temer, Miriam. Quaisquer que sejam suas preocupações, afaste-as.

Assinto, tentando acreditar nele.

O cavaleiro me dá um beijo, e depois parte.

*

O acampamento inteiro – ou o que restou dele – esvazia. Guerra se foi, os cavaleiros também – até a maior parte dos cavalos.

Estou completamente sozinha, menos os poucos seguranças esqueléticos que Guerra trouxe de volta a vida para me proteger. Sinto-me como se fosse a última humana na terra, meus arredores abandonados, os vivos nada além de memórias.

Meus arredores não ajudam. Esta parte do Sudão é toda terra cozida e céu. E tirando algumas ruínas e um punhado de prédios

que vislumbrei quando chegamos cavalgando, não tem nada para indicar que as pessoas algum dia viveram aqui.

Mas não é a solidão que é dolorosa tanto quando o tédio. Reli o romance tantas vezes que poderia citar partes inteiras do livro a essa altura. Olhei para a foto da minha família até meus olhos quase sangrarem. E a ideia de fazer outra flecha me faz querer arrancar os cabelos.

Talvez seja isso que me leva a bisbilhotar pelo acampamento.

Nunca estive na barraca de nenhum dos cavaleiros fobos. Nunca tive a oportunidade ou o desejo. Mas agora que não tem ninguém para me impedir, a curiosidade me vence.

Saio da tenda de Guerra e atravesso o acampamento, uma brisa quente mexendo meu cabelo.

A barraca mais perto de mim está a uns dez metros de distância. Vou até ela, parando por meio segundo na abertura.

Isso é rude e invasivo. Também não é a pior coisa que já fiz.

Afasto as abas e entro.

O lugar está uma bagunça. Já tem um dia de pratos sujos empilhados no canto do quarto, e outra pilha e roupas manchadas de sangue. Moscas zunem dentro da barraca, e merda, isso deveria ser incentivo o suficiente para limpar o lugar.

A próxima barraca não poderia ser mais diferente. É espartana, e as poucas posses do dono estão organizadas de uma forma metódica. Até os cobertores no palete do cavaleiro estão arrumados.

Minhas sobrancelhas se unem com isso. Estavam com uma pressa louca de encontrar os inimigos, pensei que não teria tempo para arrumar a cama.

A próxima barraca pertence a uma mulher, apesar que não saberia disso olhando para os pertences. Minha única dica é a foto emoldurada ao lado da cama. Reconheço o rosto dela na hora. É difícil que isso não aconteça quando tem tão poucas mulheres nos cavaleiros fobos. Na foto com ela está um homem – seu marido?

De supetão, sinto uma emoção indesejada por essa mulher que sem dúvida massacrou dúzias de inocentes. Mas não posso evitar. Um dia ela teve uma família, assim como o resto de nós, e em algum momento, ela os perdeu – provavelmente para o próprio Guerra.

Pela milionésima vez eu me pergunto o que motivou esses cavaleiros a não só lutarem por Guerra, mas a se tornarem os soldados mais confiáveis e letais. Foi sobrevivência? Amor por jogos de guerra? Outra coisa?

Deixo a barraca da mulher, me esgueirando como um fantasma.

Bisbilhotar está começando a perder a graça. Relutante, vou para a quarta barraca.

A última, eu me prometo.

Esta casa parece um lugar compartilhado; tem dois paletes unidos, e os lençóis estão bagunçados do sono.

Parece que Guerra e eu não somos as duas únicas pessoas do acampamento dormindo juntas.

Esses cavaleiros tem o luxo incomum de ter um baú de vime no quarto. Poucos têm, já que é difícil viajar com móveis.

Vou até ele.

Eu me ajoelho na frente do baú e abro a tampa. Dentro eu vejo um narguilé, tabaco, um jogo extra de roupa, e um jogo de café

turco. No meio de tudo isso está um pedaço de papel dobrado.

Pego o papel e abro. Nele está desenhado um mapa a mão da área na qual estamos, incluindo o Rio Nilo que temos seguido, a estrada na qual viajamos, nosso acampamento temporário, e a cidade de Carima, a última está situada no canto superior direito do mapa. Certas áreas no mapa tem X marcados, junto com os nomes de vários cavaleiros fobos.

Este é um mapa tático, compreendo. Um que parece incluir pessoas e os lugares que precisam defender… ou atacar.

Mas Guerra me disse que estava abrindo mão da batalha.

Ele não mentiria para mim – ainda mais sobre isso.

O que quer dizer que o mapa está errado. Tem que estar. Minha testa enruga conforme continuo a estudá-lo. Quanto mais olho para ele, mais estranha me sinto.

E então entendo o por quê.

No mapa, os cavaleiros fobos estão posicionados ao longo da estrada, e julgando pelas marcas, o plano é levar os atacantes na direção de uma localização específica, uma onde podem emboscá-los. O único problema, é que o mapa não mostra os atacantes vindo da cidade.

Mostra-os vindo do acampamento.

CAPÍTULO 56

Guerra estava certo. Não tem nada a temer.

Até, claro, *ter*.

Devolvo o mapa onde encontrei, e depois eu *corro* para a tenda de Guerra.

Ele vai ser emboscado.

Pelo menos acho que vai.

Mas… devo estar enganada com o que vi. Não porque tenho fé nos cavaleiros de Guerra – não confio nada neles –, mas porque eles sabem melhor do que ninguém a extensão do poder e da selvageria do cavaleiro.

Sabem que não pode ser morto.

Então por que planejar uma emboscada?

Talvez tenha lido errado o mapa. Não tenho muita experiência lendo mapas táticos. É possível que tenha interpretado errado.

Dentro da tenda de Guerra, pego minha adaga e bainha e prendo na cintura. Demora um pouco mais para encontrar o arco e a aljava que Guerra me deu. Me sinto um pouco boba, me armando quando ainda estou incerta do que vi.

Os cavaleiros de Guerra devem saber de algo que não sei, ou entendi tudo errado. Talvez eles não matem o cavaleiro – por que minha mente volta para isso? *O homem não pode morrer.*

Ainda assim, desconforto parece uma pedra no meu estômago.

Saio, indo para o curral, onde alguns cavalos permanecem. Paro quando os vejo, outra onda de incerteza passando por mim.

Vou fazer isso mesmo? É uma coisa me armar, outra selar um cavalo e galopar para a batalha em uma presunção.

E mesmo que meus piores medos sejam verdade, o que poderia fazer que Guerra não pode?

Nunca tenho a chance de responder minhas próprias dúvidas.

De supetão, a terra ganha vida sob meus pés, e *está brava*. Ela se move violentamente, quase me jogando no chão. Cambaleio para longe enquanto as barracas balançam e desmoronam ao meu redor. Os cavalos se movem nervosos no curral.

No próximo instante, os mortos estão saindo do chão, se arrastando para superfície. Eles se movem com agilidade sobrenatural; nunca os vi se erguerem tão rápido.

Um dos cavalos avança, irrompendo pela madeira frágil da cerca. O resto segue, galopando para longe.

Eu me viro.

Em todas as direções, os mortos estão se erguendo. Tem centenas deles até onde a vista alcança. Nunca vi Guerra chamar tantos.

A maior parte são apenas cascas de humanos, alguns com muitos ossos faltando. Também tem outros animais – cavalos, cabras, gado, e algo que pode ser um cachorro ou um chacal. Eles se erguem da terra desértica, poeira escorrendo deles.

Quando estão na superfície, começam a correr em uma única direção: para o lugar da emboscada.

GUERRA.

Alguma coisa aconteceu. Agora estou certa.

E meu primeiro plano está em frangalhos – os cavaleiros se foram há muito. Se quiser ajudar Guerra, vou ter que ir a pé.

Começo a correr na mesma direção que os mortos conforme passam por mim. Tem tantos – muitos mais do que alguém imaginaria, dado o fato que a terra parece ser desprovida de vida.

A terra está tão cheia ossos.

Ao longe, escuto um abafado *bum*. O som me faz ranger os dentes.

O que diabos?

Menos de um minuto mais tarde, escuto mais dois *bum*, cada um me deixando mais nervosa.

Em resposta, forço minhas pernas a irem mais rápido.

Só andei uns cem metros quando, de repente, todos os mortos-vivos desmoronam no chão de uma vez.

Olho ao redor para os incontáveis corpos que cobrem a paisagem, me eriçando.

Eu me aproximo de um dos corpos, este nada mais do que um esqueleto. Olho para ele conforme os segundos passam. Um – dois – três – quatro…

Algo não está certo.

Algo não está *mesmo* certo.

Olho para o horizonte. Meu desconforto voltou, mas agora em dobro.

Quer saber?

Foda- se.

Regra Quatro do *Guia de Sobrevivência de Miriam Elmahdy*: escute seus instintos.

Não tenho feito isso, não desde que cheguei no acampamento. Os últimos meses me forçaram a ignorar essa regra pela qual vivi, mas não farei isso hoje.

O instinto me diz que algo terrível está acontecendo com Guerra – que algo terrível pode *já* ter acontecido.

Pego o arco e puxo uma flecha da aljava. Continuo a correr pela estrada levando a Carima, desviando de pilhas de ossos e corpos que cobrem o chão. É quando estou correndo que compreendo que se os homens de Guerra tinham intenção de se desfazer dele, então vão voltar para o acampamento para se livrar de mim também.

Merda. Podem estar voltando neste instante.

Parte de mim quer continuar indo com tudo na direção de Guerra, mas a parte mais calculista, sobrevivente, sabe que a única vantagem que tenho sobre duas dúzias de cavaleiros fobos armados é a surpresa.

Perscruto meus arredores ao correr, até ver um carro enferrujado que está ao lado da estrada. Vou até ele, e me agacho atrás da estrutura de metal, aponto a arma para a estrada.

Não preciso esperar muito antes de ouvir o som de cascos ao longe. Olhando por cima do capô do carro, vejo um cavaleiro montado. Está longe demais para discernir suas feições, mas posso ver que não é Guerra. O corcel é preto e não vermelho, e a estatura do cavaleiro não é nem de perto tão assombrosa quanto a de Guerra.

Mantenho a flecha fixa no cavaleiro e espero se aproximar. Então, puxo o fio.

Inalo. Exalo. Miro. *Atiro*.

Minha flecha atinge o cavaleiro no peito, empurrando o cavaleiro para trás na sela.

Outra flecha está na minha mão em um segundo. O homem está se endireitando quando saio do meu esconderijo e solto a corda.

A flecha o atinge no braço – não onde mirei, mas inferno, o acertei. Precisa contar para alguma coisa.

— Miriam! — ele urra, se aproximando de mim. — O que diabos você está fazendo?

É estranho ouvir meu nome dos seus lábios quando não sei quem é esse homem, ou ouvi-lo gritar sua afronta quando deve saber exatamente o por quê estou atirando nele.

O cavaleiro diminui a velocidade do cavalo ao se aproximar de mim, depois desmonta. Só agora vejo que é o homem corpulento e barbudo que entrou na minha tenda esta manhã. Agora está com uma espada de um lado do quadril e um machado de guerra do outro. Bruto, ele pega a flecha enfiada em seu braço e a arranca, jogando a arma para o lado.

Encaixo outra flecha, mirando nele.

— O que *você* está fazendo? — Estou impressionada com o equilíbrio da minha voz.

Ele vem na minha direção, me dando um olhar de desdém.

— Eu a vi marchar pelo acampamento pelos últimos meses como se fosse uma maldita rainha. — A mão dele toca o topo do machado.

— Toque na arma outra vez e vou atirar.

— Mas você não é uma rainha — o cavaleiro fobos continua, a mão caindo ao lado. — É só uma puta barata que engravidou. — Os

olhos dele encontram os meus. — Agora abaixe essa arma e vou dá-la uma morte rápida e limpa. Se não vou arrastá-la para o resto dos homens e vamos curtir fodê-la…

Minha flecha o atinge no pescoço, e suas palavras cortam com um engasgo.

Não estou no clima de ouvir essa merda.

Ele dá um passo instável para trás, parecendo mais surpreso do que com dor. Eles sempre parecem surpresos. Não sei por quê. Já atirei duas vezes nesse homem, e o ameacei uma terceira.

O cavaleiro tenta tirar a flecha conforme o sangue escorre pelo seu pescoço. Ele oscila um pouco, depois cai de joelhos, esticando um braço para se apoiar. Mais sangue jorra no chão.

Vou até ele, preparando outra flecha.

— Onde está meu marido?

O cavaleiro faz o melhor que pode para olhar para mim, considerando que tem uma flecha no seu pescoço. Ele dá um sorriso cruel ao tentar falar. Em vez disso, o som borbulha da sua garganta.

Não importa. Vi as palavras se formarem em seus lábios. *Guerra está morto.*

CAPÍTULO 57

O cavaleiro fobos desmorona logo após isso. Eu me inclino e tiro o machado da sua mão. Uso as calças dele para limpar o sangue da arma, e depois passo o cabo de madeira pelo meu cinto.

O cavalo do homem só se afastou uma pequena distância. Passando por cima de uma pilha de ossos, chego no cavalo e monto. Demoro apenas alguns momentos para virar o animal na direção de Carima. Depois, cavalgo como se demônios estivessem me perseguindo.

Guerra está morto. As palavras se repetem várias e várias vezes. Talvez seja por isso que seus zumbis desmoronaram de uma vez. Talvez ele não os libertou, talvez seu poder sobre eles tenha morrido com ele.

Ele não pode morrer, preciso ficar me lembrando. *Pelo menos não de forma permanente*. Mas com cada cadáver que passo me sinto menos certa.

E se Deus deu as costas para o meu cavaleiro agora que Guerra decidiu encerrar as batalhas? E se Ele decidiu que dessa vez *morto* significa *morto*?

Não consigo respirar. O pensamento é absolutamente aterrorizante.

Não sei quando tempo cavalgo antes de registrar o baque molhado vindo de um dos alforjes. Estico a mão para ele irritada. No

momento em que todo no tecido, minha mão fica vermelha. Olho para os dedos.

Carmesim.

Paro o cavalo de supetão, uma sensação ruim me tomando.

Desmontando, abro o alforje e…

Dou apenas uma olhada no cabelo escuro familiar e uma conta dourada ensanguentada antes de me virar e vomitar pelo lado do cavalo.

O que seja que meus olhos viram, estavam enganados. Não deveria olhar outra vez. Não deveria.

Abro mais o alforje.

— Não. — A palavra escapa.

O rosto de Guerra está ensanguentado e parece todo errado. Preciso me inclinar para vomitar outra vez.

— *Não* — soluço. Meu corpo inteiro treme.

Ele me disse que não poderia morrer de forma permanente. Ele me *disse* isso.

Mas nunca me disse o que aconteceria se alguém fizesse algo drástico assim, algo tipo remover sua cabeça do pescoço.

Eu me sento no cavalo por quase um minuto, ciente de que o tempo está passando.

Não ligo muito.

Um soluço engasgado escapa. Pressiono o dorso da mão na boca, uma lágrima escorregando, depois outra.

Guerra se foi.

Meu marido, meu amor – o homem que despertou *tudo* em mim.

O homem que deixou uma parte de si *dentro* de mim.

Tudo o que posso me lembrar agora são as noites que me abraçou sob a luz das estrelas, e a sensação dos seus lábios contra minha pele ao sussurrar seu amor por mim.

Ele se foi, se foi, se foi. Um dia, quis tanto isso – me libertar dele. É uma ironia tão cruel que agora que quero meu cavaleiro, alguém o tirou de mim.

Nunca tive a chance de dizer que o amava.

Outro soluço abafado escapa. Posso sentir que estou começando a tremer. Estou prestes a perder o controle. Posso sentir que estou parada naquele precipício, pronta para cair de cabeça na tristeza.

Olho para o horizonte e me forço a me controlar.

Vai ter tempo de lamentar Guerra – tempo infindável e eterno. Sei muito bem disso. Mas agora, enquanto ainda posso – quero minha vingança.

*

Galopo pela estrada a toda velocidade, raiva me guiando em frente. Meus pensamentos são um grito contínuo nos meus ouvidos.

Não posso pensar nele ou nos corpos que decoram a estrada como confete.

Estou sendo controlada por vingança e apenas vingança.

Por que tudo que amo precisa ser tirado de mim?

Afasto o pensamento antes de cair nesse beco sem saída de novo.

Vejo um prédio em ruínas ao lado da estrada, e num ímpeto, guio o cavalo na direção da estrutura. Antes que o corcel tenha parado por completo, eu desmonto, passando por cima de duas pilhas de ossos para que possa entrar na estrutura abandonada. Levo o cavalo comigo.

Os cavaleiros fobos precisam voltar por esta estrada se quiserem retornar ao acampamento; é a única que leva até lá. E eles *vão* retornar para o acampamento. Deixaram todas as posses para trás, e ainda tem que me matar.

Seguro o arco nas mãos, uma flecha encaixada nele. Preciso de toda minha força de vontade para não desviar o olhar para aquele alforje, que está pingando no chão. Posso ouvir o som terrível.

Ploc… *ploc*… *ploc*.

Ranjo os dentes e paro na janela que dá vista para a estrada. Paro um segundo para quebrar o vidro, antes de focar o olhar e a arma na estrada.

E então espero.

Parece que horas passaram quando os cavaleiros fobos vem galopando pela estrada. A essa altura minha mente está silenciosa e minha mira firme.

Bem firme.

Não tenho mais medo em mim, e minha raiva esvaneceu, não deixando nada além de propósito mórbido.

Conto os cavaleiros. Um, dois, três – *quatro*. Quatro quando tinham quase vinte. O que significa que além deste grupo e do homem no qual atirei mais cedo, ainda tem quinze soldados que não sei onde estão.

Vou me preocupar com isso mais tarde.

Miro a flecha em um dos cavaleiros, respiro fundo, depois solto.

Acerta o homem no ombro. O corpo dele solavanca com o impacto, mas consegue ficar no cavalo, puxando as rédeas com tudo.

Já estou posicionando a segunda flecha quando o resto dos seus camaradas percebe.

Respiro, depois solto.

A próxima flecha atinge outro cavaleiro bem no peito. Ele desmorona na sela, o cavalo saindo da estrada.

Os dois cavaleiros restantes se viram nos corcéis, procurando a origem das flechas.

Encaixo e solto. Atinjo um deles. Três feridos.

Tudo o que sobrou foi…

Meus olhos encontram Hussain assim que ele olha para mim.

— *Miriam* — ele rosna.

Hesito por meio segundo. Hussain sempre foi gentil comigo. Não quero acreditar que possa ter ajudado a matar Guerra – ou que ele possa estar cavalgando para o acampamento para lidar comigo.

O segundo passa e com ele, meu choque. Pego outra flecha e miro. Atiro.

Hussain desvia, a flecha zunindo onde sua cabeça estaria. Ele chuta o cavalo, galopando direto para o prédio.

Claro que seria parte dessa conspiração; parece que todos os cavaleiros faziam parte.

Ainda assim, meu coração se parte um pouco ao vê-lo.

Em vez de continuar atirando nele, miro a próxima flecha em um dos cavaleiros feridos que se endireitou no cavalo e está retornando. Mirando no torso, solto o projétil. Acerto logo acima do esterno, e escuto um grunhido.

É tudo o que tenho tempo.

Hussain está do outro lado da porta. Eu escuto desmontar, as armas tilintando.

Encaixo outra flecha, mirando para a entrada. Tem um momento de silêncio…

Com um chute forte, a porta explode para dentro. Parado do outro lado está o único cavaleiro que foi gentil comigo. Com a espada em punho, ele entra. Solto a flecha.

Ela atinge Hussain na lateral. Não deve ser mais do que uma ferida superficial, mas é o suficiente para fazê-lo parar.

Ele olha para ela, depois para mim.

— Nunca pensei que tentaria me matar — fala.

Em segundos, pego outra flecha da aljava e coloco no arco.

— Poderia dizer o mesmo.

Miro, atiro.

Hussain se move, mas não é rápido o bastante para evitar ser atingido. A flecha afunda perto do quadril.

Ele range os dentes, mas é a única reação que tenho. E ele continua a avançar, removendo a flecha no caminho.

Vejo sangue escorrer da ferida, mas ele não parece nada incomodado. Ele puxa a segunda flecha, jogando-a para o lado.

Que porra é essa selvageria?

Abaixando o arco e aljava, pego a adaga e o machado, recuando. Os olhos dele vão para o machado na minha mão. Ele

ergue as sobrancelhas.

— Conseguiu matar Ezra? — pergunta, reconhecendo o machado. — Miriam, estou impressionado.

O olhar de Hussain vai para meu rosto, depois para o cavalo atrás de mim. Deve ver o alforje encharcado de sangue, o que significa que sabe que eu sei.

— Por que você está fazendo isso? — pergunto.

A atenção dele se volta para mim.

— Guerra vai parar com as invasões. Se não o avisou, deve ao menos ter notado.

Mudo o peso de perna, suor das minhas mãos deixando as armas escorregadias.

— Ele deixou seu exército de crianças e inocentes em Dongola — Hussain continua —, mas não os assassinos treinados. Por que você acha isso?

Para ser honesta, não faço ideia.

— Vamos ser honestos um com o outro. Guerra pode poupar os inocentes do mundo… pode até poupar o homem comum, mas seus cavaleiros fobos? Vimos e fizemos demais. — Hussain balança a cabeça. — Demos tudo a ele…

— Tudo menos sua lealdade — falo.

— Ele planejava nos *matar*.

— Não — falo, algo bem fundo em mim doendo. — Guerra não planejava isso.

Nenhum desses guerreiros devia conhecer os pensamentos de Guerra sobre redenção e perdão. Se conhecessem, saberiam que o cavaleiro também os teria poupado. Guerra acreditava que até eles

eram capazes de redenção. No final, esses homens que não tinham fé.

E então conspiraram para matar o cavaleiro.

Hussain ergue a espada, as intenções claras.

— Você foi gentil comigo — falo um pouco triste.

Não que importasse agora. Não impediu que Hussain conspirasse contra Guerra, nem me impediu de atirar nele. E não vai impedir o cavaleiro fobos de tentar me abrir agora.

— E você foi gentil comigo — responde, reconhecendo nosso relacionamento estranho. Ele dá um passo à frente, depois outro, a arma ainda em riste. — Gentil o bastante para considerar poupá-la. Mas sabemos que se o fizer, você irá tentar salvá-lo.

Encaro Hussain. Não adianta negar. Ele já me viu matar seus homens. Conhece minhas intenções, assim como conheço as dele.

— Além do mais. — Seus olhos se movem para minha barriga. — Tem o problema dessa criança…

Sem aviso, Hussain golpeia como um martelo, e mal saio do caminho a tempo. Movo o braço, mas estou longe demais, e minhas armas são curtas demais para conectar com alguma coisa.

O resto das minhas emoções vão para segundo plano conforme engajo na batalha, desviando dos golpes sucessivos de Hussain mesmo ao atacar com minhas próprias armas.

Nós dois desviamos e rodopiamos, damos um passo para o lado e avançamos, nos movendo quase em sincronia. É uma dança violenta, e Hussain é meu parceiro.

Ele golpeia de novo, e desta vez sou lenta demais. Sinto a sensação de pele rasgando e líquido quente escorrendo pelo braço.

No próximo segundo, a dor surge. *Porra*, e como surge. Meu bíceps esquerdo está em chamas.

O cavaleiro segue o golpe com outro, este acertando o outro braço, igualmente profundo.

Olho para ele, meu próprio ataque parando de supetão, e sei que vai me matar. Ele vai me matar e não vai pensar duas vezes nisso. Ele fez isso uma centena de vezes antes. O que é outra morte? É tão fácil quanto respirar para ele.

O olhar de Hussain ficou um pouco excitado, como se adorasse o momento em que seu oponente está pairando entre a vida e a morte.

— Você pensou mesmo que poderia se tornar a esposa do cavaleiro e as coisas terminariam bem para você? — fala quase que com dó. — Ele é um monstro. Todos somos. Não temos finais felizes.

Hussain balança a espada, com a intenção de cortar meu torso, e a única vantagem que tenho neste ponto é que sua espada é pesada e um pouco lenta.

Abaixo sob o golpe, sentindo o ar se mover acima de mim. Instinto está gritando para mim correr, mas a única chance que tenho de impedi-lo é fazendo o oposto. Então quando me levanto, dou um passo para frente, balançando o machado por baixo ao fazê-lo.

Meus braços feridos gritam contra o peso da arma, e preciso ranger os dentes com a dor.

O machado atinge Hussain na barriga, afundando em sua pele. Por um segundo, só posso encarar o ferimento como uma tola, chocada que consegui acertar.

Meio segundo depois ele me bate com o dorso da mão, me jogando no chão. Rolo antes de ter chance de me recuperar, e um segundo depois, a espada de Hussain atinge o chão onde estava há um instante.

Fico de quatro, engatinhando para longe dele, a adaga de Guerra presa na minha mão. Minha bochecha parece estar em chamas.

Posso ouvir a respiração ofegante de Hussain.

— Não vou morrer hoje, Miriam — ele bufa, pegando meu tornozelo e me arrastando de volta para ele.

Eu também não.

Eu me viro de costas assim que ele ergue a espada sobre a cabeça, e chuto o cabo do machado saindo do seu corpo.

Hussain solta um som raivoso, meio agonizado, um som que ouvi tantas vezes na batalha enquanto homens e mulheres morriam. A espada escapa da sua mão e preciso rolar para fora do caminho ao cair no chão.

A mão no meu tornozelo perde a força e consigo me soltar. Fico de pé, meu olhar passando por Hussain.

Uma cortina de sangue jorra do ferimento. É um golpe fatal, posso ver na hora.

Acho que ele também sabe. Ele dá uma risadinha, mesmo ao se apoiar na parede.

— Não posso acreditar… você me pegou — ele arfa.

Eu também não.

— Ele não vai voltar a vida, sabe — fala. — Garantimos isso.

— Não acredito nisso — respondo. Não *posso*.

Fico parada um segundo, com adaga em punho. Poderia matar Hussain agora. Não sei se seria a coisa mais piedosa a se fazer.

Eu me lembro das palavras de Guerra da noite passada.

Cada homem, mulher e criança na terra é tão capaz de redenção quanto eu… quem sou eu para matá-los antes do seu verdadeiro julgamento?

Com a memória, guardo minha arma.

Os joelhos do cavaleiro cedem neste momento, e ele escorrega pela parede.

Começo a me afastar de Hussain, mas depois paro, olhando por cima do ombro uma última vez.

— Guerra ia mesmo deixá-los viver, sabia? Ele me disse que todos os homens merecem uma chance de redenção.

Hussain não reage a isso.

— Não sei como devemos nos redimir — admito —, mas você ainda tem um tempo. Pela nossa amizade, *tente*.

*

Pego o arco e a aljava e saio do prédio.

Do lado de fora, um dos dois cavaleiros fobos remanescentes tentou cavalgar para longe, mas deve ter caído do cavalo porque o vejo deitado ao lado da estrada, imóvel no meio de todos os outros cadáveres espalhados no chão.

O outro cavaleiro também caiu do corcel, mas ao deixar o prédio, ele está mancando na direção da criatura que está parado a cinquenta metros de distância.

Usando o arco e as flechas que recuperei, atiro na sua coluna. Suas costas arqueiam, e depois ele tropeça vários passos antes de cair de joelhos.

Pego outra flecha e encaixo ao me aproximar. O cavaleiro olha por cima do ombro para mim, os olhos cheios de raiva.

A segunda flecha atravessa suas costelas. Ele grita, desmoronando no chão.

— Sua vaca! — ele engasga conforme o alcanço.

— Onde está Guerra? — exijo, colocando outra flecha no arco e apontando para ele.

Ele solta uma risada dolorida.

— Vai morrer se tentar salvá-lo. — Ele está arfando. — Mas tente.

Um mau presságio desliza pela minha coluna.

O cavaleiro fobos tosse, depois fica imóvel. Eu o cutuco com a bota, mas está claro que a vida que tinha, se foi.

Vou dele para os outros cavaleiros, conferindo sinais de vida antes de coletar as flechas que consigo.

Posso precisar delas para os últimos quinze cavaleiros.

Volto para o prédio de tocaia onde deixei meu cavalo.

Quando entro, Hussain está morto, os olhos meio abertos e olhando para algo no chão.

Algo em mim dói ao vê-lo. Com certeza cometeu muitos, muitos horrores. A morte não era menos do que merecia. Ainda assim, foi gentil comigo quando não tinha motivo para ser. Espero que o que tenha depois dessa vida pese seu bom com o ruim.

Pego as rédeas do meu cavalo e levo a criatura de volta para fora. Não posso ficar aqui e esperar mais cavaleiros fobos virem até

mim. Se tiverem outros que estão a caminho do acampamento, vou precisar encará-los de frente.

Está na hora de encontrar meu marido.

*

Cavalgo pela estrada, seguindo a trilha de cadáveres como migalhas. Estão espalhados no chão em todos os lugares. Ao que parece, Guerra chamou todos os mortos para si, cada um que pode alcançar.

Em algum ponto, os corpos caídos parecem sair da estrada, indo para oeste, para o deserto. Deixo a estrada, indo na direção do que presumo ser o lugar do ataque.

Quanto mais cavalgo, mais densos os corpos ficam. Uma brisa quente se levantou, e uma camada de areia salpica os corpos como um adorno.

Só vejo o resto dos cavaleiros fobos depois de subir uma pequena colina..

Conto nove entre o resto dos cadáveres, os corpos rasgados de membro a membro, os pescoços cortados. Parece que se tornaram comida de zumbi. Ainda mais perverso, os cavaleiros fobos estão com as bocas ensanguentadas, como se no momento que morreram, se viraram contra os camaradas.

Eu continuo em frente, ciente de que meia dúzia de cavaleiros fobos ainda estão ausentes.

Tudo isso muda quando, a uma pequena distância, vejo um pedaço de terra sem cadáveres. Forma um círculo tortuoso, e nos

limites do círculo, vejo pedaços de membros – um braço aqui, uma perna ali, uma parte de corpo indeterminada do outro lado.

Minha naúsea anterior retorna com a vista.

Não tem jeito de determinar quantos cavaleiros fobos morreram aqui, ou o que causou, só que – baseado no espirro de sangue – muitos deles encontraram seu fim aqui.

A uns dez metros disso, os corpos se tornam tão densos que quase estão deitados um sobre o outro. Parecem encontrar um ponto focal, como se estivessem se aproximando de alguém quando atingiram a inércia.

Era Guerra? O atacante?

Meu cavalo se recusa a desviar dos mortos, então desmonto e vou até o local a pé.

Vou desviando dos corpos, e bem no meio de todos eles, tem mais cavaleiros fobos mortos e muito sangue –, mas nada de Guerra.

Preciso procurar mais um pouco para encontrar pistas da localização dele.

Perscruto a área, certa que seu corpo deve estar por aqui.

Depois de vagar por uma pequena eternidade, vejo um pedaço de terra limpa. Eu me aproximo. É outra clareira circular cercada de entranhas e corpos mutilados.

Dessa vez, noto as marcas de queimado na terra, e me lembro dos *bum* abafados que ouvi de volta no acampamento.

Tudo se alinha.

Esses idiotas estavam manuseando *explosivos*.

Não deveria ficar surpresa; o exército de Guerra encontrou alguns no Egito, então sei que ainda existem. Mas qualquer um com

um pouco de bom senso sabe que explosivos pararam de funcionar há muito tempo. E é óbvio que os que ainda funcionam são instáveis e imprevisíveis.

Mas seria um jeito eficaz de destruir o cavaleiro.

Minhas mãos começam a tremer conforme me movo na direção da clareira, meus olhos fixos nos pedaços de corpos. Vou precisar procurar pelos destroços para saber o que aconteceu com Guerra?

Assim quando começo a perscrutar os limites da explosão, noto que tem outra clareira, menor, a uma curta distância.

Ao lado dela, tem um buraco do tamanho de um caixão na terra. Engulo em seco.

Tomando cuidado onde piso, atravesso os mortos, indo até lá.

Não quero olhar.

Respiro fundo e chego até o buraco.

Preciso olhar.

Olho por cima da beirada.

— *Não*. — A palavra escapa como um soluço.

Deitado no fundo do poço, encontro Guerra.

CAPÍTULO 58

Eu me sento no chão cheio de cadáveres, meu punho pressionado na boca, encarando o túmulo aberto de Guerra. Posso sentir lágrimas quentes nas bochechas.

Ele ia parar. Toda a violência, todas as mortes. *Ele ia parar*. Ele me disse ontem à noite.

Atrás de mim, escuto barulho de cascos. Um minuto depois, sinto o focinho de um cavalo cutucar minhas costas.

Eu me viro para ver Deimos, a pelagem manchada de sangue e vários cortes grandes.

Com a respiração entrecortada, pressiono o rosto contra o dele.

— O que eles fizeram com você e Guerra?

Ele relincha contra mim, o som estranhamente dolorido; é o mais perto que cheguei de ouvir um animal chorando.

Seguro a cabeça do corcel, acariciando sua bochecha. E aí começo a chorar. Choro pelo homem que todos temem. Choro pelo homem que todos querem morto. Choro pelo homem que *amo*. O homem para quem nunca admiti isso.

Ele não sabe.

Falei e fiz tantas coisas feias para ele, mas não o disse que é a melhor parte do meu dia. Não o disse que ele se tornou um homem melhor, e não queria, mas me apaixonei por ele. Tudo o que quero é ele, e está morto.

Ele disse que não poderia ser morto. Quase *prometeu* para mim.

E nunca pensei que fosse um mentiroso.

Eu me recomponho e respiro fundo, soltando Deimos ao me levantar.

Eu me aproximo do túmulo outra vez.

Paro na beirada e é tão difícil olhar para o corpo de Guerra agora quanto a primeira vez que o fiz. Só que dessa vez, eu me forço a parar e *olhar* para ele.

A primeira coisa que reconheço são as tatuagens em suas mãos. Nem mesmo a morte diminuiu o brilho. Foi como percebi que era ele a primeira vez.

As mãos estão sobre o punho da espada, sobre o peito protegido pela armadura.

Se não fosse por sua… cabeça ausente, pareceria como um cavaleiro selvagem adormecido. É uma posição estranhamente nobre para os cavaleiros fobos o colocarem, considerando a forma terrível que o mataram.

No fim, meus olhos vão para a cabeça de Guerra – ou onde sua cabeça deveria estar. Preciso segurar um soluço.

A mandíbula do cavaleiro ainda está presa no corpo, e a pele dela e do pescoço parece imaculada. É o peito e ombros que estão banhados de sangue. Muito e muito sangue. A visão não parece certa, apesar de não poder determinar o motivo…

Antes que consiga desvendar, minha atenção se prende em um mecanismo escuro com formato de ovo aninhado na coxa de Guerra. Tem outro ao lado do corpo. Mas agora que estou vendo

estes, meus olhos observam os objetos cilíndricos maiores que estão ao redor dele como objetos fúnebres.

Um arrepio passa por mim. As crateras que passei no caminho, os corpos desmembrados espalhados pelas bordas… *Vai morrer se tentar salvá-lo,* o cavaleiro fobos me disse.

Nunca vi uma granada ou um explosivo ao vivo e a cores, mas deve ser o que são. Explosivos.

Presumi que os cavaleiros fobos os estavam usando para matar Guerra. Não percebi que estavam usando os explosivos para manter o cavaleiro *no* túmulo – para o caso de sobreviver a decapitação.

Eu me sento, com tudo, e respiro pela boca.

Não chore, não chore, não chore. Você não pode perder o controle, ainda não. Nem tudo está perdido.

Meu olhar retorna aos explosivos. Engulo um gemido baixo.

Mas está, não é?

Guerra não tem cabeça e seu corpo está enterrado com explosivos.

Mordo o lábio inferior o suficiente para sangrar e pressiono as mãos nos olhos. Agora um choro escapa, e é um som feio e partido.

Nunca deveria ter me apaixonado por ele. Não era só o fato que ele representava tudo contra o qual estava lutando. Também era minha certeza absoluta que tudo que me importo, eu perco.

Abaixo as mãos, as palmas molhadas com lágrimas, e olho para aquele fosso bruto.

Não posso perdê-lo também, Guerra.

— O que devo fazer?

A resposta vem nas palavras do próprio cavaleiro.

Tenha fé.

O problema é, não sei bem se ainda tenho fé em alguma coisa, exceto talvez nele.

— Pode? — pergunto.

— Morrer? — Guerra esclarece. — Claro que posso. — Só tenho a tendência de não ficar *morto.*

Tenha fé. Respiro fundo. *Tenha fé.*

Meus olhos voltam para seu corpo, e olho para o sangue que circunda a base do seu pescoço e peito. Encaro e continuo encarando.

De repente, compreendo o que parece tão estranho na posição do sangue. No meio do pescoço, a mancha para abruptamente. Nenhuma gota mancha a pele além daquele ponto. É como se o ferimento tivesse sido no pescoço de Guerra, e depois tudo para cima… *Cresceu de volta*.

Não deveria ousar ter esperança de algo assim, mas posso sentir em cada respiração superficial.

Toco minha cicatriz, traçando-a conforme olho para Guerra. De acordo com ele, eu me afoguei no Mediterrâneo, e renasci lá também. Este pode ser o próprio renascimento do cavaleiro que estou testemunhando.

Observo os explosivos ao seu redor – as granadas e os explosivos. O que acontece se ele sobreviver a decapitação? Se ele se reconstruir e ficar inteiro outra vez? O que acontece se eu o deixar naquele fosso para se regenerar e ele acordar e se mover e todas aquelas bombas explodirem? E se ele for explodido, o corpo incinerado? Ele pode retornar disso?

Minha respiração falha.

Uma pergunta mais importante: Estou disposta a esperar e deixá-lo sofrer este destino?

Não. Não em um milhão de anos.

Eu o amo e não vou deixá-lo encarar a morte de novo, e é minha vez de acreditar em algo maior do que mim mesma.

Eu tenho fé – nele e em mim e neste momento.

Talvez até mesmo em Deus.

Paro na beirada do túmulo.

— Eu me rendo.

CAPÍTULO 59

Enlouqueci.

Tenho certeza disso quando me abaixo no túmulo. Um passo em falso, e vai ser a segunda parte da explosão do barco.

Seja corajosa, seja corajosa, seja corajosa.

Assim que meus pés estão prestes a tocar no fundo, noto uma granada aninhada em uma sombra.

Puta merda, estava prestes a pisar nela.

Abafando meu grito, reposiciono o pé e piso com leveza no túmulo.

Por um segundo, espero a explosão inevitável. Quando não ocorre, solto uma respiração trêmula.

Para o bem ou para o mal, estou dentro.

Meus olhos se movem por Guerra.

Agora, como tirá-lo daqui?

Primeiro, pego sua espada, a tirando das mãos do cavaleiro com o maior cuidado que posso. Se eu puxar com muita força, um dos seus braços pode escorregar do peito e atingir um explosivo.

Consigo deslocar o punho de uma de suas mãos antes de reposicioná-la sem demora de volta no peito. Depois consigo deslocar e reacomodar a outra mão.

O suor já está começando a gotejar na minha testa. Minhas mãos tremem de medo, e agora, preciso muito, muito mesmo delas estáveis.

Segurando a espada, eu a ergo.

Porra, esse negócio é pesado para caramba.

Por que ele precisa ter a maior espada de todas? Tão bobo.

Meus braços tremem conforme a ergo. O topo do túmulo está bem acima da minha cabeça. Se conseguir colocá-la ali…

Passo a ponta pela borda do túmulo, e empurro o resto para fora o melhor que posso. Demoro vários minutos agonizantes, e até o final, tem suor escorrendo pelo meu peito e costas, e enfim, tiro a espada do túmulo.

Minha atenção volta para Guerra. Agora que sua espada não está nele, tudo o que falta é tirar esse homem gigante desse fosso sem nos explodir.

Seguro um riso nervoso. É uma tarefa impossível. Não sei por que pensei que poderia fazer isso… Respiro fundo.

Afasto minhas preocupações e foco na tarefa atual. Remover os explosivos do túmulo está fora de questão, o que deixa só mais uma opção: nos tirar deste fosso ilesos.

Só que não tem jeito algum de conseguir puxar o cavaleiro com minhas próprias mãos.

Precisaria de algo mais forte para tirá-lo deste túmulo… *algo tipo um cavalo.*

— Deimos! — sussurro, como se aumentar o tom de voz pudesse desencadear algum desses explosivos… o que pode. Nunca se sabe.

Última vez que vi, o cavalo de Guerra estava pairando por perto, mas até onde sei, ele vagou para longe outra vez… provavelmente para comer os ossos dos mortos, ou o que seja que cavalos de guerra imortais façam.

Nada acontece.

— Deimos! — grito um pouco mais alto.

Nada ainda.

Malditos cavalos.

— *Deimos!* — berro.

Eu não explodo. Graças a Deus.

O cavalo se aproxima, olhando por cima da borda do fosso para mim. As rédeas escorregam, para dentro do túmulo, o couro fino batendo na parede. Faço uma careta quando faz a terra se mover e escorrer, um pouco cobrindo uma bomba próxima.

Quando nada acontece, suspiro. Suor está começando a escorrer pelas minhas têmporas.

Meus olhos se prendem na bainha da espada que envolve o torso do cavaleiro. Se puder passar meu cinto pela bainha de Guerra *e* as rédeas de Deimos, e se puder prender as rédeas a bainha, depois Deimos poderia puxar Guerra do túmulo. Hipoteticamente.

Mesmo que essa parte do plano dê certo, ainda tem o problema de alguma forma incentivar o cavalo a arrastar o mestre para cima e para fora do túmulo… e depois, claro, tem o problema dos explosivos.

É desanimador pensar que é o melhor plano que tenho. Maldição.

Seja corajosa.

Tiro o cinto, jogando as armas sobre a beirada do fosso, e depois me viro para o cavaleiro.

Tem um lugar perto do seu pescoço que não tem nenhum explosivo. Com cuidado, dou um passo a frente, colocando meu pé

naquele pedaço livre de terra.

Suor escorre da minha testa para a armadura de Guerra conforme me inclino sobre ele e começo a passar o cinto pelas presilhas dos ombros.

Depois que termino, estendo a mão para as rédeas de Deimos, que ainda estão penduradas. Eu as pego, também passando meu cinto por elas.

Apoio a perna contra o corpo de Guerra ao começar a afivelar o cinto.

Acho que consegui.

Cutuco um pouco o corpo do cavaleiro ao terminar prender tudo. Em resposta, um dos braços de Guerra começa a deslizar do seu peito…

Não, não, não, não, não.

Solto o cinto e as rédeas e tento pegar seu braço desesperada, mas não sou rápida o suficiente.

O antebraço dele está prestes a bater em uma…

BUM!

BUM… *BUM*… *BUM*!

CAPÍTULO 60

GUERRA

Acordo, como se fosse de um sono, meus olhos enrugando para abrirem. O sol mortal me açoita, e o cheiro podre da terra está nas minhas narinas, junto com cheiro de sangue derramado.

É o cheiro da minha primeira memória, a que me formou. Isso e raiva. De volta na minha infância, eu era todo ardiloso e raivoso. Aprendi desde então alguns dos pontos mais refinados dos homens e da guerra.

Por um segundo, não consigo reconhecer onde estou ou como cheguei até aqui. Estou deitado em algum tipo de buraco, e minha pele parece nova. É uma das sensações que duvido que os humanos tenham muita experiência. Pele nova.

Eu me lembro neste momento – como fui derrotado. Meus cavaleiros me atraíram para uma emboscada.

Sinto minha raiva como uma faísca incendiar e crescer.

Eles me cercaram e me mantiveram longe e cortaram meu pescoço até o osso.

Minha raiva redobra, e redobra. Quanto tempo passou? Quanto tempo demorou para meu corpo se reformar? É este o problema com pele e ossos e sangue e músculo. Tem um limite de tempo para se repararem, mesmo em alguém como eu.

Começo a me levantar, meu corpo se sentindo novo e velho ao mesmo tempo.

Uma massa densa de pele escorrega de mim.

Isso, também, é uma sensação familiar. Quantos campos aguei com sangue e fertilizei com carne? Quantos homens se arrastaram de tal morte?

Incontáveis.

Eu abri mão desse estilo de vida, e ainda assim, sempre vai estar ali, nas minhas primeiras memórias de existência.

Eu afasto o corpo ao me sentar.

Mas depois meus olhos encontram o pulso delicado e as duas pulseiras de hamsá…

Tudo em mim para. Tudo menos o medo. Medo gelado.

Solto um barulho.

Não*.*

— Miriam? — Minhas mãos vão para o corpo, mas os membros, os dois que restaram, estão frios.

Não acredito.

Não é ela. Ela não seria tola assim. Não seria. Por favor, Deus, ela não seria.

Viro o cadáver, tentando afastar a visão dos membros suaves e femininos. A maior parte do corpo explodiu, mas tem um pouco de pele em volta do pescoço.

Meus olhos vão para a garganta, para a cicatriz divina na base.

Renda-se.

— *Não* — sai com uma súplica. — *Miriam*.

Não sobrou muito do seu rosto. Não sobrou muito de *nada*.

Não esperava que minha garganta se fechasse e meu estômago embrulhasse com a visão disso tudo. Estou acostumado com desmembramento. Não estou acostumado a me importar com a criatura desmembrada. Mas sempre me importei com ela. Seus ferimentos sempre fizeram me sentir estranho. Louco e impotente e humano. Muito, muito, humano.

Ela não pode estar morta.

— Miriam — imploro, inclinando sua cabeça para trás. Ela pende para o lado.

Milhares e milhares de anos e tantas incontáveis mortes. Nada disso me custou nada.

Mas esta…

Ela *não* está morta. Ela não pode estar morta. Não ela e não…

Meus olhos vão para o que sobrou do seu torso. Um terço desapareceu, junto com as esperanças e sonhos que carregava.

— *Não* — soluço. — Não, não, não… — Eu a embalo contra mim.

Desesperado, pressiono uma mão na sua pele, desejando que seus ferimentos se curem. Mas a pele não vai se unir. Não vai nem *tentar*. Parou de funcionar.

Por um momento maluco, considero reanimá-la como qualquer outro morto-vivo. Mas meu coração desmorona com o pensamento. Não seria ela. Eu reanimei corpos o suficiente para saber que estou lidando com um invólucro e nada mais. O que fazia Miriam ser *Miriam* desapareceu. Há muito.

Começo a chorar, a segurando contra mim.

Por que, esposa?

Por quê?

Olho ao nosso redor para a areia e pó que cobrem nossos corpos. Com a parede parcialmente desmoronada perto dos meus pés. Demoro um pouco mais para ver os poucos pedaços de metal espalhados e os restos queimados da roupa de Miriam.

Eles me enterraram com os mesmos explosivos que ficaram detonando quando estavam tentando me matar. E Miriam… Miriam deve tê-los visto também.

O que significa que minha esposa veio me procurar apesar da presença deles. Foi suicídio? Ela tinha uma propensão doentia para a morte.

Ou ela tentou me buscar?

Meu olhar volta para seu pescoço.

Renda-se. A palavra me provoca agora.

Eu me sinto mortal e impotente.

Só aquele pensamento me tira do meu luto. Endireito os ombros.

Eu *nunca* fui impotente. Não logo que acordei.

Ainda tem um caminho que pode estar aberto para mim, uma possibilidade restante.

Seguro o corpo de Miriam contra mim e começo a entoar um cântico em angélico.

Esta é minha última esperança. Minha *única* esperança.

Fecho os olhos e o mundo desaparece.

Quando os abro outra vez, estou em outro lugar.

CAPÍTULO 61

GUERRA

Tânatos está parado na minha frente como se estivesse esperando. Ele não parece surpreso, mas um pouco decepcionado.

— Não — ele diz.

Ao nosso redor, o ar oscila e se move. Estamos em todos os lugares e em lugar nenhum ao mesmo tempo. Tantas vozes soam, tantos rosto oscilam. A humanidade que juramos destruir está fervilhando ao nosso redor.

— Por que você está aqui? — pergunta, as asas escuras pairando nas suas costas.

— Você já sabe — rosno.

Ele me olha de cima a baixo.

— Deveria estar cumprindo seu dever.

— Cumpri. — Dou um passo à frente. Os homens tremem com esta breve demonstração de poder. A Morte nem mesmo hesita. — Eu a quero de volta.

Ele inclina a cabeça, o cabelo preto escapando de trás de uma orelha.

— Eu nunca o vi ficar sem um humano.

A Morte não compreenderia amor, não como está. Ele não vagou pela terra como eu. É uma sensação que alguém deve viver para experimentar.

Minha voz fica grave.

— Ela está marcada — falo no lugar. Isso é algo que ele vai compreender.

Ainda assim, Tânatos não parece comovido.

— Ela serviu seu propósito, e agora foi chamada de volta para casa.

Sinto um pedaço meu se partir com as palavras dele. *Eu* sou a casa dela. Não o Grande Além.

Dando um passo à frente, eu pego seu ombro e aperto. Sempre fomos próximos, ele e eu. Com certeza ele vai trabalhar comigo do jeito que sempre trabalhamos.

— Eu imploro — falo, minha voz baixa —, traga-a de volta.

Os olhos de Morte semicerram.

— Quando você *algum dia* implorou? — Ele parece incomodado com isso. — Meu irmão determinado e vingativo, você *toma*.

E ainda assim não posso tomar *isso*.

— *Por favor*.

As asas de Tânatos se alongam, depois se acomodam. Ele está intrigado, o que é uma melhoria de *impassível*.

— Você e eu sabemos que ela não pode viver — Morte disse. — Não é nossa tarefa.

— Você poupou a mulher de Pestilência. — Tânatos foi piedoso então.

— Uma curiosidade que não irei repetir — Morte diz. — Além do mais, a mulher dele era… recuperável. A sua não é.

— Ela já cruzou? — pergunto, aquela sensação de impotência me enchendo outra vez. Mas é claro que ela cruzou. No momento

que a vida a libertou, deve ter cruzado.

O comportamento do meu irmão suaviza.

— Ela está bem… assim como a criança.

A criança. *Meu* filho.

Quando acordei como um homem, e depois quando lutei – todo aquele tempo eu pensei que não tivesse nada a perder. Pensei que o fim precisasse dos meios. Humanos – *todos* os humanos – estavam fadados a morrer. Não era pessoal.

Eu me sinto como se estivesse engasgando nas minhas antigas crenças.

— Faço *qualquer* coisa — falo.

Os lábios da Morte se apertam.

— Só tem uma coisa que pode ser feita.

Eu não respiro.

— Entregue sua espada, Guerra.

Meu único propósito. Minha existência e identidade em uma única representação.

Renda-se. A única runa escrita em Miriam.

Respiro fundo.

Ele sempre soube. Só eu que fui um tolo com minha incerteza. Eu me deletei na minha extrema convicção de que Miriam era minha por direito divino e que nada mudaria isso.

Nada *pode* mudar isso. Não acabou. Não precisa ter acabado.

Renda-se.

Nada vem sem sacrifício – isso menos de tudo. Miriam estava certa, amor e guerra não podem coexistir. Posso ter um ou outro, mas não os dois.

Minha espada não estava comigo quando deixei a terra, mas está aqui comigo agora, dentro da bainha como se nunca tivessem sido separados. Estendo o braço para ela. O metal canta conforme tiro a arma da bainha.

— Então esta é sua escolha — Tânatos diz, curiosidade e decepção unidos.

— Isso *não* é escolha. — Vou me unir aos mortais. Os falíveis, *complicados* mortais.

Começo a entregar a lâmina, com o punho para frente. Tânatos estica o braço para pegá-la de mim.

Na última hora, puxo a espada de volta, segurando-a.

— A criança também vem.

Os olhos escuros de morte me estudam.

— Qual o ponto, irmão? Ela mal era uma possibilidade.

Ela. Uma menina, então.

— Ela volta — insisto.

Morte olha para mim com olhos escuros. Ele está julgando meu coração assim como julguei o da humanidade. Por fim, ele assente.

— Aproveite o tempo que tem com elas — fala com honestidade. — Espero que valha a pena.

Com essas palavras, uma mudança me toma.

Sou estripado da minha sede de sangue e da minha imortalidade. São retirados como um peso dos meus ombros.

Não sou mais o orgulhoso Guerra, mas um homem penitente.

— Você está *livre*.

CAPÍTULO 62

MIRIAM

Abro os olhos. Está claro, e minha pele formiga. Não me sinto muito bem.

Guerra se inclina sobre mim, e meus olhos focam.

Arfo ao vê-lo, inteiro e ileso.

— *Esposa* — Guerra diz, a voz chocada. E depois me puxa contra ele.

Guerra afunda o rosto no meu pescoço, e seu corpo enorme começa a tremer. Demoro um momento para perceber que está chorando.

— Você está *vivo* — falo, encantada, passando os dedos pelo cabelo na sua cabeça. Temi que esta morte seria sua última.

Mas como…?

— Você não deveria ter vindo por mim — fala, a voz rouca.

Eu me afasto um pouco para olhar para ele, e toco uma das suas lágrimas. Nunca vi o cavaleiro chorar.

— Eu te amo — falo. Eu guardei essas palavras até quase ser tarde demais. Elas escapam de mim agora. — Eu sempre vou procurá-lo porque *eu te amo*.

O rosto de Guerra é pura emoção. Descrédito e alegria enchem suas feições, afastando suas lágrimas.

As mãos seguram minhas bochechas e ele perscruta meus olhos.

— Estou tendo um dos seus sonhos humanos — ele diz. — Isso é maravilhoso demais para ser real.

— *Acho* que isso é real. — Não é?

Olho em volta. Não estamos mais no túmulo, mas estamos próximos, os mortos ainda estão espalhados ao nosso redor. Eu me lembro disso – e me lembro de tentar salvar Guerra. Estava tão perto, mas depois sua mão escorregou. Não me lembro de uma explosão, mas não me lembro de nada mais. Minha memória apenas termina.

— O que aconteceu? — pergunto.

A garganta de Guerra se move.

— Quando acordei… — Ele respira trêmulo. — Você havia *partido*. — Os olhos dele estão selvagens com emoção. — Você veio me salvar e eu *não pude salvá-la*.

Olho para meu corpo. Minhas roupas são farrapos queimados. Só de ver o estado em que estão… deve ter sido tudo explodido. Uma explosão da qual não me lembro e nunca senti.

Vejo minha roupa outra vez. O tecido está quase todo queimado, e ainda assim, minha pele permanece inteira.

O final abrupto na minha memória… devo ter sido machucada demais para apagar. O que só pode significar que de algum jeito Guerra me curou.

— Você me *salvou* — respondo confusa. Como poderia dizer que não o fez. Se não o tivesse feito, teriam ferimentos, e estaria com muita dor.

— Não com minhas próprias mãos — admite.

Franzo a sobrancelha. Eu não entendo.

— Então como? — pergunto.

Ele afaga meu cabelo.

— Estou livre, Miriam.

Devo ter batido a cabeça com muita força, porque não estou acompanhando.

— Livre do quê?

— Meu propósito.

É tanto quanto ele admitiu antes, mas dessa vez, processo suas palavras.

— Você não vai mais matar? — digo.

Ele balança a cabeça.

— Não a não ser que seja para protegê-la… ou nossa filha.

Ergo as sobrancelhas, depois olho para minha barriga.

— Nossa *filha*?

Ele sorri para mim, e aquele sorriso parece se espalhar por todo seu rosto. Ele é tão dolorosamente bonito.

— Desculpe arruinar a surpresa.

Nossa *filha*.

— Como você descobriu?

— Eu disse, não a salvei. Meu irmão o fez.

— Seu irmão? — falo confusa.

— Morte.

Com aquela palavra, meu humor leve desaparece.

Tem só um motivo pelo qual a própria Morte me salvaria.

— Eu… morri? — Mal posso forçar as palavras a saírem. Guerra olha para mim por um bom tempo.

— Por um tempo.

Ah, Deus… *Eu morri*.

Toco na minha barriga outra vez, pânico subindo pela garganta.

— E a bebê… ainda está viva?

— Garanti que sim.

Começo a chorar – porque pelo visto, chorar agora é contagioso.

Eu não entendo. Fui de morta para viva. Assim como Guerra. Assim como nossa filha.

— Eu me rendi — falo sem sentido.

Guerra me puxa contra ele.

— Eu também.

Por um segundo, nós dois ficamos assim. O corpo dele está mais sólido do que nunca; ele *parece* imutável, e ainda assim, as coisas devem ter mudado.

— Qual é a pegadinha? — pergunto para ele.

Tudo o que amo, perco. Agora, quando parece que recuperei tudo, tenho medo que escape entre meus dedos outra vez.

— Não tem pegadinha — Guerra diz —, a não ser que conte o fato que agora sou total e completamente mortal. Vou viver e morrer assim como você.

Quando ele disse que estava livre do seu propósito, foi literal.

O que tenha acontecido quando estava… *morta*… veio a um grande custo para Guerra. Tão grande que ele perdeu sua imortalidade.

Meu coração galopa um pouco com isso. Vi morte o suficiente para durar pelo menos vinte e sete vidas.

— E Deimos? — pergunto.

— Terá o mesmo destino.

— E os outros cavaleiros? — Os que ainda não andaram pela terra.

A expressão de Guerra fica soturna.

— Meus irmãos não vão parar, e são ainda mais fortes do que eu.

Então o mundo ainda não está a salvo –, mas também não está *além* da salvação. Pestilência e Guerra abaixaram as armas. Nem toda esperança está perdida.

Além disso, é uma preocupação para outra hora.

Estou vivo, Guerra está vivo, e minha filha está viva. Ah – e não vai ter mais assassinatos.

O canto da minha boca se curva quando um pensamento me toma.

— Todos os seus poderes se foram, ou ainda pode falar todos os idiomas que já existiram?

— *San sani du*, *seni nüşüna ukuvı*?

Ainda pode me entender quando falo?

Uma risada escapa.

— Posso.

Guerra e eu nos encaramos, e pela primeira vez, a ficha cai.

Acabou. Acabou mesmo. As lutas e as mortes e o sofrimento. Posso ter este homem e minha filha e um futuro.

Meu sorriso se esvai.

— O que fazemos agora? — pergunto para ele.

— Não ligo, esposa, contanto que possa fazer isso com você.

CAPÍTULO 63

DOIS ANOS MAIS TARDE

Meu coração está na minha garganta quando bato na porta azul à minha frente. A casa, como muitas outras em Iráklio, Creta, é pitoresca, apesar de ter sinais de danos pelo tempo.

Talvez tenhamos errado outra vez. Não seria a primeira vez, infelizmente.

Do outro lado da porta, posso ouvir vozes abafadas, depois o som de passos se aproximando.

Demorei um longo tempo para chegar neste momento – quase uma década se somar o tempo todo que passou. Se, é claro, este *for* de fato o momento pelo qual estive esperando.

A porta se abre, e não respiro ao sorver a mulher que está parada do outro lado.

Acertei. Sei no mesmo instante.

Ela parece diferente – muito, muito mais velha do que me lembro –, mas as feições familiares ainda estão ali.

— Mãe? — digo.

Por um segundo, minha mãe apenas fica parada ali, o rosto impassível.

Ela estuda meu próprio rosto, como se isso pudesse ser uma piada, e então – *ali está*. Reconhecimento faísca nos seus olhos. Ela cobre a boca com as mãos, os olhos se enchendo de lágrimas.

— Miriam?

Inalo o que parece minha primeira respiração. Assinto, piscando minhas próprias palavras. Eu esperei muito tempo por isso.

Não posso acreditar que está acontecendo.

— Sou eu — falo, minha voz trêmula.

Ela solta um soluço, depois abre os braços, me puxando em uma abraço.

Minha mãe está mesmo viva. E a estou abraçando.

Anos de dor e separação se dissolvem naquele momento. Sonhei muitas vezes com esse abraço.

O corpo inteiro dela está tremendo.

— Meu bebê. Minha filha. — Agora ela está chorando e me embalando contra si, e não posso ver direito pelas lágrimas. Ela afaga meu cabelo enquanto me segura. — Durante anos, rezei para qualquer Deus que ouvisse — ela diz, a desculpa densa em sua voz. — Fiquei aqui, em Creta, porque queria estar por perto caso…

Balanço a cabeça contra ela. Não estou aqui para explicações. Eu entendo. Tudo o que passei precisava ter acontecido para que encontrasse Guerra e acabasse aqui, e tudo começou com minha sobrevivência milagrosa daquela primeira explosão.

— Está tudo bem, mãe. Eu a encontrei. — *E você está viva.* Esta é minha mais louca esperança realizada. — Não tem problema — repito.

Agora ela gruda em mim, como se eu fosse a mãe e ela a filha.

— Minha filha, minha inteligente e resiliente filha. Tem tantas coisas que quero saber sobre você… tantos anos e memórias…

— Mama? — uma mulher chama de dentro da casa.

Fico tensa com a voz familiar. Eu me lembro daquela voz me ninando para dormir anos e anos atrás. É como se fosse música, ouvi-la outra vez quando pensei que nunca poderia.

Olho por cima do ombro da minha mãe e vejo uma jovem mulher se aproximar da porta, a testa enrugada com preocupação. Minha irmã, Lia, não se parece mais com a garota de rosto redondo de quem me lembro. Ainda assim, nunca poderia confundi-la com outra.

Não tem nenhum momento de confusão com ela. Minha irmã arfa quando me vê.

— *Miri* — ela diz, voltando ao velho apelido dela para mim.

Minha mãe me solta tempo o suficiente para que eu caia no abraço da minha irmã. Eu a puxo para perto. Fechando os olhos, me deleito na sensação de segurá-la outra vez.

Temi que nunca teria isso, quero dizer. *Temi que a tivesse perdido para sempre*.

Mas não perdi minha mãe ou minha irmã. De alguma forma, todas sobrevivemos a Chegada, uma Guerra Civil, e dois cavaleiros do apocalipse.

Falando dos cavaleiros…

Atrás de mim, escuto o passo inconfundível de Guerra se aproximando da porta. Até agora, ele estava esperando um pouco afastado, me deixando ter meu momento. Não tem nada como um gigante musculoso para deixar as pessoas nervosas.

Posso ver no instante que minha família o nota. Os braços da minha irmã ficam tensos, e escuto minha mãe respirar fundo.

Guerra vem até mim, e quase instintivamente, minha irmã me solta, dando um passo atrás. Minha mãe também recua. A simpatia

anterior abre caminho para desconfiança educada. Demora mais alguns segundos para elas notarem a pequena humana se agarrando a ele.

Quero dizer, homens que seguram bebês sempre parecem um pouco menos ameaçadores – não é?

No caso de Guerra, talvez seja bem pouco.

Estendo o braço para ele.

— Esse é… — Paro. Ainda chamo meu cavaleiro pelo seu nome, *Guerra*, mas mudamos as regras ao interagir com outras pessoas. Ele teve todos os tipos de nomes, nenhum deles combinou.

— Sou o marido dela — fala por mim. — Guerra. — Bom, lá se foi a apresentação branda.

E aí vem o momento desconfortável quando sua família percebe que o genro *não é normal*.

Elas olham para ele com olhos arregalados.

— Miriam — minha mãe diz, seguido de uma longa pausa —, ele é…? — *Um cavaleiro do apocalipse?*

Só que ela não pode dizer. É improvável demais. Ridículo demais.

Lambo os lábios.

— Ele não faz mais isso — falo.

Tenho certeza de que isso a faz sentir *bem* tranquilizada.

Minha mãe mordisca o lábio inferior, observando Guerra.

— Ouvimos dizer que desapareceu — ela diz a ele. — Não sabíamos o que tinha acontecido.

Hum, surpresa. Ele engravidou sua filha. E agora está na soleira da sua porta.

Guerra pode ter aberto mão da sua tarefa, mas a mortalidade não o fez menos aterrorizante. Nem fez o processo de tentar explicar sua existência – e atual virtude – uma tarefa fácil. As tatuagens nos seus dedos ainda brilham carmesim, a estatura ainda é altiva e letal como nunca, e os olhos ainda tem a memória de toda aquela violência.

Os olhos da minha mãe vão para a bebê. Agora, eles suavizam outra vez.

— Essa é…?

— Essa é sua neta, Maya — falo.

— Você tem uma filha — minha mãe diz, olhando para mim, e agora sua emoção a está embargando outra vez.

— Você quer segurá-la? — pergunto.

Ela assente, parecendo estar prestes a começar a chorar outra vez.

Olho para meu marido. Guerra hesita, os olhos indo para nossa filha. Ele leva superproteção para um outro patamar com sua filha. Para ser justa, Maya também não parece entusiasmada de deixar seus braços. Mas no fim, ele a entrega.

Minha mãe pega minha filha nos braços e olha para seu rostinho taciturno. Uma lágrima escorre pela bochecha da minha mãe, seguida por outra. Ela está tremendo, e uso o momento para passar um braço ao seu redor. Um momento depois, minha irmã se junta a nós.

Todas estamos reunidas e chorando como crianças.

Minha mãe limpa a garganta e olha para mim e Guerra outra vez.

— Onde está minha educação? Entrem, vocês dois. Querem café?

Assinto, presa entre felicidade e essa dor no meu peito.

— Café seria ótimo.

Lia retorna para a casa, voltando para onde imagino ser a cozinha. Hesitante, começo a segui-la. Olhando por cima do ombro, vejo Guerra removendo nossa filha dos braços da minha mãe.

Minha mãe segura o antebraço de Guerra e aperta.

— Bem-vindo a família, filho.

Ele dá a ela um dos seus olhares impassíveis, depois assente, os olhos parecendo um pouco conflituosos. Guerra nunca soube o que significava ter uma mãe… agora pode saber.

Meu coração está apertando, apertando.

— E… obrigada, por trazer minha filha de volta para nós — minha mãe acrescenta, os olhos se movendo para mim.

O próprio olhar de Guerra encontra o meu, ele me dá um olhar carinhoso, um que me faz esquecer que algum dia ele foi algo além da minha alma gêmea.

— Isso é o que você faz por quem ama — fala. — Você os traz de volta.

EPÍLOGO

Começa com um tremor. O chão treme bem fundo, cada segundo mais violento do que o anterior, até parecer como se a própria terra estivesse tentando se livrar da própria pele.

Ondas colossais se rompem nas costas, prédios desmoronam, e ao redor do mundo, as pessoas se protegem enquanto esperam o terremoto terrível passar.

O primeiro cavaleiro cambaleia conforme compreende a verdade. *Está acontecendo outra vez.*

O segundo cavaleiro acorda do sono com uma respiração funda. Palavras antigas escapam dos seus lábios.

— *Ina bubūti imuttu*.

Eles vão morrer de fome.

E em uma cripta feita por si, uma criatura inumana acorda.

Seus dedos flexionam na foice. A armadura de bronze farfalha ao se mover.

Os olhos verdes se abrem e ele respira pela primeira vez em muitos anos.

E depois sorri.

NOTA DA AUTORA

OFEGA

Espera, o livro terminou? Nunca pensei que esse dia fosse chegar! Este foi um livro que apenas não terminava. Guerra me segurou a ponto de espada e exigiu que o fizesse o dobro do tamanho e que trabalhasse duas vezes mais que o comum antes que o entregasse para vocês. (Ele é um brutamontes mandão!) Espero que tenha feito o certo por ele e por vocês. Um agradecimento a mais para todas as leitoras que têm esperado por muuuuito tempo este livro. Deveria ter lançado este livro há meses, então aprecio sua paciência!

Uma palavra sobre as baboseiras no livro. Os idiomas mortos que Guerra fala são inventados. As únicas excessões são as partes de diálogo logo no começo do livro, seu uso da palavra *esposa* ("*aššatu*"), e sua última frase. O diálogo do inicio está escrito em egípcio antigo, apesar de ter certeza de que meu professor de hieróglifos morreriam com algumas das liberdades artísticas que tomei com as palavras e a sintaxe. As outras frases neste livro – em particular "*aššatu*" e "*Ina bubūti imuttu*" – são da língua acadiana, e elas traduzem para "minha esposa" e "eles vão morrer de fome", respectivamente. Um grande obrigada vai para assyrianlanguages.org que forneceu as traduções para acádia.

Todas as outras vezes que Guerra falou em outros idiomas foi baseado nas traduções do Google Tradutor… depois prossegui a destroçá-las. (Guerra não é o único selvagem aqui, muahahaha!) Um grande agradecimento ao Google Tradutor e aos idiomas que inspiraram as frases (o que incluem samoano, macedônio, quirguiz, cingalês, basco, latim e xona). E desculpa a qualquer um cujos olhos foram açoitados com minhas tentativas desesperadas com linguística (que eu quase bombei na faculdade… eep!)

Um grande obrigada a Amanda Steele por revisar esse bebê de última hora! Você deu uma grande porção do seu tempo para polir este livro, e estou tão, tão grata. Suas edições foram perspicazes e certeiras.

Para todos os autores e leitores que mostraram animação para este livro, vocês são o motivo que minha cabeça não passa mais nas portas. Brincadeira – posso me remexer um pouco. Mas falando sério, seu apoio profissional e pessoal significa muito.

Minha família – próxima e estendida – sempre merece um reconhecimento. São meus maiores torcedores, e sou muito sortuda. Amo todos vocês!

Para todo mundo que deu uma chance para este livro, vocês me deixam honrada com sua leitura contínua. De verdade. Ainda me deixa embasbacada que as pessoas querem ler as histórias que escrevo, e serei sempre grata a você por dar uma chance para minhas palavras e meus mundos.

Abraços, e boa leitura.
Laura

SOBRE A AUTORA



Encontrada na floresta quando era jovem, Laura Thalassa foi criada por fadas, sequestrada por lobisomens e entregue aos vampiros como pagamento por uma dívida de cem anos. Ela foi trazida de volta à vida duas vezes e, com um único beijo, ela despertou seu verdadeiro amor do sono eterno. Ela agora vive feliz para sempre com seu príncipe morto-vivo em um castelo na floresta ... ou algo assim. Quando não está escrevendo, Laura pode ser encontrada engolindo guacamole, acumulando chocolate para o apocalipse ou enrolada no sofá com um bom livro.

---

[1] Kohl é uma maquiagem preta mais cremosa e densa do que o lápis de olho comum, muito utilizada em lugares de sol intenso e, historicamente, pelos piratas, pois o preto diminui o reflexo do sol e “alivia” o olho.

[2] Um dos satélites de Marte.